

CRÔNICAS DA LUA CHEIA

A MALDIÇÃO DO

LOBISOMEN



CLECIUS ALEXANDRE DURAN



CRÔNICAS DA LUA CHEIA

A MALDIÇÃO DO

LOBISOMEN



CLECIUS ALEXANDRE DURAN

CRÔNICAS DA LUA CHEIA

A MALDIÇÃO DO

LOBISOMEN

CLECIUS ALEXANDRE DURAN

NA VIDA, EXISTEM DESTINOS
PIORES QUE A MORTE

2ª EDIÇÃO
LONDRINA
2020

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1996. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção. Não se referem a pessoas e fatos concretos, nem emitem opiniões sobre eles. Somente os personagens históricos e as localidades verdadeiras foram utilizados para os fins narrativos da história.



Edição: Clecius Alexandre Duran

Capa e ilustrações internas: Beбето Daroz

Montagens fotográficas: Clecius Alexandre Duran e Pixabay

www.cronicasdaluacheia.com.br

<https://www.facebook.com/cronicasdaluacheia/>



ÍNDICE

[Prefácio](#)

[Palavras ao luar](#)

[Proteção ao lobo](#)

[Dedicatória](#)

[Fato ou Ficção?](#)

[Capítulo 1 – O despertar](#)

[Capítulo 2 – O adormecer](#)

[Capítulo 3 – A concepção](#)

[Capítulo 4 – O nascimento](#)

[Capítulo 5 – A decisão](#)

[Capítulo 6 – O convite](#)

[Capítulo 7 – O motoclub](#)

[Capítulo 8 – O teste](#)

[Capítulo 9 – As regras](#)

[Capítulo 10 – A ressaca](#)

[Capítulo 11 – A viagem](#)

[Capítulo 12 – O chamado](#)

[Capítulo 13 – A mulher](#)

[Capítulo 14 – A toca do exilado](#)

[Capítulo 15 – O \(re\)encontro](#)

[Capítulo 16 – A despedida](#)

[Capítulo 17 – O primeiro encontro](#)

[Capítulo 18 – O atropelamento](#)

[Capítulo 19 – O encosto](#)

[Capítulo 20 – O retorno ao paraíso](#)

[Capítulo 21 – A descoberta](#)

[Capítulo 22 – O reconhecimento](#)

[Capítulo 23 – O samaritano](#)

[Capítulo 24 – O ardil](#)

[Capítulo 25 – O rompimento](#)

[Capítulo 26 – A revelação](#)

[Capítulo 27 – A autoria da carta](#)

[Capítulo 28 – O destino](#)

[Capítulo 29 – A loucura](#)

[Epílogo](#)

[Linha cronológica](#)

[PASSADO](#)

[DIAS ATUAIS](#)

[Ciclo da lua cheia](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Outras obras](#)



PREFÁCIO

TODOS NÓS TEMOS UM LADO SELVAGEM VIVENDO NAS profundezas de nossos corações. Um lado que se revela quando estamos em situações de stress, em situações extremas ou a simples vontade de gritar após um dia difícil ou uma decisão errada. A verdade é que o homem faz parte do reino animal assim como cachorros, gatos e aves. Apenas nos esquecemos desse pequeno detalhe. O mito do lobisomem surge nesse sentido.

Durante muito tempo a lua cheia era parte do lado mais mágico da noite. A lua dos amantes. A lua dos mistérios. O momento em que o lado selvagem do ser humano despertava. Uma égide selênica ecoando os recônditos primais de nossas heranças passadas. Muitos autores se debruçaram sobre a magia lunar para criar grandes histórias. Os fãs atuais vão se lembrar de personagens icônicos como aqueles criados por Stephanie Meyer na saga Crepúsculo. Ou quem sabe do professor Lupin da série Harry Potter. Mas, o lobisomem que eu conheço é uma força da natureza e nenhum destes dois personagens exsuda essa essência primal.

A minha visão de lobisomem é a de um ser que espreita à noite em busca de suas vítimas. Que realiza caçadas noturnas em matilhas, destroçando e devorando a succulenta carne humana. O caçador perfeito em busca de sua caça; aquele que nos retira do posto de topo da cadeia alimentar. Clecius Alexandre nos traz este ser mítico de volta às suas raízes, em toda a sua glória. Diante dos personagens criados pelo autor somos meras presas andando à revelia. Em suas linhas, nos sentimos desprotegidos olhando por cima do ombro com receio daquilo que está ao nosso redor. Aquela sensação de insegurança, aquele senso ancestral de estarmos na área de caça de alguma criatura tão antiga como a areia dos tempos.

Em seus livros, Clecius vai construindo pouco a pouco a sua visão de lobisomem. Com suas características e particularidades. O lobisomem criado por ele não tem nada de sedutor. Pelo menos não naquele sentido crepuscular. Seu lobisomem é intenso, cruel, violento. É sedutor no sentido de que acabamos querendo saber o que vai acontecer a seguir em suas histórias.

Não se engane pelas doces palavras do autor. Você está diante de um romance que goteja sangue, esbanja vísceras e nos deixa apreensivos desde o primeiro minuto. É uma viagem pelos recônditos mais sombrios do Brasil ao lado de seres que estão além da existência humana. Pessoas que quando confrontadas pelo seu dia mais sombrio, optaram por uivar para a lua e permitirem que seu lado selvagem tomasse conta, mesmo que por algumas horas.

Convido todos a embarcar nesta viagem. Preparem-se para explorar lugares conhecidos, mas sob uma outra óptica. Estejam preparados para presenciar a criativa imaginação de um mestre lupino do terror.

Paulo Vinícius F. dos Santos é Professor de História e Sociologia, membro do podcast Perdidos na Estante (<https://leitorcabuloso.com.br/category/podcasts/perdidos-na-estante/>) e editor-chefe do blog Ficções Humanas (www.ficcoeshumanas.com.br) onde produz resenhas e divulga lançamentos do universo fantástico literário.

PALAVRAS AO LUAR

EM MEADOS DE OUTUBRO DO ANO DE 2012, estava ouvindo um podcast (Nerdcast) sobre o trabalho de escritor. Além dos apresentadores Alexandre Ottoni e Deive Pazos, os autores Eduardo Spohr, exímio contador de histórias e autor d'A Batalha do Apocalipse, e Fabio Yabu, o perturbado pai do medo de cuja pena sangrenta saiu Branca dos Mortos e os Sete Zumbis e Outros Contos Macabros, discutiam sobre os problemas, as recompensas e as motivações para escrever um livro.

Ao final do episódio, fiquei a pensar sobre as dificuldades para conceber uma história interessante o suficiente para ser transcrita num livro.

Ainda naquela época, por ser fã de obras literárias de terror, sentia-me incomodado ao ver Bram Stoker ceder espaço a Stephenie Meyer nas prateleiras das livrarias. Tinha imensa vontade de continuar lendo obras que falassem sobre os monstros sanguinários que me aterrorizavam na juventude, e não sobre dramas adolescentes protagonizados por personagens com uma roupagem que apenas emula a fantasia mitológica, sem, contudo, respeitar-lhe a sua natureza essencial. Não que eu menospreze uma obra que trouxe tantos jovens (e alguns adultos) para o mundo da literatura, mas, claramente, eu não sou o público-alvo da saga Crepúsculo.

De toda sorte, naquele longínquo final de 2012, estes acontecimentos coincidiram durante um inusitado surto de criatividade e um embrião de uma história nasceu. Minha vontade de conhecer novas obras de terror seria saciada pelo autor mais improvável: eu mesmo. Em casa, liguei o computador, escrevi o

que seria o título da obra (A Maldição) e, pretensiosamente, acrescentei: Capítulo 1.

Depois de singelos quatro parágrafos com um total ridículo de apenas 113 palavras (com o título e a indicação do capítulo incluídos nessa conta), a coisa travou. Não o computador, mas minha narrativa.

Nenhuma outra palavra foi acrescentada até que, pouco mais de um ano depois, comentei com meu filho (naquele período, um adolescente contando com 16 anos), por telefone, sobre aquela ideia inicial. Não mais que quinze minutos depois de encerrada a ligação, recebi dele um arquivo de texto contendo um pequeno conto aproveitando e subvertendo minha ideia.

Era isso! O desafio estava lançado. Se meu filho era capaz de elaborar uma narrativa criativa e interessante — ainda que sucinta — em tão curto espaço de tempo, eu não poderia desistir tão facilmente da minha história.

Dei reinício aos trabalhos e, muitos e muitos meses depois, coloquei o ponto final no texto que você ora tem em mãos.

Essa é a obra que, segundo minha preferência estritamente personalíssima, eu gostaria de ter lido. Talvez a qualidade do resultado final seja algo duvidosa, mas o processo de converter as ideias de tal narrativa em palavras foi uma experiência deveras divertida. Talvez, o velho brocardo popular seja verdadeiro: não interessa o destino, o importante é curtir a viagem.

Por fim, gostaria de acrescentar que, considerando que este livro nasceu a partir de uma conversa num podcast, vi-me compelido a usar bordões e criar personagens inspirados nas estrelas da podosfera brasileira, esse admirável repositório de horas e horas de material divertido, educativo e absolutamente gratuito.

Essa obra é um sincero agradecimento e uma singela homenagem a esse contingente de denodados produtores de conteúdo.

Sem mais delongas, espero que tenha uma boa leitura. E seja bem-vindo à alcateia!

Londrina, 24 de setembro de 2015 (quinta-feira) – 1º dia do ciclo da lua cheia.

** Adendo para a segunda edição*

Pois é! A Maldição do Lobisomem fez um sucesso que eu não esperava e, com o encerramento do contrato da primeira edição, senti-me compelido a lançar uma nova publicação.

Muita coisa mudou no mundo de 2012 para os dias de hoje. Eu também mudei e espero ter aprimorado minha técnica de escrita.

Tentei fazer uso da experiência adquirida para melhorar a presente história. Em sua primeira versão, utilizei a narração em primeira pessoa. Contudo, antes da publicação, a narrativa foi alterada para a terceira pessoa, mas alguns pensamentos e opiniões do protagonista, Alexandre Scavarelli, acabaram se confundindo com as palavras do narrador.

O meio em que Alexandre vive é impregnado de masculinidade tóxica, e o próprio personagem age e pensa de modo machista em diversas ocasiões. Ele, ainda, possui muitos outros defeitos de caráter, como, por exemplo, o racismo e a homofobia. Fiquei tentado a extirpar tais mazelas morais das páginas do livro, mas acredito que isso não permitirá retratar com a devida fidelidade esse ambiente de preconceitos e desrespeito ao próximo que se espelhou em nosso cotidiano.

Quando escrevi a primeira versão do livro, questões de representatividade e de respeito às minorias não faziam parte das minhas preocupações. Tais problemas são estruturais, fazem parte (infelizmente) do ideário em que fomos criados. Mesmo sem perceber, tais vicissitudes são reproduzidas e podem passar despercebidas por nosso senso crítico. Não me julgo livre desses preconceitos, sendo mais acurado dizer que estou em processo de desconstrução.

Neste diapasão, busquei aparar tais arestas, eliminando aquilo que identifiquei como supérfluo e ressaltando o aspecto negativo de certas condutas discriminatórias.

Assim, longe de referendar qualquer atitude ou postura de ódio e intolerância, torço para que tenha conseguido demonstrar a pequenez de condutas quejandas. Caso não tenha logrado êxito em fazê-lo no bojo da narrativa (em razão das deficiências das minhas habilidades de escrita), quero deixar registrado que as ações e motivações dos personagens, mormente do protagonista humano e dos membros da alcateia, não refletem, em absoluto, minha opinião pessoal.

Respeito, tolerância, empatia e comedimento são qualidades que estão se tornando raras e essa é uma situação que podemos mudar, começando com nossa própria vida.

Londrina, 10 de novembro de 2019 (domingo) – 2º dia do ciclo da lua cheia.



PROTEÇÃO AO LOBO

QUANDO COMECEI A PESQUISAR AS CARACTERÍSTICAS físicas e o comportamento do lobo para me auxiliar na descrição das ações da alcateia de lobisomens, deparei-me com alguns sites e trabalhos acadêmicos que estudam o risco de extinção de várias espécies desses belos animais.

O cenário atual é desalentador.

Enquanto a cultura celta adorava o lobo, os cristãos o condenavam. Surgiram histórias e lendas em que o lobo mau é um pérfido e insaciável devorador de homens.

Junte-se a isso a disputa entre a espécie humana e a lupina pelo mesmo território, e temos a receita para o desastre. A ocupação progressiva e ininterrupta das terras antes utilizadas como áreas de caça, obrigou os lobos a procurar alimentos onde quer que os encontrassem. Normalmente, nos pastos criados e vigiados pelos homens.

Embora minhas obras explorem a parte da mitologia associada ao perigo do lobo, não tenho intenção de perpetuar o equívoco, mas, pelo contrário, tentarei ajudar a dissipar esse preconceito odioso.

Para tanto, gostaria de divulgar o trabalho do Grupo Lobo (site: <http://lobo.fc.ul.pt>), uma Organização-Não Governamental de Ambiente, sediada em Portugal, e que mantém o Centro de Recuperação do Lobo Ibérico. Acessem e curtam a página do Facebook: <https://www.facebook.com/pages/Grupo-Lobo-Associacao-para-a-Conservacao-do-Lobo-e-do-seu-Ecosistema/129751843000> e

façam as suas doações para auxiliar na manutenção deste maravilhoso projeto de conservação ambiental. É possível até mesmo adotar um lobo!



DEDICATÓRIA

Aquela que me gerou foi e é meu eterno ponto de partida, mas sempre me perco nas estradas do mundo porque minha bússola oscila entre dois nortes. A estes amores dedico esta obra: minha mãe, meu filho e minha esposa.

FATO OU FICÇÃO?

“OS VESTÍGIOS DEIXADOS SÃO DE FATO bastante numerosos e apesar de, como o dodó e o dinórnis, o lobisomem pode ter-se extinguido em nossa era, ainda assim, deixou seu selo na Antiguidade clássica, pisou profundamente as neves setentrionais, atropelou rudemente a gente da Idade Média e uivou entre sepulcros orientais.” (BARING-GOULD, Sabine. O Livro dos Lobisomens, 1865).

“O que havemos de dizer sobre os lobisomens? Há lobisomens que percorrem as aldeias devorando homens e crianças. Como os homens dizem a seu respeito, eles correm a pleno galope, ferindo os homens, e são chamados *ber-wölff*, ou *wer-wölff*. Perguntais a mim se sei algo sobre eles? Respondo que sim. São aparentemente lobos que devoram homens e crianças.” (von KEYSERSPERG, Johann Geiler. *Die Emeis. Dis ist das Büch von der Omeissen, und durch Herr der Küninig ich diene gern. Und sagt von der Eigenschafft der Omeissen, und gibt underweisung von den Unholden oder Hexen, und von Gespenst, der Geis, und von dem Wütenden Heer Wunderbarlich*, sermão proferido em Strassburg, 1508).



Quando

o coração

perene



busca

a loucura.

CAPÍTULO 1 – O DESPERTAR

28/Jul/2015 (terça-feira)
1º dia do ciclo da lua cheia



CONFUSÃO. CACOFONIA. UMA MIRÍADE DE ODORES SE mesclando na escuridão. Cheiros que ele conhece de longa data misturando-se com fragrâncias inéditas ao seu olfato. Os demais sentidos ainda estão entorpecidos. Os membros, paralisados e dormentes. Este é o momento que ele mais odeia. O Despertar.

Vagarosamente a penumbra da inconsciência se afasta, descortinando o véu da realidade. Ele acorda exausto, dolorido e sentindo-se derrotado.

É sempre assim! — pensa com rancor. Esse é um dos fardos da maldição que ele carrega. Aos poucos, o animal percebe a dor que lhe perpassa o corpo, como uma avalanche infinita de agulhas em brasa. Ainda deitada em posição fetal, a fera luta contra a vontade de permanecer imóvel até que cesse o martírio da recente transformação. No entanto, sabe que precisa se levantar e pôr-se em guarda.

A criatura bestial estica lentamente cada um dos membros, alongando os músculos e acompanhando cada movimento com um baixo grunhido sentido. Embora tenha vontade de urrar, revelando ao mundo a dificuldade da tarefa posta em execução, o monstro contém o impulso. Ele tenta se colocar em pé, mas falha miseravelmente caindo sobre suas patas, retorcendo-se em intenso sofrimento. As garras começam arranhando o cimento, como unhas compridas raspando um quadro negro, até encontrar o solo macio. Abrem-se sulcos que liberam minúsculos bolsões de petrichor, espargindo o familiar aroma de terra molhada. O cheiro é um modesto bálsamo para seu tormento.

Além das dores musculares, outro obstáculo limita sua movimentação. O ser profano sente o aperto dos trapos espalhados por sobre seu corpo. Tecidos impregnados com um odor que, num só momento, é e não é o seu.

Com o pingar dos segundos que aparentam durar uma eternidade, ele vai recuperando o controle de cada um de seus membros. Um a um. Pouco a pouco. Embora a dor seja excruciante, sua capacidade de recuperação não é menos notável. Com o autocontrole voltando paulatinamente, a criatura rasga os restos das roupas que ainda insistem em se grudar ao torso, ficando, enfim, completamente livre das amarras humanas.

Respirando lentamente e com dificuldade, o licantropo retoma suas forças e sua mobilidade, finalmente sentindo-se capaz de se pôr em pé. Sua altura prodigiosa é capaz de assustar até o mais corajoso caçador e enganaria aqueles que, porventura, tivessem antevisto apenas o animal com a postura contraída e colocado sobre as quatro patas. Ao ficar ereto, o tronco hirsuto e musculoso do lobisomem se expande, revelando uma espantosa criatura antropomórfica: uma silhueta corporal que lembra um gigantesco ser humano, com exceção da longa cauda e das pernas cujo desenho ainda guarda estrita semelhança com as patas traseiras de sua ancestralidade animal, o *Canis lupus signatus*.

Por outro lado, ao arriscar uma olhada de mais perto, a visão de uma cabeça extremamente volumosa, coroada com uma grande cabeleira e um par de orelhas triangulares e pontiagudas, além de uma poderosa mandíbula protuberante encimada de um focinho pronunciado, não permite confundir a horrída entidade com um ser humano. Sua pelagem escura tem a cor castanha, apresentando no dorso uma lista negra que se estende da nuca ao final da cauda.

Ao seu redor, uma fina película de vapor o envolve, resultado da contraposição do clima frio ao corpo hipertérmico do lobisomem.

Num rápido exame, ele aponta o focinho em direção ao céu e aspira profundamente o ar da noite para se localizar e determinar eventuais perigos à espreita. Assim como o olfato, os demais sentidos da criatura também são mais desenvolvidos, mais sensíveis, embora temporariamente reduzidos pelo recente e turbulento despertar. Terra úmida, mato recém-cortado e algumas árvores são os cheiros mais próximos. Nenhum perigo imediato é revelado pelos odores captados. O fedor pungente de urina e fezes de animais menores destaca-se ao faro.

Utilizando a visão que se adapta à noite, como convém ao animal de hábitos noturnos, a fera esquadrinha a escuridão à sua volta, reconhecendo o território e percebendo estar em um local ermo, ligeiramente distanciado das casas e edifícios que rodeiam aquele pequeno perímetro parcamente arborizado. O lobisomem se encontra numa praça na cidade de Londrina chamada pelo apelido de Zerão em razão de seu formato ovalado. Um pequeno espaço de verde cortado por um córrego, com árvores altas, vegetação rasteira, um amplo gramado e duas quadras cimentadas, encravado no centro da cidade.

Junto ao leito do riacho onde ocorreu a transformação, a fera toma consciência de que se encontra, novamente, cercada pelas construções com luzes artificiais que, até com sua visão acurada, ofuscam o brilho das estrelas. O licantropo está em território hostil, longe das árvores abundantes de uma floresta ou de um mero matagal, que são seu habitat natural.

Apesar das dores lancinantes e da tontura provocada pelo excesso de informações que seu cérebro busca processar, a criatura tenta caminhar, mas é vencida pela vertigem, tombando de encontro ao chão. A dor em seu estômago aumenta repentinamente e ele sente o latejar de seu esôfago preparando-se para expelir todo o conteúdo estomacal semidigerido: pães, vegetais, frutas e apenas um pouco, somente um pouquinho intoleravelmente diminuto, de carne. A fera caliginosa sabe que precisará conseguir comida de verdade. Uma quantidade generosa de carne para saciar sua fome e satisfazer seu apetite voraz. Mas, antes, precisa livrar-se daquilo que a aflige.

As convulsões, então, aumentam, provocando intensos espasmos, até que o líquido quente e malcheiroso que se alojava em suas entranhas sobe pela garganta e é arremessado ao chão num jato multicolorido com predominância da cor verde. Uma pasta espessa composta de restos de folhas de alface, arroz, tomate, beterraba e outras folhas, frutos e raízes — que compõem o banquete de uma vaca, um cavalo ou qualquer outro ser nas escalas inferiores da cadeia alimentar, e não o repasto digno de um predador da sua estirpe — é depositada no espaço à sua frente, entre seu corpo e um banco de concreto.

O monstro lupino respira com dificuldade em arquejos curtos, ainda não totalmente livre do enjoo. Um novo regurgitar expulsa o resto da porcaria que ainda lhe ataca o estômago, sobressaindo em sua língua um toque ácido, levemente picante. Com tal sabor característico passeando em suas papilas gustativas, ele impreca contra o vazio, pois o destinatário de suas pragas não pode ouvi-lo.

O lobisomem torna a olhar para o céu noturno à procura da posição do pequeno disco prateado. A lua cheia, parcialmente escondida por nuvens escuras, indica, pela sua trajetória orbital, a proximidade da meia-noite.

— *Ladrão maldito!* — É o insulto que cruza sua mente enquanto um nó dolorido lhe aperta a boca do estômago. — *Dessa vez, sua beberagem não conseguiu nem atrasar minha chegada!*

Depois de vomitar todo o conteúdo estomacal, o monstro metamórfico percebe o desaparecimento de grande parte de sua fraqueza anterior. A náusea que lhe limitava os movimentos e entorpecia parcialmente seus sentidos aguçados é substituída pelo ímpeto atávico de se alimentar.

A fome o envolve como uma amante antiga e familiar, abraçando todo seu corpo e fazendo surgir uma irrefreável vontade de saciar seus instintos primevos. O licanthropo anseia não somente pela carne que lhe arrefecerá o vazio na barriga, mas também pelo sabor cúprico do sangue quente da presa a escorrer por sua boca, encharcando o pescoço.

Obedecendo ao desejo imperativo que lhe é inerente, a fera torna a se erguer sobre as patas traseiras, farejando o ar a fim de perscrutar os arredores na tentativa de localizar uma presa apetecível.

Dos odores trazidos pelo gelado ar noturno, destaca-se um suave perfume adocicado mesclado pelo cheiro inconfundível dos hormônios femininos secretados durante a gestação. Tal combinação de aromas faz o caçador salivar.

Dentro da espécie humana, os lobisomens voltam especial atenção às mulheres em fase final de gestação. Embora consumam a integralidade da presa, o licanthropo costuma começar a devorar a vítima pelas entranhas para atender ao seu peculiar paladar. Não é de se estranhar, portanto, a particular preferência pelas grávidas. O ataque a uma fêmea prenhe tem duas vantagens: de um lado, seu estado físico dificulta a escapatória e faz com que oponha menor resistência, facilitando o ataque do animal; de outro lado, há o prêmio a ser saboreado. Embora o lobisomem aprecie o sabor das tripas em geral, o feto, nos últimos meses da gravidez, representa uma iguaria ímpar, um misto delicioso de carne tenra e ossos macios — a versão *baby beef* na licanthropia.

Por sorte ou por interferência do destino, uma mulher grávida caminha em direção à praça. Esta noite, o atalho para chegar mais cedo em casa terá um alto custo...



Sandra pensa que a pessoa que aconselha a caminhada como exercício ideal para as gestantes nunca experimentou o peso extra dos últimos meses da gestação. Além do volume que ela carrega no ventre esticado, seu corpo todo está inchado e sua forma física silfídica, que arrancava olhares de admiração de muitos rapazes, parece-lhe um sonho distante.

Cansada de um dia de trabalho, ela pensa nas tarefas domésticas que ainda tem pela frente e arruma a touca vermelha de lã que lhe escorrega da cabeça. Mãe solteira que vive sozinha, Sandra tenta melhorar de vida, arriscando um destino melhor que aquele partilhado pelos outros membros de sua pobre família, que se resignaram a permanecer na pequena cidade onde nasceram, com poucas oportunidades de trabalho e nenhuma perspectiva de ascensão social.

Quando foi surpreendida com a gravidez não planejada, seu namorado sumiu, logo após o primeiro resultado positivo de um teste comprado na farmácia. Sandra não se deixou abalar, pois nunca precisara de um homem para apoiá-la. Mesmo sozinha, cumpriria com todas as suas obrigações, como sempre fez, e perseveraria na busca de seus sonhos.

Naquela noite fria de final de julho, o cansaço e a pressa de encontrar o abrigo do lar modesto fazem-na decidir cortar caminho e, em vez de encarar o trajeto mais longo contornando o logradouro público, a jovem opta pelo precário e mal iluminado atalho. Sua decisão parece-lhe extremamente razoável, pois a trilha encurtada passa pelo meio de um punhado de árvores que, mesmo com fraca iluminação pública na orla da praça, não aparenta apresentar qualquer obstáculo.

Ao atravessar a rua que circunda o Zerão, uma vibração se faz sentir no interior de sua bolsa, acompanhada com o pegajoso refrão de uma música viralizada pela

internet: “♪ Ai, se eu te pego, ai, ai, se eu te pego... ♪ Delícia, delícia, assim você me mata!”.

Sem diminuir o ritmo dos passos, Sandra saca o pequeno celular e, olhando rapidamente no visor do aparelho, atende à chamada.

— Ooooi, mãe — ela cumprimenta. O chiado da brisa noturna ecoa pela ligação.

— Oi, filha. Onde cê tá? — indaga Dona Cremilda, deixando um leve traço de preocupação vazar pelas palavras.

— Já estou indo pra casa, mãe — ligeiramente ofegante, Sandra responde com rispidez. — Mais dez ou quinze minutos e já chego lá — conclui em tom de despedida.

— Tá bom, filha. Só liguei para saber se tá tudo bem com meu netinho — acrescenta com voz langorosa.

Um carro, com os faróis baixos acesos, passa lentamente na rua adjacente à praça no momento em que Sandra inicia a passagem pelo atalho. A luz do veículo ilumina por um breve relance o trecho em que a iluminação dos postes não alcança o caminho. A trilha de terra lembra um cenário de filme de terror de baixo orçamento.

O vento suave passeia por entre as árvores, fazendo farfalhar a folhagem das copas e acariciando a nuca da jovem com um toque gélido. Um arrepio perpassa sua espinha e ela não consegue afirmar se a sensação se deve exclusivamente à corrente de ar. Sandra procura disfarçar a ligeira preocupação que lhe assalta pensando que nada de errado pode acontecer em tão curto espaço. Ela coloca um cacho solto de cabelo atrás da orelha, gesto recorrente sempre que se encontra apreensiva, mas busca um tom de voz leve e relaxado para tranquilizar sua interlocutora.

— Ai, mãe! A senhora se deu ao trabalho de ligar a essa hora só para isso? — questiona, fazendo um muxoxo. — O médico disse que demora mais duas ou três semanas. Não se preocupa, não — declara com segurança.

— Ah, Sandrinha... — Dona Cremilda recrimina a filha com um tom magoadado. — A gente nunca deixa de se preocupar com os filhos, num importa a idade ou a distância. Você logo vai sabê como é... De mais a mais, só queria saber se tava tudo bem. Vê se descansa, minha minina.

Sandra pensa ter vislumbrado uma sombra passar pelas árvores, mas a conversa com a mãe a distrai.

— Pode deixar, Dona Cremilda. Quando tiver novidades, eu te ligo. Deixa eu prestar atenção no caminho para não cair nem tropeçar em nada.

— Você tá de novo vortando sozinha a pé pra casa? — Dona Cremilda dispara, sem conseguir disfarçar a crítica embutida na pergunta.

— Estou, mãe. Não se preocupa, já estou quase lá — Sandra responde, tentando disfarçar o aborrecimento que sente.

Apesar do carinho revelado pela preocupação materna, a jovem se ressentia da suposta sabedoria materna que sempre tentava dissuadi-la de todas as suas escolhas de vida. Se fosse ouvir os conselhos da mãe, Sandra sequer teria saído de sua cidade natal. Assim, sem dar espaço para o início de uma longa e tediosa peroração sobre os perigos da cidade grande, ela se despede.

— Um beijo, mãe. Depois eu volto a te ligar...

— Um beijo, filha. Deus te abençoe — resigna-se Dona Cremilda.



O caçador noturno avalia o rumo de sua presa e encontra o melhor local de ataque, longe das luzes amareladas das lâmpadas de vapor de sódio dos postes de iluminação pública, assim como dos olhos de eventuais testemunhas. Silenciosamente, como só as criaturas nascidas para caçar são capazes de se movimentar, ele corre pelo interior da praça, tomando dianteira e escondendo-se atrás do grosso tronco de um ipê-roxo (*Handroanthus impetiginosus*), fazendo com que seu contorno sobrenatural se confunda com as sombras. A respiração lenta e compassada do lupino solta pequenas lufadas de vapor no ar da noite, mas nada que possa alertar a mulher sobre a sina que se aproxima.

Com a atenção voltada ao som dos passos que se avizinham e do cheiro adocicado do perfume feminino que se intensifica, o lobisomem contrai os músculos das pernas e permanece com as orelhas levantadas e direcionadas para a origem do barulho ritmado. Um baixo rosnado de satisfação faz vibrar o peito do lobisomem.

Quando o vulto da vítima se encontra no raio de alcance de seu salto, um par de olhos fosfóricos e flamejantes se acende na escuridão e o predador implacável dispara contra a mulher.

Sandra se vira instintivamente, seguindo o conselho de um sexto sentido atribuído ao gênero feminino, mas é tarde demais. O choque dos corpos faz com que o ar escape dos pulmões da presa, sufocando o grito nascido do horror.

Ao ser derrubada, a mulher tenta inutilmente afastar o agressor com os braços, mas sua força é insuficiente para sequer sustentar a pesada criatura, e, antes que consiga recuperar o fôlego para gritar por uma ajuda que nunca chegaria a tempo, um poderoso torno com dentes pontiagudos, fecha-se sobre seu pescoço, torcendo-o até que o estalo como de um galho seco se faz ouvir.

O gosto de cobre derretido se espalha pela língua da fera. A adrenalina disparada no momento do ataque ainda se encontra no sangue da mãe-que-não-será quando uma garra peluda abre-lhe o ventre a partir do esterno.

Diferente da estória clássica, não é o lobo que é eviscerado. O talho rompe diversas camadas de pele, gordura e músculos até deixar exposta a bolsa amniótica e o feto que ainda se agarra à vida. Sem hesitação ou remorso, o licantropo arranca-o da carcaça abatida, mastigando o pequeno ser que rapidamente se transforma em pedaços sangrentos de carne, deixando rubro o focinho e os cantos da bocarra animalesca. A trituração dos frágeis ossos fetais faz com que o paladar do lobisomem se perca em intenso deleite ao sentir o sabor levemente untuoso do líquido gelatinoso da medula óssea.

Após saciar o primeiro impulso carnívoro, o lobisomem arrasta o corpo inerte de Sandra para longe da trilha em direção a um conjunto mais cerrado de árvores, próximo ao leito do riacho onde despertou há poucos minutos, e, uma vez nesse abrigo improvisado, termina calmamente seu banquete macabro. Sem pressa, a criatura arranca nacos generosos dos intestinos, desenrolando-os de dentro da barriga aberta da mulher. Na sequência, o fígado, o estômago e todo o resto do aparelho digestivo são consumidos com volúpia.

Depois de saborear tranquilamente o que restou das vísceras, o lobisomem inicia o processo brutal de ingestão completa da presa.

Os pequenos ossos das mãos e dos pés estalam como salgadinhos crocantes quando mastigados pela bocarra sobrenatural. Depois de consumir a carne, o predador passa a roer prazerosamente os ossos, procedimento necessário para repor o cálcio utilizado na modificação esquelética ocorrida no momento da transformação arcana.

Sem deixar traços que identifiquem o ataque recente, a criatura alcança dois objetivos: alimentação plena e manutenção do segredo da sua existência. Antes mesmo que lhe seja ensinado, o licantropo possui um sentido atávico de preservação que lhe aconselha a disfarçar e ocultar o que ocorre durante sua caça.

Terminada a lúgubre refeição, o lobisomem sabe que deve procurar um local afastado das construções humanas. Seu faro indica um caminho arborizado lindeiro

ao riacho. Não será a primeira vez que se utilizará daquela trilha para escapar para os braços da natureza.

Mas, antes de empreender a fuga, com o estômago cheio e inebriado pelo aroma penetrante do sangue fresco, ele empina seu focinho para a lua cheia e uiva longamente em cumprimento ao astro que lhe orienta a vida.



CAPÍTULO 2 – O ADORMECER

29/Jul/2015 (quarta-feira)
2º dia do ciclo da lua cheia



E NCOSTADO AO TRONCO DE UMA GRANDE árvore, Alexandre desperta ao primeiro brilho da aurora de róseos dedos, antes que os raios do sol venham revelar sua nudez. Não sendo a primeira vez que acorda depois de uma noite que trocou de lugar com seu alter-ego, ele sabe que a primeira medida a ser tomada é buscar suas roupas.

Depois de algumas situações vexatórias em que desfilou seminu por bairros afastados, Alexandre Scavarelli aprendeu que deveria estocar algumas mudas de roupas em locais estratégicos. Embora os filmes retratem de forma diferente, não é tão fácil quanto se possa imaginar furtar roupas penduradas em varais que sirvam no tamanho, sejam do gênero adequado (pois um homem trajado com um vestido talvez chame tanta atenção quanto um pelado) e respeitem uma combinação minimamente aceitável nos quesitos de modelo e cor que não façam com que seu usuário pareça um louco ou um palhaço que caiu do caminhão do circo.

O lobo é um animal territorialista e sua versão mitológica também herdou esta característica. Assim, Alexandre sempre acaba acordando dentro de uma região delimitada. Por ser uma grande área (que engloba o território de quatro municípios lindeiros), o diligente e precavido Sr. Scavarelli deixou penduradas em diversas árvores, próximas ao local em que costumava acordar após as primeiras transformações, um saco de lona impermeável com roupas, um celular pré-pago e uma pequena quantia de dinheiro. Dessa forma, ficava solucionado o problema da volta para casa.

Ao puxar pela memória os eventos da noite anterior, ele se recorda de que não logrou sair da cidade antes da grotesca metamorfose. Ao perceber que não alcançaria o local escolhido de costume, mastigou e engoliu algumas folhas azuis e um pedaço de raiz de acônito antes de sair de casa na esperança de retardar, tanto quanto fosse possível, o momento da transfiguração.

A julgar pelos esparsos fragmentos de memórias das mortes provocadas em sua forma lupina, Alexandre não teve qualquer êxito em seu intento.

Sem se incomodar com tais pormenores, ele se entrega à tarefa de localizar o saco de roupas. Embora tal atitude leve e descontraída possa causar estranheza às pessoas mais sensíveis, o fato é que duas coisas explicam tal proceder.

De um lado, cabe registrar que, ainda antes do início das trocas de pele provocadas pela lua cheia, Alexandre já apresentava um caráter individualista, excessivamente reservado, quase recluso, e com um pequeno — ou, talvez, não tão pequeno assim — traço de misantropia. Nutria um grande apreço pelo conceito de Humanidade, mas desprezava praticamente todos os seres humanos à sua volta. Considerava a si mesmo um grande humanitário, mas não suportava ficar na presença das pessoas, esse gigantesco rebanho humano a quem ele zombeteiramente chamava de “fauna local”. Vivia feliz e irrefletidamente este paradoxo. Desta feita, as mortes das vítimas do lobisomem não pesavam em sua consciência.

Por outro ângulo, as consequências daqueles abates, sob as presas aguçadas do lobisomem, não o atingiam diretamente. Alguns acidentes, ocorridos nos primeiros meses de transformação, ensinaram-no a se esquivar de um pequeno efeito colateral daquelas mortes: quando em sua forma humana, o licantropo é perseguido pelos fantasmas, espíritos ou como se queira chamar a entidade incorpórea das pessoas ceifadas pela fome lupina. E a extensão do período e o grau de interação com os espectros variam de acordo com a proximidade da vítima com seu algoz. Assim, a morte de um desconhecido ocasiona um mero e passageiro vislumbre distante de seu fantasma, enquanto o ato de ceifar a vida do porteiro do prédio com que mal trocava duas palavras a cada semana acarretou, mais que um mero incômodo, a companhia diuturna de um espírito agressivo e acusador que paulatinamente foi se tornando mais diáfano e distante ao longo de uma quinzena. Quinze dias convivendo com o fantasma de sua primeira vítima, que reclamava incessantemente da abreviação da existência que, segundo ela própria, ainda devia ser longa e produtiva.

Desta forma, ao identificar ao longe o espírito da mulher grávida que lhe serviu de lauto repasto, Alexandre limita-se a exibir um sorriso sardônico e acenar para o espectro que já se encaminhava para a outra vida. Não havia motivo para aborrecimentos ou remorso. Todo mundo morre. Aquela morte, pelo menos, serviu para acalmar a sanha assassina do seu companheiro peludo.

Mas Alexandre sabe que o bem-estar propiciado pela satisfação do apetite lupino não durará muito. Enquanto não mudar a fase lunar, a lua cheia provocará o acirramento de seu comportamento violento. Mesmo durante o dia, ele luta com todas as forças para controlar a raiva colérica e à flor da pele que passa a acompanhá-lo neste período do mês, numa paródia da TPM, uma versão licantrópica da fúria e mau humor latentes.

Já vestido e calçado com um tênis confortável, Alexandre saca o celular e liga o aparelho. Fora da área de cobertura e, portanto, sem táxi. Acostumado a percorrer longas distâncias, ele dá de ombros, põe os fones de ouvido, seleciona “Bring Me

To Life” no visor do aparelho e começa o treino matinal correndo em direção à cidade que se vislumbra ao longe. Durante a corrida, a voz sensual da vocalista do Evanescence o faz soltar as rédeas de seus pensamentos, deixando a mente flutuar num estado semelhante à meditação. Neste momento, ele divaga a respeito das vantagens de sua condição.

Desde que começaram as transmutações, sua qualidade de vida aumentou consideravelmente. Conquanto não fosse imune às enfermidades, seu estado de saúde melhorou sobremaneira e, somente em raras ocasiões, tornara a ficar doente. Notava, também, que, depois que começou a dividir as noites de lua cheia com o lobisomem, seu envelhecimento tivera o ritmo praticamente interrompido. Já contava mais de quarenta anos, mas sua vitalidade era muito superior à de seus coetâneos e sua aparência jovial não lhe denunciava a verdadeira idade.

Além disso, depois do advento do lobisomem em sua existência, os pequenos ferimentos que sofrera saravam de forma acelerada em sua forma humana e eram completamente eliminados nas noites de lua cheia. Embora sua cicatrização humana não pudesse ser comparada ao fator de cura dos heróis de quadrinhos, a completa eliminação dos danos físicos enquanto na pele do licantropo não deixava nada a dever à capacidade de regeneração do velho Carcaju.

Se a nova vida, por um aspecto, havia eliminado os danos físicos, por outro, deixara uma cicatriz dolorosa e invisível em seu coração. Sua condição peculiar nas noites de plenilúnio o levava a deixar sua oferenda no frio altar da Igreja de Dante. As ausências forçadas e sem explicação desencadearam um rompimento amoroso que ele se esforçava — sem resultados satisfatórios — para manter apenas no passado.

Antes que a amargura dessa perda possa emergir e turvar-lhe a vista com as lágrimas represadas, Alexandre afasta este pensamento.

Quase sem perceber, ele adentra em área já servida de telefonia celular. Novamente toma do aparelho e digita os números do telefone de um taxista

conhecido e que não se interessava o suficiente pelos clientes para lhes fazer perguntas inconvenientes ou constrangedoras.

Uma rápida passada em casa para um banho quente, e ele estará pronto para enfrentar o tedioso dia a dia das suas tarefas profissionais.

Enquanto aguarda a chegada de sua carona, ele coça uma cicatriz em seu ombro e se lembra da mordida sofrida há onze anos e que iniciou essa nova fase de sua vida.



a fera
vai acompanhar



a maldição d
o mais fraco

CAPÍTULO 3 – A CONCEPÇÃO

1º/Mai/2004 (sábado)
1º dia do ciclo da lua cheia



ALEXANDRE TINHA POUCOS AMIGOS E SOMENTE UM que remontava ao período da sua infância. Essa era a principal razão que o fizera viajar mais de quinhentos quilômetros até o interior do Mato Grosso do Sul para o casamento de José Raimundo.

Embora a vida dos dois tivesse tomado rumos bastante distintos, o vínculo de amizade — forjado no decorrer dos recessos escolares nos primeiros anos da alfabetização até a conclusão da faculdade — tinha sobrevivido ao tempo e à distância. Naquela época, José morava no litoral do Estado de São Paulo, na cidade de Praia Grande, local de veraneio onde Alexandre passava as férias de sua juventude. As pipas e as outras brincadeiras de crianças foram substituídas pelas primeiras tentativas de paqueras com as meninas que passeavam pela praia, passando pelos namoricos passageiros e inconsequentes com as moças caiçaras (“Amor de Baixada não sobe a serra”, como diziam os mais velhos) e todas as tribulações que acompanham o delicado período conhecido como adolescência. O companheirismo de todas as horas consolidou esse elo inquebrantável que os unia.

O casório de José Raimundo seria realizado em Douradina, município onde moravam os familiares da noiva. Pela longa distância de sua cidade natal no distante litoral paulista e pelas dificuldades financeiras da pouca família que lhe restara, Alexandre era o único convidado presente do lado do noivo.

— Poxa, cara! Você não sabe o quanto significa para mim a sua presença — José declarou com a voz embargada, com uma mão pousada no ombro do amigo.

— Você está se amarrando mesmo, xará? — Alexandre gracejou para tentar disfarçar a própria emoção. — É claro que eu não perderia essa ocasião por nada nesse mundo. Afinal, quem diria que você encontraria uma mulher nesse mundão de Deus disposta a se casar contigo...

José estreitou Alexandre num abraço e lhe devolveu o remoque.

— Bom, pelo menos, eu consegui encontrar UMA mulher e ficar com ela. Não sou um solteirão desavergonhado catando papel na ventania.

— Ei! — interrompeu, com a voz subindo uma oitava. — Você sabe que eu sempre sonhei em constituir família. Já imaginou que bacana ter um bacuri para criar? Eu apenas não encontrei a mulher certa pra essa tarefa. E não foi por falta de tentar, né? — completou a frase com uma piscadela jocosa.

— Tá certo, garanhão — aquiesceu enquanto bagunçava o cabelo de Alexandre, o velho gesto irritante dos tempos de criança. — Com certeza, você vem tentando muito. E falando nisso, deixa eu te apresentar à prima da minha mulher. — Com o braço em volta dos ombros do amigo, José o conduziu para dentro da igreja. — Ela vai ser o seu par hoje. Se comporta — sussurrou apenas para Alexandre.

A despeito de ter sido convidado para ser padrinho de casamento de José, Alexandre não conhecia a família da noiva, nem qualquer um dos demais convidados, o que o fez se sentir um pouco deslocado no princípio. Assim, foi um enorme alívio ser apresentado à jovem que seria a madrinha: Rosane, uma morena de curtos cabelos negros, gordinha e muito falante.

À cerimônia religiosa na igreja local, seguiu-se uma festa simples, mas bastante divertida. A simplicidade do casamento não diminuiu a alegria da comemoração das bodas ou o calor com que Alexandre fora recepcionado.

Como seria de se esperar, coube a Alexandre trazer à tona as histórias constrangedoras a respeito do amigo, garantindo as risadas e o alto astral que marcaram a celebração das núpcias.

— O meu amigo casadoiro — Alexandre virou os olhos em direção a José — era tão vagaroso que, certa ocasião, uma menina com quem ele ficava sozinho em casa, toda santa tarde, acabou arrumando outro candango. — Um ou outro convidado já começava a esboçar um sorriso no canto dos lábios. — Claro que o Zé foi tomar satisfação e a menina respondeu, cheia de razão, que ele teve a oportunidade dele e, como não aproveitou, a fila andou... — Risos incontidos se espalharam entre os presentes. Somente a noiva fingia uma carantonha de ultraje e ciúmes. — E teve uma vez que eu fiz um churrasco para comemorar o aniversário do Zé e o deixei encarregado de fazer os convites. Resultado? Tinha uns quinze cuecas e nenhuma menina! E ele passou a noite inteira esperando uma tal de Patrícia que tinha jurado que ia na festa!

— Tá certo, tá certo. — José se levantou para contra-atacar e resguardar o pouco que ainda restava de sua reputação. — E só eu era um mané nessa época, né? Quem foi mesmo que passou um mês inteiro encarando uma menina em completo silêncio e depois, na lata, sem mais nem menos, convidou-a para ir ao cinema, sem qualquer xaveco ou conversa anterior?

— Ei! Quem nunca errou na juventude? Mas de lá para cá, eu andei aprimorando algumas *skills* nessa área... — Alexandre clamou em sua própria defesa.

Por baixo da mesa, Rosane apertou a coxa do seu par.

Alexandre pretendia voltar cedo pela manhã após o himeneu, pois viajava de moto e as estradas que o levariam de volta para Londrina não se encontravam em boas condições, como é de praxe na maioria das rodovias brasileiras. Ele também não gostava de pilotar durante a noite, pois, além da visibilidade reduzida pelo farol da motocicleta (cuja iluminação, em geral, era mais fraca que a fornecida pelo farol dos carros), o desrespeito dos outros motoristas, bem como a sandice e o descaso que maculavam o espírito de alguns caminhoneiros, desaconselhavam a viagem noturna.

Entretanto, em que pese seus planos iniciais, a madrugada de sábado, passada na companhia de Rosane, a madrinha que o acompanhou ao casamento, cobrara seu preço e o motoqueiro somente conseguiu iniciar a viagem de retorno bem depois do cair da tarde (que chegava mais cedo durante o inverno).

Mesmo considerando a distância a ser percorrida e as condições da estrada, Alexandre confiava na potência e velocidade da máquina de duas rodas para fazê-lo alcançar, ao menos, a região próxima de sua cidade antes da meia-noite.

Talvez por efeito do pouco sono desfrutado na noite anterior, ele se esqueceu de incluir em seus cálculos a diferença de fuso horário (uma hora mais tarde em Londrina/PR que em Douradina/MS). Para piorar um pouquinho a situação, o trajeto escolhido na era pré-GPS^[1] olvidava as boas e mais conservadas estradas paulistas e passava apenas pelas rodovias dos estados do Mato Grosso do Sul e do Paraná. Colocado de forma geométrica, Alexandre escolhera percorrer os catetos de um triângulo reto em vez de cortar caminho pela hipotenusa. Resultado: às dez horas da noite, a viagem não tinha sequer alcançado a metade do itinerário. E, sem a iluminação do astro-rei, a tensão aumentava consideravelmente. Alexandre pilotava sua moto sentindo os músculos cansados e quase dormentes. As articulações dos ombros, dos braços e das mãos pareciam estar travadas numa rigidez congelada.

Com a proximidade da meia-noite, ele decidiu interromper a jornada e procurar um hotel qualquer pelo caminho a fim de pernoitar. Embora tivesse abastecido a moto recentemente, o motoqueiro não se lembrava de ter avistado, nos últimos cem quilômetros, uma cidade à beira da rodovia, ou até um vilarejo, que pudesse oferecer o mínimo de conforto para um viajante cansado.

Não obstante a fadiga, era-lhe impensável dormir ao relento. Destarte, na falta de opção melhor, continuaria a viagem até que conseguisse avistar um local de pousada.

Com o pingar dos minutos, Alexandre começou a entrar em sintonia com a vibração do motor, apreciando a sensação do vento fresco da noite que se infiltrava por dentro do capacete. Gradualmente, experimentou o aliviar da tensão e passou, então, a desfrutar um pouco mais da viagem. Já fazia bastante tempo que ele não

cruzava com outro veículo. Imbuído da sensação de que a estrada era somente sua, permitiu que a prudência fosse substituída pela emoção da velocidade.

O velocímetro, que se mantivera em exatos 100 km/h no começo da jornada, passara a alcançar números cada vez maiores conforme o cabo do acelerador era torcido pela mão direita (que parecia ter ganhado vida própria). Cento e trinta, cento e setenta, duzentos e dez quilômetros por hora! A cada marca alcançada, nova injeção de adrenalina aumentava exponencialmente a emoção de pilotar.

Porém, a velocidade é a mais efêmera das drogas. Seu efeito passa muito rápido e demanda o incremento da rapidez para nova descarga deste hormônio neurotransmissor. Quando já estava com os batimentos cardíacos bem acelerados pela saturação das sucessivas descargas de adrenalina, Alexandre vislumbrou ao longe o bloqueio parcial da via com um vulto de algo imenso caído na estrada.

Com os faróis alto e baixo ligados simultaneamente para vencer a escuridão da noite, ele pôde identificar o problema a quase duzentos metros, mas a alta velocidade desenvolvida e o tempo humano de reação não lhe permitiam um amplo leque de opções de ação. Obter a frenagem completa do veículo estava fora de cogitação. O acionamento dos freios, tão forte e bruscamente quanto necessário para evitar o obstáculo, provavelmente acarretaria a perda parcial do controle da motocicleta e, naquele momento, manter o controle da direção a seguir significaria a diferença entre a vida e a morte.

Assim, não restou alternativa que não a desaceleração gradual com a volta da manopla direita à posição original, aliviando o cabo que controlava a injeção eletrônica, e a pequena inclinação do conjunto moto-piloto para traçar um novo curso pela estrada, invadindo a mão contrária de direção, livre de outros veículos e também da barreira.

Quando já se encontrava a poucos metros daquela obstrução, Alexandre foi capaz de notar que se tratava de um animal, talvez um boi ou uma vaca.

O que lhe causou profunda estranheza, no entanto, foi a impressão de ter visto alguns pares de pequenas bolinhas brilhantes por trás da carcaça, como os olhos dos cães e gatos nas fotografias tiradas com ação do flash.



A sua alcateia tinha feito um bom trabalho. Eles conseguiram cercar a presa com bastante facilidade e, apesar de se tratar de um animal de grande porte e força descomunal, o abate do boi não durou o suficiente para propiciar a emoção da caçada. Os animais que serviam de alimento para aquele grupo de caçadores eram até bastante dóceis em razão da sua criação pelo homem. Extensas áreas de pastagem com um número infindo de cabeças de gado proporcionavam todo o alimento necessário, mas pouca diversão.

Ocupando a posição de alfa, o grande licantropo negro tinha o direito ao primeiro sangue e à preferência na divisão do produto da caçada. Já tendo abocanhado uma parte generosa do quarto traseiro e boa porção das vísceras bovinas, ele havia se afastado para dar passagem aos outros três membros da alcateia.

Enquanto os demais lobisomens iniciavam sua refeição, disputando entre si os melhores pedaços que restaram da presa abatida, o alfa, com sua aguçada audição lupina, ouviu o distante barulho do motor da motocicleta.

Ele sabia que, além da estrada próxima àquele local, nenhuma outra via cortava aquelas cercanias. Então, o desavisado viajante passaria exatamente no seu território de caça. Vez por outra, a alcateia arriscava atacar os agricultores que se aventuravam em suas pequenas motos de 125 cilindradas para se locomover entre os locais em que sua força de trabalho era necessária. Estes ataques não ocorriam com frequência, mas eram celebrados como um dia de festa.

Com um simples pensamento, o alfa transmitiu a ordem para reposicionar a carcaça e reiniciar a caçada.

— *Tragam o animal para cá! Coloquem-no na estrada e fiquem abaixados! Quando o humano parar o veículo, vou derrubá-lo.* — O licantropo virou seu focinho em direção à rodovia. — *Caso ele não esteja sozinho, não deixem que ninguém escape. Quando todos estiverem mortos, voltamos a arrastar as presas para o meio do pasto.*

Com o bloqueio da estrada posicionado, o líder lupino postou-se mais adiante no mesmo lado da via, permitindo-lhe melhor visão do alvo que se aproximava.

Nova ordem telepática: — *Não se mexam! Ele vem só. E é todo meu...*

Algo, porém, não estava saindo de acordo com os planos do alfa. O veículo vinha muito rápido e não dava sinais de que fosse parar. Ao que parecia, a rotina de caçadas monótonas seria encerrada naquela noite.

Quando a moto se posicionou dentro do seu raio de alcance, o licantropo tomou impulso nas patas traseiras e disparou na direção do veículo, dando um salto gigantesco em rota de colisão com o incauto motoqueiro.

Durante o pulo, entretanto, a fera negra percebeu que a moto vinha rápido demais, sem diminuir a velocidade como esperado, culminando com a súbita alteração de sua trajetória.

O monstro notou, tardiamente, que seu ataque restara frustrado. Mas, mesmo não logrando abalroar o veículo ou seu piloto, ele se contorceu, girando no ar, para tentar, pelo menos, cravar as garras ou as presas na sua vítima e, assim, derrubá-la.



Graças aos equipamentos de segurança que sempre usava (capacete de fibra de carbono, botas e luvas de pilotagem, bem como jaqueta de couro com reforços de kevlar), o motoqueiro passou com apenas um arranhão no ombro direito, onde a bocarra do lobisomem arrancara toda a estrutura de proteção daquele local.

Frustrado, o lupino berrou telepaticamente: — *NÃO FIQUEM PARADOS! PEGUEM ELE, SEUS MOLÓIDES!!!*

Toda a alcateia disparou atrás da motocicleta, mas a velocidade sobrenatural dos lobisomens não era páreo para o motor de 1.000 cilindradas.



Distraído com a manobra arriscada e os pequenos pontos brilhantes, Alexandre não percebeu a criatura colossal que disparou em sua direção, vendo, de relance, apenas uma imensa sombra negra.

Ao desviar da carcaça que bloqueava a pista, Alexandre sentiu um baque em sua lateral direita, seguida de intensa ardência em seu ombro. Algo o acertara no capacete e no ombro direito e quase o derrubara da moto. O barulho do corpo estranho de encontro ao capacete foi ensurdecedor.

O primeiro pensamento que ocorreu ao piloto foi que atingira um galho de árvore ou alguma ave noturna em pleno voo. Mas, ainda nesta hipótese, o tranco suportado quando da colisão lhe parecia exagerado.

Ao conseguir retornar a moto para sua correta mão de direção e reestabelecer o equilíbrio, Alexandre levou a mão ao ombro e assustou-se ao perceber que tocara em sua própria pele no lugar onde deveria estar a proteção de sua jaqueta.

Normalmente, ele pararia no acostamento para aferir o tamanho do estrago, mas a lembrança dos pontos brilhantes (seriam olhos, realmente?) e da sombra negra que avançou sobre a moto tocou em seus instintos primevos, fazendo com que

tornasse a aumentar a velocidade e olhasse, repetidamente, para o espelho retrovisor, apesar do insistente e imutável negrume da noite mal iluminada pela lua cheia.

O medo irracional que sentia não lhe permitiu parar antes que o indicador de combustível baixasse bastante da marcação de reserva. Abasteceu num posto à beira da estrada, sem descer da moto, e não parou mais até alcançar Londrina.

Quando finalmente entrou em casa, constatou que o capacete sofrera quatro grandes arranhões paralelos em sua lateral e a parte superior direita de sua jaqueta ficara em frangalhos. Como lembrança daquela viagem, além do equipamento avariado, restaram dois pequenos cortes no ombro que, longe de infeccionar, fecharam-se rapidamente deixando uma cicatriz de coloração clara, bastante visível e com relevo acentuado.



CAPÍTULO 4 – O NASCIMENTO

31/Mai/2004 (segunda-feira)
1º dia do ciclo da lua cheia



A O ACORDAR NAQUELA MANHÃ CHUVOSA, ALEXANDRE dirigiu-se ao banheiro, tropeçando nas caixas de papelão empilhadas no corredor e ainda não desempacotadas, sobras da mudança que ocorrera havia quase meio ano. Depois de aliviar a bexiga, ele se debruçou na pia e encarou, com um misto de surpresa e perplexidade, seu reflexo no espelho. Jogou água no rosto para se certificar de que estava bem acordado, mas sua imagem refletida não apresentava qualquer melhora. Esfregou a toalha sobre a superfície vítrea repetidas vezes e tornou a se olhar.

— Mas que porra é essa? — perguntou-se, arregalando os olhos.

Sua orelha esquerda amanheceu vermelha e inchada, obrigando-o a tirar cuidadosamente os brincos de prata. Fazendo um exame mais detido de seu corpo, constatou que a vermelhidão não se limitara à orelha, mas atingira também o

pescoço, os pulsos e os dedos. Em suma, todos os locais do corpo usados como suporte dos diversos penduricalhos de prata e ouro branco.

Ao realizar a tarefa de se despir dos brincos, colares, anéis e pulseiras, Alexandre notou que as pontas dos dedos que tocaram nestes adereços também adquiriram, repentinamente, a coloração avermelhada e o aspecto turgido.

— Mas que merda! — exclamou com voz estrídula.

Sentindo-se levemente quente, colocou a mão sobre a testa e não precisou utilizar o termômetro para perceber o estado febril em que se encontrava.

Perplexo, Alexandre repassou mentalmente o rol de sintomas associados ao choque anafilático. Apesar de ligeira taquicardia (certamente provocada pelo susto com o próprio aspecto) e da hipertermia, nenhum outro sintoma indicava o agravamento daquela inédita alergia, especialmente o preocupante trancamento das vias respiratórias. Ademais, em que pese estivessem doloridos e sensíveis ao toque, os locais afetados estranhamente não coçavam, um dos primeiros sinais de seus rotineiros problemas alérgicos.

Com alívio, ele notou, ainda, que somente o piercing de aço cirúrgico colocado na parte superior da orelha esquerda escapara daquela estranha e súbita sensibilidade epidérmica às joias.

O que o lobisomem ainda não transformado ignorava é que a prata passou a ser um veneno para seu organismo. Mesmo a menor quantidade do metal argênteo presente na composição do ouro branco já era suficiente para atacar seu organismo transmorfo.

Naquele momento, não lhe passou pela cabeça qualquer relação entre o ataque alérgico repentino e o incidente ocorrido na viagem de volta do casamento no começo do mês. Como não se sentia mal e não apresentava nenhum sintoma mais

grave, Alexandre deu de ombros e abandonou o banheiro em direção à cozinha para preparar um rápido café da manhã antes de sair para o trabalho.

Durante o decorrer daquele dia, os sinais da alergia desapareceram e foram substituídos por um profundo mau humor, uma vontade imotivada de agredir alguém ou alguma coisa. Conquanto trabalhasse numa modorrenta e enfadonha repartição pública, os simples aborrecimentos cotidianos daquele dia começaram a assumir uma grandeza inaudita, capaz de eliminar a lhanza plácida daquela alma antes pacífica.

Normalmente, passar o dia sentado em frente a um computador lendo artigos técnicos, redigindo petições ou folheando processos judiciais inúteis, ainda que por horas seguidas, não representava qualquer sacrifício. Contudo, naquele dia em especial, tais afazeres convertiam-se em suplício insuportável.

Antes de completar sua jornada de oito horas, Alexandre sentiu uma necessidade premente de sair daquele local, sob pena de sacrificar parte significativa de sua sanidade mental. Desligou o computador, pegou o capacete, alcançou sua moto e, sem respeitar os limites de velocidade, acelerou para casa. Dessa vez, todavia, a velocidade e o ronco do motor não tiveram o eficaz e conhecido efeito lenitivo.

Ao tentar acessar o estacionamento do prédio onde passou a morar, o motoqueiro notou que outro carro estava parado quase totalmente sobre a calçada, bem debaixo da placa de sinalização de trânsito indicando a proibição de parar e estacionar, e bloqueando parcialmente a entrada de sua garagem.

Já sem muita paciência sobrando, Alexandre acionou a buzina da motocicleta. Não obtendo qualquer resultado com o irritante rangido da buzina, torceu o cabo do acelerador, fazendo o motor de mil cilindradas berrar numa explosão de milhares de RPM's, produzindo um barulho estrepitoso que não podia ser facilmente ignorado.

Naquele instante, uma vetusta senhora saiu da portaria do prédio vizinho.

— Espere um pouquinho que já vou sair! Eu só estou esperando meu sobrinho — gritou a idosa, colocando as mãos na cintura.

Com o som da sua voz sendo parcialmente abafado pelo capacete, Alexandre respondeu em tom raivoso.

— Um pouquinho de cu é rola! Vai se foder, tia véia! Tira logo essa merda daí! — Com um esforço hercúleo, ele suprimiu a vontade de descer da moto e espancar a outra motorista.

A pressa de chegar a sua casa somou-se ao receio de ser atropelado por um carro. O estacionamento irregular o compelia a permanecer com a moto no meio da pista de rolamento. Sem esperar pela boa vontade da motorista — que ignorava as leis de trânsito e os mínimos princípios de civilidade —, Alexandre manobrou a motocicleta pelo reduzido espaço entre o carro e a entrada da garagem com relativo sucesso.

Considerando que a Lei de Newton não havia sido revogada, os dois corpos (moto e carro) não podiam ocupar o mesmo lugar no espaço, razão pela qual o local, onde antes estavam os maleáveis para-lama e para-choque do carro, passou a estar ocupado pelo rígido escapamento da motocicleta. Da manobra agressiva, restaram de lembrança alguns amassados no carro e os restos de tinta daquele veículo enfeitando o cano de descarga da moto.

Aberto o portão da garagem, Alexandre estacionou em sua respectiva vaga e voltava a caminho do elevador, ainda sentindo os batimentos cardíacos acelerados e os membros ligeiramente trêmulos pela adrenalina que o nervosismo injetara no seu organismo, quando ouviu o final de uma conversa que se desenrolava no lado externo do prédio.

— Esse IDIOTA não podia esperar um pouquinho? Olha o que ele fez no seu carro!! — bradava uma voz masculina.

Sabendo que a qualificação pejorativa era a ele dirigida, Alexandre sentiu assomar uma raiva ainda desconhecida, uma fúria irrefreável que tomou controle de suas pernas e o obrigou a conduzir seus passos na direção do ofensor.

Ao sair da garagem, Alexandre foi identificado pela idosa motorista.

— Foi esse moço aí que passou com a moto, Marcinho! — falou com rabugice, apontando o dedo acusatório para Alexandre.

— Você não tem respeito, não, palhaço? — ralhou Márcio, um jovem de aproximadamente vinte e cinco anos, alto, de compleição robusta e usando óculos.

Andando como se quisesse deixar suas pegadas marcadas no calçamento de concreto, Alexandre foi de encontro ao rapaz, trombando de frente e mantendo-se colado em franco desafio. Olhando para cima, pois Alexandre era quase dois palmos mais baixo que seu oponente, ele pôs para fora o ódio que sentia fervilhar em seu interior numa verborragia contínua.

— QUEM NÃO TEM RESPEITO É ESSA VELHA DESGRAÇADA DO CARALHO, SEU PAU-NO-CU! Ou você não enxerga que não pode parar essa bosta nesse lugar? Além de proibido parar aqui, está fechando a porra da garagem do prédio! Cê acha que eu tenho que ficar no meio da rua esperando a boa vontade dessa puta velha?

Seu corpo entrou no modo automático. Por mais que tentasse, Alexandre não controlava o ímpeto violento. Com o pouco controle que lhe restava, somente era possível evitar agredir fisicamente o sobrinho poltrão.

— Você não pode chamá-la assim... de velha — balbuciou Márcio, refletindo, em seus modos, o receio de ter se deparado com algum louco.

Alexandre, que já tinha raiva daquilo que considerava a “imbecil patrulha ideológica defensora da tese do politicamente correto”, ligou o botão “FODA-SE!” em seu cérebro.

— Velha, sim, caralho! Dá uma olhada naquela cara de maracujá de gaveta! E por que não posso chamar as coisas pelos seus nomes? Velha é adjetivo e não palavrão. Mas o problema dessa aí não é a idade, não. Ser velha é mera consequência de não ter morrido enquanto ainda tinha utilidade no mundo. Se é que já teve alguma!

Naquela hora, uma grande plateia já se juntava ao redor dos contendores, apreciando o espetáculo de impropérios e aguardando a fatídica luta corporal que parecia inevitavelmente se avizinhar. Alguns transeuntes arriscavam palpites sobre o resultado da briga.

Devido ao seu nervosismo, Alexandre gritava em altos brados ininterruptamente, acrescentando novos insultos, sem sequer fazer uma pequena pausa para engolir a saliva que se acumulava naturalmente em sua boca. Sem o intervalo necessário, sua agressiva oratória fazia com que, a cada nova palavra gritada na face de Márcio, uma gota de cuspe salpicasse os óculos e o rosto do perplexo e cada vez mais amedrontado rapaz.

— Essa capivara humana do caralho para em local proibido, me faz ficar no meio da rua correndo o risco de ser atropelado e você vem me xingar, seu bosta? — Nesse momento a idosa já partia com o carro, de olhar baixo e temendo o desfecho daquela alteração. — QUALÉ? Ela é uma filha da puta! Não gostou, xará? VAI TOMAR NO MEIO DO SEU CU! Tá bravinho, seu merda? Faz alguma coisa, então. Cai dentro!

O desafio não seria aceito. Márcio apenas procurava uma saída minimamente desonrosa daquela situação.

— É que você não pode xingar os outros... — ciciou o sobrinho que, a cada palavra, retrocedia um passo, buscando um refúgio que não encontrava, pois não se livrava do maluco motoqueiro que continuava avançando em sua direção, grudado e empurrando-o para trás.

— Posso, sim, seu idiota! Tanto posso que estou fazendo! E aí, não gostou? Então, faz alguma coisa, vai. Cê não vai fazer nada? Já vi tudo: além de um idiota, você é um CUZÃO! — cuspiu este último insulto no rosto de Márcio, literal e figurativamente.

Diante da inércia e da palidez do adversário, Alexandre conseguiu se acalmar o suficiente para perceber a cena grotesca que protagonizava no meio da rua. Sentindo um princípio de enxaqueca, o motoqueiro empurrou o rapaz com o ombro e voltou para seu prédio, desapontando os espectadores que aguardavam ansiosamente pelo embate físico e, com sorte, por um pouco de sangue.

Chegando ao seu apartamento, Alexandre encostou-se à porta que acabara de trancar, levou as mãos trêmulas ao rosto e pensou consigo mesmo: *Putá que o pariu! Por que estou agindo assim? O que está acontecendo comigo?* Embora sempre se aborrecesse com a estupidez alheia, ele nunca se portara de forma tão ostensivamente agressiva. Quase enfiara a mão na cara de um completo desconhecido. E por um motivo banal! Uma reles desavença de trânsito. A estultice característica dos demais motoristas nunca o afetara daquela forma.

Ele procurou se acalmar, forçando a supressão daquela agressividade, até que sentiu um novo aguilhoar da enxaqueca. Alexandre cambaleou até o quarto e se deitou para descansar um pouco. Apesar da lancinante dor de cabeça, conseguiu adormecer imediatamente.

Quando acordou, percebeu que o sol da tarde não mais iluminava o apartamento. Muitas horas tinham passado, mas a cefaleia não aliviara com a longa soneca. Antes, recrudesecera e se fazia acompanhar, agora, de intensa náusea. Ao se levantar, ele teve a impressão de que as paredes do seu quarto se fechavam. Foi

obrigado a se apoiar na cabeceira da cama para suportar o assalto da vertigem que viera se juntar aos demais sintomas. Dando conta de si, Alexandre percebeu que se encontrava banhado de um suor frio e com o coração disparado.

— Caralho, eu estou tendo um ataque de pânico! — traduziu involuntariamente em voz alta o próprio pensamento, num rápido e equivocado autodiagnóstico.

Sem conseguir estabelecer qualquer outra linha de ação, ele procurou a saída do apartamento. Alexandre só pensou que precisava sair dali. Necessitava desesperadamente sentir-se livre das paredes opressoras do seu lar, antes considerado acolhedor e aconchegante.

Arrastou-se até o pequeno hall social que dava para a porta da frente do apartamento e pressionou várias vezes o botão de chamada, como se a cada nova pressão pudesse encurtar o tempo para a chegada do elevador.

A sensação claustrofóbica aumentava exponencialmente e os segundos aguardando a porta do elevador se abrir pareciam se alongar em total descaso ao seu sofrimento. O suor frio já lhe empapava as costas da camiseta e as ondas de tontura não lhe permitiriam continuar em pé por muito tempo. O diagnóstico de ataque de pânico era a única resposta que lhe vinha à mente. Ele precisava chegar ao pronto-socorro do hospital ou teria um ataque cardíaco...

Sendo um prédio com apenas um apartamento por andar, o hall social só dava acesso à porta do elevador social, sem nenhum outro ponto de saída. As escadas de emergência eram alcançadas pela porta traseira, no mesmo local em que se encontrava o elevador de serviço. Alexandre não se sentia capaz de contornar o apartamento para buscar a outra saída. Tendo optado pela porta da frente, só lhe restava aguardar pelo bendito elevador, enfrentando esse último obstáculo.

Quando, enfim, a porta metálica se abriu, ele invadiu o compartimento esbarrando em Eulálio, o porteiro do turno da noite. Já quase sem forças, Alexandre ouviu a porta se fechando e se virou para pressionar o botão do térreo.

Para sua surpresa, Eulálio havia acionado os botões de todos os andares, com o escopo de entregar as correspondências dos demais moradores. Malgrado fosse seguidamente advertido para não fazê-lo, o porteiro abandonava sua guarita perto da meia-noite para um passeio noturno sob a justificativa de pôr as cartas sob as portas dos apartamentos. Como brinde, conseguia se afastar de suas funções e interditar o elevador social por quase quinze minutos.

Alexandre encarou incrédulo o quadro com os números iluminados com um pequeno ponto vermelho, com exceção do décimo terceiro andar (de onde acabara de embarcar) e dos dois andares superiores que já tinham sido visitados por Eulálio. Ele não sairia daquele cubículo tão rápido quanto esperava.

O desapontamento se transformou em derrota resignada, tirando-lhe o que restava de forças nas pernas. Ao cair prostrado de encontro à porta do elevador, Alexandre percebeu a escuridão toldar sua visão, dos cantos para o centro.

— O senhor está bem, seu Alexandre? — Ele ouviu a voz pastosa do porteiro cada vez mais distante.

Caído no chão do elevador, Alexandre sentiu a própria consciência ser arrastada para o fundo da mente, com o frio e as trevas da noite preenchendo o lugar da sua alma. Iniciava-se, pela primeira vez, a transformação.



Eulálio, ao ver o morador do 1301 desmaiar dentro do elevador, agachou-se e perguntou-lhe se passava bem. Um mero gesto mecânico, sem demonstrar efetivo interesse ou preocupação, porque aquele condômino era um chato metido chamado Alexandre, que se mudara há poucos meses e com quem já tivera algumas discussões. O porteiro já trabalhava no edifício há vários anos e o novo morador falava em bobagens de convenção de condomínio e regimento interno, mas não

entendia que essa antiguidade no local conferia a Eulálio alguns direitos como, por exemplo, emprestar a garagem que achasse que não estava sendo utilizada.

— O senhor está bem, seu Alexandre?

Como resposta, o porteiro recebeu apenas um grunhido ininteligível e afastou-se assustado para a parede traseira do aparelho ascensor. No espaço de tempo em que o aparelho descia entre os andares do edifício, uma estranha e terrível mutação ocorreu diante de seus olhos incrédulos.

Os membros do homem desacordado começaram a se esticar, rasgando o tecido da roupa que usava. Suas pernas torceram-se em uma posição antinatural, com o som angustiante de ossos partindo. Os cabelos compridos — inadequados para um homem, segundo o pensamento conservador de Eulálio — alongaram-se em uma verdadeira e desgrenhada juba leonina, sendo acompanhados pelo crescimento dos demais pelos corporais que formaram um manto de pelugem castanha e se mostravam visíveis por entre os farrapos que se tornara a roupa de Alexandre.

A paralisia que acometeu o porteiro encerrou-se com o mero vislumbre da pavorosa máscara animalesca que se encontrava no lugar onde deveria estar o rosto do morador do 1301. Um grito de horror morreu em sua garganta. Nenhum som lhe escapava, como se suas cordas vocais e o ar dos seus pulmões tivessem se tornado reféns do medo primordial inerente à espécie humana.

Mudo e desesperado, Eulálio tentou sair do elevador, mas o corpo da criatura obstruía-lhe a passagem. Não sendo suficientemente assustadora a situação em que se encontrava, o monstro começara a se mexer e, num paroxismo instintivo, o porteiro passara a desferir inúteis chutes contra aquele animal que povoaria os seus pesadelos pelo resto da vida. Se ele tivesse vida depois daquela noite...



Ao acordar pela primeira vez, o lobisomem foi sobrecarregado não somente pelas inúmeras informações percebidas pelos seus sentidos sobrenaturais, mas também pelos golpes recebidos pelo frágil espécime bípede que se encontrava naquela jaula diminuta. Todo seu corpo latejava de dor e ele ainda tinha de suportar o castigo corporal desferido pelo ser desconhecido a quem o recém-nascido nada fizera. “Quem era aquela figura?” e “Por que o atacava?” eram as únicas questões que passavam pela mente bestial que há pouco despertara.

Poucos segundos, entretanto, bastaram para que os impulsos atávicos tomassem as rédeas de seu corpo bestial. Uma fome avassaladora e o instinto de sobrevivência determinaram as ações do licantropo recém-transformado. Quando notou a aproximação da perna preparada para acertar-lhe mais um chute, o lobisomem abocanhou a parte inferior do membro, mas não conseguiu mantê-lo preso entre o maxilar e a mandíbula, tendo tão somente rasgado a pele e partido o tendão calcâneo.

Sem o suporte do tendão de Aquiles, Eulálio caiu ao tentar se apoiar sobre a perna atacada, ficando ainda mais próximo do transmorfo. O gosto de sangue fez aumentar a voracidade do monstro que usou as afiadas garras dianteiras para abrir diversos talhos nos membros inferiores da vítima.

Ao sentir suas pernas sendo fatiadas, o porteiro reencontrou sua voz e, com a força que somente a proximidade da morte é capaz de fornecer, ele tentou emitir um grito desesperado. Naquele instante, a fera já atacava a região abdominal da presa, fazendo-o engasgar com o próprio sangue que lhe subia pelo esôfago, afogando, a um só tempo, o homem e seu grito.

Sem encontrar qualquer resistência, o lobisomem deu sequência ao ritual macabro de devorar sua primeira refeição, refestelando-se com as entranhas da presa ainda viva, enquanto o elevador terminava seu lento trajeto descendente. Enlouquecido pela fome e pelo sabor da iguaria desconhecida, a criatura lambia

com sofreguidão até a menor porção do líquido escarlate que sarapintava o soalho liso do elevador.

Quando finalmente chegou ao andar térreo, não havia o menor sinal da existência do porteiro e o licantropo ganhou as ruas quase desertas da cidade.

Enquanto seguia o cheiro da vegetação que o instinto lhe indicava como lar, o lobisomem era iluminado pelas luzes artificiais dos postes elétricos e por um enorme disco prateado que passeava pelo céu noturno.



a cria da lua ,
Uma Sombra



busca

Encerrar

CAPÍTULO 5 – A DECISÃO

29/Jul/2015 (quarta-feira)
2º dia do ciclo da lua cheia



N A MANHÃ DAQUELE CLARO DIA DE INVERNO, Alexandre encontra-se sentado em sua sala de trabalho (que algumas pessoas pomposamente chamavam de gabinete) de frente a um computador com duas telas e duas pilhas de processos judiciais, uma grande torre de folhas amareladas pelo tempo à direita (processos ainda não analisados) e um pequeno montículo de poucos volumes à esquerda (processos já vistos e peticionados). Ele suspira longamente. O cheiro pinicante de papel embolorado passeia por suas narinas e o faz espirrar.

Alexandre Scavarelli faz parte, nas palavras de Lima Barreto, desse povilêu rebarbativo do foro, juízes, advogados, escrivães, que parecem ter contraído todas as misérias que lhe passam pelas mãos e pelos olhos. Não é um trabalho agradável, mas alguém precisa fazê-lo. Se a raça humana fosse essencialmente boa e agisse de maneira razoável, os problemas seriam resolvidos espontaneamente, sem a necessidade da intervenção de uma força externa superior. Assim, temos inesgotáveis vagas de empregos lucrativos para quem se dispõe a lidar com este

lado obscuro da miséria humana, pois nenhuma boa notícia é extraída de um processo judicial. É neste momento crítico do embate judicial que todas as mazelas, vícios e defeitos do indivíduo são trazidos à luz e manipulados, como ferramentas de trabalho, pela casta dos advogados.

Normalmente, já é difícil manter a concentração nas tarefas profissionais enclausurado numa sala fechada durante um bonito dia de sol, mas a situação se agrava exponencialmente pela aproximação da lua cheia. Graças às sucessivas transformações ocorridas ao longo da última década, Alexandre nem precisa mais de um calendário para acompanhar a mudança dos ciclos lunares. Com o aumento da circunferência lunar, era como se o lobisomem começasse a emergir de dentro de seu cérebro, tomando-lhe temporariamente seu lugar, para voltar a submergir em direção aos recônditos mais profundos da sua psique com a troca da fase lunar.

Enquanto executa mecanicamente seu trabalho de Sísifo (ler as últimas páginas dos autos judiciais / redigir uma manifestação pertinente / imprimir / assinar / mudar o processo de pilha / recomendar idêntico procedimento, e recomendar, e recomendar, e recomendar) sua mente divaga para as necessidades de seu alter-ego lupino.

A noite anterior foi a primeira transformação desta fase lunar. A cada ciclo de aproximadamente 29,5 dias, denominado lunação, o globo prateado passa pelas fases crescente, cheia, minguante e nova. Uma face da Lua está sempre iluminada pelo Sol, mas, devido à sua órbita, não se encontra sempre visível para o observador terrestre, dando causa às classificações das fases lunares. Assim, quando a porção iluminada não é vista da Terra, temos a lua nova e, duas semanas depois, quando cem por cento de todo o disco visível do satélite é iluminado pelo Sol e refletido na Terra numa resplandecente beleza prateada, testemunhamos o fenômeno da lua cheia.

Os astrônomos definem a fase da Lua em termos de número de dias decorridos desde a lua nova e em termos de fração iluminada da face visível. A classificação

das fases lunares para a espécie licantrópica, contudo, segue uma regra própria. Durante as sete noites de maior porção visível da área iluminada da Lua, considera-se como lua cheia, pois nessas ocasiões ocorrem, com relativa diferença, a transformação arcana.

Na primeira e na última noites desta fase, a metamorfose (que pode ser evitada), em regra, tem início à meia-noite. Quando sobrevêm a segunda e penúltima noites, a transfiguração lupina acontece por volta das 22h00 e somente pode ser retardada por pouquíssimo tempo, não chegando a completar uma hora inteira. Já na terceira e quinta noites da lua cheia, a mudança bestial aflora em torno das 20h00 e o alter-ego humano não consegue controlar ou atrasar a mutação. E, por fim, na quarta noite do ciclo, temos a lua cheia por excelência, o verdadeiro e completo plenilúnio quando se apresenta o apogeu da luminosidade lunar. Com o alinhamento dos astros, no momento em que desce, o Sol é substituído pelo círculo prateado da Lua. Nestas noites da lua cheia plena, o lobisomem surge, irrefreável, tão logo o astro-rei desapareça no horizonte.

Embora tenha aprendido os meios para protelar o momento da transformação no início e no final do ciclo da lua cheia, Alexandre não se utiliza com frequência deste recurso pois, além de se sentir aliviado com as andanças do licantropo, ele percebe que sua contraparte lupina não aprecia a adoção de tais artifícios.

Na noite passada, ele não teve escolha. Compromissos profissionais inadiáveis o impediram de alcançar os ermos do território de caça da fera e o compeliram a lançar mão do acônito tardiamente, na tentativa de retardar um pouco a transmutação. Mesmo não obtendo qualquer resultado prático — pois o lobisomem assomou em pleno centro da cidade —, Alexandre podia sentir o desgosto do monstro pela mera intenção de encurtar um breve período de sua vida noturna.

Não obstante tenha vivido os últimos onze anos compartilhando algumas de suas memórias e experiências com o lobisomem, Alexandre não consegue associar a criatura a uma parte de si. Em seu íntimo, havia uma total dissociação entre os

atos do humano e da fera. Talvez esta fosse a razão pela qual se sentia tão bem com as metamorfoses. Na sua forma lupina, ele podia dar plena liberdade às atitudes que o homem não achava por bem realizar.

Destarte, pouco do que a criatura fazia era visto e lembrado pelo ser humano, e as partes que lhe chegavam à consciência equiparavam-se às ações de um avatar digital num jogo de videogame, como se estivesse de passageiro num sonho que não lhe pertencia, sem os limites de quaisquer amarras de ordem moral e sem o peso da culpa pelos atos que eram praticados. Uma perfeita válvula de escape.

Ainda que não desse muito valor à vida das vítimas ceifadas na lua cheia, o humano não extraía delas qualquer prazer direto, mas aproveitava o deleite indescritível de participar das sanguinárias aventuras lupinas. Esses momentos de regozijo e de encontro com sua natureza animal funcionavam melhor que qualquer terapia já desenvolvida nos consultórios da medicina e da psicologia.

Novo suspiro. Depois de quase três horas de trabalho o tamanho das pilhas permanecera praticamente inalterado.

Não adianta — ele pensa com seus botões. Hoje o trabalho não vai render nada. É melhor me preparar para a noite.

Alexandre sai para buscar os equipamentos de corrida noturna, a desculpa utilizada pela sua ausência reiterada nas noites de lua cheia.



Novamente o lobisomem desperta, mas, desta vez, a escuridão da noite é amenizada apenas pela abóbada celeste iluminada pela luz das estrelas e pelo brilho argênteo que escapa por trás de um aglomerado de nuvens.

A criatura sente o cheiro da relva e a maciez da terra sob suas patas. É um cenário muito mais acolhedor que o encontrado na última noite, quando despertou

no meio da confusão das construções humanas.

As dores da transformação, embora ainda bastante intensas, desaparecem mais rapidamente desta vez. A vertigem não lhe tolhe os movimentos, nem tampouco sente o estômago entulhado do mato por vezes ingerido por sua contraparte. E, principalmente, não sente o toque apimentado das flores que significam, simultaneamente, diminuição de seu período desperto, mal-estar e letargia persistente no decorrer da noite e diminuição significativa de seus sentidos lupinos.

Sem demora, a fome de alimento e adrenalina toma o controle do lobisomem. *Hora da diversão!* — ele pensa, rilhando os dentes e antecipando as emoções da caçada noturna.

O licantropo pode até sentir na língua o sabor da carne fresca que o aguarda. Ele imagina que, provavelmente, o humano espera uma singela e tranquila busca de alimentos, especialmente depois dos contratempos urbanos da noite passada.

— *Até parece!* — escarnece para a outra mente temporariamente enterrada sob sua pelagem. A briosa criatura, que tem dificuldade de curvar a cerviz para o alfa da alcateia, não se sujeitará ao reles desejo ou expectativa do comedor de alface.

Ao inspirar profundamente, o faro do licantropo não capta nenhum odor característico das presas, somente o cheiro acre de sua própria urina, utilizada para demarcar os limites de seu território de caça. O lobisomem está distante de tudo e de todos, mas se compraz com tal isolamento, porque, além de saciar a fome, também precisa esticar as pernas.

Deste modo, na noite fria de julho, um vulto escuro cruza os prados e pastagens próximos ao Ribeirão 3 Bocas. Para um animal tão grande e pesado, não parece fisicamente possível o deslocamento rápido e silencioso do lobisomem. Suas patas parecem escolher o local correto para alavancarem a poderosa figura bestial, sem provocar outro som além do pequeno baque abafado da pisada, evitando folhas secas, gravetos ou qualquer outro material quejando que denunciaria, pelo barulho,

a localização e a aproximação do caçador caliginoso. Por onde passa, sua aura negra faz calar os sons da vida noturna.

A fera licantrópica sabe que os animais nunca se encontram muito longe da água, razão pela qual vai margeando o curso do ribeirão na direção contrária à sua correnteza.

A primeira possibilidade que se apresenta para solucionar o problema da fome lupina é um pequeno galinheiro construído ao lado de um barracão agora vazio.

As penosas adormecidas sobre seus berços de palha ignoram o perigo e a presença do predador sobrenatural. Todavia, os frágeis galináceos não representam um desafio à altura da sede de aventura do lobisomem. Com um esgar, como um princípio de sorriso debochado desenhando-se na bocarra, ele se aproxima dos lares feitos de palha e solta uma breve e quente baforada. Feita a traquinagem, o caçador retoma seu caminho, ainda ouvindo, ao longe, os cacarejos desesperados e o ruflar das asas desfazendo os ninhos.

Não demora muito e o olfato aguçado do licantropo percebe a presença de um rebanho de carneiros protegido por uma baixa cerca de madeira.

Embora aprecie o sabor adocicado da carne ovina, os pequenos animais lanígeros, seja um cordeiro, um borrego ou um carneiro, também não representam qualquer dificuldade para as habilidades de caça da besta metamórfica. Assim, ele ignora o repasto representado pelo pacato rebanho, emitindo apenas um curto sopro de ar quente, acompanhado de um baixo e grave rosnado, para assustar os animais que estavam adormecidos. Basta este pequeno gesto para despertar o rebanho e fazê-lo se deslocar rapidamente para o lado contrário de onde partira o rosnado. A força dada pelo pavor instintivo supera a débil cerca de madeira, permitindo aos integrantes do rebanho ovino se dispersarem no vasto descampado adjacente.

Mesmo não sendo a refeição escolhida, satisfaz ao humor peculiar do lobisomem disseminar o terror de sua presença. *Nada como ser o filho da noite*

mais perigoso por estas bandas... — é o pensamento que cruza sua mente enquanto volta a correr.

Vinte minutos depois de causar o alvoroço dos carneiros, o caçador profano identifica a presa ideal: uma manada de búfalos.

Conquanto não seja tão comum como a criação de bois, alguns pecuaristas ainda investem na criação bubalina. O búfalo doméstico não tem a agressividade equiparável ao do bisão, também chamado de búfalo americano, mas seus grandes chifres de pontas aguçadas, seu tamanho descomunal e a força prodigiosa, associados ao desespero do animal encurralado por um predador, satisfazem os critérios para representar, a um só tempo, o exercício e o alimento buscados pela fera.

Só quem já trabalhou com a lida de gado sabe o perigo e a dificuldade da tarefa a que a criatura se impôs. Ademais, os animais que andam em manadas têm a tendência de não abandonar seus pares sem luta. Mais de um leão já se viu em maus lençóis pelo companheirismo manifestado pelos pesados ruminantes.

Destarte, o lobisomem mantém distância da manada adormecida, rondando lentamente o estábulo erguido com vigas de alvenaria e divisórias de metal em que o grupo das presas se encontra, escolhendo sem pressa o alvo a ser abatido enquanto sua respiração acelerada volta ao normal. Quando os longos haustos são substituídos por uma imperceptível e regular respiração, o caçador se considera preparado para iniciar o ataque. Um grande macho é a vítima escolhida pelo licanthropo, mais pelo desafio insano que pela necessidade da carne abundante.

Os instintos lupinos, em geral, direcionam a escolha para a presa mais frágil e mais fácil de ser abatida. Esta noite, porém, a índole temperamental do lobisomem demanda a emoção do árduo desafio.

O primeiro passo é fazer a manada debandar do estábulo para depois apartar a presa do restante do bando. Num espaço fechado como aquele, a possibilidade de

ser pisoteado por um tropel de cascos é imensa.

Duas portas enferrujadas na direção norte-sul, atadas por uma fina corrente e cadeados, são as únicas coisas que impedem a saída dos animais. O lobisomem se esgueira até uma das portas e se prepara para iniciar a caçada.

Nesta hora, os grandes olhos castanhos adquirem o brilho avermelhado, indicando que o monstro atingiu seu conhecido modo de fúria, equiparável ao *berserker* da mitologia nórdica. O licantropo emite um poderoso urro enquanto desloca seu corpanzil de encontro à porta metálica que é arrancada das dobradiças pela força do choque, emitindo um clangor como de um enorme sino dobrando. Essa era a parte fácil, pois, diferente da caça escolhida, a porta não revida o ataque.

Ao se colocar em pé, o lobisomem libera os membros dianteiros para gadanhar o couro dos búfalos que se encontram ao alcance das garras afiadas. Um novo rugido gutural do monstro libera o frenesi na manada. A porta traseira não suporta a pressão repentina exercida pela força dos animais assustados e se abre com estrépito, permitindo a fuga dos búfalos em disparada.

Com o estouro da manada, o lobisomem inicia a perseguição ao animal escolhido. Durante o percurso, ele ignora os demais bubalinos, afastando-os com o bater dos dentes brancos e afiados. Não se pode culpar um animal por tentar escapar do alcance daquela bocarra sinistra. O búfalo visado vai correndo à frente de um grupo que, graças às diversas investidas do licantropo, vai se tornando cada vez menor.

Na corrida desenfreada, o caçador lupino consegue evitar a perfuração dos chifres, mas não logra escapar de duas pisadas dos animais em fuga. Mesmo mancando ligeiramente com uma das patas traseiras, a fera mantém o ritmo da perseguição enquanto sua recuperação sobrenatural refaz as tiras de músculos rompidos.

Ao ter unicamente o grande búfalo correndo à sua frente, totalmente alijado da manada que já ficara para trás, o caçador impenitente sabe que chegara a hora do abate. Ele visa as veias sob a pelagem e tenta abocanhar a lateral do grosso pescoço bubalino enquanto corre paralelamente à presa, mas os chifres mantidos em constante movimento pendular impedem a necessária aproximação.

O lobisomem, nessa hora, muda de tática, mantendo-se bem atrás da presa que se move desabaladamente em linha reta. Depois que consegue acertar seu passo com o do búfalo, ele acelera sua corrida e dá um longo salto aterrissando no dorso peludo de sua presa. Afiadas garras, negras como obsidiana, cravam-se nas costas do animal e o caçador volta a direcionar suas presas para o pescoço do búfalo.

Ao sentir a primeira dentada arrancar um naco de carne, o bovino estaca subitamente e começa a escoicear com a fúria enlouquecida de um torturado animal de rodeio. Este movimento espasmódico só aumenta o flagelo do animal, pois, para manter-se sobre sua vítima, as garras lupinas, que abrem fendas sangrentas ao escapar do couro bubalino, logo procuram novos locais para fincar profundamente suas lâminas naturais.

Neste ínterim, enquanto se mantém precariamente agarrado ao dorso musculoso, o licantropo mastiga o pescoço do búfalo, rasgando sua carne e dilacerando músculos e tendões.

Com a perda massiva do sangue que escapa aos borbotões pelos diversos ferimentos, o búfalo começa a deixar de oferecer resistência até que suas patas cedem ao seu próprio peso, deixando-o completamente prostrado à mercê do transmorfo.

Excitado e alucinado pela emoção da caçada, o lobisomem não permite sequer uma pausa à presa recém-abatida e dilacera seu ventre com furor, expondo a macia carne dos órgãos internos. Alguns membros do rebanho ensaiam uma aproximação hesitante, mas a mera visão das duas gemas escarlates sobre a ruína de carne e o

odor inconfundível do sangue fresco faz com que desistam da ideia. Nem a palha, a madeira ou tampouco os tijolos podem proteger os animais da gana licantrópica.

Após terminar sua refeição sem ser incomodado, o lobisomem volta seus pensamentos ao despertar da noite anterior. Hoje, seu estômago está livre da asquerosa vegetação chamada equivocadamente de comida, vez ou outra ingerida pelo humano e, principalmente, das ardidas pétalas entorpecentes.

Contudo, ao invés de se sentir agradecida, a fera sente a revolta borbulhar em seu coração, lembrando-se com amargura das limitações da sua condição.

Ainda que seja o mais forte dos dois — e divida o mesmo corpo, bem como boa parte das lembranças do humano —, o licantropo é forçado a uma posição submissa, tendo sua existência, já restrita às noites de lua cheia, ainda mais encurtada ao alvedrio das conveniências e vontades de seu alter-ego.

Somente nas noites de lua cheia, o lobisomem é livre para desfrutar sua vida e, ainda assim, tem de se sujeitar às eventuais trapaças de sua contraparte, como ocorreu na noite passada. O desprezível e insidioso humano tentou roubar-lhe algumas horas com suas beberagens picantes.

— *Maldito!* — cospe a impreciação banhada em raiva.

Não bastasse isso, como última injúria, o lobisomem também mantém gravada em sua memória, com profundo ressentimento, a ideia fixa que, num passado não tão distante, perseguiu o seu lado frágil e patético: *Seria possível me livrar do lobisomem?*

A criatura nunca conseguiu aceitar tal deslealdade. Perfídia! TRAIÇÃO!!! Como o bípede poderia sequer cogitar sua extinção? Não era coincidência que tal pensamento hipócrita se insinuara no exato momento em que Alexandre encontrou uma fêmea para acasalar. E o licantropo não podia admitir tal aleivosia.

Para o monstro, o episódio da noite passada foi a gota d'água que transbordou o copo. Estava na hora de pôr fim àquela vida diminuída. Era ele ou o outro. Aquela existência compartilhada e dividida não era grande o suficiente para os dois.

Conquanto contrariasse as ordens do alfa de sua alcateia, ele tentaria localizar o ancião exilado que guardava o segredo para encerrar seu infortúnio. Mas como transpor a distância que o separa do único lobisomem que pode lhe revelar a forma de se libertar das amarras da sua maldição?



Quando

azul

perene



Encerrará

enterrado

CAPÍTULO 6 – O CONVITE

10/Mar/2006 (sexta-feira)

Quarto crescente



DEPOIS DE RODAR POR TODAS AS PEQUENAS LOJAS especializadas em artigos de motocicleta da cidade de Londrina, Alexandre decidiu retornar à sua cidade natal para adquirir um novo capacete em substituição àquele marcado com os riscos laterais durante a viagem de volta de Douradina. Quando recebeu suas marcas de guerra, o casco era novo em folha. Porém, como não se percebia qualquer sinal de dano estrutural interno, o motoqueiro optou por aguardar o vencimento do seu prazo de validade. Um novo capacete era sempre um grande investimento e, afinal, dois anos para trocá-lo não parecia um tempo muito grande.

Não fosse suficiente o interesse de se poupar de novo dispêndio monetário para reposição daquela peça, Alexandre não queria realizar viagens longas, afastando-se do território conhecido de sua cidade, porque ainda se adaptava à situação de não poder dispor das noites de lua cheia.

Por tal razão, depois de quase dois anos da nova vida compartilhada com o lobisomem, Alexandre decidiu embarcar para São Paulo/SP. Aproveitando que

estaria na Capital, decidiu fazer uma visita a um velho amigo. Pegou o celular e digitou alguns números no teclado.

— Fala, xará! Beleza? — saudou com entusiasmo sincero.

— Ô, sumido! Onde cê tá? — José Raimundo indagou alegremente.

— Ainda estou em Londrina, mas vou dar uma passada em São Paulo. — Alexandre pegou o capacete e correu o dedo seguindo a linha das marcas riscadas na superfície lisa. — Você vai estar por aí no final de semana?

— Claro, né — José Raimundo respondeu sem titubear. — Com o baixinho ainda tão pequeno, nem dá para pensar em viajar.

O amigo não pôde deixar de reparar a alegria e o orgulho impressos indelevelmente na voz de José Raimundo ao falar do filho recém-nascido. Uma criança era sempre motivo de regozijo para os pais, parentes e amigos. Alexandre sentiu uma pequena dose de inveja, pois ainda não pudera experimentar as emoções singulares da paternidade.

— Então, Zé — retomou o diálogo, tentando solapar o sentimento mesquinho —, estou pensando em dar um pulinho aí na Praia Grande.

— Opa! Venha, sim — proferiu com evidente animação. — Pra você, meu barraco tá sempre com as portas abertas. Quando chegar aqui na baixada, dê um toque e a gente marca de se ver.

— Ok — anuiu, voltando à animação anterior. — A gente se fala depois, então. Um abraço... por trás — emendou, jocoso.

— Vai se foder, maluco! — Depois de algumas risadas cristalinas, José Raimundo conseguiu se despedir. — Abraço pra você também, meu amigo, mas sem baitolice.

Assim, naquela sexta-feira, Alexandre trafegava, sob as águas de março, pela Rodovia Castelo Branco, uma das vias de acesso à terra da garoa, a tumultuada metrópole paulistana. De longe, era possível perceber a mudança da coloração do céu sobre a cidade, uma capa impura e contaminada de uma atmosfera cinzenta que recobria aquela aglomeração urbana.

A primeira lua cheia daquele ciclo seria na noite seguinte (aquela era a última noite em que a lua ainda estaria em seu quarto crescente), logo, Alexandre teria tempo mais que suficiente para comprar o capacete, descer a serra, dar um abraço no amigo e retornar para Londrina. Voltar para liberar o licantropo em território seguro. De fato, ele esperava regressar ainda pela manhã do dia seguinte. Não seria a primeira vez que faria uma viagem de bate e volta para uma cidade distante. Em dada ocasião, já percorrera mais de mil e trezentos quilômetros num único dia. Fazer aquela quilometragem em duas etapas seria sopa no mel.

Na altura do município de Barueri/SP, quando faltava vinte milhas para chegar à famosa Marginal do Tietê (aproximadamente trinta e dois quilômetros), Alexandre encarou uma infinda procissão com diversas filas de carros parados. Todas as pistas da rodovia encontravam-se entupidas de veículos. Um mar de carros de passeio, ônibus e caminhões, com tamanhos e cores variados; e todos expelindo uma fumaça densa e poluidora por seus escapamentos. Mesmo tendo se mudado de São Paulo havia poucos anos, ele não deixava de se surpreender com a capacidade de piora do trânsito paulistano.

Na verdade, fora o confuso, sufocante, gigantesco e costumeiro engarrafamento da capital paulista que o levara à decisão de comprar sua primeira motocicleta. Só assim conseguia se locomover pela cidade para cumprir com seus compromissos. E depois de conhecer a emoção da pilotagem, ele perseverou na utilização da moto. Mesmo depois de se mudar para a tranquilidade do Paraná, Alexandre não conseguiu se libertar do vício de duas rodas. Poucos conseguem. Antes de ser agraciado com a liberdade proporcionada pelo lobisomem, andar de moto era o único *hobby* que o impedia de enlouquecer com a vida caótica que levava na

Capital. Trabalho e estudos sem fim. Sacrifício comum dos pretendentes à aprovação em concursos públicos.

Trafegando pelo corredor, o perigoso espaço entre os carros que se encontram em pistas diferentes, Alexandre seguia uma fila indiana de pequenas motocicletas e, mesmo por dentro do capacete, sentia a poluição do ar se agarrar à sua garganta, tentando sufocá-lo, enquanto a babel de buzinas e a balbúrdia dos inúmeros canos de descarga agrediam seus ouvidos. Ao abrir a viseira do capacete, ele sentiu em seus olhos o pinicar das partículas de poeira em suspensão, fazendo-os marejar numa ardência pungente.

A nostalgia que sentiu ao vislumbrar, à distância, o relevo de prédios da cidade natal se esvaiu instantaneamente e foi substituída pela urgência de retornar ao sossego do “interior”, modo pelo qual os paulistanos definiam tudo que não estivesse dentro dos limites da região contígua do ABCD (Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Diadema^[2]).

Com sua parca bagagem acomodada sobre a moto, mais precisamente, uma mochila e um alforje, Alexandre se dirigiu para a Rua General Osório, localizada no centro da cidade. Um pequeno trecho daquela rua, com aproximadamente 300 metros de extensão, delimitado entre a Avenida Rio Branco e a Rua do Triunfo, bem como os arredores lindeiros, era composto quase que exclusivamente de lojas voltadas ao público fanático por duas rodas. Desde as simples lojas que abastecem o mercado de peças das pequenas motocicletas dos motoboys, apelidados não tão carinhosamente de “cachorro-louco” pela audácia das suas manobras entre os carros, às caras butiques que comercializam os supérfluos acessórios das grandes motos estilo *Fat Boy*, pilotadas por pitorescos senhores de idade (e circunferência abdominal) avançada, passando também pelos estabelecimentos mistos e os destinados à motovelocidade e ao motocross.

Como ocorre, geralmente, em qualquer lugar na cidade de São Paulo, e nos bairros centrais em especial, as ruas estavam abarrotadas de veículos e as calçadas

pululavam de pessoas apressadas. Uma paródia de um formigueiro humano, pois, nestes locais, ao contrário dos metódicos artrópodes, a desordem é a norma vigente. O comportamento daqueles indivíduos aproxima o gênero humano do estado de barbárie. Quem quiser experimentar a sensação de se encontrar no meio de uma vila medieval invadida por vikings, pode visitar a Rua 25 de Março na semana que antecede o Natal.

Após deixar a moto numa garagem particular (pois nem nos locais proibidos se encontrava uma vaga de estacionamento nas ruas do centro de São Paulo), Alexandre andou a esmo, examinando as vitrines em que estavam expostos os capacetes. Acabou parando em frente a uma loja que exibia um modelo idêntico ao que ele já possuía. Sendo uma pessoa de hábitos arraigados (para alguns detratores, seu comportamento metódico e ordeiro beirava o TOC – Transtorno Obsessivo Compulsivo), Alexandre resistia às mudanças desnecessárias, motivo pelo qual entrou no estabelecimento e pediu ao vendedor um capacete de tamanho, cor e modelo idênticos daquele que já carregava nas mãos, uma réplica que se distinguia apenas pelo renovado prazo de validade.

O vendedor esboçou um sorriso forçado e se retirou para o estoque localizado nos fundos da loja. Enquanto aguardava no balcão, Alexandre se distraía examinando as outras peças do mostruário quando experimentou uma sensação até então desconhecida. Por mais estranho que soasse, ele sentiu que estava sendo observado. Com um misto de incredulidade e desconfiança, olhou por cima do ombro e notou que um dos clientes, debruçado sobre outro balcão, encarava-o insistentemente com um sorriso malicioso estampado nos lábios.

O ignoto observador era um rapaz com seus vinte e poucos anos, de baixa estatura, muito magro e com olhos excessivamente próximos. Por baixo de um boné sujo, escapavam cabelos compridos e desgrehados brilhando de oleosidade. Ele trajava uma calça jeans rasgada e o característico colete preto dos motoclubes sobre uma surrada jaqueta de couro que já conhecera dias melhores, provavelmente

no passado longínquo em que ainda se encontrava de acordo com os padrões da moda.

Desconsiderando a presença do estranho, Alexandre continuou a examinar os artigos expostos nas prateleiras à sua frente, embora continuasse a sentir como se uma mão invisível estivesse sobre sua nuca. Sem saber explicar por que, associou aquela peculiar sensação à observação atenta de que sabia ser alvo. Passados alguns segundos, sentiu um repentino aumento daquele incômodo e, ao olhar para o lado, pôde perceber a estranha figura que se aproximara.

— Hehe. E aí, meu chapa? Firmeza? — As palavras vinham de uma boca com os dentes amarelos expostos num sorriso imóvel e eram acompanhadas por um hálito que trazia um familiar odor de álcool e podridão.

— Até agora, tudo certo — respondeu evasivamente, sem olhar nos olhos do magricela atrevido, procurando demonstrar de forma sutil sua repulsa e ausência de medo. Alexandre pensava que, se aquele escrotinho estava se preparando para assaltar alguém, escolhera o cara errado.

— Cê num é daqui, não, né? Hehehe... — perguntou num sussuro, enquanto inclinava a cabeça para frente, reduzindo o espaço entre eles.

Nada de assalto — Alexandre ponderou em pensamento. *Essa bicha deve estar confundindo as coisas!* — destilou seu preconceito.

— Acho melhor você vazar daqui, xará! — cuspiu sua resposta, virando-se de frente para o *free talker* sem noção e abandonando a postura educada. — Se não quiser encrenca... — frisou escandindo as últimas palavras.

— Hahaha! Calminha aí, mano — o baixinho intrometido atalhou calmamente, recuando dois passos e levantando as mãos. — Não precisa ficar bravo — ele retomou o fio da conversa sem tirar o sorriso do rosto. — Só achei que você

pudesse estar meio perdido. Afinal, nunca te vi antes e a gente sempre conhece os chegas...

— Bom, eu sou da região, mas não conheço todo motoqueiro, se é isso que você quer dizer. Nem sou fã de nenhum motoclube — acrescentou sem titubear, enquanto desviava os olhos para a jaqueta do risonho abelhudo.

— Motoclube? É... Tem chegas de todo tipo, certo? Mas cê sabe que dia é amanhã, né? — o tampinha indagou em tom conspiratório.

— É o dia da toalha? — Alexandre zombou, erguendo as sobrancelhas. — Não, que bobagem! Ainda falta muito para o 25 de maio — concluiu e tornou a se virar de frente para o balcão, dando as costas ao desconhecido.

— Dia da toalha? Que porra é essa? Acho que você não me entendeu, camaradinha. — O nanico voltou a se aproximar e colocou uma mão no ombro de seu interlocutor. — Amanhã — erguendo-se na ponta dos pés, ele cochichou, somente para os ouvidos de Alexandre — é a primeira *lua cheia* do mês e a gente conhece toda a galera sangue-bom que passeia nessa noite. — A expressão “lua cheia” foi dita com uma ênfase curiosa e acompanhada de um olhar penetrante. — Hehe, ôôô se conhece...

Ao ouvir a menção ao astro noturno, Alexandre não pôde reprimir o medo e a perplexidade que transpareceram em seu rosto. Antes que ele pudesse recuperar a fala, o rapaz montado num chassi de grilo retrucou.

— A gente reúne a galera numa quebrada lá na Cantareira — anunciou, colocando um papel com um endereço e um pequeno mapa no bolso da camisa de Alexandre. — Acho que você devia aparecer. A gente se vê amanhã, às sete da noite — acrescentou despreocupadamente e já foi se afastando. O som de suas breves risadas nervosas ia se perdendo à medida que o pequeno motoqueiro caminhava em seu passo largado para fora da loja.

Enquanto Alexandre vigiava aquela saída, notou que nas costas do colete estava estampada a silhueta de um lobo sobre uma lua cheia. Acima da figura o nome de um motoclube: Lobos do Asfalto MC. Embaixo, a palavra que devia ser o apelido do ridente magricela: Hardy.



CAPÍTULO 7 – O MOTOCLUBE

11/Mar/2006 (sábado)
1º dia do ciclo da lua cheia



TENDO PASSADO A ÚLTIMA NOITE EM CLARO, DEITADO num surrado colchão de um pequeno hotel em São Paulo, e pensando sobre o singular convite recebido na véspera, Alexandre, por fim, decidiu postergar seu regresso a Londrina e comparecer ao encontro do motoclube. A estranha conversa entabulada com “Hardy” não seria suficiente para, por si só, despertar sua curiosidade a respeito dos integrantes ou das atividades do grupo de motoqueiros, mas a inusitada sensação de incômodo que o baixinho abelhudo do MC lhe provocou, acrescida do fato de que a reunião tinha sido marcada propositadamente para a primeira lua cheia daquele mês, fizeram com que o convite se mostrasse irrecusável.

Alexandre também tinha de confessar para si mesmo que, apesar do aspecto repugnante, da risada irritante e do jeito invasivo do sujeitinho, ele acabara por gostar do breve bate-papo. Ainda que apoquentado pela forma intrusiva da abordagem, e considerando também a absoluta ausência de afinidade entre os dois,

pouco depois do final do colóquio, parecia que ele acabara de reencontrar um velho amigo de infância. A razão para tal simpatia era inexplicável.

De resto, mesmo que o convite se revelasse uma tremenda furada, o fato de o encontro ser marcado para às 19h00 ainda lhe daria pelo menos três horas para participar das interações sociais do motoclub, deixando tempo suficiente para buscar um local apropriado para liberar sua contraparte lupina. Talvez, até mesmo conseguisse dar uma esticada na Praia Grande na manhã do domingo, antes de voltar ao Paraná.

Assim, naquela noite de sábado, Alexandre pilotou sua moto até o endereço indicado pelo franzino motoqueiro. Depois de sair da Rodovia Fernão Dias, visando acessar as ruas pouco movimentadas da região da Cantareira, andou poucos quilômetros até que o recapeamento asfáltico da via terminou. O caminho, então, foi se tornando cada vez mais precário, com lama, pedras e buracos distribuídos abundante e aleatoriamente.

A sede do motoclub era localizada numa região de difícil acesso. Alexandre presumiu que os outros sócios do MC não possuíam motos esportivas. Os pneus lisos de sua motocicleta não foram projetados para aquele tipo de pista. O único consolo era que não via sinais de mudança climática, pois uma chuva naquelas ruas de terra tornaria o caminho intransitável para seu veículo.

Conforme ia percorrendo aquela trilha, mais a paisagem mudava, rareando qualquer sinal de edificações e alastrando-se uma cobertura de vegetação repleta de grandes árvores. A despeito do calor emanado por seu corpo transmorfo, Alexandre sentia uma brisa gelada, típica de um clima de serra, encontrando caminho pelos vãos de sua roupa, fazendo-o tremelicar num arrepio involuntário.

Graças ao minucioso mapa, Alexandre chegou, sem se perder naquela intrincada rede de vias sinuosas, a uma modesta chácara com os portões de entrada escancarados. Logo depois do pórtico, ele viu um grande descampado a céu aberto que servia de estacionamento, com chão de cascalho e nenhuma demarcação das

vagas. Três grandes motocicletas *choppers* estavam paradas num lado daquela área, encobrendo a visão de uma moto menor que tentava, sem muito resultado, imitar o estilo das demais. Na outra ponta do pátio, encontrava-se estacionada uma Kombi de aparência velha, visivelmente malcuidada e de uma coloração indeterminada — pois somente um dedicado processo de lavagem poderia revelar sua cor camuflada por uma não tão fina camada de poeira e outras sujidades. Saindo da lateral do estacionamento, um caminho cimentado levava a um galpão aberto, com um telhado alto sustentado por quatro vigas de concreto, e sobre o qual se via a fumaça exalada da chaminé de uma churrasqueira acesa. Até onde podia perceber, o motoclube se limitava ao estacionamento e à pequena construção de alvenaria.

Alexandre deixou sua moto ao lado das *choppers* e seguiu em direção ao galpão. Na metade do trajeto, a mesma sensação inquietante, como um formigamento na nuca, assaltou-o com muito mais força, ao mesmo tempo em que ouviu a saudação na voz ligeiramente pastosa do magricela.

— Hehehe! Fala, mano! Eu sabia que você vinha. Tava falando isso agora mesmo pra galera — anunciou com um sorriso aberto de dentes amarelados.

— Esse é o problema, Marcelo! Tu não para de falar o tempo todo! — resmungou, por cima de um charuto aceso no canto da boca, o alto motoqueiro que mexia na churrasqueira. Pela sua postura, aquele parecia ser o anfitrião daquela pequena reunião.

O gigante, que ostentava profundas olheiras marcando seu rosto, largou o manuseio dos espetos de carne e veio ao encontro de Alexandre, estendendo-lhe uma grande mão calejada.

— Buenas! Seja bem-vindo, amizade! — cumprimentou o titã.

Ao ter sua mão esmagada pelo enorme torno feito de músculos, ossos e tendões, Alexandre conseguiu segurar o gemido de dor que quase lhe escapou dos lábios.

— Obrigado — respondeu com toda a naturalidade que lhe foi possível reunir.
— É um lugar muito bonito aqui.

Sentindo um baque em suas costas, resultado da saudação efusiva do homenzarrão, Alexandre foi sendo arrastado para o galpão. As proteções de polímero de aramida (kevlar) de sua jaqueta de motoqueiro absorveram grande parte do impacto aplicado em seu dorso, mas, ainda assim, Alexandre sentiu parte do ar acumulado em seus pulmões ser expulso com a força da pancada. Tão logo recuperou o fôlego, ele olhou de esguelha e pôde ler, nas costas do colete do gigante que o escoltava a reboque, o apelido “Maioral” estampado sob a insígnia do MC, a sombra de um lobo recortada sobre uma esplendorosa lua cheia.

— Meu nome é Cézar. Cézar Niano, ao seu dispor — disse o anfitrião em sua voz tonitruante. Suas palavras amigáveis e a atitude hospitaleira, porém, não tinham o condão de afastar a sensação de perigo que emanava dos olhos iluminados por um brilho cruel. Além do tradicional colete do MC, o gigante trajava uma calça preta de couro, com grossas correntes penduradas dos bolsos, e uma simples camisa branca agarrada ao peito musculoso. Sua altura prodigiosa era acentuada pelo salto dos coturnos de cano alto fechados com fivelas metálicas. — O Marcelo tu já conhece — Cézar falou, apontando, com a ponta do charuto, o baixinho risonho que fizera o convite a Alexandre. Sem dar oportunidade de Marcelo falar alguma coisa, o gigante virou-se para o outro lado do galpão e continuou: — Deixa eu te apresentar o resto da galera... Aquele ali, fumando no canto, é o Maurício.

Uma figura morena, com a barba por fazer e usando um surrado sobretudo, limitou-se a baixar ligeiramente a cabeça no cumprimento mais discreto que se teve notícia. Maurício Willingham, um sujeito com cara de poucos amigos, parecia um detetive retirado diretamente da película de um *film noir*. Retribuindo a medida quase imperceptível, Alexandre apenas murmurou um breve “opa”.

— O baixinho na churrasqueira é o Deive — Cézar acrescentou, indicando o seu substituto na função de preparo da carne.

— Fala! — Deive Dal Seannia saudou sucintamente, olhando brevemente na direção do convidado e voltando sua atenção rapidamente às brasas, antes que pudesse ouvir o “olá” que Alexandre balbuciou em resposta. Aparentemente, o churrasco merecia mais atenção do corpulento cozinheiro que o recém-chegado. Deive não usava avental ou outra peça de proteção equivalente, mas uma camiseta preta e desgastada que mal lhe chegava a cobrir a avantajada barriga, coberta pelo colete do motoclube que não conseguia ser fechado na frente, pois, aparentemente, seu tamanho era bem menor que o manequim sobre o qual fora colocado. Em suas costas, a alcunha “Warg” ficava em evidência.

Deive era baixo, gordo e careca, mas tal ausência de capilaridade era compensada por uma longa e farta barba, cujos fios grossos e compridos ameaçavam ser incinerados pela proximidade das chamas. Alexandre não deixou de notar as diferenças entre Deive e Marcelo. Embora ambos não fossem de grande estatura, Marcelo parecia a miniatura de um ser humano normal, enquanto a estrutura e a proporção corporal de Deive faziam-no assemelhar-se a um anão. Não uma pessoa pequena com as deformidades provocadas pelo nanismo, como um Tyrion Lannister, mas um anão da mitologia nórdica, mais próximo de um personagem tolkeniano como Gimli, filho de Glóin.

— E, por fim, aquele é o Eric — Cézar concluiu as apresentações, apontando para o único dos presentes que já se encontrava sentado perto das mesinhas de plástico, típicas de botecos baratos, que ficavam no centro do galpão.

Eric Lokinson tinha altura mediana, mas aparentava ser muito forte, não com os músculos definidos e hipertrofiados dos fanáticos por academia, mas com a compleição vigorosa de um competidor das disputas de força (*strongman*). Sua aparência, convinha reconhecer, era uma mescla de modernidade e tempos medievais, parecendo o resultado da fusão de um viking com um mecânico de

automóveis. Eric tinha um ar jovial que era realçado pelo uso da calça jeans desbotada e pelos longos cabelos loiros presos num rabo de cavalo. Uma farta barba ligeiramente arruivada tentava disfarçar uma cicatriz no lado esquerdo do rosto, que parecia ter sido feita por um golpe de navalha. O colete do motoclub, usado sobre uma camiseta vermelha, parecia o mais antigo e surrado em comparação com os demais. A cor desbotada e os diversos remendos na peça quase faziam desaparecer o apelido “Fenrir” estampado nas costas.

Ao ouvir seu nome, o viking moderno levantou-se e envolveu Alexandre num amplexo caloroso.

— Sinta-se em casa, companheiro — Eric declarou num sotaque indefinido que se mesclava às suas palavras.

— Essa é a “diretoria” do nosso clube — Cézar falou pausadamente, pronunciando a designação do grupo com uma mistura de ironia e satisfação. — Temos muitos outros membros, mas a noite de hoje é especial. Só para os mais chegados — esclareceu. Todos os membros do MC, como atendendo a uma ordem não dita, olharam para o céu em direção à lua. — Mas nós ainda não sabemos seu nome, amizade.

Sem embargo da cordialidade com que fora recebido, Alexandre não conseguia afastar a sensação de que os olhos de todos daquele grupo o acompanhavam sorrateira e insistentemente, vigiando cada gesto seu. E o sorriso do gigante, longe de lhe inspirar tranquilidade, causava-lhe extremo desconforto e agitação, pois vinha acompanhado daquela estranha cintilação nos olhos, um brilho que exalava a mais pura maldade, tornando a máscara sorridente exibida um semblante cruel e não amistoso.

— Alexandre — balbuciou quando conseguiu despregar a língua do palato. — Meu nome é Alexandre Scavarelli — afirmou com mais convicção, assim que recuperou sua loquacidade característica.

— Muito prazer, Alexandre. Pessoal, esse é o Alexandre. Chega junto, compadre, que as carnes já estão saindo — Cézar convidou com seu jeito expansivo.

Ao anunciar o início do banquete carnívoro, as desconfianças de Alexandre dissolveram-se no ar e o sorriso de todos os presentes se iluminou. Durante mais de duas horas, o pequeno grupo ia devorando as peças de carne enquanto eram contadas histórias sobre as viagens de moto, os tombos e as cicatrizes que ficaram marcados no corpo e na memória.

— E você, Alexandre, não pensa em trocar sua *bike* por uma moto de verdade? — Cézar questionou, meneando a cabeça na direção do estacionamento.

— Como assim, “moto de verdade”? — Alexandre retrucou, com a voz subindo uma oitava. — Com todo o respeito, a Cheetara ali deixa qualquer moto estradeira comendo poeira! — redarguiu com soberba. Do mesmo modo que a maioria dos aficionados, ele considerava sua própria moto o ápice da rapidez. Não somente uma máquina sem vida, mas um ser feminino ativo e temperamental, tanto que chegou a lhe atribuir um nome próprio condizente.

— Velocidade não é tudo, meu irmão — interveio Deive.

— Ele fala isso porque dirige aquela charanga velha — Marcelo confidenciou apenas para os ouvidos de Alexandre, apontando o dedo sujo para a Kombi decrépita.

— É verdade! — Cézar anuiu, limpando as mãos engorduradas na falda da camisa branca. — Não se pode esquecer o estilo e, além disso, a posição de pilotagem da tua moto me mataria de dor nas costas — comentou com rabugice, curvando-se para trás e esfregando a região lombar.

— Eu gosto de pilotar assim — Alexandre atalhou com uma cadência animada, inclinando-se para frente como se estivesse em cima da moto. — Na real —

completou —, se eu não estiver abraçando o tanque da moto, não consigo nem pilotar direito. Mas acho bonitas pra caralho as motos de vocês! De quem é aquela Harley com uma caveira na frente?

— É minha. A gente compra motos usadas e nosso mecânico de plantão faz o milagre da customização — falou Cézar, sequer tentando disfarçar o orgulho, apontando para o loiro barbudo que sinalizava com os dois polegares para cima enquanto sua boca mastigava um generoso pedaço de maminha.

O churrasco e a conversa seguiam animados e, vez por outra, ocorriam pausas oportunas nas narrativas do grupo do motoclube, parecendo deixar o espaço propício para que Alexandre rompesse o silêncio contando mais e mais sobre si mesmo. Mas tais interrupções, longe de deixá-lo desconfortável, pareciam inseri-lo na camaradagem daquela turma. Alexandre falou sobre a época da faculdade, sobre o concurso público que o movera para o Paraná, sobre a perda precoce dos pais, sobre a amizade que ainda mantinha com José Raimundo, enfim, conseguiu, naqueles poucos minutos, resumir toda sua vida, omitindo, única e exclusivamente, as andanças noturnas na pele do lobisomem.

Ao final do festim carnívoro, Alexandre sentia-se empanturrado e satisfeito. Nunca tinha experimentado carnes tão cruas, mal passadas pela grelha da churrasqueira, mas surpreendeu-se com o sabor delicioso do sangue ainda presente. Era a primeira vez que Alexandre saboreava um churrasco servido muito antes de a carne chegar ao ponto. Antes, tal deleite gustativo era uma exclusividade do lobisomem, que ele experienciava de maneira difusa, no banco de carona da mente licantrópica. Também era digno de nota que, naquela refeição, ninguém se preocupara em trazer qualquer acompanhamento: arroz, pão, salada de batatas, nem nada parecido. Alcatra como aperitivo, maminha de acompanhamento, bistecas como prato principal e picanha de sobremesa. Era tudo o que se tinha e, aparentemente, nenhum dos comensais ali precisava de nada mais.

Sem que se desse conta, Alexandre acostumou-se à estranha (e antes incômoda) sensação na nuca, que se transformou em uma espécie de leve e agradável zumbido produzido por detrás de suas orelhas. A despeito da proximidade da lua cheia, a companhia daquelas estranhas figuras mantinham-no mais calmo, mesmo com a ocasional e discreta avaliação realizada pelo presidente do motoclub.

Quando todos já pareciam satisfeitos com a completa eliminação das carnes “assadas”, Cézar interrompeu uma das anedotas sensaboronas de Marcelo e puxou sua cadeira para perto de Alexandre. Neste momento, a atenção de todos os presentes fora novamente atraída para o novato no grupo e para o diálogo que ia ter início.

— Então, amizade — Cézar principiou, olhando diretamente nos olhos de Alexandre. — A gente comeu, a gente se divertiu, mas agora é hora de uma conversa séria!

— Pode falar, xará — respondeu Alexandre, sentindo a intensidade do olhar do gigante e confuso pela repentina mudança no rumo da reunião.

— Você sabe que nós não somos um grupo muito grande. — Cézar acendeu um charuto e tirou algumas baforadas antes de continuar. — Na verdade, eu achava que conhecia todos desse Brasil... Você é de onde mesmo?

— Bom, eu nasci aqui em São Paulo, mas estou morando em Londrina há uns dois, quase três anos. Por quê? Você acha que conhece todos os motoqueiros do Brasil, é isso? — Alexandre recuou vagorosamente até sentir as costas tocarem no espaldar da cadeira.

Cézar, por seu turno, aproximou ainda mais seu rosto, quase tocando a ponta acesa do charuto no nariz de Alexandre.

— É lógico que não tô falando de motoqueiro, porra! Sem enrolação, putardo! Eu quero saber é quem é seu *criador*? — questionou sem disfarçar a agressividade

do tom, enfatizando a última palavra.

— Criador? — Alexandre, espantado, ainda procurava entender a pergunta enquanto sentia o clima tornando-se cada vez mais opressivo. A calma e o companheirismo de poucos minutos atrás foi abandonando o semblante de cada um dos membros daquele grupo.

— É, mano, o alfa que te fez — atalhou o baixinho magricela.

— CalaabocaMarcelo! — rosnou Cézar, juntando a sentença num único petardo verbal. — Eu estou falando com o novato! — E, voltando-se para Alexandre, indagou sem meias palavras: — Quem te transformou em lobisomem?

O silêncio que se seguiu àquela pergunta era intenso e absoluto. Antes que Alexandre pudesse medir e pesar suas próprias palavras, devolveu a pergunta, revelando de modo indireto o segredo que vinha mantendo apenas para si.

— C-C-Como assim? Como você sabe do lobisomem? — Seu olhar de incredulidade passeou rapidamente por todos os rostos à sua volta, tentando avaliar o peso de sua confissão involuntária. Ninguém além de Alexandre, entretanto, parecia surpreso com o enredo surreal daquele diálogo. *Só falta, agora, esse cara me mandar escolher entre a pílula vermelha e a pílula azul*, pensou consigo.

A admissão implícita da licantropia e a sinceridade das perguntas de Alexandre pareceram acalmar um pouco o arroubo belicoso do gigante.

— Que papo é esse? — Cézar olhou alternadamente para Alexandre e os outros membros do MC. — Como eu sei? Como EU sei? Então tu não sabe de nada mesmo? Nem sentiu a proximidade de outro lobisomem ontem? Nem HOJE??

Alexandre limitou-se a menear a cabeça em negativa.

— Ah! Quem diria? Um filhote perdido que caiu do caminhão da mudança! — Cézar mediu Alexandre de cima a baixo e, parecendo satisfeito com o resultado de

sua análise, levantou da cadeira e se encostou na churrasqueira. — Tu devia ter sentido a presença de outro lobisomem, mesmo que fosse um traste como o Marcelo... — A última frase veio acompanhada com um gesto displicente em direção ao magrelo do riso frouxo. — Já ouviu falar de algo assim, Mau?

— Nem — foi a resposta lacônica de Maurício. Aliás, o monossílabo foi uma das poucas palavras que se ouviu de sua boca naquela noite. O vinco das rugas faciais destacava a expressão de contrariedade do calado motoqueiro. Após responder, ele se virou de costas para acender um cigarro. Nas costas de seu sobretudo, o logo do motoclub indicava a alcunha “Bigby”.

Alexandre observou que aquela fora a única consulta feita pelo “Maioral”. Cogitou que, talvez, Maurício fosse o vice-presidente do clube ou qualquer coisa assim. Suas reflexões foram interrompidas pelas palavras atropeladas de Marcelo.

— Ei! Ei, chefia! Tem aqueles rumores de um lobo solitário. Era justamente no Paraná...

— Já te mandei ficar quieto, caralho! — Um imenso punho fechado se virou na direção de Marcelo, fazendo-o engolir o resto da frase no mesmo instante. — Acho que tu pode estar falando a verdade, amizade — César dirigiu-se para Alexandre. — A gente já tinha ouvido falar de um bicho desgarrado lá pros teus lados. Então, vou te dar o papo reto. Como já deve ter ficado claro, todo mundo aqui é lobisomem. Escolheu essa vida e, principalmente, conquistou esse privilégio. Muita gente fala um monte de bobagem a nosso respeito. Como se vira um lobisomem? Falta de batismo, ausência de confissão por longa data, ser o sétimo filho de um sétimo filho... — bufou com desprezo. — Tudo asneira! Somente um lobisomem pode te transformar. E somente um alfa pode te escolher para receber a dádiva da lua.

Alexandre sentia estar participando de uma peça de teatro. *Isso não pode estar mesmo acontecendo, pode?* Toda aquela história, contada com tanta naturalidade, parecia-lhe absurdamente inverossímil. Contudo, sabia que, em última instância, o

teor das palavras de Cézar fazia todo o sentido. Quem poderia acusar de irreal aquele enredo fantástico? Certamente não a pessoa que vinha se transformando numa fera selvagem nas noites de lua cheia.

Cézar aguardou alguns segundos para que Alexandre apreendesse o sentido de suas palavras e retomou sua narrativa.

— Há muito tempo não ouvimos falar de um novo lobisomem. Quando o Marcelo disse que tinha encontrado um que a gente não conhecia, ninguém aqui acreditou, e não só porque ele não é uma pessoa de muita confiança.

— Ei! — reclamou o peso-pena, mas foi ignorado pelo gigante.

— Tu se lembra quando foi mordido? — Cézar inquiriu com sua voz retumbante. — Uma mordida de lobisomem, sem matar a vítima, é a única maneira de repassar a dádiva da lua.    só assim que se cria um lobisomem.

— Mordida? — Nessa hora, Alexandre se recordou da viagem de volta de Douradina e da cicatriz recebida no ombro direito, contando todo o episódio ao grupo. Mesmo antes de encerrar sua narra  o, Alexandre se surpreendeu por confiar àqueles desconhecidos algo que não partilhara com nenhuma outra pessoa.

— Tu tava voltando do Mato Grosso do Sul? — Cézar fez um muxoxo e levou a manzorra    testa, revirando os olhos para o alto. O estalido do tapa ressoou pelo galpão do MC. — Deixar uma presa escapar depois ser mordida? Isso só podia ser coisa daquele imbecil do Tibério! — Diante da perplexidade estampada no rosto de Alexandre, o gigante explicou: — Esse paspalho é um lobisomem antigo que vive l   pelos lados do pantanal. O grupo dele normalmente s   ataca os rebanhos de gado... Faz uma cara que aquela alcateia não aumenta seus números. Porra, que lamban  a! Isso não    jeito de se escolher um novo membro. Deve ser uma sele  o cuidadosa, ver se a pessoa escolhida vai se adaptar à nova vida. E s   um alfa, depois de tomar essa decisão, pode repassar a dádiva da lua, ou autorizar que outro lobo o faça.

— Mas se ele não conheceu o próprio criador, como sobreviveu até agora? — Eric perquiriu, franzindo o cenho e cofiando a barba.

— Sempre procurei me transformar na região rural da minha cidade, num local mais afastado do centro urbano — Alexandre esclareceu apressadamente.

— Não foi uma má ideia, admito, mas a questão mais importante é outra. Se tu não pertence a nenhuma alcateia, ainda não se provou digno da dádiva da lua — Cézar agora falou em tom soturno.

— E-Eu acho que não estou entendendo... — Alexandre tartamudeou com receio na voz.

— O negócio é o seguinte, amizade. Para ser um lobisomem, tu precisa ser criado por um alfa, ou a mando dele, E fazer parte de uma alcateia. Para essa última parte, precisará passar num teste: sobreviver uma noite à caçada do bando. Encare isso como um rito de passagem. — Um esgar de satisfação começou a brincar nos cantos dos lábios do gigante. — Acho que a gente vai testar esse teu couro macio essa noite — decretou, brandindo o charuto.

— Mas espera um pouquinho — interrompeu Alexandre. — Como vou fazer o teste aqui se não fui criado por você?

— Tu prestou atenção no que eu disse, porra? Tu foi criado por um alfa. O merdeiro do Tibério! Ponto! E vai ser testado por uma alcateia. Hoje. Pelo nosso bando!

Ao ouvir a explicação rosnada por Cézar, Alexandre não conseguiu reprimir um sorriso que lhe aflorou na comissura dos lábios. Percebendo a reação do novato, Maurício aproximou-se e disparou, rilhando os dentes: — Tá rindo de quê, fedelho?

— Desculpe. Não é nada, não. É que eu não pude deixar de notar a interpretação criativa das suas regras. — Alexandre levantou as mãos, pedindo

calma a todos. Ao se virar para Cézar, tentou se explicar. — Eu acho que você daria um   timo advogado.

— Tu t   me tirando, putardo? — ofendeu-se o gigante.

— Não, não, não. Eu falei mais como um elogio. Mas, esqueça,    bobagem. Acabo ficando bitolado com as coisas do meu trampo... Só tem mais uma coisa que eu queria perguntar: e se eu não quisesse fazer parte desta alcateia?

— Quem te deu a impressão de que tu tem escolha? — Cézar cuspiu estas palavras enquanto expelia baforadas de fumaça do charuto.

Nesse momento, várias mãos agarraram os braços de Alexandre, imobilizando-o.

— He, he, não se preocupe, mano. Tenho certeza que você consegue — Marcelo segredou para tentar tranquilizar Alexandre.

— Ou não — Deive insinuou em tom jocoso.



CAPÍTULO 8 – O TESTE

11/Mar/2006 (sábado)
1º dia do ciclo da lua cheia



QUANDO ESTAVA PRÓXIMA A HORA DA TRANSFORMAÇÃO, Deive trouxe um porco vivo que se encontrava no interior da Kombi e deixou-o amarrado no lado de fora do galpão. Mesmo estando naquela bizarra situação, preso por um bando de motoqueiros que iriam se transformar em lobisomens para caçá-lo, Alexandre não pôde deixar de pensar em quão absurdo era manter um porco dentro de um carro, ainda que o veículo fosse aquela Kombi imunda.

— A gente sempre, hunf, faz um petisquinho, hunf, antes de sair para caçar — Deive explicou resfolegando. — Acalma os nervos dos bichos...

Como se qualquer comida agora pudesse me acalmar, pensou Alexandre.

— Cê ainda parece preocupado, rapá — Deive observou com tom solidário. — Entenda: é assim que as coisas funcionam. É só uma iniciação. Nunca é fácil, mas normalmente dá certo.

Quando a lua cheia brilhou alto no céu noturno, Alexandre sentiu o início da metamorfose arcana. As dores e a náusea características lhe assaltaram repentinamente, tornando desnecessárias as mãos que lhe serviam de grilhões.

Um último pensamento lhe ocorreu: por que os demais tiravam suas roupas com relativa calma enquanto ele permanecia no chão retorcendo-se de dor?



Ao findar sua transformação, o lobisomem, ainda não totalmente recuperado, vislumbrou um bando de outros licantropos ocupados em devorar um porco recém-abatido.

Seja pela restrita memória partilhada com sua contraparte humana, seja por força do seu instinto animal, a criatura sobrenatural sabia a situação em que se encontrava, prestes a se submeter a um teste que decidiria os rumos de sua vida. Ou decretaria sua sentença de morte.

Um grande lobisomem afastou-se da carcaça, com sangue fresco pingando de seu focinho, e se virou para a fera mais afastada, que ainda se ocupava em se livrar dos andrajos em que se transformaram as roupas de Alexandre. Sua pelagem cinzenta era muito escura e tinha dois losangos de pelo negro em volta dos olhos. No breu da noite, sua silhueta seria apenas mais uma sombra.

Enquanto os demais lupinos terminavam o “lanchinho”, obedecendo a uma ordem de preferência anteriormente conhecida pelo bando, o grande lobisomem cinzento aproximou-se do novato e iniciou um reconhecimento. Mantendo-se sobre as quatro patas, circulou o atordoado licantropo castanho. A postura altaneira do alfa, com a cabeça sempre ativa e o rabo empinado, revelava sua indisfarçável superioridade. E as gengivas retraídas, apresentando as enormes presas que refletiam o brilho pálido da lua cheia, inibiam qualquer questionamento a respeito daquela primazia.

— *Então, temos carne nova no pedaço?*

As palavras que se formaram na mente do lobisomem castanho, foram proferidas com uma voz estentórea numa espécie desconhecida de telepatia, acompanhadas de uma estranha pressão, como se uma mão invisível repousasse sobre seu cachaço.

Ao “ouvir” a indagação do alfa, os demais licantropos se posicionaram atrás do lobo dominante, com exceção de um pequeno lobisomem de coloração irregular oscilando entre o marrom e o laranja, que até então se ocupava em lambar o chão do local onde, momentos antes, fora devorada a carcaça do porco.

— *Quem são vocês?* — o novato conseguiu formular a pergunta, não obstante aquela fosse a primeira vez que se utilizava daquela forma de comunicação. Recuperado do torpor da transmutação, o lobisomem castanho colocou-se de pé, mas sua postura não submissa, com as patas traseiras esticadas e a cauda levantada, irritaram o alfa.

— *O que importa, na verdade, filhote, é: quem é você?* — tornou o lobisomem cinzento, com ar superior. — *Seu cheiro é diferente e não tem nenhum traço de qualquer outro lobo que eu conheça. Você, pelo jeito, não pertence a nenhuma alcateia...*

— *Nunca encontrei outro igual a mim antes* — atalhou o novato.

— *Quieto!* — rosnou agressivamente o alfa, também se colocando em pé e levantando os pelos da cernelha. — *Ninguém se manifesta enquanto EU estiver falando.*

— *É isso aí, Maioral* — aprovou o licantropo alaranjado que acabara de se juntar ao bando. A voz esganiçada do pequeno lobisomem contrastava com a cadência retumbante do alfa.

— *Isso também vale pra você, Hardy* — sibilou Maioral. Voltando sua atenção ao novato: — *Bem, então, a noite acabou por se tornar mais divertida! Nós vamos testar esse couro hoje, novato e, quando o sol raiar, você será nosso. Como membro permanente da alcateia ou simplesmente como um tapete de pele. Bigby!*

Um imenso lobisomem negro (de fato, o maior espécime daquele grupo), que estava atrás e à direita do alfa, atendeu à conclamação dando dois passos à frente.

— *Você precisa sobreviver até o início da manhã, fedelho* — Bigby explicou com indiferença. — *As regras são simples: fuja, sobreviva até o amanhecer e não se revele aos humanos.*

— *Pelo menos, não se revele deixando testemunhas vivas.* — Estas palavras foram acompanhadas da aproximação de um lobo marrom. A fera licantrópica tinha um corpo extremamente robusto e uma grande cabeça deformada, com um focinho ligeiramente achatado no que parecia ter sido o resultado de um acidente grave.

— *O Warg tem razão* — ajuntou um licantropo de pelagem branca. — *Se for visto por um humano, mate-o e não deixe vestígios. Daqui a pouco, quando a lua chegar ao ápice esta noite, nós vamos iniciar nossa caçada. Vá rápido! E boa sorte, filhote.*

Se não fossem suficientes as palavras ameaçadoras da alcateia, a fome teria dado conta de levar o lobisomem castanho para longe da chácara onde se encontrava, embrenhando-se na floresta à procura de alimento.

Enquanto corria entre as árvores, procurando colocar a maior distância possível entre ele e a alcateia, o novato buscava apurar seu olfato para encontrar alimento. O churrasco, anteriormente consumido em sua forma humana, era incapaz de fazer diferença significativa para o estômago do lupino. Não estar desesperado de fome era muito diferente de estar satisfeito.

Conhecendo sua própria habilidade de rastreamento, o lobisomem desgarrado procurou utilizar de todos os truques que conseguiu imaginar para disfarçar seu cheiro, recorrendo, inclusive, às estratégias arquitetadas pela dormiente consciência humana de Alexandre. Ele corria, a maior parte do tempo, a favor da leve brisa que refrescava a noite, seguia pelo meio dos pequenos veios de água para tentar diminuir seu rastro e, de quando em quando, deslocava-se pelo ar, saltando entre os topos de altas árvores cujos galhos pudessem suportar seu peso.

Durante todo o trajeto, o licantropo fugitivo sentia um cheiro acre e pungente, característico da urina dos membros da alcateia. Aquele era o território de caça do bando. Eles, portanto, deviam conhecer bem toda aquela área, diferente do novato que se submetia ao teste mortal.

Em determinado momento, o lobisomem em fuga localizou uma égua negra dormindo em pé sob a copa de uma árvore. Seu estômago roncou de fome e a boca começou a salivar, mas ele não podia saciar seu apetite antes de garantir a própria segurança. Assim que logrou refrear seu instinto, uma ideia inusitada, inspirada pela latente psique humana, surgiu em sua mente bestial. Com uma das garras, a fera cortou a palma da própria mão, provocando um pequeno sangramento que, quase instantaneamente, extinguiu-se com a cicatrização acelerada do ferimento. Com aquele espesso líquido vermelho, o licantropo preparou uma pasta, acrescentando um pouco de seus pelos e uma pequena quantidade de urina, espalhando-a sobre as mãos. Feito isso, retraiu as garras e saltou na direção do equino adormecido.

— *AGRO!* — foi o grito telepático que lhe escapou involuntariamente quando, com um tapa nas ancas da égua negra, espalhou a odorosa mistura sobre o dorso do animal.

Acordada com a pancada, a égua percebeu a presença do predador e seu olhar vítreo transformou-se num espelho negro de medo. Ela empinou freneticamente para se libertar, mas uma corda a mantinha atada ao tronco da árvore. Com as

afiadas garras novamente expostas, o lobisomem executou um rápido movimento, rompendo o liame. Livre das amarras, a égua negra disparou por uma trilha, em desabalada carreira.

— *Isso deve resolver* — pensou o licanthropo fugitivo, enquanto voltava alguns metros sobre os próprios passos, até encontrar um local em que pudesse seguir uma nova vereda, sem deixar rastros ou cheiros que o denunciassem. Sua esperança era de que a alcateia, ludibriada com o seu cheiro impregnado na égua, escolhesse o outro caminho.

Depois de mais de uma hora de corrida desenfreada, o lobisomem castanho avistou uma pequena construção perdida no meio das árvores. Pelos odores captados, três presas estavam no interior do casebre. Já era hora de saciar a fome.



O Parque Estadual da Serra da Cantareira é uma região montanhosa de mata atlântica que abrange os municípios de São Paulo, Guarulhos, Mairiporã e Caieiras, com área de aproximadamente seiscentos e quarenta e oito quilômetros quadrados.

Em razão da extensão da mata e da esparsa ocupação da região, certos criminosos elegeram a Serra da Cantareira como refúgio. Alguns grupos de extermínio que atuavam na periferia da Capital escolheram determinadas áreas para desova de cadáveres, enquanto outras quadrilhas especializadas em sequestros mantinham cativeiros espalhados nas áreas de mais difícil acesso.

Berne e Assombração eram os carcereiros da menina sequestrada. Os elementos mais inteligentes da quadrilha se encarregavam da captura da vítima e da extorsão de sua família. Enquanto a negociação, que poderia demorar até alguns meses, arrastava-se indefinidamente, os dois criminosos mais cruéis e de inteligência mais rasa ficavam incumbidos da vigilância da pessoa capturada. O trabalho era simples: alimentar e dar água à vítima, uma vez por dia, no mesmo momento em que devia

ser trocado o balde destinado a lhe servir de latrina. Ainda, em caso de absoluta relutância no atendimento das exigências dos criminosos, Berne e Assombração eram encarregados de torturar, mutilar ou matar a pessoa sequestrada.

Na eventualidade de uma bem sucedida intervenção policial, os mantenedores do cativeiro eram os primeiros membros da quadrilha a ser apreendidos. Portanto, era importante que tais bandidos cumprissem as ordens superiores e, em hipótese alguma, dessem com a língua nos dentes. Obediência cega e lealdade canina eram os requisitos para o trabalho.

Pedro Bernardo atendia pela alcunha de Berne. Era um magricela de vinte e poucos anos, que começara a carreira criminosa como auxiliar dos traficantes locais (um mero fogueteiro), mas sua falta de brilhantismo rendeu-lhe rapidamente uma breve estadia na cadeia. Devido à orientação sexual não assumida pelo medo do preconceito (Berne ainda não decidira sair do armário), sua vida era uma sucessão de instintos e sentimentos reprimidos que lhe cavaram uma profunda vala de ressentimentos e amarguras na alma. No cárcere, sem alegrias e consolos na vida, Berne abdicou da condição de ser humano, enterrando qualquer traço de empatia e revelando uma total falta de escrúpulos em relação à preservação da saúde ou da vida de outros seres humanos. Sua falta de integridade só era comparável à escassez da inteligência, o que chamou a atenção dos integrantes do bando de sequestradores. Enfim, burro e cruel, Berne era a pessoa ideal para cumprir a função a ele designada.

Osório Pachcoal, por seu turno, era um caucasiano encorpado e com feições que revelavam inequívocos traços equinos, ou, como se diz vulgarmente, tinha cara de cavalo. Beirava a meia idade e tinha um temperamento pacato. Mas, para sermos realmente sinceros, o temperamento pacato era apenas um eufemismo para designar o pecado da preguiça que lhe era a característica mais marcante e evidente em seu caráter — ou na falta dele. Osório não gostava da função que desempenhava — até porque qualquer tipo de trabalho, mesmo a ocupação

criminosa, causava-lhe ojeriza e enfado —, mas sabia acatar ordens. Quaisquer ordens.

Assombração, o apelido usado por Osório no mundo do crime, não era consequência do tom claro de sua pele, mas do medo supersticioso que tinha do mundo sobrenatural. Isso era motivo de chacota frequentemente usado pelos membros da quadrilha e abusado por seu companheiro de vigília. Por vezes sem conta, Berne pregara diversas peças no parceiro, afinal de contas, uma cabana no meio da floresta era o cenário ideal para provocar pânico em pessoas assustadiças.

Naquela noite de luar claro, quando Berne chegou com o jantar, Assombração já sentia o estômago colado às costas. Seguindo a orientação do chefe da quadrilha, os bandidos só poderiam buscar as refeições diárias nas primeiras horas da madrugada, abandonando o veículo quilômetros antes de chegar ao casebre. Assim agindo, tornariam mais difícil a localização do cativo, ainda que fossem seguidos.

Depois de terminarem o jantar, Berne foi entregar a cota diária de alimento e água para sua prisioneira, levando também o balde que lhe serviria de privada nas próximas vinte e quatro horas.

Um buraco na terra, coberto precariamente com um soalho de tábuas de madeira, era o local de clausura da infortunada menina de família rica, a atual vítima da abdução. O fedor que emanava pelas frestas da madeira do soalho era intenso, mas, no interior do buraco, chegava a ser insuportável. Um fino colchão úmido e um cobertor embolorado eram todo o conforto dispensado para a cativa. A jovem Denise Bragança, depois de permanecer vários dias naquele local, perdera as forças para tentar escapar e mantinha-se encolhida e resignada sobre o colchão.

Mantendo sua camiseta amarrada na cabeça a título de disfarce, Berne largou displicentemente a pequena garrafa d'água e o prato de comida sobre o colchão, sem qualquer talher de metal ou plástico. Conservando no rosto uma inequívoca expressão de nojo, pegou o balde usado, largando o que se encontrava vazio no

canto mais afastado do buraco. *Mais que caralho! Essa piranha num podia comer menos para não cagar mais?* — lançou uma imprecação silenciosa quando o fedor se tornou mais agressivo.

Depois de recolocar as tábuas sobre o buraco e arrastar um pequeno armário por cima delas, Berne retirou a camiseta da cabeça e retornou-a ao dorso.

— Ô, Assombração. Você pode esvaziar essa porcaria? Tá me revirando o estromo! — dirigiu a súplica ao comparsa.

— Nem fudendo, muleque! Hoje é tua vez! — Osório respondeu com rispidez e continuou a assistir à pequena televisão que exibia chiados e rabiscos como atração principal, tendo ao fundo imagens que lembravam um filme antigo. A última palavra proferida tinha o som de “veïxx”. Osório não fazia questão de disfarçar o sotaque carioca acentuado. Embora tivesse vindo do Rio de Janeiro há mais de cinco anos, sua fala não perdeu a cadência malemolente e o chiado da letra “S”. Para servir de currículo, ele espalhou o boato de que teve de se refugiar em São Paulo para escapar ao cerco dos membros do Batalhão de Operações Policiais Especiais, o famigerado BOPE. Seu desterro voluntário dos morros cariocas, entretanto, foi uma tentativa de se furtar à fama de “chifrudo” que se lhe colou de maneira indelével por ter sustentado, por anos a fio, um casamento com uma bonita morena que dispensava atenção — bem como carinho — especial a qualquer homem que lhe batesse à porta.

Resignado, mas não satisfeito, Berne dirigiu-se para fora do barraco com o balde na mão. No meio do caminho para a mangueira instalada ao lado do poço, ele decidiu brincar com a suscetibilidade de seu comparsa com o mundo espiritual. Pegou algumas pedrinhas no chão e, uma a uma, começou a jogá-las no telhado de zinco da edícula.

Ao ouvir o barulho, Osório empertigou-se na cadeira.

— Que cê tá fazendo aí, muleque? — indagou com hesitação na voz.

— Eu não tô fazendo nada, não, Assombração — Berne disse de maneira inocente, mal reprimindo uma risada que começava a aflorar ao constatar o medo incipiente do indolente parceiro. — Você também tá ouvindo esse barulho?

— As batidas no teto? — ciciou o criminoso carioca.

— Não, homem! Esse gemido que parece que tá vindo da cacimba — comentou, depois de alguns segundos em silêncio, imprimindo na voz toda a preocupação que conseguia simular. Enquanto falava, Berne dirigia-se diretamente para o poço. Ao chegar à borda, pegou uma grande pedra e, com ela suspensa nos braços, debruçou-se sobre a pequena amurada.

— Berne. Ô, Berne! — Osório chamou com insistência. Não obtendo qualquer resposta, ele assomou à porta do casebre e procurou pelo comparsa. Ao distinguir o vulto na precária luminosidade da noite, advertiu o companheiro: — Toma cuidado aí, seu maluco!

Inspirado nos desenhos animados que assistia na infância (e não no clássico Decamerão que nunca lera), Berne deu início ao trote. Largou o pesado pedregulho, lançando um grito desesperado ao fundo do poço, enquanto se abaixava por detrás do pequeno muro que o cercava. Para o espectador situado à porta do barraco, a ilusão de ótica produzida levava à conclusão de que o descuidado carcereiro mergulhara no profundo tubo de concreto.

Ao testemunhar a cena absurda, Osório foi assaltado pela ideia de que o acidente fora produzido pela interferência do outro mundo. Ele não podia acreditar que até o imbecil do Berne fosse tão negligente a ponto de se deixar cair daquele jeito. Após alguma hesitação, Osório deixou que seus passos o conduzissem à borda do poço. Afinal, ainda que não tivesse qualquer apreço pelo outro sequestrador, a simples sugestão de que teria de permanecer sabe-se lá quantos dias — e, principalmente, quantas noites — sozinho naquele rincão esquecido por Deus, mas, talvez, não tão ignorado pelo rival, deu-lhe a coragem suficiente para

vencer o receio e colocar-se à borda do buraco na tentativa de trazer de volta o estúpido cúmplice.

Ao sentir a aproximação de Osório, Berne irrompeu de seu precário esconderijo, saltando em direção ao colega e emitindo um grave urro.

Com o susto, o bandido carioca caiu de bunda em cima de uma poça lamacenta. Seus batimentos cardíacos que já se encontravam acelerados quando se aproximava do poço, agora retumbavam de encontro à caixa torácica tentando encontrar a liberdade fora da proteção das costelas. Por longos momentos, a respiração descompassada era o único som emitido pelo espaventado sequestrador. A tremedeira que acometia seus membros, impedia-o de se levantar.

Enquanto Osório chafurdava na lama^[3], Berne ria à bandeira despregada. Sua satisfação era diretamente proporcional ao sofrimento causado ao outro, sua diminuta desforra contra o mundo.

Quando percebeu que Osório começava a retomar o controle de si próprio, Berne, receoso de enfrentar a ira do companheiro, afastou-se para ao matagal vizinho.

— Acho melhor você voltar agora, Assombração. Não é bom deixar a menina sozinha muito tempo. Vou dar uma mijada... — disse por sobre o ombro.

— Vai se fuder! Você é doente, muleque! Doente!! — Enquanto retornava ao barracão, Osório ia resmungando xingamentos a respeito da mãe e dos hábitos sexuais e alimentares de Pedro Bernardo.

Sem dar importância à torrente de invectivas, Berne parou junto a uma árvore que a dupla escolhera como latrina, abriu o zíper de sua calça e começou a urinar, ignorando a silenciosa aproximação de um vulto negro.

Malgrado o contentamento propiciado pelo susto que dera no colega, Berne ainda tinha que dar cabo da ingrata tarefa de limpeza do balde-penico. Fechou o

zíper, voltou ao poço, pegou o recipiente infecto e tornou a se aproximar da árvore-mictório. Após despejar o fétido conteúdo, sua atenção foi atraída por um grande e luminoso vaga-lume de brilho avermelhado que passeava por trás de uma cerca viva, um denso emaranhado formado por matos e cipós.

Atraído pelo estranho inseto bioluminescente, Berne aproximou-se do obstáculo natural e tentou afastar a formação vegetal com as mãos, momento em que sentiu uma ligeira ardência acompanhada de um pequeno tranco elétrico no cotovelo esquerdo.

Pensando ter se arranhado em um espinho ou arame farpado, Berne deu dois passos para trás e levou a mão direita na direção do local onde sentira o ardor, surpreendendo-se ao sentir sua mão passar no vazio, uma lacuna que deveria estar ocupada com o resto do seu braço esquerdo. Acreditando ter sido vítima de um pequeno lapso de propriocepção, ele retornou a mão direita ao ombro esquerdo e desceu-a cautelosamente para determinar o exato local do arranhão. No entanto, apenas um toco úmido de carne e ossos lacerados se revelava abaixo da linha do cotovelo. Aturdido pela descoberta da amputação do membro, levantou o braço em direção ao luar e assistiu ao esguicho cadenciado e brilhante de seu sangue arterial.

Tomado pelo pânico, Berne não pensou — pois agir impensadamente era-lhe uma atitude bastante recorrente — em procurar pelo membro amputado no meio do mato, procedimento imprescindível para eventual tentativa de reimplantação cirúrgica. Em vez disso, correu rumo à biboca que servia de cativeiro.

— Assombração! Assombração!! — gritou, a plenos pulmões, pelo parceiro de vigília.

O bandido carioca, já de volta à cadeira em frente ao pequeno televisor, deu de ombros ao ouvir os apelos de Pedro Bernardo.

— Muleque idiota! Acha que eu vou cair de novo nessa patacoada.

Quando ultrapassou o poço, Berne perdeu a firmeza na perna direita. As garras de uma criatura de olhos vermelhos haviam cavado fundas incisões longitudinais que se iniciavam na altura dos quadris e desciam até o calcanhar, dilacerando, em seu caminho, músculos, tecidos e tendões.

Percebendo de relance a silhueta do animal que o atacava, o terror deu novas forças ao maldoso criminoso que, mesmo ferido e claudicante, empenhava-se em chegar ao local que, em sua imaginação, poderia lhe fornecer alguma proteção.

Ao cruzar o umbral do casebre, Berne, completamente esbaforido, sentiu a pressão do possante torno formado pelo maxilar e pela mandíbula de presas pontiagudas abocanhando sua coxa esquerda. Ele caiu com apenas metade do corpo para dentro da precária construção e, sem que os membros inferiores pudessem oferecer resistência, foi arrastado para fora. Com o pouco de vida que ainda animava seu corpo, Berne conseguiu emitir um último apelo: — So-Socorro...

Ao vislumbrar o aparecimento de Berne apoiado no batente da porta, com o rosto deformado numa máscara de pavor, Osório, sentado em sua cadeira, revirou os olhos e terminou por fixá-los na direção da TV. Ele ouviu Berne balbuciar uma palavra qualquer, mas optou por ignorar o comparsa. Ao tornar a olhar para a entrada do casebre, deu-se conta de que o safardana continuava com seu teatrinho maçante na esperança de pregar-lhe nova peça. Por tal motivo, procurou ignorar os barulhos que vinham de fora do cativeiro.

Porém, mesmo ainda sentindo a raiva fervilhar em seu interior, fruto do recente susto que lhe fora aplicado, Osório não conseguia deixar de experimentar, outrossim, igual quantidade de medo. Embora acreditasse que Berne persistia na tentativa de lhe aplicar uma nova emboscada, nem por isso o pânico era menor. Destarte, de quando em quando, lançava nova espiadela em direção à entrada do esconderijo, mas sem se aventurar a se levantar da cadeira.

Quando Osório ouviu o rangido peculiar da madeira do soalho, olhou na direção da porta esperando encontrar a figura conhecida do parceiro, mas sentiu o horror gelar seu sangue. Um gigantesco animal, com olhos em brasa e com a enorme boca pingando sangue, farejava o interior da edícula. No instante em que divisou a entrada da criatura, ele automaticamente levou a mão ao revólver calibre 38 que carregava na cintura e descarregou a esmo toda munição do tambor da arma. BANG! BANG! BANG! BANG! BANG! BANG! Clic. Clic. Clic.

Verificando que apenas dois disparos atingiram o corpanzil peludo e não foram suficiente sequer para retardar o avanço da fera, Osório ganiu uma súplica vazia aos céus e, na sequência, atirou-se pela janela, a única outra saída do casebre, deixando atrás de si um escuro rastro de sangue.

A despeito dos pequenos cortes que sofrera, Assombração desapareceu em desabalada carreira na direção da estrada. Quem conhecia sua indolência característica, não poderia imaginar que ele fosse capaz de um esforço físico tão grande.



Depois que a refeição diária foi deixada, Denise procurou engolir a gororoba, apesar do asco que sentia. Ela não saberia dizer se a comida e a água eram entregues durante o dia ou à noite, pois, no buraco escuro em que se encontrava, a noção do tempo se perdia. Ela tentou calcular os dias de cárcere pela quantidade de vezes que fora alimentada mas, com o passar das semanas, mesmo esta contagem não lhe despertava mais o interesse. Durante o longo período em que estava nas mãos dos sequestradores, a garota tivera bastante tempo para lamentar a sorte que a Fortuna lhe destinara.

Nascida numa família abastada, Denise nunca enfrentou qualquer desafio ou suportou algum tipo sério de adversidade. Embora não fosse bonita — seu rosto

tinha uma aparência retorcida como alguém que repudiasse o odor de esterco que estava constantemente colocado sob seu nariz —, mantinha-se magra e procurava compensar com dinheiro os atributos físicos que a natureza lhe negara. Vestia-se sempre com as roupas mais caras, usava os produtos mais supérfluos e dispendiosos e dedicava-se com afínco às frivolidades próprias da perdulária vida de madame. Bem medida e bem pesada, sua vida não representava melhor proveito para o resto da Humanidade que a de seus captores.

Enquanto terminava sua quota diária de alimentos indeterminados — a escuridão da cela improvisada não lhe permitia identificar a natureza daquilo que, com as mãos sujas, levava à boca —, Denise tomava pequenos goles de água. Ela havia aprendido, já nos primeiros dias, a racionar o consumo do líquido precioso, pois era mais fácil suportar fome que sede.

Finda a refeição, Denise arrastou-se de volta ao canto menos úmido do colchão que lhe servia de cama. Daí, deu asas à imaginação, começando a pensar na vida que teria caso conseguisse sobreviver à provação do cativo. Sopesou as opções aceitáveis de futuros maridos endinheirados, único critério com que se importava, adormecendo brevemente por alguns minutos, até ser despertada por um alarido diferente da rotina a que estava se acostumando. Ela pensou ter ouvido gritos e troca de insultos entre os sequestradores. Pouco depois, o barulho inconfundível de tiros e vidro se quebrando foi escutado. Àquela confusão, seguiu-se um silêncio prolongado. Acreditando ter sido encontrada pela polícia, Denise começou a gritar por socorro, reunindo toda a força de que ainda dispunha.

As tábuas de madeira, que representavam o teto de sua cela, foram repentinamente arrancadas com grande estrondo, ofuscando sua visão acostumada às trevas do cativo. Quando logrou adaptar sua visão à súbita claridade, Denise encarou um pesadelo em forma licantrópica. O lobisomem desceu ao buraco e, lenta e inexoravelmente, avançou para a menina, farejando seu medo.

Sem conseguir perceber o ridículo de suas palavras chorosas, Denise recorria ao único argumento de que se serviu em sua ignóbil existência.

— Me deixa sair! Eu quero ir embora! Eu te pago o que você quiser. Meu pai tem muito dinheiro...

A lição de que, na vida, havia coisas mais importantes que o dinheiro, chegou um pouco tarde para a jovem. Enquanto Denise choramingava suas súplicas inúteis, a cabeça do lobisomem executava um demorado percurso captando seu odor, dos pés ao peito, quase encostando seu focinho no corpo magro e alquebrado. Quando, enfim, ficou satisfeito com a inspeção olfativa, a fera decidiu começar seu festim. Notando a falta de energia da menina, o licantropo optou por desfrutar das vísceras da presa subjugada ainda viva.

As patas dianteiras foram firmemente posicionadas ao lado do peito de Denise. O monstro baixou a cabeça e arrancou, com uma única bocada, a pele e a fina musculatura do ventre que protegiam os órgãos internos da garota que, como único esboço de resistência, empurrava debilmente os pelos hirtos da grande cabeça lupina. Afundando o focinho no meio do sangrento amontoado de entranhas, a fera abocanhou um suculento e macio pedaço de carne brilhante e de cor escura, como o resultado da mistura cromática entre o vermelho e o roxo. Depois de algumas mastigadas, o lobisomem engoliu o fígado de uma vez, passando a língua pelos lábios. O *foie gras* era realmente uma iguaria deliciosa... Os demais órgãos do aparelho digestivo tiveram idêntico destino, sendo arrancados e engolidos pela bocarra faminta.

Com a consciência apenas por um fio, Denise ainda conseguiu observar enquanto a criatura usava as garras para desarticular o fêmur direito de seu quadril para, em seguida, degustar a perna inteira como uma mera coxa de galinha. A última coisa que ela ouviria neste mundo era o seco som dos seus próprios ossos se quebrando na mastigação ininterrupta do lobisomem, como um torresmo crocante.

Após a ingestão de Berne e da menina magricela, o licantropo desgarrado poderia considerar satisfeito seu apetite. No entanto, o teste a que estava sendo submetido exigia a eliminação de qualquer testemunha. O branquelo fugitivo tinha de morrer antes do alvorecer que se aproximava.



Poucos quilômetros depois do ponto em que se iniciou a caçada ao novato, a alcateia perdeu seu rastro, pois o cheiro impregnado na égua foi se desvanecendo aos poucos. *O filhote, aparentemente, é bem safo* — Maioral ponderou apenas para si. Para aumentar a área examinada, o alfa determinou a divisão do bando. Cada um dos lobisomens deveria seguir uma trilha diferente nas direções que se estendiam pelo grande território de caça da alcateia. Caso algum deles reencontrasse o cheiro do fugitivo, deveria uivar para convocar os demais. Não era a primeira caçada daquele grupo, cada um sabia exatamente o que teria de fazer.

Hardy, o esqualido licantropo alaranjado, foi mandado pela senda mais à esquerda, pois, no pensamento do alfa, esse era o caminho mais improvável que o lobisomem desgarrado teria tomado. A tarefa menos relevante seria desempenhada pelo membro mais dispensável. E Maioral não fez questão de ocultar tal raciocínio quando da divisão das tarefas.

Seguindo para dentro da mata, Hardy ia remoendo suas mágoas. Ele não era o lobisomem mais novo no grupo, mas ocupava o último lugar na cadeia de comando da alcateia. Hardy reconhecia não ter a força descomunal de Bigby, a ferocidade infrene de Warg ou as habilidades furtivas de Fenrir, mas, mesmo assim, o modo displicente que lhe era dispensado pelo alfa o feria profundamente. Em sua concepção, sua lealdade resoluta deveria ser levada em alta conta. Contudo, pelo contrário, quanto mais tentava demonstrar ser merecedor da confiança do líder, com menos respeito e consideração era tratado por Maioral.

Sabendo das poucas chances que tinha de encontrar o rastro do novato, Hardy caminhava sobre as patas traseiras, sem muita pressa, chutando as pequenas pedras que se encontravam no caminho, aguardando o momento em que fosse reconvocado à caçada pelo uivo de outro lupino. Um licantropo a quem foi dada uma missão de verdade. Aquela última reflexão, tanto amarga quanto verdadeira, provocou uma queimação em seu estômago praticamente vazio. Nenhuma presa fácil cruzou seu caminho e os poucos restos que lhe sobraram do porco abatido pela alcateia não foram remotamente suficientes para aplacar seu apetite sobrenatural. Conforme a noite ia se arrastando, a tortura da fome incomodava cada vez mais o lobo alaranjado que já perdia as esperanças de se alimentar.

Assim, faminto, cansado e desgostoso — *Oh, vida cruel!* — Hardy chegou ao topo de um barranco, divisando, na linha do horizonte, as fímbrias de uma claridade incipiente que anunciava a proximidade da aurora. Em menos de uma hora o manto púrpura seria substituído pelos tons alaranjados da alvorada.

Enquanto se lamentava pela refeição que não desfrutara, o pequeno lobisomem teve seus pensamentos interrompidos pelo som afastado de passos apressados. Aproximando-se da beirada de uma ladeira alcantilada, Hardy aguçou ao máximo seus sentidos e conseguiu localizar a fonte do barulho: no sopé daquela encosta, quase quarenta metros abaixo, seguia uma estrada e, por ela, vinha um homem correndo com muita pressa. *Ora, ora, ora... Talvez ainda não seja tarde demais para uma boquinha* — pensou satisfeito.

Antes que pudesse encontrar um caminho para descer à estrada, Hardy viu sua presa ser arrebatada pelo lobisomem desgarrado. Seguindo as ordens do alfa, ele aspirou profundamente o ar da noite, preparando-se para uivar chamando pelos irmãos lupinos, quando sentiu a borda do penhasco ceder sob seus pés. Sem apoio para um salto, o pequeno licantropo caiu na ribanceira, procurando virar seu corpo durante a queda, para pousar sobre as quatro patas, na tentativa de aliviar o baque.

Talvez um lobisomem mais vigoroso — ou que, pelo menos, tivesse sua estrutura óssea não comprometida pelo jejum prolongado — pudesse assimilar melhor o tombo, mas, para Hardy, a queda foi quase fatal. Os ossos de suas patas se fragmentaram com o impacto e o resto do corpo também suportou um severo castigo decorrente do encontro abrupto com o solo. Sua capacidade de recuperação daria conta dos ferimentos, mas Hardy não conseguiria recuperar a capacidade de uivar — ou até de se arrastar dali — pelos próximos minutos, tempo mais que suficiente para que o novato empreendesse nova fuga e escapasse.

— *Ai! Ai! Mas que merda!* — praguejou, irritado.

Enquanto estava avaliando a extensão dos danos físicos provocados pelo tombo monumental, Hardy teve a visão ofuscada pela rápida aproximação das luzes fortes de um farol. Caído e imobilizado sobre a estrada, o lobisomem ferido encarou, estupefato, o enorme caminhão que vinha de encontro ao seu corpo debilitado.

— *Agora, fodeu...* — guinchou desanimado diante do pacote ACME completo.

Antes que pudesse esboçar qualquer esforço para escapar do atropelamento, Hardy divisou uma veloz sombra acastanhada passar por seu corpo arruinado e deslizar rente ao pesado veículo motorizado que se aproximava. Uma sequência de estouros foi ouvida enquanto as afiadas garras do lobisomem caçado desfiava a lateral de borracha dos pneus.

O estouro súbito de várias câmaras de ar fez com que o motorista perdesse o controle do caminhão e acabasse por deixar o leito asfaltado, em rota de colisão com a encosta do barranco. A alta velocidade desenvolvida — muito superior ao limite de 80 km/h, afinal, poucos motoristas observam detalhes como excesso de velocidade nas altas horas da madrugada — e a trajetória quase perpendicular em que se deu a batida, transformaram o caminhão numa massa compacta e indistinta de metal e plástico, com um pequeno recheio de carne moída que, a não ser pelas peças de roupas, não se poderia adivinhar tratar-se dos restos de um ser humano.

Ainda tentando entender o motivo do milagre que lhe salvara a vida, Hardy sentiu o odor peculiar do licantropo novato enchendo-lhe as narinas. Sem nem conseguir se pôr em pé, ele viu o lobisomem desgarrado chegar cautelosamente e aproximar a bocarra de sua cabeça, questionando sem preâmbulos: — *Nenhuma testemunha, certo?*



CAPÍTULO 9 – AS REGRAS

12/Mar/2006 (domingo)
2º dia do ciclo da lua cheia



HARDY, TRÊMULO E ENCOLHIDO, FECHOU OS OLHOS, preparando-se para receber o golpe fatal que lhe ceifaria a vida. Entretanto, o lobisomem desgarrado permaneceu imóvel, sem desferir seu ataque, e outro odor conhecido insinuou-se ao olfato da fera ferida. O inebriante cheiro de sangue fresco. Não demorou muito para que a fome vencesse o receio. Hardy descerrou as pálpebras e se deparou com um humano, pálido e sem uma das pernas, deitado ao seu alcance. O homem balbuciava incoerências e agarrava fortemente o local da amputação para estancar a hemorragia.

Logo após o ataque a Osório, o lobisomem fugitivo percebeu a presença de outro licanthropo, ao mesmo tempo em que ouviu seu gemido telepático. Ciente do perigo, partiu em auxílio do colega em apuros. Por ter sido o único lobisomem ao alcance do chamado, a continuidade da existência de Hardy dependia exclusivamente da sua força, agilidade e rapidez. Para sorte do licanthropo laranja, o lobisomem desgarrado era mais solidário com seus pares que Alexandre, em relação aos humanos que o cercavam.

Após conseguir desviar o caminhão, o novato certificou-se de que o motorista, único ocupante do veículo, não escapara com vida do acidente. Com a certeza de que o segredo da existência da sua espécie continuava preservado, o lobisomem arrastou sua vítima incapacitada em direção a Hardy, deixando uma trilha de sangue fresco sobre o asfalto.

— *Nenhuma testemunha, certo?* — perguntou, orgulhoso, oferecendo sua presa ao pequeno licantropo alaranjado.

Hardy aceitou de bom grado o lanche tardio, mordendo uma das mãos do bípede caído. Mesmo próximo ao estado de choque hipovolêmico pela perda massiva de sangue, Osório esboçou um princípio de reação para afastar a fera, momento em que o lobisomem castanho agarrou seu pescoço com a tenaz formada pelos dentes afiados e iniciou uma vigorosa chacoalhada que terminou por partir o pescoço do humano.

— *Normalmente, eu não teria pressa, mas agora é melhor você terminar logo isso daí para podermos sair da estrada.*

Não estando acostumado àquela espécie de gentileza, Hardy não soube como demonstrar sua gratidão, limitando-se a emitir um tímido sinal de reconhecimento, um leve menear da cabeça, antes de voltar à tarefa de se alimentar.

Com o humano inteiramente consumido e a mobilidade já readquirida, Hardy seguiu para o matagal lindeiro, seguindo o cheiro do outro lobisomem até encontrá-lo numa clareira próxima.

— *Por que cê me ajudou?* — perguntou com receio. — *Eu tava te caçando.*

— *Esse não era o teste? Você fez a sua parte como membro da alcateia. Pareceu-me que a minha obrigação, além de garantir minha própria sobrevivência, era não deixar nenhum lobo perecer* — o lobisomem castanho respondeu prontamente, olhando diretamente nos olhos do outro.

Procurando resguardar suas ideias apenas para si próprio, longe da comunicação telepática entre os lobisomens, Hardy concluiu receoso: *Comportamento típico de alfa... Esse aí é o Maioral no mesmo grupo? Vai dar merda!*

Enquanto aguardavam o pleno restabelecimento de Hardy, as feras foram alcançadas pelas primeiras luzes da manhã.



Alexandre e Marcelo conseguiram se vestir precariamente roubando algumas roupas ainda úmidas penduradas em varais de pequenas habitações à beira da estrada.

Quando caminhavam de volta para o motoclube, Marcelo pareceu se recordar de algo e virou-se para o companheiro de caminhada.

— Sabe de uma coisa, mano? — iniciou o diálogo. — Meu lobo já tem uma boa contagem de vítimas, mas nunca matou uma pessoa que não fosse para refeição. Você viu o fantasma do motorista do caminhão? — inquiriu com evidente interesse.

Alexandre parou de andar e, antes de responder, analisou os arredores por alguns instantes. Reconheceu, bem ao longe, um trio de espíritos translúcidos.

— Não, só vejo três fantasmas e, se não me engano, acho que todos eles estavam num casebre que meu lobisomem invadiu ontem. Acho que somente as vítimas devoradas aparecem como fantasmas. Por quê? — Alexandre devolveu-lhe a pergunta.

Marcelo pigarreou antes de replicar.

— Porra, num entende errado a pergunta, não! Não estou te acusando de nada e é lógico que eu agradeço a ajuda. Pelo pouco do que me lembro, acho que devo a

minha vida ao seu bicho. Eu só estava curioso para saber se você não fica chateado com a morte do caminhoneiro...

Alexandre virou-se para encarar o magrelo, mas não viu ali qualquer sinal de recriminação ou ironia. Marcelo parecia sinceramente acabrunhado com o resultado da caçada da noite anterior. Alexandre retomou a caminhada em silêncio por mais alguns minutos, sopesando os próprios sentimentos.

— Sabe, Marcelo, eu não me incomodo muito com o que aconteceu, não. Na verdade, devo confessar que não me incomodo nem um pouco — completou com um dar de ombros. Ao perceber a fisionomia de perplexidade de seu interlocutor, Alexandre explicou. — O que acontece é que eu não ligo muito se um cara como aquele caminhoneiro vive ou morre. Se posso confiar nas poucas memórias que retive da noite passada, o desgraçado estava pisando fundo naquela estradinha. Pelo jeito que dirigia, sabe-se lá se também não estava bêbado ou drogado... Pense só: um caminhão velho, carregado até o talo de carga pesada e naquela velocidade? Se tivesse algum problema na estrada, como um carro menor enguiçado, aquele filho da puta ia provocar a morte de alguém! E eu estou de saco cheio das pessoas que acham que podem pegar a merda de um carro e sair por aí como se não fosse nada de mais, falando ao celular, correndo, sem prestar a menor atenção ao que estão fazendo, em total desrespeito à vida alheia. Você, que anda de moto, me responde uma coisa: quantas vezes não escapou por pouco de ser atropelado por um bosta que dirigia como se a rua fosse só dele?

Depois de aguardar alguns segundos para que Marcelo absorvesse o sentido da sua linha de pensamento, Alexandre arrematou.

— Se as pessoas agem de maneira cretina e não ligam para a minha vida, não faço mais que retribuir a gentileza dando-as de bandeja para meu lobisomem. E tem mais uma agravante: um idiota agindo imprudentemente pode tirar a vida de outra pessoa por nada. Meu lobo só tira a vida alheia para saciar a própria fome e

para preservar sua existência. Acho que já tem gente idiota demais nesse mundo, um a menos não faz a menor falta — proclamou com convicção.

Quando finalmente chegaram ao portão que dava acesso ao motoclub, foram saudados por um esfuziante gigante já trajado com a roupa utilizada na noite anterior.

— Buenas, então tu conseguiu?! — Cézar estreitou Alexandre num abraço de urso que quase lhe partiu um par de costelas. A alegria do titã parecia ser tão perigosa quanto sua ira. — E ainda achou companhia? Embora não das mais agradáveis, deva se dizer. — A última frase foi sussurrada para Alexandre, mas não tão baixo que pudesse escapar aos ouvidos sempre atentos de Marcelo.

Caminhando para o galpão, Alexandre percebeu o olhar enviesado que Cézar, esporadicamente, lançava para Marcelo que, por sua vez, caminhava cabisbaixo olhando para o chão, como que evitando cruzar seu olhar com o do presidente do motoclub.

À luz do dia, era mais fácil perceber que a sede do motoclub necessitava de uma limpeza mais cuidadosa. Pequenas teias de aranha se acumulavam no telhado e uma fina camada de poeira parecia recobrir todo o ambiente. Apesar disso, a construção era acolhedora, oferecendo um clima bem mais ameno sob sua cobertura, pois a ausência de paredes mantinha o local bem ventilado. A churrasqueira já estava acesa novamente, com as brasas emitindo seu brilho característico.

Diante do olhar surpreso de Alexandre, Cézar explicou.

— Durante toda a fase da lua cheia, nosso grupo se reúne. Passamos o dia aqui na sede e precisamos comer. Afinal, saco vazio não para em pé — acrescentou, rindo sozinho da própria observação.

Eric era quem comandava a preparação das carnes naquela manhã. Os recém-chegados sentaram-se na mesinha. Maurício, de seu canto, observava tudo em silêncio.

César puxou uma cadeira e se sentou de frente para o espaldar.

— Enquanto o loirão prepara o rango e a gente espera pelo Deive, eu quero ter uns dois dedos de prosa contigo, novato.

Ao ouvir o gigante dirigindo-lhe a palavra, Alexandre empertigou-se.

— Sem problema, xará — limitou-se a responder.

— Nossa conversa ontem foi muito rápida e sei que tu deve ter muitas perguntas. Agora que tu é oficialmente do bando, vou tentar explicar toda a situação com mais calma. — A plateia mantinha-se em respeitoso silêncio. Alexandre sentia crescer a expectativa pelos mistérios que, acreditava, começariam a ser elucidados. — Bom, a primeira regra do clube da lua — César retomou tranquilamente — é que tu não fala sobre o clube da lua. — Após alguns segundos de pausa, o gigante completou. — E a segunda regra do clube da lua é que tu não fala sobre o clube da lua.

Nenhum dos presentes esboçou qualquer reação. César cravou seus olhos frios em Alexandre e este não pôde deixar de traduzir em suas expressões faciais a profunda perplexidade que o tomou de assalto.

Diante do olhar embasbacado pregado no rosto de Alexandre, César explodiu em gargalhadas. Seu riso gutural preencheu o ambiente e afastou a névoa de tensão que recobria o interior do galpão.

— BUWAHAHAHA!!! Foi mal, amizade, mas faz tempo pra caralho que eu queria dizer isso. Tem uma cara que a gente não tem novos membros e eu não podia deixar passar essa oportunidade. — César deu um tapinha amistoso no joelho de Alexandre. Algumas caneladas, que Alexandre já acertara em

inconvenientes quinas de mesas de centro, foram menos dolorosas que o contato amigável do pantagruélico presidente do MC. — Tu precisava ver a tua cara... Que foi? Tu não gostou do filme?

Os risos se espalharam com a força de uma piada interna entre o grupo de motoqueiros. Um dos cantos da boca de Maurício até se elevou ligeiramente num esboço de sorriso, provocando o surgimento de uma pequena linha de expressão muito pouco testemunhada. Aos poucos, a hilaridade diminuiu até cessar por completo e a conversa foi reencetada.

— Mas falando sério agora, a ideia do tal Clube da Luta cabe como uma luva pra gente. Nossa existência é um segredo absoluto e deve ser mantido assim. Não se escreve sobre isso. Não se compartilha informações com NINGUÉM de fora do bando! Nem com a porra do Papa! Essa é a principal regra na licantropia. Talvez, até, seja a única que verdadeiramente importa. E qualquer violação acarreta a morte, simples assim. — As palavras, mais que mera bravata, emanavam um inequívoco tom de advertência. A um só tempo, era um aviso, uma ameaça e uma promessa. — Tu entendeu, compadre? — Cézar indagou cutucando o peito do novato com a ponta de seu dedo. Alexandre arqueou as sobrancelhas e confirmou sua plena compreensão meneando afirmativamente a cabeça. — Tu tinha comentado que teus pais já morreram, não é isso? E outros parentes e amigos próximos, tu tens algum?

Após manter alguns segundos de silêncio, Alexandre engoliu em seco e respondeu.

— Sim, meus pais já são falecidos. Sou filho único. Acho que meus parentes mais próximos são uns primos distantes que eu nunca vejo, a não ser, é claro, em casamentos e velórios. Tenho só um amigo mais chegado...

— Tem, não. Tinha — Cézar atalhou autoritariamente. — Fica ligado, amizade. Dá uma olhada ao teu redor. Esses são teus amigos. Porra, a partir de agora, esses

são os teus irmãos! Tua galera agora é a nossa alcateia. Nós ficamos só entre os nossos e mantemos um perfil bem discreto, *low profile*, sacou?

— Ok. Acredito que captei a ideia geral da coisa toda. — Alexandre levou a mão ao queixo enquanto passeava o olhar pelos rostos dos novos companheiros. Ao completar o exame, ele franziu o cenho, estampando um ponto de interrogação na expressão. — Só tenho uma dúvida: então nenhum de vocês é casado ou tem namorada? Percebi que não tem nenhuma mulher por aqui.

— Ah! Tu tá maluco, guri? Não ouviu o que eu disse, caralho? — Cézar revirou os olhos e levantou as mãos ao céu, como que pedindo paciência. — Nossa existência é um segredo. SE-GRE-DO — repetiu, escandindo as sílabas — conhecido somente por nós mesmos. Como é que iríamos manter algum sigilo com uma mulher na alcateia?

— Hehe! E quando não é lua cheia, a gente se diverte com as biscates. — Ao falar, Marcelo movimentou os braços e quadris num grotesco arremedo de coito virtual.

— Nem todo mundo, hunf, é que nem você, Marcelo, hunf, que precisa pagar para ter mulher — contrapôs, entre arquejos, um gordo esbaforido que, suado e somente de calção, acabou de chegar para juntar-se ao grupo. — Existem limites até na escrotidão, mermão — Deive sentenciou.

— Porra, Deive! Até essa hora? — Eric gritou da churrasqueira.

— É que acordei longe demais. Meu bicho corre pra caralho... — justificou-se com o corpo dobrado para frente e as mãos apoiadas na mesinha.

— E o gordinho não consegue fazer o caminho de volta sem botar os bofes para fora — Marcelo murmurou somente para Alexandre, sufocando um risinho que não passou despercebido pelo grupo.

— E quando é lua cheia? — Alexandre retomou o tópico anterior. — Nem durante o dia vocês saem com a mulherada?

— Você já saiu com alguma mina nesses dias? — Deive questionou.

— Eu confesso que nunca prestei muita atenção nisso, mas, desde a mordida, eu não tenho uma vida amorosa muito agitada — Alexandre confessou sem constrangimento. — Agora, puxando pela memória, eu acho que nunca saí com uma garota nesses dias. Pelo menos, não que eu me lembre.

— Isso é assim mesmo, amizade — Cézar pontificou, debruçando-se sobre a mesa. — A mordida do lobo altera nossa cabeça. Quando for lua cheia, tu não vai pensar em mulher. Só vai ter vontade de se juntar ao bando e sair para caçar — assegurou, gesticulando para indicar os presentes. Com o dedo em riste, tornou a falar. — Mesmo durante o dia, tu não vai ficar sossegado, vai sentir um negócio esquisito, uma vontade de estar entre os seus iguais. De vez em quando, pode até querer extravasar a agressividade. Parece que o bicho toma conta da gente até quando estamos na forma humana. O sangue ferve e o nosso maior anseio é a chegada da noite para poder estraçalhar carne fresca. Então, quando o sol se põe, tu deixa o lobisomem à vontade para matar a fome de carne e saciar a sede de sangue.

— E por falar em caçar — Deive acrescentou estalando a língua —, eu já aproveitei meu retorno para cá e marquei o local onde a gente pode se divertir hoje. Meu irmão, é uma daquelas igrejinhas de crente... bem afastada de tudo e com fartura de carne para escolher — anunciou esfregando uma mão na outra.

— Foi lá que você arranhou esse modelito? Hahaha! — Marcelo gracejou ao apontar o calção do gordo companheiro.

— Não. O short era a única coisa do meu tamanho que a sua mãe tinha! — A resposta atravessada veio acompanhada de um sonoro e ardido tapa na nuca do magricela que derrubou seu boné.

— Ai! Ô, véi, olha o *bullying*, pô! — Marcelo reclamou, torcendo o nariz, enquanto esfregava a parte posterior do pescoço.

— Se é para formar caráter, não é *bullying*, puro-osso — respondeu seriamente o anão.

— Vocês vão atacar uma igreja? — Alexandre sondou com curiosidade.

— Por quê, moleque? Algum problema? Tu é religioso, é isso? Católico, evangélico ou sei lá que outra porra? — Enquanto dirigia a pergunta a Alexandre, Cézar balançou a cabeça em aprovação à reprimenda aplicada por Deive.

— Sou pastafariano — Alexandre limitou-se a responder.

— Pasta o quê? — perguntaram os membros do grupo, quase em uníssono.

— Pastafariano. Quer dizer que acredito no Monstro do Espaguete Voador e no seu profeta, o Capitão Mosey Monesvol — explicou automaticamente.

Os membros do grupo olharam de um para o outro tentando entender a declaração. Máscaras com expressões oscilando entre a descrença e a confusão pareciam ter sido costuradas em seus semblantes. Alexandre, então, achou por bem retificar a declaração.

— Na verdade, essa é só uma forma jocosa de dizer que eu não sou religioso. Nem católico, nem evangélico, nem nada. Acho até que essas crenças fazem mais mal que bem. Só as religiões, com seus dogmas e pecados, conseguem fazer com que um homem bom faça uma coisa má. Quando a pessoa tem plena convicção que está ungida por um poder superior, ela se torna fanática e consegue realizar um mal absoluto de forma entusiástica, sem dúvidas ou arrependimentos. Nestes casos, a pessoa se torna apenas massa de manobra de outros homens que dizem falar com Deus. Por conta desse despautério, não sou nem um pouco religioso. E vocês?

— O Marcelo é macumbeiro... — começou Cézar.

— Umbandista. Sou filho de Ogum — retrucou o baixinho.

— Umbanda, candomblé, macumba... Seja lá como você chama é só um monte de batuques e grunhidos — Cézar expôs sua opinião ligeiramente mesclada de um preconceito adquirido em sua vida pré-licantrópica e continuou. — O Eric é maluco. Ele se diz pagão, ou sei lá o quê. Ele acredita numas divindades estranhas. — Diante da churrasqueira, o loiro virou-se para Alexandre e levantou seu copo em saudação, tomando um longo gole da bebida. — E o Deive é católico.

— Católico não praticante, mas católico — completou Deive, a mão direita fazendo o pelo sinal da santa cruz.

— É, um católico que come hóstias e carne humana — Cézar ironizou revirando os olhos.

— Ei, tem gente que vai à igreja todo domingo e já comeu bem mais de um alqueire de trigo em hóstias e é muito pior que eu. Não cobiço a mulher do próximo e nem meto a mão no bolso alheio. Eu sou um pecador comedido. Além disso, pela minha crença, basta me arrepender em algum momento no futuro que Deus vai me absolver.

— “Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado, / Da vossa piedade me despido, / Porque quanto mais tenho delinquido, / Vos tenho a perdoar mais empenhado.” — Alexandre recitou num tom agradável e melodioso.

— Como é que é? — estranhou Deive.

— Parece com a sua filosofia, ou melhor, com sua crença — Alexandre explicou, sem se dar ares de superioridade. — É o início de um poema de Gregório de Matos Guerra, o Boca do Inferno. Em resumo, ele se considerava um pecador e achava que quanto mais ele pecava, mais Deus deveria perdooá-lo.

— Bonito isso. Acho que é bem por aí. Antes de morrer, eu me confesso e acerto minhas contas com Deus — Deive ponderou com fervor e juntou as mãos

espalmadas em frente ao corpo.

— É, tu é um santo, realmente! Pois eu acho tudo isso uma babaquice sem tamanho — interveio Cézar. — Não importa se tu é crente, macumbeiro ou papa-hóstia, quando tu morre, acabou. Simples assim. Não acredito em Deus ou Deuses. Eu ando por estas terras há muito tempo, desde minha época na lida como capitão do mato, e já vi muita coisa estranha. Além dos fantasmas chatos da refeição dos lobos, já tive o desprazer de topar com vampiros, demônios e fadas, mas nunca topei com anjos ou qualquer outro enviado desse tal de Deus. Muito menos com o próprio Todo-Poderoso-Pica-Grossa-das-Galáxias.

— Mano, nunca se meta com as fadas. Elas são muito sinistras... — enquanto pronunciava a última frase, Marcelo se contraiu num tremelique involuntário, como se um arrepio gelado tivesse percorrido sua espinha.

— Há mais mistérios entre o céu e a terra do que imagina nossa vã filosofia — Alexandre tornou a recitar.

— Porra, mano, cê é um poeta — espantou-se Marcelo.

— Shakespeare — disse Alexandre, a título de explicação. — Eu gosto de poesia em geral, mas tenho uma predileção especial pelo bardo inglês.

— Eu gosto de cerva e tenho uma predileção especial por mulher. Jovens e inteiras, geralmente. Frescas e em pedaços, na lua cheia — ironizou o gigante.

— O mais próximo que já vi de um deus foram aqueles sete irmãos sinistros... — Maurício interveio na conversa, soltando a fumaça do cigarro enquanto pronunciava as palavras.

Todos os presentes olharam para o taciturno membro do motoclub quando ele rompeu com seu costumeiro silêncio. Ao sentir os olhares recaindo sobre si, Maurício apenas deu de ombros e continuou a desfrutar de seu mutismo fitando um

mundo microscópico que somente ele enxergava e que se localizava na ponta do próprio sapato.

— O Mau tá certo. Aqueles sete são foda. Os caras dão medo, mas as minas são uma coisa. Quer dizer, a velhota é uma mocreia, mas as duas irmãs mais novinhas são uma delícia, principalmente a gótica... — Deive perdeu-se em devaneios.

— Não se preocupe, não. Nós todos temos um encontro marcado com ela no futuro — sentenciou Eric. — Só espero que esse futuro demore a chegar...

Sem ligar para as últimas manifestações, Alexandre, não conseguindo disfarçar a incredulidade, perguntou ao gigante: — Você era capitão do mato? Quantos anos você tem, xará?

— Coisa de uns duzentos anos... — Cézar comentou com desdém.

— Caraca! — Alexandre exclamou, arregalando os olhos. — Desculpe-me por falar, mas você é velho pacas!

— Tá velho, acabado, o pinto não sobe mais... — Marcelo engoliu o resto da zombaria ao perceber o olhar frio do gigante em sua direção.

— Você tá muito engraçadinho, Marcelo — advertiu Deive, levantando a mão para desferir um novo pescotapa.

— E eu nem sou o mais velho do bando — Cézar reencetou o diálogo, procurando ignorar o chiste de Marcelo. — O Mau já era lobo velho quando eu me tornei lobisomem. — Maurício acenou levemente com a cabeça e atirou no chão a guimba do cigarro, apagando-a com a ponta do sapato. — E o Eric também não é muito novo, não. Chegou até a lutar na Segunda Guerra Mundial.

— Verdade. — Instintivamente, Eric acariciou a cicatriz sob a barba cerrada.

Eric era o mais afável do grupo e seu jeito franco e caloroso inspirava simpatia imediata em todas as pessoas. Alexandre não foi uma exceção. Notando que um

vêu de tristeza e nostalgia descera sobre o loiro, ele resolveu mudar de assunto.

— Ontem alguém falou que a mordida era a única forma de virar lobisomem. Então, se eu tiver um filho ele não vai se transformar também?

— Filho? Quanto a isso, tu pode ficar tranquilo, compadre. — Cézar levou a mão à virilha, coçando o saco. — Depois da dádiva da lua, essa não é mais uma opção. Tu não pode mais ter filhos — o gigante decretou sem rodeios.

— É proibido ter filhos? — Alexandre perguntou bruscamente.

— Não é proibido — Eric se adiantou em responder. — A gente só não consegue mais ter filhos. A dádiva da lua nos torna estéreis.

Alexandre ficou alguns momentos em silêncio. Ele não tinha planos de procriar em curto prazo, mas ter aquela possibilidade, ou melhor, aquele sonho retirado de suas mãos causou-lhe um evidente desconforto que mal conseguiu disfarçar. Ele engoliu em seco e esforçou-se para retomar a conversa.

— Ok. Recapitulando, então: já sei que devo ficar pianinho em relação ao fato de ter virado lobisomem; sei que só o alfa pode criar outro lobo ou autorizar que alguém o faça; tenho que me manter abaixo do radar, tanto do governo como da sociedade em geral; vou viver pra caralho; e Deus não existe. Algo mais que preciso saber? — Alexandre ergueu as sobrancelhas ao questionar o presidente do motoclub.

— Acho que tem mais duas coisinhas que é bom tu saber. Uma delas é uma mão na roda. — Cézar levantou-se da cadeira e acendeu um charuto. — Em caso de muita necessidade, tu pode impedir ou retardar a transformação com chá de acônito.

— Acônito? — Alexandre franziu o cenho, esforçando-se para lembrar onde já havia ouvido aquela palavra.

— É uma planta com pequenas flores roxas ou azuis — Eric explicou com solicitude. — Ela é venenosa para os humanos, mas, para nós, tem o efeito de impedir a transformação na primeira e na última noite da lua cheia, ou retardar o momento de virar lobisomem nas outras noites.

— Menos na quarta noite. Na lua cheia plena, nada impede a transformação — Cézar observou com uma estranha entonação. — Mas isso deve ser usado com bastante cuidado e somente em casos em que é realmente importante evitar a transformação — completou o gigante. — Os bichos não gostam nem um pouquinho quando a gente rouba o tempo deles...

— E qual era a outra coisinha que eu preciso saber? — Alexandre indagou interessado.

— Sendo lobisomem há algum tempo, tu já deve saber que deve evitar prata, isso eu acho que nem preciso falar, né. Mas aquela lenda de que só uma bala de prata no coração dá cabo de um lobisomem é pura lorota. Quando transformado, a gente se cura mais rápido, mas não somos invulneráveis, somos apenas mais difíceis de matar. Se teu bicho for decapitado, queimado até os ossos ou triturado num gigante moedor de carne, já era, compadre... — Cézar bateu com uma mão fechada sobre a outra mão aberta, esfregando os nós dos dedos na palma imitando um pilão. Depois de aguardar alguns segundos, concluiu. — Sua forma humana também vai se curar mais facilmente, principalmente perto da lua cheia, mas não será tão eficaz quanto a recuperação do lobisomem.

Neste ponto da conversa, o cheiro das carnes levemente assadas invadiu as narinas dos motoqueiros. Aqueles que ainda não tinham vestido a própria roupa se aprumaram rapidamente. Com um mero aceno de cabeça, Cézar convidou o grupo para comer e, num consenso que dispensou palavras, foram aplacar a fome.





Naquela noite de domingo, os membros reunidos do motoclub deram início ao conhecido ritual de transformação. Um porco foi preso ao lado do galpão e as roupas foram retiradas.

Como na noite anterior, o lobisomem castanho foi o último a se recompor após a metamorfose. Quando ele finalmente conseguiu se colocar em pé, só restavam as sobras de uma carcaça. Ao se aproximar daqueles restos do porco abatido, o pequeno licantropo laranja, com o rabo entre as pernas e orelhas baixas, cedeu sua posição e sua diminuta porção de alimento ao novato.

Os membros da alcateia já estavam dispersos, ansiosos por encontrar o local selecionado para a caçada noturna, mas o alfa não deixou de perceber a atitude submissa de Hardy. Maioral desprezava o fraco lobisomem que se contentava em ocupar passivamente o último lugar na cadeia de comando. Naquela ocasião, ele não poderia imaginar que a lealdade da alcateia começaria a ser disputada silenciosamente com o novato, sendo o comportamento do lobisomem laranja o primeiro sinal daquela competição.

— *Vamos!* — Com um simples comando telepático, o silencioso grupo de caçadores tomou o rumo nordeste para o local em que se realizava o último culto religioso daquele final de semana.



— A palavra de Deus, irmãos, é o Espírito Santo em nossos corações! E a palavra de Deus, irmãos, não deve ficar nesse templo! Ela deve seguir cada um de vocês! Aqui e em suas casas! No trabalho e na escola! Porque o Diabo, o Tinhoso, vai tentar o fiel, mas o fiel que tem Deus no coração, não se afastará do Senhor! —

o pastor arengava, andando de um lado para o outro no pequeno púlpito de madeira.

— ALELUIA! — entoava a plateia em altos brados enquanto o fervor das palavras e a atuação frenética do pastor conduziam ao clímax do culto, quando seriam passadas as cestas para recolher as contribuições voluntárias daqueles que não queriam ir para o inferno.

— Se você tem Deus no coração, irmão, sirva ao Senhor teu Deus. Coloque o seu dízimo aos pés do nosso salvador! Porque dele é o reino, o poder e a glória! — As mãos seguravam um livro encadernado em couro preto e, ocasionalmente, se liberavam do fardo para se agitar, ora em direção à plateia, ora em direção ao teto.

— ALELUIA! — repetia a audiência hipnotizada.

Quando os assistentes começaram a recolher o dinheiro, os fiéis passaram a entoar um hino de louvor. Sob o som daquela melodia, notas e moedas foram deixadas nos cestos das oferendas. Ao final, o celebrante deu a bênção final e dispensou os membros da congregação para suas casas.

A maioria daquelas pessoas morava num raio de quatro quilômetros da Casa de Louvor de Nosso Senhor, único templo religioso daquela localidade. Por não possuírem meios de locomoção, público ou particular, eles adotaram aquela particular vertente religiosa. Verdade seja dita, a maioria daqueles que ali se encontravam não saberia diferenciar sua religião da multiplicidade de crenças assemelhadas do grande mercado varejista que se tornou o culto ao deus cristão. Tendo uma Bíblia sob o braço e um discurso fervoroso nos lábios, qualquer pessoa pode pregar a vontade de Deus, sendo dispensado até mesmo um teto sobre sua cabeça, como evidencia a grande quantidade de pastores evangelizando — e, às vezes, divertindo — os pedestres que cruzam as movimentadas praças das grandes cidades brasileiras^[4].

Enfim, enquanto o rebanho saía do templo, o pastor e seus dois assistentes faziam a contagem do montante arrecadado. Tanto estes como aqueles eram observados por seis pares de olhos escondidos na mata adjacente.

O líder dos caçadores noturnos mantinha-se de pé, observando toda a movimentação da igreja e seus arredores, escolhendo calmamente as presas a serem abatidas naquela noite.

— *Aqueles três!* — O comando telepático foi seguido pelo gesto de um grande braço recoberto de pelos cinzentos que apontava para as vítimas eleitas. Sorrateira e silenciosamente, o grupo deslocou-se nas sombras para preparar a emboscada.



No interior do pequeno casebre, sede e local de reunião da igreja Casa de Louvor de Nosso Senhor, Francisco Bezerra estava ocupado contabilizando as despesas de manutenção do templo na pequena salinha que lhe servia de escritório. Descontados os gastos do próprio templo e do dispêndio que o autodenominado bispo utilizava para sua própria — e não tão modesta — subsistência, a pequena paróquia rendera quase dois mil reais naquele mês. Se o governo não extinguisse os programas assistenciais de bolsa-miséria^[5], Francisco logo teria capital suficiente para abrir uma nova filial de sua igreja. Seu sonho era espalhar sua versão particular da fé cristã numa grande rede de franquias por todo o Brasil e, quem sabe, num futuro próspero, por todo o mundo. Ele não seria o primeiro a realizar tal façanha.

Francisco perdia-se nesses devaneios enquanto Estevão e a jovem Soninha cuidavam da limpeza e preparavam o fechamento do local. Antes que tais preparativos tivessem terminado, ouviu-se um estrondo e todas as lâmpadas se apagaram. Uma fresta de luz alargou-se com o lento abrir das portas da frente.

Apenas o tétrico rangido das dobradiças quebrou o silêncio da noite, como uma banshee lamuriosa lançando exéquias ao filho moribundo.

Ao final do som funesto, dois vultos sombrios delinearam-se sobre a soleira da porta. Um rosnado gutural preencheu o interior da pequena construção e Francisco sentiu uma gota de suor frio percorrer a coluna. Ele apertou com mais força a Bíblia que mantinha em mãos, mas não conseguiu pensar em nenhuma prece ao ser inundado pelo medo ancestral da escuridão.



A pequena estradinha de terra batida mal era iluminada pelos esparsos postes instalados ao longo da via. Nenhum veículo motorizado passava por aquele trecho deserto para clarear o caminho com a luz de seus faróis.

Ana Clara andava de mãos dadas aos seus pais. Suas pernas curtas agitavam-se na tentativa de acompanhar os passos dos adultos. Os pés descalços mal tocavam o chão de terra. A caminhada, após o longo período em que se manteve parada assistindo ao culto religioso, era um exercício agradável e revigorante. Não que ela não gostasse de ir à igreja. As canções gospel e os hinos religiosos até que lhe agradavam, embora não entendesse patavina do palavrório disparado pelo pastor. A única coisa que realmente lhe incomodava a mente infantil era testemunhar o pai e a mãe disporem dos poucos recursos que tinham ao ofertório religioso, porque sabia que, em sua casa, faltavam-lhes alguns itens essenciais. Os pais sempre lhe negavam os pedidos pueris, alegando a falta daquele mesmo dinheiro que tão generosamente, segundo lhe explicavam, entregavam a Deus. Se Deus podia estar em todos os lugares, por que precisava de tanto dinheiro enquanto ela, que obrigatoriamente estava fadada a andar com os pés no chão, sequer conseguia comprar sapatos?

— Papai? — Ana Clara chamou com sua voz langorosa.

— Oi, filha — o pai respondeu numa voz rouca e cansada, depois de ajeitar o pesado tijolo de papel da bíblia evangélica sob a axila esquerda.

— Nosso Deus é o único deus verdadeiro? — Ana Clara ainda não abandonara a fase das perguntas intermináveis. Sua mente curiosa e ignorante tentava entender como funcionava o mundo.

— Credo, Clarinha! É claro que é — atalhou a mãe, sacudindo gentilmente o braço direito da menina, numa leve e descontraída repreensão.

— E o pastor falou que quem não acredita em Deus vai com o Diabo, né? — insistiu a criança.

Foi a vez do pai responder: — É, filha — confirmou num suspiro. — Mas não fala esse nome de noite — pediu com veemência.

— Por quê, papai? — Ana Clara arregalou os olhos ao indagar.

— Dizem que quando se fala no Diabo, ele aparece. — O pai respondeu num sussurro, reproduzindo a lei de Agatha.

Diante da possibilidade de ter invocado involuntariamente o capeta, Ana Clara estremeceu. Nunca era cedo demais para preencher o coração infantil com medos supersticiosos. Para a menina, o conhecido caminho para casa pareceu ter se tornado, de uma hora para outra, extremamente perigoso, com um demônio escondido atrás de cada árvore, pronto a levar sua incauta alma para as profundezas das chamas eternas. A fraca iluminação natural da lua avermelhada, efeito das partículas de poluição em suspensão no ar, ao invés de aclarar os arredores, proporcionava uma infinidade de sombras entrecortadas por contornos difusos em tons de sépia. Os poucos halos de luz acobreada vindos dos espaçados postes, aumentava a sensação de abandono daquela estradinha.

Ana Clara fechou os olhos e juntou as mãozinhas em prece. Desejou ardentemente que algum outro membro daquela comunidade religiosa morasse

perto de sua casa. De preferência, alguém que tivesse um automóvel e pudesse lhes dar uma carona. Mesmo tirando o carro de seus cálculos, talvez a mera presença de mais pessoas fervorosas pudesse afastar a presença maligna que ela inadvertidamente imaginara ter chamado. Mas o caminho era ermo e a menina mentalmente repetia suas orações na esperança de alcançar a atenção do seu Deus protetor.

A detonação muita próxima do que pareceu ser um rojão se fez ouvir, ecoando na calmaria noturna. As poucas luzes da via pública se apagaram e o sangue da menina gelou em suas veias.



— *Você já caçou antes, filhote?* — A pergunta jocosa do Maioral foi dirigida ao lobisomem recentemente incorporado à alcateia.

— *Faz mais de vinte ciclos que eu me viro sozinho.* — Foi a declaração firme do licantropo castanho.

— *Um lobo solitário, hein?* — o alfa observou, procurando colocar todo o sarcasmo possível naquelas palavras. Aquela resposta atravessada carecia do tom respeitoso que se deve dispensar ao líder da alcateia, mas Maioral achou por bem ignorar a empáfia do novato. Ele ainda teria bastante tempo para colocar aquele lobinho no seu devido lugar. — *Então, para garantir o sigilo do ataque, dois de nós bloqueiam o lado de cima da rua e outros dois, o lado de baixo. Eu e o Bigby fazemos o ataque.* — O grande lobisomem negro aquiesceu com um leve menear da cabeça. O alfa completou: — *Se virem algo com que não possam lidar, uivem.*

— *E quando nos juntamos a vocês?* — interpelou rispidamente o novato.

— *Quieto, filhote!* — rosnou Maioral, escandindo vagarosamente a última palavra enquanto retraía os lábios para expor os dentes brancos. — *O resto de*

vocês ataca quando EU mandar! Mexam-se, ao trabalho! — ordenou com um tom que não admitia contestação.

Sem que o alfa houvesse determinado, o novato tomou a rota que vigiaria a parte de baixo da rua, sendo imediatamente seguido por Hardy.

Ao reparar a manifesta subserviência do lobisomem laranja, orelhas e cauda abaixadas, Maioral interveio: — *Ei, Hardy! Vá com o Warg pela parte de cima. Fenrir* — o alfa dirigiu-se ao lobisomem de pelagem branca —, *acompanhe o nosso irmão caçula.*

Ao comando do líder, o grupo se dividiu obedientemente conforme suas ordens.

Quando os demais lobisomens já se encontravam longe, Bigby se aproximou do alfa.

— *Acho que esse lobo solitário aí ainda vai dar trabalho* — compartilhou sua reflexão com Maioral.

— *Pode deixar que eu cuido dele quando for o momento certo* — o alfa decretou com tranquilidade. — *Agora, vamos lá!* — Partiu em silêncio, seguido de perto pelo grande lobisomem negro.



Ao se aproximar do local onde ficariam de tocaia, Solitário — essa é a alcunha que acompanhará o lobisomem recém-incorporado à alcateia — virou a cabeça para a esquerda e para a direita, porém não enxergou o licantropo albino, não obstante pudesse pressentir sua presença pela vibração característica na parte de trás da cabeça. Apurando seu faro, Solitário aguçou seus olhos na direção do cheiro do companheiro, já arquivado em sua memória. Apesar da cor alva de seus pelos, ou talvez exatamente por esta razão, Fenrir sempre se posicionava instintivamente longe de qualquer fonte de luminosidade, mesclando-se às sombras de modo a

tornar-se quase invisível, mesmo para a visão apurada do caçador noturno. Uma silhueta deitada ao lado da rua era o único sinal aparente do licantropo branco.

— *Acho que, agora, o negócio é esperar...* — disse Solitário, na tentativa de quebrar o silêncio.

— *É isso aí* — Fenrir concordou, colocando o focinho apoiado sobre as patas dianteiras.

Depois de alguns instantes, Solitário se aproximou do companheiro, rodeando-o com interesse e o examinando detidamente, do focinho à cauda. Fenrir acompanhou o lobisomem castanho apenas com os olhos, sem mexer um músculo.

— *Eu nunca tinha visto outros lobisomens antes de me juntar à alcateia. Cada um tem uma aparência diferente?* — Solitário quebrou o silêncio.

— *Sim. Como qualquer animal, cada um de nós tem sua estampa individual. Somos todos parecidos, com características muito semelhantes, mas não sei de dois lobisomens exatamente idênticos, principalmente em relação ao cheiro* — Fenrir observou e, instintivamente, ambos os lobisomens aspiraram um longo hausto do ar noturno, registrando uma gama de múltiplos odores. Não obstante aquela confusão de aromas, puderam destacar o cheiro marcante dos demais membros da alcateia.

Solitário deu duas voltas sobre o próprio eixo e sentou-se de frente para Fenrir.

— *Se não for curiosidade demais* — perguntou, inseguro —, *o que aconteceu com a cara do Warg?*

Um estranho barulho parecendo a estática de um rádio antigo atingiu Solitário e ele demorou alguns instantes para entender que o ruído era somente o discreto riso telepático do licantropo níveo.

— *Não, não tem problema nenhum* — Fenrir anuiu amistosamente. — *Na verdade, o próprio Warg não se cansa de contar essa história.* — Ele se levantou e se espreguiçou antes de continuar. — *Na sua primeira lua cheia, o Warg se envolveu num acidente com um ônibus. Não um ônibus comum, desses que você vê sempre que anda pela cidade, mas a porcaria de um ônibus de artista brega com um belo enfeite de prata na frente. Logo que terminou sua transformação, o Warg foi atropelado por esse ônibus. Ele sobreviveu para contar a história, mas as marcas o acompanham desde então. A prata pode causar graves sequelas no corpo de um lobo recém-criado.*

— *Que merda!* — Solitário exclamou, solidário.

— *De fato. Mas acho que o prejuízo acabou por não ser muito grande, não.* — Diante da expressão perplexa de Solitário, com a boca aberta e as sobrancelhas levantadas, Fenrir deixou as palavras flutuarem por alguns segundos antes de concluir. — *Creio que o Warg não seria muito mais bonito, mesmo sem o toque especial daquele ônibus...*

As risadas espontâneas dos lobisomens puderam ser ouvidas como a tosse prolongada de dois cachorros velhos. Depois disso, a vigília retomou sua monotonia. Nenhum veículo podia ser ouvido nas redondezas. De igual modo, nenhum humano, além do pequeno grupo escolhido, podia ser sentido nos odores trazidos pela gélida brisa noturna.

— *Eu notei* — recomeçou Solitário — *que todos vocês já tinham terminado a transformação antes que eu pudesse, ao menos, me colocar em pé. Parece que, para vocês, a transição é mais fácil, menos dolorosa.*

Fenrir desviou seu olhar da rua vigiada e encarou Solitário, incerto em relação à possibilidade de esclarecer aquela questão. Por fim, quando se resolveu, procurou medir bem as palavras.

— *Esse é um assunto delicado, companheiro. Veja bem, eu não estou bem certo e não posso afirmar isso com plena convicção, mas parece que seu humano luta contra a transformação.*

— *Como assim?* — Solitário espantou-se.

— *Toda mudança é dolorosa. Isso vale para todas as criaturas e, principalmente, para os lobisomens. Nós e nossos humanos padecemos as agruras da mutação. Mas, embora a dor seja obrigatória, o sofrimento é opcional.* — Fenrir olhou para a lua cheia e suspirou profundamente. — *Parece que seu humano reluta em se entregar completamente à transformação, como se evitasse a entrega do controle do corpo a você. Essa resistência obstinada é comum nas primeiras metamorfoses, mas tende a desaparecer com o tempo. Ao lutar contra a mudança, ele acaba por estender e intensificar a dor, e, nesse tempo, enquanto não se conclui a transformação, vocês dois ficam expostos e indefesos.* — O licantropo branco balançou a cabeça levemente, de um lado para o outro. — *O resultado é uma batalha que já se inicia perdida, mas com um custo alto para ambos os lados, especialmente para você.*

— *Mas que filho da puta!* — dardejou com fúria.

Percebendo a mudança de humor do companheiro, Fenrir voltou sua atenção para a vigilância da rua enquanto Solitário continuou a andar de um lado para o outro com a cabeça baixa, remoendo seu descontentamento com sua contraparte humana.

Sem que Fenrir tivesse a intenção, ele plantou a semente da discórdia. Regada a gotas de ódio e ressentimento e sob a ação frutificante da inveja, aquela mágoa iria aumentar e recrudesce.

Os lobisomens foram arrancados de seus pensamentos particulares pelo forte estampido de uma detonação, que foi acompanhado por uma chuva de faíscas vinda do local onde os dois outros membros da alcateia montavam guarda.



Alcançando sua posição de atalaia, Warg sentou-se pesadamente, bufando mal-humorado.

Hardy aproximou-se do parceiro de tocaia e, passados alguns segundos em silêncio meditativo, indagou: — *O que você acha do tal Solitário?*

— *Quem?* — Warg devolveu a pergunta, sem titubear.

— *O novato, o tal Solitário. Bem, foi assim que o Maioral chamou ele...* — Hardy mantinha-se em movimento, andando inquieto sem rumo certo.

— *Acho que não tem nada para achar* — respondeu Warg, de maus bofes. — *É um lobisomem novo, passou no teste e agora é do bando. Ponto.*

Em que pese a resposta que se pretendia peremptória, Hardy não deixou o diálogo se encerrar.

— *Eu estava falando do balão que ele aplicou na alcateia ontem. Despistou todo mundo, né?*

— *Hunf! Tá bom. Devo reconhecer: o filhote é safo. Mas, e daí? Cê quer dar uma medalha para ele ou o quê?* — Warg indagou com curiosidade, virando a enorme cabeça deformada de lado.

— *Não quero dar nada, não* — Hardy desconversou de forma nervosa. — *S-S-Só achei estranho ne-nenhum lobo ter conseguido sequer encontrá-lo* — guaguejou ao relembrar o resgate da noite anterior. O pequeno lobisomem alaranjado tinha receio da reação do alfa ao saber de mais um fracasso na sua imensa lista de insucessos.

Sem prestar muita atenção àquela conversa fiada, Warg deu por encerrado o assunto. Levantou o focinho e fungou asperamente. — *Pelo cheiro, acho que não vamos ter problemas essa noite* — comentou, depois de analisar brevemente os odores captados.

Hardy passou a examinar detidamente o céu noturno. A lua cheia se esgueirava por trás de uma nuvem com uma agourenta cor avermelhada.

— *Não sei, não, Warg. Olha, a Lua da Caçadora!* — anunciou receoso ao apontar para o satélite. — *Para mim, a lua de sangue é um mau presságio...*

— *Bah! Você é um covarde ignorante e supersticioso, esse é o mau presságio* — Warg ralhou com severidade. — *Essa nem é uma lua de sangue, idiota. Mas só para garantir, acho que você poderia tentar achar um lugar mais alto para mantermos uma vigia mais eficiente. Que tal naquela árvore?* — sugeriu, indicando para uma alta figueira.

— *Lá no alto?* — Hardy balbuciou ao avistar o cume da copa da árvore, mantendo fresca na memória as dores do tombo levado na véspera.

— *Não, estrupício!* — O focinho deformado retorceu-se ainda mais num esgar de impaciência e descaso. — *Somente alto o suficiente para ver mais longe do que nosso faro consegue captar.*

Embora relutante, Hardy colocou-se ao pé da figueira e deu início à escalada. Sua agilidade e destreza não se comparavam às dos demais lobisomens. E se isso não fosse suficiente, a falta de destemor, que revelava a tibieza de seu caráter, tornavam aquela lenta e irregular ascensão um espetáculo deprimente. Mais que a movimentação de um temível lobisomem, a cena lembrava uma pegajosa lagarta se arrastando árvore acima. Suas garras cravavam-se fundo no tronco áspero, elevando pouco a pouco a desajeitada criatura.

Quando já tinha alcançado uma altura considerável, os temores do lobisomem laranja se concretizaram na forma de um galho velho e ressecado que não suportou seu peso. Hardy conseguiu agarrar-se ao tronco da figueira, mas o pesado galho caiu sobre o poste que se encontrava abaixo, juntando os fios metálicos e provocando um curto-circuito com uma explosão de fagulhas. A despeito do barulho inconveniente, um manto de escuridão recaiu sobre toda aquela região. Isso deveria facilitar o trabalho dos caçadores.

— *Tsc, tsc, tsc...* — Warg fez um muxoxo de desdém. Em seu íntimo, questionava como uma criatura tão desajeitada poderia fazer parte do topo da cadeia de predadores.

Ligeiramente recomposto do susto, Hardy enviou uma mensagem aos companheiros.

— *Tudo bem, pessoal. Não se preocupem. Eu tô legal, eu tô legal. Ai, ai...*



O adulto de maior porte, um humano macho de um metro e oitenta e aparência robusta, deveria ser o primeiro a ser derrubado. Sem sua resistência, as outras duas presas deveriam ser facilmente subjugadas.

Aproveitando-se da explosão provocada por Hardy, Maioral deu início à caçada. Deslizou sorrateiramente pelas sombras e posicionou-se à frente do grupo. Um baixo rosnado de satisfação escapou de sua garganta, petrificando os humanos.

O grande bípede macho, alarmado, deu um passo adiante, colocando-se entre o licanthropo e os demais humanos, adotando uma atitude protetora e altruísta. Imaginando tratar-se de um simples cachorro nervoso, estendeu uma das mãos para frente, com a palma virada para cima, quase tocando a pelagem do lobisomem.

— Caaalma... calma, rapaz. Bom garoto, bom garoto... — arrulhou em tom apaziguador.

— *Tá achando que eu sou a porra de um vira-lata? Só falta esse idiota me oferecer uns picles!* — Sentindo-se ofendido em seu orgulho lupino, o alfa retraiu os lábios, deixando à mostra os dentes afiados em que se destacaram as imensas presas pontudas.

Sobressaltado pela postura agressiva da fera cinzenta, o humano girou os braços num grande arco. Com o calhamaço intitulado Livro Sagrado firmemente preso nas mãos, ele desferiu um golpe seco na cara do lobisomem. Pela primeira vez, o Texto Santo teve alguma utilidade verdadeira para aquele homem, mas a forma física do tijolo de papel lhe assegurou tanta proteção quanto as mensagens e preces ali contidas. O que equivale a dizer, nada de nada.

Sem acusar na pancada mais que uma afronta, Maioral acendeu os olhos vermelhos de fúria sobrenatural, ao mesmo tempo em que sua garra penetrava no abdômen da vítima até atingir e romper a base da coluna vertebral. A partir daquele instante, somente o braço do lobisomem sustentava o corpo sem vida. Um urro de cruel satisfação cortou o silêncio da noite.

Antes que a primeira vítima atingisse o chão, o outro humano adulto do grupo, que segurava uma jovem fêmea pela mão, girou em seus calcanhares e tentou correr de volta pelo caminho escuro. Poucos passos apressados foram dados antes que ele topasse contra um muro de músculos e pelos, caindo sobre as próprias nádegas e soltando a mão da pequena que, até então, era apenas arrastada a reboque.

Bigby, o grande lobisomem negro, vinha por trás do grupo e cortou a rota de fuga. Um fio de saliva escorria pelas presas superiores e seus olhos também emitiam o tenebroso brilho sanguíneo do modo *berserker*.

Ao vislumbrar o semblante do monstro animalesco, a pessoa caída emitiu um grito matizado de horror, sendo logo silenciado pela pesada garra de Bigby. O golpe deslocou a mandíbula da presa, fazendo-a ficar pendurada por uma estreita faixa de carne da bochecha. Sangue arterial em profusão era esguichado e uma grande quantidade desceu pela faringe exposta. A língua, parcialmente seccionada pelo ataque inicial, pendia frouxa do rosto lacerado.

Enquanto o alfa expunha o interior do ventre do macho adulto, refestelando-se com o banquete de vísceras, Bigby usava suas garras para ceifar a vida de sua vítima, talhando um caminho direto a seu coração. Tendo conseguido romper as costelas, o imenso lobisomem negro fechou sua poderosa bocarra sobre o músculo cardíaco e parte dos pulmões.

Ainda distraído pelo êxtase bestial propiciado pelo início da refeição, Bigby não atentou para a pequena criatura que engatinhava para longe da matança, buscando refúgio dentro da obra inacabada de uma tubulação de esgoto.

Quando afastou o focinho da carcaça aberta a seus pés, Bigby notou a ausência da juvenzinha. Seguindo o rastro deixado, localizou a presa fugidia dentro de um tubo de concreto resistente a suas garras e estreito demais para seu corpanzil.

Ao receber a mensagem de alerta do lobisomem beta, Maioral aproximou-se do pequeno túnel de esgoto e uivou chamando os demais membros da alcateia. Enquanto isso, Bigby tomou lugar na outra ponta da tubulação, a fim de evitar a evasão da derradeira vítima do ataque.

Ao ouvir o grito do lobisomem, a pequena humana fugitiva sentiu o sangue parar de correr em suas veias. Procurando manter enjaulado o choro que ameaçava escapar, ela se arrastou mais para dentro do tubo, reprimindo, outrossim, o nojo que lhe provocava compartilhar o esconderijo com os ratos que sentia deslizarem ao redor do seu corpo.

Reunido o grupo, o alfa mandou Hardy se esgueirar pelo interior do esgoto, pois era o único pequeno o suficiente para não se entalar na passagem.

Alongando o corpo alaranjado, Hardy postou-se à boca do tubo de concreto e, com as patas traseiras, forçou sua entrada. O esforço despendido naquela noite e o mau cheiro existente naquele túnel fizeram com que os rosnados do pequeno lobisomem laranja reverberassem como um exército de monstros vindos diretamente do inferno.

Ao perceber a invasão de seu esconderijo, a pequena presa acompanhou a debandada dos ratos e rastejou apressadamente para a outra ponta da tubulação, ignorando a ardência dos esfolados em carne viva dos joelhos e cotovelos.

Tendo alcançado a saída, a menina tentou colocar-se de pé, contudo, quando ainda estava numa postura intermediária entre o correr e o engatinhar, um simples deslizar das afiadas garras de Bigby seccionou a pele, músculos e tendões do delicado pescoço de porcelana, decepando a cabeça da menina que rolou alguns metros até parar com o rosto petrificado numa máscara de pânico.

Com as presas abatidas, Maioral abandonou o corpo eviscerado do macho adulto que lhe servia de repasto e abocanhou a pequena cabeça da jovem para terminar sua refeição.



— O-o q-que vocês q-querem? Saiam daqui! — Francisco conseguiu dizer num balbuciar hesitante.

— Boa noite, pastor — saudou o recém-chegado. — Nós não conseguimos chegar a tempo para a celebração porque eu e a patroa tivemos que levar o Duque no veterinário.

Ao ouvir seu nome, o pequeno vira-lata ganiu baixinho.

— Oh! Boa noite... Gustavo, não? — Francisco perguntou em dúvida.

— Rodrigo, pastor — retificou o fiel. — Queira desculpar o incômodo, mas a gente viu que ainda tinha luz aqui, antes de acontecer esse apagão. Eu só queria deixar o dízimo...

Mas Rodrigo nem precisou completar a frase para ter a oferenda retirada de suas mãos. Com o dinheiro em sua posse, a fisionomia do pastor Francisco suavizou-se instantaneamente e sua voz readquiriu o tom melífluo.

— Claro, claro, meu filho. Não é incômodo algum. A casa de Deus está sempre aberta para os fiéis... — disse e apressou-se a contar o dinheiro. Não se pode, todavia, culpar Francisco pelo ansioso e atabalhado recolhimento do dízimo. A partir daquela noite, a congregação não poderia mais contar com a colaboração da família da pequena Ana Clara.



Quando a lua devorar
Uma Sombra



Então, a maldição
Encerrará

CAPÍTULO 10 – A RESSACA

30/Jul/2015 (quinta-feira)
3º dia do ciclo da lua cheia



AO TERMINAR O CAFÉ DA MANHÃ, ALEXANDRE SE levanta e geme ao sentir as dores musculares espalhadas por todo o corpo. Ele pode sentir as fibras tensionadas e os nós que somente um massoterapeuta experiente conseguiria desatar. A caçada noturna empreendida pelo lobisomem esgotou o corpo da fera, mas não se furtou, outrossim, de cobrar o quinhão da sua forma humana.

Associado às dores, Alexandre ainda sente um mal-estar indefinido, como se estivesse de ressaca. Aquela indisposição vai acompanhá-lo de perto até a chegada da lua cheia, com a inevitabilidade da própria sombra quando estamos expostos ao sol do meio-dia. Alexandre não ignora a causa do mal que o aflige. Ele sabe que a origem do desconforto não está ligada às dores físicas. No fundo da mente, sente que seu companheiro lupino está muito contrariado, amargo e ressentido das limitações inerentes à sua natureza. Especialmente das restrições aumentadas, ainda que inadvertidamente, por decisões tomadas por Alexandre. As causas específicas e a profundidade dos desgostos do lobisomem, entretanto, escapam-lhe inteiramente.

O lobisomem tem um jeito muito particular de enxergar o mundo. Com os benefícios dos sentidos aprimorados, o animal percebe a realidade ao seu redor com uma quantidade infinitamente superior de detalhes. Algumas dessas sensações, bem como algumas lembranças, são partilhadas com o hospedeiro humano (uma das razões pelas quais é sedutor o período cedido ao lobo), mas não implicam total divisão dos pensamentos e dos sentimentos do licantropo. Alexandre, portanto, ignora as razões que acirram os ânimos de Solitário. Destarte, à falta de melhores e mais precisas informações, o humano egocêntrico procura convenientemente menosprezar sua parcela de culpa no agravamento daquela insatisfação, debitando o mau humor de Solitário exclusivamente à utilização do acônito duas noites atrás. Considerando que não foi a primeira vez que se utilizou do subterfúgio (nem tampouco será a última) para retardar um pouco a hora da transformação, Alexandre subestima a reação do licantropo com a naturalidade do parceiro de longa data que reconhece a vantagem de se afastar, quieta e calmamente, do raio de alcance da crise histérica de seu cônjuge. Sua “brilhante” conclusão é que, se nenhum diálogo é possível, a indiferença é a melhor política.

Quando Alexandre vira as costas ao lobisomem em seu relevo mental, sente aumentar a compulsão de sua contraparte para se juntar à alcateia a fim de liberar sua ira nefanda.

— *Viajar agora para São Paulo só para ver a turminha? Nem fodendo, meu amigo! Hoje é dia de batente e eu tenho muito o que fazer.*

Com este pensamento, meio dirigido a si mesmo, meio endereçado a Solitário, Alexandre se encaminha para mais um dia de trabalho.

Ao chegar a seu gabinete, Alexandre liga o computador e se senta diante das telas de LCD aguardando a inicialização do sistema operacional. Embora o procedimento dure longos quatro minutos, ele não reclama. O serviço público é conhecido por não equipar seus funcionários com os melhores equipamentos de última geração e o antigo computador com que trabalhava anteriormente demorava

mais de trinta minutos para estar apto ao trabalho. Bom, a qualificação “apto” talvez seja um exagero para descrever um PC que não conseguia abrir quatro programas ao mesmo tempo. Navegador de internet, ok. Editor de texto, ok. Calculadora, ok. Um player de áudio para ouvir uma musiquinha? Negativo. Sistema operacional travado. Reinicie o sistema.

Enquanto aguarda o lento transcorrer dos quatro minutos, momento em que o aparelho estará apto a operar, Alexandre consulta um calendário de papel (cortesia anual de um banco estatal a todos os funcionários públicos) e pragueja baixinho. Ele tinha se esquecido de que uma audiência fora designada para aquele dia, poucas horas antes da terceira noite de lua cheia. Com a proximidade da transformação, era cada vez mais difícil conter a índole indócil do lobisomem.

Quando soube da data da audiência, Alexandre tentou redesigná-la para outro dia, mas lhe faltava uma justificativa para tal mudança. Obviamente, não poderia expor ao juiz do processo a verdadeira razão para o adiamento daquele ato. Ele tampouco conseguiu outro colega que pudesse substituí-lo naquele dia. No mês de julho, muitos servidores tiram a folga remunerada coincidindo com o período de férias escolares.

— É... o que não tem remédio, remediado está — Alexandre desabafa para seus botões com um suspiro resignado e se levanta para buscar a pasta do caso. Com os papéis em mãos, começa a folhear as principais peças do processo.

Há cinco anos — os ritos formais do processo judicial não primam pela celeridade —, uma viatura policial abalroou uma motocicleta. Gercino, o piloto e também proprietário da moto, moveu uma ação contra o Estado pedindo a indenização dos prejuízos advindos do conserto do veículo e a condenação ao pagamento de vinte mil reais a título de danos morais, uma vez que sua face ficou marcada por uma extensa cicatriz. Na contestação do ente público, restou reconhecida a responsabilidade pelo acidente de trânsito, bem como se concordou com o pagamento dos danos materiais, mas não se entendeu configurado o dano

moral. A audiência designada servirá para a produção de provas, ouvindo-se o motoqueiro, autor da ação judicial, e as testemunhas que ele arrolou.

Terminada a leitura, Alexandre checa seus *e-mail's* e inicia o metódico e repetitivo trabalho de diminuir a pilha de processos a analisar. Ele continua a sentir a disforia que emana de Solitário. Apesar do desconforto, Alexandre consegue seguir com a rotina até o horário do almoço. Do restaurante, ele segue direto para o fórum com o intuito de se desincumbir de sua mais enfadonha obrigação ocupacional.

Já sentado no corredor do fórum, Alexandre liga o PSP e coloca um dos fones de ouvido, mantendo sua atenção parcialmente direcionada ao apregoar das audiências. As cenas de excelente violência gráfica se desenrolam na pequena tela do videogame portátil até que um anúncio o obriga a pausar o jogo: — Audiência das quatorze horas! Gercino de Oliveira contra Estado do Paraná! — grita o Oficial de Gabinete para ninguém em especial.

É a sua deixa, mas Alexandre hesita. O chamado vem num momento muito inoportuno. *Logo agora?* — ele pensa inconformado. Com a ajuda de seus dedos no *joystick* e nos botões, Kratos está prestes a aprisionar o titã Atlas (pela décima quinta vez) e passar de fase. Alexandre permanece sentado, fingindo-se indiferente e focado na pequena tela em suas mãos.

— Doutor Scavarelli? O senhor é o representante do Estado? — pergunta o pregoeiro, postando-se à frente de Alexandre.

Sem opção, Alexandre desliga o PSP, recolhe o capacete e a mochila e dirige-se à sala de audiência.

Dentro da sala, um advogado típico, semblante austero, aura profissional e vestido com terno de cor sóbria e de aparência respeitável, encara-o com um misto de surpresa e reprovação. O aspecto físico de Alexandre foge ao padrão esperado. Sua indumentária é (exageradamente) mais informal que a dos indivíduos

trabalhando naquele local — simples calça jeans e camiseta — e, mesmo sendo figura já conhecida naquele ambiente, sua presença não deixa de causar certa estranheza.

É forçoso reconhecer que seu feitio singular (cabelos compridos, brincos, piercings e uma vistosa tatuagem no braço direito) associada ao meio de transporte não convencional (uma grande moto esportiva na chamativa cor vermelha metalizada) e aos trajes despojados (raramente se podia surpreendê-lo vestindo terno e gravata), tornavam-no uma espécie de *avis rara* entre seus pares de prática judiciária.

Depois de instalar seus pertences numa cadeira encostada à parede, Alexandre desvia de um balde colocado para captar a água de uma goteira e se senta à grande mesa de madeira compensada^[6]. À sua frente encontra-se o autor da ação, senhor Gercino, acompanhado de seu advogado.

A mesa apresenta visíveis sinais de prolongado uso e princípio de deterioração. Um pequeno tablado de madeira está instalado na cabeceira daquele móvel ordinário, e, sobre ele, encontra-se outra mesa menor que será ocupada pela magistrada ao centro, pelo escrevente responsável pelas transcrições à direita, e pelo representante do Ministério Público à esquerda. Uma *webcam*, único sinal de modernidade naquele ambiente que ressumbra obsolescência e decrepitude, está apontada para a cadeira vazia diante do computador.

Alexandre é péssimo fisionomista, mas o semblante de Gercino parece-lhe vagamente conhecido. Ele dedica alguns segundos a olhar com mais atenção os traços fisionômicos da figura a sua frente: cabelos castanhos num tom levemente avermelhado, despenteados pelo ato de pôr e retirar o capacete, testa proeminente, olhos azuis, boca pequena e queixo retraído. Sem ter êxito no processo de identificação, Alexandre desiste da observação sem, no entanto, ser abandonado pela sensação de familiaridade que o sujeito lhe provoca.

O escrevente cumprimenta Gercino e os advogados, recolhe seus documentos pessoais e começa a preencher as atas da audiência. Uma vez findo o trabalho, ele devolve os documentos e sai por uma porta lateral. Logo depois, o escrevente retorna acompanhado da juíza e do promotor de justiça, cada qual ocupando seus respectivos lugares. Com o teatro pronto, inicia-se a peça.

— Boa tarde, doutores — cumprimenta a magistrada.

— Boa tarde, excelência — Alexandre e o advogado respondem mecanicamente.

A juíza toma o processo em mãos e passa a folheá-lo. Ato contínuo, dirige-se ao advogado do autor.

— As testemunhas estão presentes, doutor? — indaga com um leve arquear das sobrancelhas.

— Sim, excelência — responde o advogado de maneira resoluta, levantando o queixo orgulhoso, com a satisfação própria de quem fez sua lição de casa.

— O Estado insiste na oitiva pessoal do autor? — A juíza, agora, dirige sua pergunta a Alexandre, a voz descendo uma oitava.

— Sim, excelência — Alexandre consegue confirmar após um leve pigarrear. *Dano moral que nada!* — ele medita ao olhar atentamente para o rosto de Gercino. *Na foto juntada no processo, provavelmente tirada logo depois do acidente, ainda dava para ver a cicatriz mais avermelhada na face do homem. Porém, agora, mal se consegue distinguir o risco leve e esbranquiçado traçado transversalmente na sua fronte! Esse cara já devia ser feio de nascença e isso não dá direito a ninguém pedir dano moral...*

— Bom, vamos então iniciar a audiência com o depoimento pessoal do Autor — a juíza anuncia, interrompendo os pensamentos de Alexandre. — Senhor Gercino, por favor, sente-se nessa cadeira — diz, apontando para a cadeira vazia

no foco da *webcam*. — Sr. Gercino, o senhor pode falar o seu nome olhando para esta câmera?

— Sim, senhora, doutora — Gercino fala, meneando a cabeça afirmativamente. — Meu nome é Gercino de Oliveira — completa, deixando transparecer no tom o nervosismo que mantém as mãos crispadas e unidas junto ao colo.

— O senhor pode ficar calmo, não tem motivo para ficar nervoso — a magistrada comenta com um tom mais ameno, procurando tranquilizar Gercino. — Segundo seu advogado, o senhor está pedindo danos morais em razão da cicatriz no rosto que resultou do acidente com a viatura da polícia, certo?

— Sim, senhora. — Novamente a cabeça de Gercino balança para acompanhar as palavras.

— O senhor tem alguma outra cicatriz ou sequela daquele acidente? — interpela a juíza, fazendo um minucioso exame no homem sentado à sua frente, os olhos subindo e descendo diversas vezes, dos pés à cabeça.

— Não, senhora. Eu fiquei alguns dias com uns arranhões e com dor de cabeça, mas foi coisa pouca. Só a cicatriz me incomoda — responde de forma vacilante, as últimas palavras quase sumindo, proferidas num fio de voz.

Ouvindo o depoimento, Alexandre se remexe na cadeira e começa a pensar: *Pela lógica jurídica, dano moral não se confunde com mero aborrecimento. Ok, existe uma cicatriz, mas ela não é tão grande nem tão marcada. Não deformou o rosto nem nada. Como que esse cara pode querer dano moral?*

— O Estado tem reperguntas, doutor? — A juíza retoma o tom ríspido ao se dirigir a Alexandre.

— Excelência — Alexandre umedece os lábios antes de continuar —, eu gostaria que o autor descrevesse de forma específica e pormenorizada quais foram os sofrimentos graves que ele experimentou por causa da cicatriz. Como a sua vida

peçoal foi afetada? E que tipo de vexame e humilhação comprometeram sua qualidade de vida?

— Senhor Gercino — a voz da juíza readquire a inflexão afável, quase carinhosa —, como foi que sua vida foi afetada pela cicatriz?

Gercino titubeia por alguns instantes, desvia seu olhar passando da juíza para a câmara, e desta para o chão, coça a cabeça até provocar um chuvisco de caspa.

— É, doutora... — ele acaba por retrucar em voz baixa. — É isso mesmo. A danada da cicatriz me injuriou muito...

— Mas de que forma isso aconteceu, senhor Gercino? Como a cicatriz afetou sua vida? — insiste a magistrada.

Com os olhos ainda fixos no chão, Gercino esboça uma resposta em voz extremamente baixa, engrolando as palavras.

— Éque...balho...ramme...ucky...ino.

A juíza olha para Alexandre, franzindo o cenho, com uma expressão interrogativa desenhada no rosto. Ele dá de ombros e balança a cabeça em negativa. O mesmo se dá com o advogado do autor e com o promotor de justiça. Aparentemente, ninguém na sala entendeu patavina do murmúrio.

— Senhor Gercino, nós não conseguimos ouvir nada. O senhor pode repetir, falando alto e olhando para a câmara? — a juíza pede e aponta para a *webcam*.

Gercino engole em seco antes de repisar sua resposta.

— É que, no trabalho, o pessoal começou a me chamar de Chucky, o boneco assassino — admite, constrangido.

A mera menção do famoso personagem de filmes de terror foi o bastante para completar o processo de reconhecimento facial de Alexandre: *É claro! O Chucky!*

— Conquanto ache engraçada a comparação, ele vislumbra uma nova forma de abordar o problema: imputar aos colegas de trabalho de Gercino a responsabilidade por quaisquer infortúnios, isentando o Estado de eventual responsabilidade.

Diante da resposta, a juíza torna a olhar em direção a Alexandre.

— Doutor? Mais reperguntas?

Enquanto tenta formular mentalmente a nova pergunta a ser feita ao depoente: *Excelência, gostaria de saber se somente os colegas de trabalho do autor o aborreciam com a alcunha de “Chucky”* —, Alexandre sente a avalanche de risadas cruéis provenientes da mente semi-adormecida de Solitário. Com muito custo, ele consegue reprimir o riso e iniciar a frase previamente ensaiada: — Excelência, gostaria de saber se somente os colegas de trabalho do Chucky o aborreciam.

Gercino se encolhe em sua cadeira ao ser chamado pela alcunha ultrajante. A juíza lança um olhar frio e cortante sobre Alexandre.

— M-Me desculpe — Alexandre balbucia contrito ao perceber o ato falho, mas não consegue mais controlar a explosão de hilaridade do lobisomem. A aproximação da lua cheia permite a Solitário um extravasamento limitado nas ações do seu hospedeiro. Percebendo a situação delicada e constrangedora em que se encontra o humano, lutando, sem muita eficácia, para não deixar escapar o riso, o lobisomem solta as amarras do seu humor cáustico e, do interior da mente de Alexandre, dá plena liberdade às gargalhadas.

Alexandre esforça-se em sufocar as ondas de riso que tentam escapar de sua garganta, mas não consegue deixar de rir baixinho, envergonhado e ruborizando pela sua falta de controle. Apesar da expressão de reprovação dos demais presentes, toda vez que tenta falar para consertar a situação, Alexandre deixa escapar arquejos mal disfarçados, compelindo-o de volta ao silêncio e encarando

de olhos baixos os papéis à sua frente. *Talvez essa audiência gere uma nova ação de dano moral*, pensa consigo.

Quem nunca falhou miseravelmente ao tentar refrear uma crise de risos?

Depois de longos e intermináveis dois minutos de malfadadas tentativas de reassumir o controle de seus atos, Alexandre admite a derrota.

— Ahã... — consegue apenas tartamudear. — Sem mais reperguntas, excelência.

O resto da audiência ocorre praticamente sem sua participação. Para manter o decoro da situação e de sua função, Alexandre evita fitar o *cosplay* de boneco assassino.

De volta ao seu gabinete, cabisbaixo e cansado, Alexandre dedica-se a examinar os últimos processos pendentes, aproveitando para, também, tentar entender o motivo da intervenção lupina tão intensa e inoportuna. Seria simples manifestação da conhecida jocosidade mordaz do lobisomem ou uma forma mesquinha de vingança perpetrada por Solitário? Sem encontrar respostas para sua pergunta, Alexandre dá por encerrados seus afazeres cotidianos. Afinal, o momento da sua transmutação não tarda a chegar. *Que o lobisomem faça bom proveito do seu tempo...*



Quando

a fera

o homem

acompanhar



Então,

se busca a cura

na loucura.

CAPÍTULO 11 – A VIAGEM

07/Set/2006 (quinta-feira)
4º dia do ciclo da lua cheia



DEPOIS DA ACEITAÇÃO DE SOLITÁRIO PELA ALCATEIA, Alexandre passava quase todas as metamorfoses, e diversos finais de semana de qualquer fase lunar, em companhia da diretoria do motoclub Lobos do Asfalto. Cézar preferia manter o grupo, geralmente, na própria sede na Serra da Cantareira durante as sete noites em que a lua cheia iluminava o céu noturno.

Em certas ocasiões especiais, por outro lado, o gigante decidia dar uma boa esticada na estrada. E a proliferação de pequenos motoclubes pelo Brasil afora gerava uma interminável agenda de eventos em que todo final de semana, em algum lugar do país, havia ao menos uma reunião de entusiastas das duas rodas. Desse modo, o presidente dos Lobos do Asfalto escolhia as datas e os locais das reuniões, reservando a maioria das noites de lua cheia para uma reunião privada na Serra da Cantareira, com esporádicas viagens para outros conhecidos campos de caça dos lobisomens.

Aproveitando o feriado prolongado^[7] da Independência daquele ano de 2006, o motoclub em peso, com todos os seus noventa e seis associados, dirigiu-se para a

cidade de Paraty/RJ. Assim, na manhã daquela ensolarada quinta-feira, uma fila barulhenta de motocicletas tomou conta de um trecho de meio quilômetro da Rodovia Ayrton Senna^[8], com a casta do MC liderando a procissão. Na rabeira daquele cortejo, destacava-se uma velha Kombi empoeirada, arrastando uma pequena carreta para transporte de até quatro motos. O careca gorducho ao volante da Kombi, apesar da indumentária característica, era o único membro do motoclub que não tinha um veículo de apenas duas rodas.

Quando o grupo de motoqueiros chegou à Rodovia Governador Carvalho Pinto, a uniformidade da formação começou a esgarçar. Os pilotos prudentes foram ficando para trás, enquanto os mais ousados abriam uma distância cada vez maior dos retardatários. Dentre os mais velozes, uma pequena confraria pilotava suas máquinas ignorando ostensivamente os limites de velocidade e qualquer princípio de segurança.

Desenvolvendo velocidades mínimas de duzentos quilômetros por hora, Cézar, com sua americaníssima Harley Davidson preta, modelo *Fat Boy*, liderava o pequeno grupo de intrépidos motoqueiros. O farol dianteiro de sua motocicleta tinha o formato de um crânio humano anodizado, uma grande caveira cromada e brilhante — Testemunhem! — que combinava com a bandana amarrada sobre sua boca. A cor preta do tecido contrastava com os grafismos esbranquiçados que emulavam a ossatura dos ossos faciais, criando a ilusão de que um esqueleto humano guiava a moto. Para ajustar o veículo às proporções pantagruélicas de Cézar, as pedaleiras foram deslocadas para um ponto quase ao lado do garfo dianteiro e o guidão foi substituído por uma barra de metal reta de quase um metro e meio de envergadura que, naquele momento, era segurada por um par de enormes mãos calejadas enfiadas em luvas de meio dedo.

Seguindo de perto a Harley, Maurício conduzia sua Yamaha Virago 1100 prata, equipada com um guidão muito alto. Os braços levantados — como se estivesse preparando o golpe da garça — faziam com que a parte de baixo de seu capote voejasse por sobre a traseira da moto, expondo os trajes do motoqueiro, uma

simples calça de sarja e camisa de botão, ambas na cor marrom. Dado o castigo que o vento e a poeira da estrada infligiam ao tecido, não era de se estranhar a aparência surrada do sobretudo do calado Mau.

Cerca de trinta metros atrás — uma distância irrisória para veículos se deslocando em altíssima velocidade — Alexandre e Eric se alternavam na terceira posição, acompanhando a toada do presidente do MC.

Eric conduzia uma inglesa Triumph, predominantemente cinza, mas com o tanque adornado com um desenho de três círculos concêntricos nas cores vermelho, branco e azul, encimado pelo nome “Spitfire” em grafia estilizada na cor dourada. O guidão curto da moto parecia ter sido ainda mais diminuído fazendo com que o espaço entre as mãos do piloto mal chegasse a dois palmos, visando a facilitar sua passagem no estreito corredor entre os carros. O escapamento esportivo instalado pelo mecânico loiro mal abafava o barulho ensurdecedor das explosões internas do motor.

Fugindo ao padrão do grupo, Alexandre pilotava Cheetara, sua Suzuki GSX-R 1000, a SRAD, uma linda moto esportiva pintada num chamativo cereja metalizado. A cor vermelha sempre o fascinava. Sobre a indispensável jaqueta de couro com reforços de kevlar, ele usava um colete preto com a vistosa estampa da cabeça lupina contra a luz da lua cheia. Sob o desenho, era exibido o nome conquistado no duro teste de sobrevivência: Solitário.

Marcelo, com sua pequena moto CG modificada para emular as possantes máquinas estradeiras de seus amigos, acelerou tudo que pôde, mas ficou para trás logo no início da rodovia e, provavelmente, acompanharia a Kombi de Deive durante toda a viagem.

Pouco depois da vanguarda do MC ingressar na Rodovia dos Tamoios (SP-099) em direção à Caraguatatuba, logo antes do Km 11, Alexandre avistou, bem à frente do grupo, um carro vermelho ingressar na direção contrária da pista para ultrapassar uma fileira dupla de veículos lentos, ignorando a faixa dupla contínua

pintada no asfalto e os tachões com refletivos, numa manobra perigosa e desnecessária.

— Que filho da puta! — exclamou para ninguém, de dentro de seu capacete.

O grupo logo chegou àquela mesma fileira, com os carros da esquerda ultrapassando vagarosamente os caminhões da direita. O pequeno espaço entre os veículos e a constante troca de faixas não possibilitavam o uso do corredor. As motos foram obrigadas a acompanhar o fluxo do tráfego até que terminassem as ultrapassagens realizadas pelos lentos veículos de passeio.

Neste ponto, os motoqueiros tinham acabado de passar por um posto de gasolina, mas, como é comum nessas situações, somente após ter a imagem da concha dourada no espelho retrovisor é que a luz da reserva de combustível começou a piscar no painel da moto de Eric. Logo, todas as demais motocicletas também precisariam parar para reabastecer.

A moto de fabricação britânica acelerou para emparelhar com a Harley.

— Eu tô na reserva! — Eric gritou por sobre o ronco dos motores, gesticulando com a mão o ato de cortar o pescoço.

César puxou a bandana para baixo até liberar a boca e sua voz estrondeou.

— Vamos parar no próximo posto. Quem chegar por último paga a cerva! — Um breve aceno de mão transmitiu a mensagem para Mau e Alexandre.

Com a pista livre à frente, os quatro voltaram a torcer o cabo dos aceleradores, ganhando velocidade instantaneamente.

Quase no limite entre os municípios de Jacareí e São José dos Campos, próximo ao Km 14, um pequeno entroncamento dava acesso à Pedreira de Jambeiro e à Avibras (indústria aeronáutica) e o limite de velocidade da Rodovia naquele trecho

era de apenas sessenta quilômetros por hora. Obviamente, os membros do MC não consideravam que tal limitação se aplicava às possantes máquinas de duas rodas.

Ao terminar a última curva para a esquerda antes daquela saída, Alexandre liderava a amistosa corrida quando avistou o mesmo carro vermelho embicar no entroncamento. Sem vacilar, ele soltou o acelerador e sinalizou para que os demais diminuíssem a velocidade.

Como a crônica de uma morte anunciada, o motorista do veículo vermelho, olhando unicamente para a direção contrária das motos, atravessou a Rodovia numa conversão proibida, cortando o caminho da vanguarda do motoclub que, não fosse o aviso de Alexandre, teria se transformado numa ruína de metal, carne e ossos em frangalhos.

Passado o susto — o que demorou meros segundos — Cézar tornou a acelerar sua moto, sendo acompanhado pelos demais. Ninguém queria ser o último. É da natureza dos motoqueiros não admitir à sua frente nada além do próprio pneu dianteiro. Chegando ao posto de gasolina, eles estacionaram em frente ao restaurante contíguo, para que Eric, o último a chegar, pagasse a aposta perdida.

Tão logo desceram das motos, o viking moderno estreitou Alexandre num abraço, fazendo os capacetes baterem pesadamente. Quando conseguiu se livrar da inusitada demonstração de apreço, Alexandre levantou a viseira de seu capacete — ele era o único do grupo que usava um capacete fechado.

— Você sabe que eu não sou gay, né? — perguntou meio sem graça.

— E você sabe que eu não ligo para isso, né? — Eric devolveu a pergunta, ignorando o comentário jocoso e tascando um beijo estalado na face de Alexandre. — Pelas barbas do caolho, companheiro! Essa passou raspando! Eu não vi seta ou qualquer sinal de que aquele babaca ia atravessar a Rodovia daquele jeito! Como é que você sabia? Você é o oráculo das fiandeiras?!? Cê tem sexto sentido, ou o quê? — disparou as perguntas com alegria incontida.

— É, amizade. Divide com a gente o teu segredinho — Cézar ajuntou com interesse, já iniciando as baforadas no charuto que acabara de acender. — Pode ser que da próxima vez tu não teja junto para ajudar... Afinal, não é todo final de semana que tu se reúne com a galera.

Alexandre estranhou a reprimenda velada e tentou se justificar.

— Pôxa, gente, sempre que possível eu vou estar com vocês, mas não é fácil sair toda semana de Londrina. Quanto ao aviso, aquilo não foi nada demais — disse, abanando as mãos. — Olha, não tem nenhum segredo, não. Logo que nós entramos na Tamoios, eu vi aquele carro fazendo uma merda enorme. Uma ultrapassagem perigosa pra caralho! O motorista dirigia pela contramão para ganhar, sei lá, alguns segundos de vantagem. Isso demonstra que o cara não tem menor respeito pela vida alheia. Obviamente, aquele padrão escroto de comportamento não era um fato isolado. Quando vi o mesmo carro iniciar o que poderia ser um retorno proibido, imaginei que ele fosse cortar nosso caminho, o que, de fato, acabou acontecendo.

— Então, tudo que tu fez foi dar um chute? Não parece muito impressionante — escarneceu Cézar.

— Não, você não entendeu — Alexandre insistiu sem afetação. — Não foi somente um palpite de sorte. Está mais para uma extrapolação estatística.

— Entendi que tu deu sorte no achismo. Só isso — o gigante replicou aborrecido.

— Bom, companheiro, eu achei demais! — Eric tentou desanuviar o clima tenso. O sorriso estampado no rosto do louro fazia com que a cicatriz repuxasse a pele ruborizada pela excitação. — Além da breja, seu tanque cheio é por minha conta. Mas não entendi lhufas de que porra de estatística que você está falando.

— É o seguinte: eu sou um pouco pessimista — Alexandre falou sem prestar atenção à carranca do presidente do MC. — Sempre acho que se alguma coisa pode dar errado, ela VAI dar errado — declarou, arqueando as sobrancelhas. — Eu vejo alguém fazendo merda e tomo, por princípio, que essa pessoa sempre vai agir desse modo. No geral, eu evito muitos problemas agindo assim. Acho que poderia até começar a oferecer serviços de consultoria. Seria um *personal vai-dar-merda adviser*.

— Tu acha que cagar regra pode dar dinheiro? — motejou Cézar. — Tu tem que entender melhor o que significa pessimismo, fedelho. Palpite profissional não é a nova mina de ouro.

— Não sei, não — Alexandre contestou, exalando confiança e orgulho por todos os poros. — Muitos executivos de sucesso dão grande valor às ideias de pessoas inteligentes.

— E tu se acha muuuuito inteligente, né não? — Cézar rosnou zombeteiro, avançando um passo e avaliando Alexandre de cima de seus quase dois metros de estatura. Ninguém mais disse nada ou moveu um músculo, até que o som plangente da buzina de caminhão que cruzava a rodovia atingiu os tímpanos dos motoqueiros. — Bah, vamos deixar de enrolação que eu tô com a garganta seca. A rodada agora é por conta do Eric. — O gigante apagou seu charuto com a ponta dos dedos e guardou-o no bolso do colete. — Chega de babação de ovo, loirão, e bota a mão nessa carteira — disse ao entrar no restaurante.

Alexandre não sentiu a presença de Maurício se aproximando e, quando este passou a seu lado, surpreendeu-lhe com um esbarrão no ombro, o que, no seu dicionário, equivalia a dizer: “Cuidado, cara. Baixa a bola e fica na sua!” Era notável como, por diversas vezes, o calado Maurício conseguia se aproximar sem ser percebido. Diferente dos demais membros da alcateia, a conhecida sensação de proximidade dos lobisomens não parecia funcionar com Mau.

Ao entrar no restaurante, Alexandre mordeu o interior das bochechas e se recordou do ditado que pregava que nenhuma boa ação passaria impune.



Em poucos minutos, todo o grupo do motoclube se reuniu naquele estabelecimento à beira da estrada. Eles encheram os tanques no posto e esvaziaram várias garrafas de cerveja no restaurante. Diferente dos companheiros, Alexandre pediu apenas uma lata de Coca-Cola com gelo e uma rodela de limão.

— Hehe. Que cê vai tomá, véio? — estranhou Marcelo, com a cabeça inclinada em deboche, olhando com nojo para o copo na mão de Alexandre.

— Me deixa quieto, porra! Só estou tomando uma Coca e não enfiando o pau no seu rabo! — retrucou de mau humor.

— Vamos lá, companheiro, não se aborreça. — Eric percebeu o humor alterado de Alexandre e passou o braço pelos seus ombros num gesto de apreço sincero. — O Cézar, às vezes, é meio ranzinza, mas não é de todo mau — segredou-lhe. — Relaxe, não é nada pessoal contigo. Com o tempo, você acaba se acostumando.

Alexandre estalou a língua e preparou-se para argumentar em contrário, mas suas objeções foram desarmadas pelos rostos sorridentes e amistosos de Eric e Marcelo. Limitou-se a abanar a cabeça em concordância apaziguadora.

Com os tanques das motocicletas (e da Kombi) cheios de gasolina e os estômagos (de quase todos) abastecidos com álcool, a viagem foi reiniciada. Salvo algum problema imprevisto, as motos só parariam novamente ao chegar à cidade histórica de Paraty.

Antes de alcançarem a serra de Caraguatatuba, o grupo já havia se dispersado novamente, com as motos mais velozes à frente e os retardatários na rabeira. Na descida da serra, o tráfego de veículos estava bem reduzido. Com exceção das

motocicletas, poucos carros estavam transitando pela região. As curvas sinuosas daquele trecho da rodovia convidavam as motos a obter a máxima aceleração possível. Tendo a única motocicleta esportiva, Alexandre acariciou o tanque de Cheetara antes de torcer o cabo do acelerador e rapidamente se distanciar do grupo de ponta, sob o olhar faiscante e reprovador do presidente do MC.

Para conseguir manter a velocidade elevada nas curvas, Alexandre realizava o pêndulo, uma manobra que consiste em deslocar o corpo de lado até alcançar a borda do banco da moto, quase raspando o joelho no asfalto. Para um observador desatento, aquela maneira de pilotar parecia uma exibição despicienda, mas era, na realidade, imprescindível, na medida em que as motocicletas necessitam da inclinação para não sair pela tangente^[9]. Poucas coisas são tão prazerosas na pilotagem de uma moto quanto fazer uma curva fechada a toda velocidade, deitando a moto e raspando o joelho no chão. Alexandre não era de dispensar os prazeres da vida. Como resultado, o motoqueiro saiu da serra muito à frente dos companheiros. Passou pela área urbana central de Caraguatatuba e, ao alcançar o início da Rodovia BR 101, reduziu os giros do motor para aguardar os demais motoqueiros.

Naquele momento, Alexandre não conseguia ouvir o ronco dos motores das outras motos ou sequer sentir a presença licantrópica dos companheiros da alcateia. Enquanto guiava apreciando a beleza da paisagem e o cheiro da maresia, foi surpreendido pelo salpicar de gotas vindas de uma garrafa plástica que um caminhoneiro despejava enquanto dirigia, numa reprodução asquerosa dos costumes sanitários anteriores ao século XIX. Não precisou dos sentidos aguçados do lobisomem para perceber que fora batizado com urina.

A noite se aproximava, trazendo o plenilúnio. A quarta noite do ciclo da lua cheia, marcada pelo apogeu da circunferência e da luminosidade do satélite prateado. O lobisomem estava, por assim dizer, à flor da pele. Foi com esforço hercúleo que Alexandre conseguiu manter a calma, refreando os instintos assassinos de Solitário.

— Porra, mané! — ele gritou ao emparelhar sua moto com a boleia do caminhão. — Mais cuidado onde você joga essa porcaria!

Ao ouvir a reprimenda, o motorista do pesado veículo mostrou-lhe o dedo do meio e deu uma guinada para a esquerda, por pouco não acertando a moto.

Alexandre ficou furioso, pois, não bastasse a imprudência de urinar com o caminhão em movimento e a porquice de descartar o mijo em plena rodovia, o caminhoneiro ainda tinha o descaramento de xingar quem o apontasse como faltoso e atentar contra sua vida? Tais fatos associados à proximidade da lua cheia fizeram com que sua visão se tornasse rubra.

Não conseguindo imaginar um meio adequado de parar o pesado veículo ao seu lado, sem prejuízo de sua moto e talvez da própria vida, Alexandre decidiu tirar a desforra com as mesmas armas. Estacionou no acostamento, próximo a uma garrafa PET abandonada, cheia com um líquido amarelo escuro. Pegou o recipiente repulsivo com cuidado, usando a ponta dos dedos protegidos pela luva, para que sua estrutura, friável devido ao desgaste provocado pelo tempo exposto ao sol, não se esfacelasse. Tornou a subir na moto, bateu o pé esquerdo com violência para engatar a primeira marcha e torceu o cabo do acelerador, alcançando a velocidade de 130 km/h quase instantaneamente.

Quando já estava, de novo, ao lado da boleia do caminhão, Alexandre ouviu o ronco dos motores dos Lobos do Asfalto. Olhando na direção do veículo pesado, avistou a janela ainda aberta do lado do motorista e aproveitou a oportunidade para seu revide. Arremessou a garrafa com toda sua força, acertando em cheio a lateral do rosto do caminhoneiro. Com a força do impacto, o plástico se espatifou cobrindo o motorista e todo o interior da boleia com a urina envelhecida.

Surpreendido com a força da pancada, que lhe concedera instantaneamente um generoso calombo no rosto, o caminhoneiro pisou fortemente no freio, travando as rodas. Enquanto lutava para não perder a direção e sentia a diminuição da

velocidade do caminhão, o bronco motorista viu diversas motos ultrapassando seu veículo.

Tendo presenciado apenas o ato final daquela farsa, Cézar fez um sinal inquisitivo para o novato.

— VAMBORA! Depois eu explico! — Alexandre limitou-se a gritar

Duas horas depois e sem mais incidentes, os primeiros integrantes do MC chegavam à cidade de Paraty.



Sentado à mesa de um boteco depois de um almoço algo tardio, Alexandre relatou o incidente com o caminhão à diretoria dos Lobos do Asfalto.

— O cara te deu uma mijada, depois tentou te atropelar e você conseguiu não pular da moto para cortar a garganta dele? — cutucou Marcelo. — Hihhi. Cê tem muito sangue-frio, mano.

— A vingança foi boa, isso eu tenho que admitir — ajuntou Deive, com um palito de dentes dançando em sua boca. — Mas acho que o Warg não me deixaria sair dessa sem sentir um gostinho de sangue. Mermão, se a gente soubesse disso tudo antes, teria dado um jeito de parar a porra daquele caminhão e afundaria a mão na cara do filho da puta! — indignou-se, esfregando os punhos fechados e estalando os nós dos dedos.

— O Deive tá certo. A gente tinha dado jeito de parar o putardo e dar uma bela sova, soltar um pouco a raiva das feras... Acho que tu não devia cercear tanto assim o seu lobisomem. Um pouco de violência sempre melhora o humor dos bichos. Mas o fato é que, como tu não falou nada antes, isso é questão superada. — Cézar deu o assunto por encerrado e, após algumas rápidas baforadas no charuto, expôs a programação da noite. — Agora, vamos cuidar dos nossos planos. O pessoal do

MC Voodoo vai dar uma festa numa chácara aqui perto. O negócio começa às dez da noite. Até esse horário, ninguém vai sentir a nossa falta e, depois de uma hora se esbaldando, vai estar todo mundo tão bêbado que, se dissermos que demos uma passada na festa acompanhados da Madonna, a galera vai dar fé. A gente fica com o pessoal até umas quatro da tarde, daí damos um perdido e saímos de fininho.

— Desculpa perguntar, mas, como é minha primeira excursão com o grupo, nós vamos para onde? — indagou Alexandre.

— Nós vamos pegar umas quebradas na estrada para Cunha, até perto da Cachoeira do Tobogã — Cézar baixou o tom de voz antes de continuar. — É um local tranquilo que a gente conhece bem, ideal para soltar os bichos. Muita vaca no pasto e um ou outro nóia perdido de que ninguém vai sentir falta...

— E como eu chego lá? — enrugou a testa ao questionar.

— Não esquentar. A gente se encontra na frente da pousada às quinze para as quatro e você nos acompanha — prontificou-se Eric, dando um tapinha nas costas do novato.

— Ok, então — assentiu Alexandre. — Acho que, nesse meio tempo, vou dar uma volta para conhecer o Centro Histórico. Nunca tinha vindo para estes lados antes. E posso aproveitar para comprar uma lembrança para o Zé...

— Que Zé, cumpadi? — Cézar admoestou com inflexão ríspida, rilhando os dentes tão fortemente que quase partiu o charuto.

— O José Raimundo, meu amigo da Praia Grande — tartamudeou, à guisa de explicação.

— Amigo, o caralho! Não te falei que agora a gente é a tua galera, porra? — Cézar, sentado na beira da cadeira, inclinou-se para a frente e colocou o dedo em riste em frente ao nariz de Alexandre. Quando tornou a falar, suas palavras eram um rosnado rascante e ameaçador. — Não tem família, não tem amigos, nem

merda nenhuma. A gente vive pra caralho e não dá pra se apegar ao gado humano. Caso contrário, algum imbecil poderia começar a ter ideia de transformar tudo que é chegado!

— Isso nem me passou pela cabeça — desculpou-se. — É só que a gente é amigo desde a infância e, depois de ter sido mordido, quase nunca fui visitá-lo. A gente só se fala de vez em quando e por telefone...

— Ah, tá... — Cézar apertou os olhos ao interromper Alexandre, com o sarcasmo mal podendo ser contido nas duas sílabas. — E, por isso, não tem problema arriscar nosso segredinho.

— É, mano! Um amigo de ânus não pode ser mais importante que a gente. — A observação feita numa voz pastosa e arrastada pairou no ar por alguns segundos.

Todos na mesa olharam para Marcelo que ficou aguardando ansioso o efeito da sua piada. A expressão nos rostos variava de uma simples perplexidade ao completo asco.

— Quem chamou esse cara para o motoclube? — Coube a Deive quebrar o silêncio constrangedor.

— Esse não é assunto pra brincadeira, porra! — Cézar colocou sua manzorra na nuca de Alexandre e aproximou seu rosto. — Sem vínculos com pessoas de fora! — sibilou com fúria. — Cada um que fica perto de ti, é uma pessoa a mais que pode colocar tudo a perder. Essa merda termina agora! Quando voltarmos para São Paulo, tu toma o rumo da Baixada e bota um fim nessa amizade, beleza?

— Ok, ok. Já entendi. Sem stress, valeu? — Alexandre concordou, meneando a cabeça e procurando se desvencilhar do presidente do MC.

O grupo passou a beber em silêncio. Poucos minutos após a alteração, Alexandre avisou que ainda queria conhecer o local. Depois de deixar duas notas

de vinte reais sobre a mesa do bar, dirigiu-se sozinho a caminho do ponto turístico mais famoso da cidade. Com sua saída, Cézar chamou a atenção de Maurício.

— Fica na moita e vai na cola do novato. Até ele terminar com o namoradinho — disse reservadamente.

Com sua capacidade de ocultar a própria aura lupina dos demais, Mau era o capanga ideal para cumprir as tarefas que demandavam segredo e discrição.

— Veja se o putardo — continuou o gigante de forma quase inaudível — não vai acabar comprando um presente para o amiguinho ou ficar com enrolação. Depois que ele puser um ponto final nessa história de amizade, tu vai fazer uma visita pra esse tal José e resolver essa questão... de-fi-ni-ti-va-men-te — ressaltou escandindo as últimas sílabas.

— Lobo *style*? — Maurício perguntou, arqueando uma das sobrancelhas.

— Melhor não — Cézar respondeu, coçando a barba do queixo. — Um simples acidente ou um assalto que deu errado. Quero um cadáver de verdade, não um sumiço, para o nosso palpiteiro não desconfiar do grupo.

Com um meneio de cabeça, Maurício aquiesceu e saiu do bar, acompanhando, de longe, os passos de Alexandre.



Com a cabeça repassando os detalhes da última conversa — e do ultimato lançado pelo alfa — Alexandre caminhava cabisbaixo na direção do centro histórico de Paraty. *Qual é o problema desse cara? Ele não pediu para me afastar dos amigos? Eu me afastei. Ele não me quer junto da alcateia? Pois quase todo mês eu bato ponto no motoclub. Ele não falou para ficar moita, evitar exposição? Pois sou o mais discreto do grupo. Um simples funcionário público levando sua vidinha pacata, porra!*

Aos poucos, o foco dos pensamentos de Alexandre desviou-se de seus dilemas e atribulações para as belezas de Paraty. A arquitetura do local, com a preservação da fachada de estilo colonial dos sobrados apinhados, transportava o visitante para outra época do Brasil. Uma época em que o ouro de Minas era escoado para Portugal e a escravidão ainda era tolerável, ou, ao menos, legalizada.

Diversas lojinhas pintadas com cores chamativas disputavam a atenção dos transeuntes, vendendo todo tipo de mercadorias, de pequenas lembrancinhas como canetas e chaveiros a vistosas garrafas de cachaça artesanal. O calçamento precário das ruas, composto por um conjunto escorregadio e desordenado de pedras chamado de “pé de moleque”, exigia atenção redobrada para quem se aventurasse por aquelas vielas. A maioria daquelas pedras fora trazida de Portugal, sendo, talvez, a última vingança da metrópole contra os súditos insurrectos.

Distraído por dividir sua atenção entre o local onde pisar e a rica atmosfera da região, Alexandre não percebeu uma aproximação sorrateira até que uma forte pancada em sua nuca tornou o mundo um borrão indistinto, com a aproximação repentina do chão de pedras.



Na mesa ocupada pela diretoria do MC, Eric e Deive mediam forças numa disputa de braço de ferro. A atenção dos clientes do bar, quase todos membros dos Lobos do Asfalto, estava voltada para os esforços físicos dos contendores. Maurício esgueirou-se para a cadeira à direita de César.

— Tu já voltou, compadre? E o novato? — o presidente do MC ciciou inquirindo, percebendo o retorno rápido do seu segundo em comando.

— Deu ruim. — Foi a resposta lacônica de Maurício.

— Deu ruim? Como assim, porra? — César impacientou-se.

— Ele tomou uma bordoadada e foi levado — comentou com simplicidade, como se aquela explicação fosse assaz esclarecedora.

— Levado como, Mau? Levado para onde? Levado por quem? — Cézar esforçou-se em extrair uma elucidação clara e completa dos fatos. Porém, um leve dar de ombros fez as vezes de resposta. Depois de alguns segundos pensativo, o gigante lançou um último questionamento. — E ele tava de boa? — A surpresa e a indignação já h  viam abandonado seu tom de voz. A pergunta tra  a mais uma curiosidade mórbida que preocupação sincera, como se podia perceber pelo modo que ele se recostou na cadeira e, calmamente, acendeu um novo charuto.

Maurício apenas abanou a cabeça de um lado para o outro em negativa.

— E tu acha que ele vai ficar numa boa? — a cadência da voz do gigante agora denotava certa malícia.

O mesmo meneio de cabeça foi a resposta para aquela última questão.

Cézar deitou os olhos para além das portas do boteco e tirou uma profunda baforada de seu charuto, expelindo aos poucos a fumaça adocicada. Após nova baforada demorada, passou seu olhar demoradamente pelo grupo reunido. Marcelo, do outro lado da mesa, alternava o foco de sua concentração entre a conversa do chefe e os momentos finais da disputa de fôrça. O magricela sabia ser dissimulado quando queria ouvir palavras alheias que não se destinavam ao seu ouvido.

Sem notar o interesse de Marcelo, Cézar virou-se para o fiel subordinado.

— Deixa quieto, então — concluiu com apenas um fio de voz. — Não fala nada pros outros. Se ele é tão bom como se acha, vai resolver esse problema sozinho. Se não, nosso problema de discrição fica resolvido.

Depois de ouvir o final daquele colóquio, Marcelo remexeu-se desconfortavelmente na cadeira. A lealdade de uma alcateia não era um tributo despropositado devido pelos lobisomens ao alfa, mas uma obrigação de auxílio

recíproco entre o comandante e seus comandados. Uma via de mão dupla em que cada licantropo protegia o grupo, ao mesmo tempo em que, sob a direção do alfa, era protegido por ele.

Marcelo remoeu sua inquietação, mas não conseguiu encontrar uma solução que não acarretasse confrontar o presidente do MC. Sem ter a fibra necessária para arriscar sua própria segurança ante o conhecido temperamento irascível de Cézar, o risonho filé de borboleta murchou em seu lugar, mantendo baixa a vista, como a procurar um local apropriado para afundar-se sob a terra.



Quando recuperou os sentidos, Alexandre sentiu as mãos atadas para trás, de encontro ao encosto da cadeira onde estava sentado, desconfortavelmente dobrado para frente e precariamente equilibrado. Pela intensa dor muscular espalhada por seus membros, ele deduziu que se encontrava naquela posição há bastante tempo. Tal conclusão era corroborada pela poça de saliva que se acumulava no chão entre suas pernas. Ele fechou a boca para estancar o pastoso fio de saliva que pingava intermitente e sentiu um pequeno e incômodo estalo do maxilar. Ao tentar erguer a cabeça para olhar ao redor, não conseguiu reprimir um arquejo dorido. Um latejar lancinante atravessou-lhe o crânio. Não fosse sua capacidade de recuperação singular, a cacetada recebida na nuca poderia ter lhe ceifado a vida. Testou a firmeza das pernas, mas os lassos membros inferiores ainda eram incapazes de sustentar seu próprio peso, ainda que não estivesse amarrado à cadeira.

Além de poucas frestas que permitiam a passagem de ínfimos riscos de luz diurna, uma única lâmpada solitária, pendente do teto de zinco, lançava um fraco halo de luminosidade sobre a cadeira, mantendo o restante do local numa penumbra desagradável.

Alexandre sentiu sua cabeça ser erguida pelo queixo por uma mão suja e calejada e, assim que a visão entrou em foco, reconheceu a figura do bronco caminhoneiro, agora parcialmente deformada por uma calosidade angulosa e de cor arroxeada que ostentava no lado esquerdo da face.

— Então cê já acordou, babaca? Lembra de mim? — Com a mão esquerda, Gervásio Braga tocava delicadamente o lado deformado do próprio rosto. O inchaço provocou um repuxamento do canto esquerdo da sua boca, torcendo-lhe a já não bela fisionomia e deslocando o fluxo de ar que lhe escapava na fala.

Embora o resultado estético daquela deformação anatômica fosse deveras cômico, a dor de cabeça e a boca dormente impediram que Alexandre desse uma resposta imediata. Ele engoliu em seco e piscou vagarosamente encarando seu inquisidor. Sentiu, no fundo de sua consciência, o inquieto e atrevido espírito do lobisomem buscando o controle de seu corpo.

Não obstante a proximidade do surgimento da lua cheia, Alexandre não se deixou abandonar aos impulsos animais da fera, que buscava livrar-se dos grilhões, ainda que, para isso, precisasse quebrar todos os ossos dos braços. Por outro prisma, não conseguiu refrear um risinho sardônico que se estampou em seu rosto (apesar da situação precária em que se encontrava), nem tampouco teve sucesso em conter as palavras que traduziam o ímpeto beligerante de Solitário.

— Acho que você ficou com um pequeno defeitinho aí — comentou depois de conseguir despregar a língua do palato. — Mas, não, não me lembro da sua fuça... Será que você estava de costas?

Tão logo proferiu a atrevida resposta, Alexandre recebeu um forte safanão no rosto, não despencando ao chão, junto com a cadeira, pela pronta assistência de duas figuras que se encontravam a suas costas, protegidas pela sombra e fora de seu ângulo de visão. Pequenos pontos luminosos cruzaram sua visão periférica, como pirilampos destacados contra o véu da noite. Alexandre passou a língua pelos

dentes e ficou satisfeito ao perceber que nenhum deles lhe faltava ou se encontrava frouxo na gengiva.

Quando conseguiu voltar a articular as palavras, o motoqueiro detido não abandonou a atitude arrogante. A sua raiva fervilhava espontaneamente e ainda era alimentada pela mente do lobisomem, que parecia estar arranhando as paredes do cérebro humano, ansiando pela liberdade e pelo doce sabor da carnificina.

— Larry! Moe! — Alexandre saudou os novos carcereiros com indisfarçável zombaria. — Não vi que vocês estavam aí atrás. Se me soltarem agora, posso perdoar vocês três depois de uma surra leve. Aí eu vou embora e vocês continuam namorando sossegados...

Uma pancada com um pesado instrumento metálico interrompeu a frase, atingindo-lhe a região central de seu tronco e fazendo com que todo o ar saísse dos pulmões. O golpe teve o efeito de um vergalhão em brasa penetrando o tórax e retorcendo suas entranhas. De brinde, duas costelas se partiram com o som característico de galhos secos sendo quebrados.

— Tá achando graça ainda, corninho? — Gervásio cuspiu a pergunta em tom jocoso.

A respiração de Alexandre havia se tornado um martírio em razão das pancadas recebidas. O mero movimento do diafragma provocava pontadas, como se lanças fossem espetadas ao inflar os pulmões. O ar entrava em arquejos curtos e saía acompanhado de um borrito rosado composto de sangue e saliva. Naquele momento, Alexandre maldisse a língua ferida do lobisomem e sua incapacidade de controlá-la.

— Pô, Gervásio! Vai com calma, macho! Cê falou que queria dar uma lição num mauricinho folgado, mas assim cê mata o desinfeliz — arengou um dos carcereiros, melindrado pela agressividade do caminhoneiro, bem como pelos possíveis resultados funestos daquelas ações.

— Fica na sua, Vicente — Gervásio calou o comparsa, levantando a chave de roda em sua mão como ameaça. — Isso é entre eu e esse merda. E não se esquece que cê tá me devendo uma. Perdeu a aposta e agora eu posso usar esse buraco que cê chama de borracharia. Se tá com medinho, vaza daqui.

Larry, ou melhor, Vicente Leitão Estrada, o gordo dono da Borracharia da Creuza, voltou a ficar calado. Ele sempre perdia a aposta quando sentava com Gervásio numa mesa de carteados. Vicente nunca conseguiu descobrir, mas tinha certeza de que o caminhoneiro roubava descaradamente, passando qualquer um, amigo ou não, para trás. Quando recebeu o pedido de empréstimo da borracharia, ficou aliviado pelo perdão de parte de suas dívidas e animado por poder posar de valente, conquanto a covardia fosse o traço mais distinguível da personalidade do gordo borracheiro. Vicente era um sujeito falastrão, de muita bravata, mas poucos colhões.

Antes de conseguir se recuperar o suficiente para proferir uma frase completa, Alexandre sondou telepaticamente os arredores na tentativa de encontrar a presença dos outros membros da alcateia. Diante da ausência total de qualquer sinal de seus companheiros, ele suspirou resignado. Só podia contar com o auxílio de Solitário. Por sorte, não demoraria muito para o Sol esconder-se no poente. Contudo, cada segundo de atraso no surgimento do lobisomem aumentava as chances de perecer nas mãos daquele patético, mas perigoso, trio de patifes.

Depois de alguns momentos em silêncio, Alexandre tornou a se dirigir aos captores, usando do tom de voz mais complacente que conseguiu simular.

— Pela última vez, antes de fazermos alguma coisa de que possamos nos arrepender, acho melhor vocês me deixarem ir.

O caminhoneiro e seus dois comparsas se entreolharam por alguns instantes e desataram a rir da inocuidade da ameaça implícita contida nas palavras do motoqueiro.

Quando já estava cessando o riso, Gervásio, sem parar de encarar o cativo, passou a ocupar-se despreocupadamente em cutucar os chumaços de pelos que lhe escapavam das orelhas com a unha do dedo mínimo, deixada deliberadamente comprida para alcançar as cavidades do seu corpanzil seboso.

— Ah, mas é de arrependimento que cê precisa — ponderou Gervásio, enquanto examinava o material extraído com a unha. O caminhoneiro cheirou a excreção antes de descartá-la com um piparote. — Você vai tomar uma sova para se arrepender até do dia que nasceu.

Moe, o terceiro carcereiro que atendia pelo nome de José Homem de Sollano, era um espécime raquítico, de tronco contabescido e de estatura mediana. Seu oleoso cabelo preto era cortado num formato de tigela que muito apropriadamente se encaixava no chiste de Alexandre. Um cavanhaque de vilão de filme em preto e branco se destacava em seu rosto encovado. Coube a ele a retomada da conversa.

— Você se acha muito especial, *playboy*? — Sollano interpelou, com rabugice. — Pensou que podia arregaçar a cara do nosso chegado e sair numa boa?

— Considerando que o seu chegado me batizou com a própria urina e depois jogou a porra do caminhão em cima da minha moto, pareceu-me que estávamos quites, xará — Alexandre justificou-se, sem vacilar. Testou as cordas que atavam suas mãos, mas não notou qualquer afrouxamento dos nós. — Sem falar na puta irresponsabilidade de mijar numa garrafa com o caminhão em movimento.

— Pô, Gervásio! Cê só tinha falado que neguinho jogou uma garrafa na tua cara — censurou Vicente, levando as mãos gorduchas à cabeça, horrorizado e parcialmente arrependido.

— Que se foda se eu mijeí ou não mijeí nesse bosta, caralho! — esbravejou, colérico. — A merda do caminhão é meu e se eu quiser cagar na boleia, ninguém tem nada com isso! O problema é que esse filadaputa arrebentou a porra de uma garrafa de mijo na minha cara!

As palavras ácidas vieram acompanhadas de um cruzado de direita que atingiu em cheio a cabeça de Alexandre. Dessa vez, nenhuma mão impediu a queda, e toda a lateral de seu corpo atingiu com violência o sujo soalho da borracharia, desfazendo a frágil estrutura da cadeira.

Vendo-se parcialmente livre, Alexandre conseguiu colocar-se em pé e correu na direção da porta de madeira do barracão. Com as mãos ainda atadas às costas, realizou baldos esforços na tentativa de transpor o obstáculo.

Gervásio brandiu novamente a chave de roda com que nocauteara Alexandre e quebrara suas costelas, bloqueando a frente da porta. Com um cutucão da haste metálica, o motoqueiro cativo foi empurrado de volta, caindo sobre os destroços da cadeira.

— Nã-nã-ni-nã-não, princesa. — O caminhoneiro balançou o indicador em negativa. — Onde você pensa que vai? Nós ainda não acabamos nossa conversinha. — Um pesado cadeado foi passado na tranca da porta.

Nesta hora, uma vertigem característica tomou Alexandre de assalto, fazendo-o vergar-se ao meio.

— Idiotas! Não sou eu que estou preso aqui com vocês — ainda conseguiu admoestar os agressores. — SÃO VOCÊS QUE ESTÃO PRESOS AQUI COMIGO! — vociferou, rilhando os dentes e contraindo fortemente o maxilar.

Tão logo as palavras foram proferidas, uma saraivada de pontapés foi desferida no corpo caído. Alexandre mergulhou de bom grado no doce torpor da inconsciência, não como resultado das agressões do trio de patifes, mas pelo tão aguardado pôr do sol.



Ao perceber os tremores espasmódicos que acometeram o corpo da sua vítima, cada um dos membros daquela tríade deu um passo para trás, contemplando, boquiabertos e chocados, o início da transformação arcana.

Naquela noite, a mente do lobisomem não registrou a costumeira agonia da mudança. Malgrado as dores físicas herdadas da sua forma humana, sua chegada foi acolhida com satisfação ao invés de ser rejeitada. O controle daquele corpo foi-lhe entregue de maneira plena e pacífica pela primeira e, infelizmente, única vez na sua existência. Mas o lobisomem nunca mais esqueceria que a troca com seu hospedeiro humano poderia se dar daquela forma.

Solitário notou as precárias amarras que tolhiam seus movimentos e pensou nas debilidades de sua contraparte. — *Humano fracote!* — debochou com um misto de desprezo e irritação. — *Não teve, ao menos, a capacidade de escapar dessas cordinhas. Eu seria capaz de roer minha própria pata para não ficar preso e à mercê de inimigos.* — As fibras da amarra se desfizeram com um toque das afiadas garras da criatura.

Quando as roupas de Alexandre se rasgaram sob a pressão da expansão dos músculos do lobisomem, revelando o corpo animalesco e peludo, Gervásio tentou empreender fuga alcançando a saída trancada. Com as mãos trêmulas, o caminhoneiro tentou encontrar a chave do cadeado perdida em um de seus bolsos.

Ainda trôpego pela recente metamorfose, Solitário cambaleou sobre as patas traseiras até encontrar apoio ao lado da porta.

Percebendo o monstro macabro que se avizinhou, Gervásio tentou afastá-lo com idêntica manobra dispensada a Alexandre poucos segundos antes, mas o resultado não podia ter sido mais diferente.

Ao reparar na aproximação da chave de roda, Solitário fez coruscar suas gemas ígneas e segurou o punho de Gervásio com uma das mãos, emitindo um rosnado gutural. A fera de olhos vermelhos deitou a outra mão sobre a cabeça do

caminhoneiro, afundando as garras em sua nuca. A força pujante exercida pelo lobisomem e o fio cortante de suas garras de ébano romperam toda a pele da parte traseira do pescoço. Com um puxão forte e abrupto, foram arrancados o couro cabeludo e a pele da face, expondo um crânio ensanguentado e uma grotesca máscara de músculos faciais. Não deixou de ser irônico que Gervásio, sendo conhecido a vida toda por ter duas caras, tenha dado adeus à existência sem ostentar ao menos uma.

Para horror do caminheiro, seus olhos vidrados ainda tiveram tempo de registrar o momento em que o licantropo levou o retalho de pele à boca escancarada, devorando-o sem mastigar e lambendo a ponta dos dedos. Um grito de dor e pânico foi emitido quando a garra do lobisomem talhou ‘de baixo para cima, do púbis à boca do estômago, e um mundo de cobras sangrentas saltou para o ar livre’. Gervásio caiu de joelhos e, pateticamente, tentou recolher com as mãos os vários metros de intestino que se espalharam no chão poeirento. Solitário abocanhou um punhado daquelas vísceras quentes enquanto o caminhoneiro entrava em choque. As entranhas ainda eram mastigadas com deleite quando o licantropo voltou sua atenção para Vicente.

O covarde e gorducho borracheiro, com um suor gelado lhe porejando o rosto, tinha se movido de costas até a parede oposta, não se movendo um único centímetro depois de encontrar o obstáculo. Ao notar que a faixa preta das costas da criatura foi substituída pela maligna carranca de brilhantes olhos escarlates, Vicente, como única reação, soltou completamente o esfíncter anal, liberando todo o conteúdo de seus intestinos, empestecendo o ar com uma graveolência pútrida.

A fera se aproximou com passos pesados, abriu sua boca, expondo as fileiras de dentes afiados, e, com uma mordida certa, conseguiu abarcar toda a cabeça de Vicente. Um vigoroso chacoalhar do lobisomem foi o suficiente para extrair toda a vida do desprezível borracheiro. Ao contrário de Gervásio, Vicente morreu como sempre foi conhecido: um cagalhão de merda.

Antes de dedicar sua atenção ao repasto sinistro de carne humana, Solitário olhou ao redor para localizar a terceira vítima. Devido aos ferimentos que seu corpo lupino se ocupava em consertar, ele ainda não estava em condições de correr e, portanto, não queria se arriscar a deixar que sua presa escapasse. Mas a preocupação do lobisomem logo se revelou desnecessária. José Homem de Sollano, o mais tanso daquela trinca de mentes tacanhas, buscou refúgio num estreito corredor sem saída do barracão. Aquele triste exemplar da espécie humana não seria capaz de fazer um “O” com um copo ou tirar água de dentro de uma bota, nem que as instruções estivessem escritas na sola do calçado.

Aquele compartimento escolhido era usado como depósito da borracharia e, embora fosse pequeno o suficiente para impedir o ingresso da criatura, não era fundo o bastante para colocar Sollano a salvo das garras licantrópicas. Mesmo espremido contra o fundo do esconderijo, o pacóvio era alcançado pelo musculoso e peludo braço do lobisomem. Contudo, os dedos de Solitário não conseguiam alcançar o suficiente para agarrar o esqualido humano e extraí-lo de seu refúgio precário. Assim, enquanto Sollano, impelido pelo desespero, lançava estridentes gritos que reverberavam lúgubres nas paredes do barracão e arrancava as unhas arranhando o fundo da parede, as compridas garras lupinas gadavamham às cegas, retirando-o aos poucos do ineficaz esconderijo. Aos pedaços e em fatias.

Depois de toda a refeição ter sido consumida, as lesões e fraturas da forma humana não passavam de mera recordação. O processo acelerado de cura do lobisomem, associado à farta comida disponível, tornou Solitário íntegro e saudável. Ele arrebentou a porta de madeira com o peso do próprio corpo e saiu do espaço opressor daquele barracão.

O halo de luz azul em torno da lua cheia iluminava a paisagem noturna com um brilho etéreo. Solitário farejou os arredores, mas não conseguiu localizar o rastro da alcateia. O som de seu uivo cortou a noite, fazendo silenciar as criaturas acordadas nas redondezas. Após segundos de silêncio, outro uivo veio em resposta e o lobisomem seguiu naquela direção.



Quando Solitário encontrou a alcateia, o grupo estava reunido em volta da carcaça de um par de reses. Fenrir terminava os últimos pedaços do primeiro animal abatido, enquanto Warg e Hardy dividiam os quartos traseiros do segundo boi. Maioral e Bigby, já satisfeitos os apetites lupinos, acompanhavam com os olhos o término da refeição.

Hardy foi o primeiro a se aproximar do colega recém-chegado.

— *Onde você estava? Teve algum problema?* — perguntou com animação.

— *Nada que eu não pudesse resolver.*

Fenrir levantou o focinho pingando com o líquido fresco, escarlate e odorífico.

— *Quer um pedaço? Ainda tem bastante para dividir* — ofereceu, com um grande naco de carne ainda pendendo da boca.

— *Não, obrigado. Acho que já comi mais que o suficiente por hoje.* — Solitário passou a língua pelos lábios.

— *Mesmo? E quanto seria esse suficiente?*

— *Três humanos adultos. Um bem grande...*

O lobisomem ebúrneo não reprimiu o sentimento de admiração pelo companheiro. Como exímio caçador que era, Fenrir reconhecia a dificuldade e o perigo da caçada sem a proteção da alcateia. Com um grunhido que combinava satisfação e aprovação, o lobo branco voltou aos restos da presa.

Solitário deitou em frente à carcaça e colocou o focinho entre as patas dianteiras.

— *Sabe, Fenrir, você tinha razão sobre a transformação.*

— *Razão sobre o quê?* — O lobisomem branco acompanhava seu interlocutor com os olhos enquanto continuava a dilacerar o boi abatido.

— *Sobre o sofrimento da transformação. Hoje, meu despertar foi livre da agonia costumeira.* — Solitário ergueu-se e se espreguiçou longamente. Levantou os olhos para a lua cheia e expressou sua opinião com amargura. — *Senti que o humano precisou da minha força e, ao invés das dores da rejeição, experimentei um júbilo indescritível pelo meu surgimento.*

— *Sinto muito, filhote. Isso podia ser melhor.* — Fenrir tocou o focinho branco manchado de sangue na lateral do corpo de Solitário, sinal inequívoco da camaradagem entre os lobisomens.

— *Sabe, seria bom não precisar dividir a vida com o humano* — Solitário comentou mecanicamente, deixando o próprio pensamento se formar em palavras espontaneamente.

Fenrir sentiu compaixão imediata pela situação do companheiro. Sem ponderar o peso das próprias palavras, anunciou solenemente.

— *O ancião, um velho lobisomem, sabe tudo a respeito da nossa espécie. Inclusive das lendas de lobisomens que viviam durante o dia...*

Neste momento, o grande licanthropo cinzento interveio na conversa.

— *E você sabe que o ancião é um proscrito* — Maioral contrapôs com autoridade. — *Um lobisomem que foi exilado, expulso da alcateia. De qualquer alcateia! E condenado a viver sozinho até o fim dos seus dias.*

— *Exilado? O que ele fez?* — espantou-se Solitário.

— *Ele pôs em risco o segredo da nossa espécie. Pela participação menor na embrulhada, ele também recebeu a punição mais branda: o exílio. O outro idiota*

não teve a mesma sorte — os olhos no centro dos losangos negros se acenderam em franca ameaça — e esse papo de se livrar do lado humano também é assunto proibido. Essa existência compartilhada é nosso destino e a garantia da nossa existência. Se não está bem para você, azar o seu. Entendido, filhote? — indagou, retraindo os lábios para expor os dentes afiados.

— Claro. Entendido. — Solitário forçou-se a baixar a cauda simulando uma submissão às palavras do alfa. Ele observou imóvel enquanto os outros lobisomens terminavam sua refeição.

Fechando sua mente para a alcateia, Maioral contabilizou de mau humor: *Então o Fenrir cede a vez na divisão da caça e partilha nossos segredos? O novato mal ingressou no bando e já escalou dois degraus na hierarquia?*



Uma
a lua azul,



maldição
com o mais fraco enterrado

CAPÍTULO 12 – O CHAMADO

31/Jul/2015 (sexta-feira)
4º dia do ciclo da lua cheia



JÁ RECUPERADO, FÍSICA E MENTALMENTE, TANTO DA balada bestial de quarta-feira à noite quanto do vexame protagonizado no fórum no dia anterior, Alexandre decreta o encerramento de sua semana de trabalho. Seu gabinete foi esvaziado do último processo judicial. Sabendo de antemão as tribulações a serem enfrentadas na fase da lua cheia, ele adiantou seus afazeres profissionais trabalhando durante o final de semana anterior. Não raras vezes, Alexandre recorre a tal expediente para compensar as ausências determinadas pelas necessidades inadiáveis de sua contraparte lupina. Nessas ocasiões, ele é um dos poucos funcionários públicos trabalhando sábado ou domingo^[10].

A caçada da última noite transcorreu sem maiores percalços. Se as memórias difusas de Alexandre não o enganam, um animal (não humano) de médio porte (talvez uma capivara) foi abatido sem dificuldade, sem arroubos de desgaste físico ou lesões. Ainda assim, lembrando-se dos acontecimentos dos dias recentes, Alexandre considera de melhor alvitre não sair de casa, poupando o mundo, pelo menos durante o dia, dos humores inconstantes de Solitário.

No quarto dia do ciclo, na lua cheia plena, ele tem menos controle sobre o ânimo volúvel do lobisomem. Conquanto sinta a inquietação crescente de Solitário, Alexandre luta para reafirmar, para si mesmo e para o licantropo, sua condição de senhor daquele castelo. O lobisomem deverá aguardar até o pôr do sol para poder tomar suas próprias decisões.

Imbuído deste sentimento, Alexandre programa o que fazer pelo resto do dia: colocar sua leitura em dia na parte da manhã e gastar alguns momentos apertando botões e movendo alavancas do Dualshock após o almoço.

Assim, um punhado de histórias em quadrinhos e quase meio volume do sétimo^[11] tomo da “quadrilogia” ainda em produção (Obrigado, Bernard Cornwell!) “Crônicas Saxônicas” são consumidos antes do almoço.

Logo depois da refeição, Alexandre pega um saco de batatas fritas, liga o PS3 e se afunda numa poltrona.

Uma dúvida crucial o faz hesitar por alguns segundos: ele deve, pela primeira vez, personificar o guerreiro conhecido como o Fantasma de Esparta em sua busca de vingança para derrotar as três Fúrias ou, pela terceira oportunidade na versão remasterizada e pela nona vez no cômputo total, encarnar o franzino Vander e tentar ressuscitar a amada através do sacrifício de bestas colossais. Algo no enredo dramático do segundo jogo o leva a escolher empunhar as Lâminas do Caos.

A frase preferida de Uhtred de Bebbanburg ainda ecoa em seus pensamentos — *O destino é inexorável* — quando Alexandre finalmente liberta o espartano de suas correntes e sai em perseguição às erínias, submergindo completamente em seu avatar digital.

O videogame é um hobby imersivo com a estranha virtude — ou defeito — de distorcer o tempo enquanto a mente se ocupa dos acontecimentos espetaculares e intrigantes que se desenrolam no televisor. Sem que Alexandre percebesse, as horas da tarde se escoaram como as águas de um rio calmo. Ao avistar o sol

baixando próximo à linha do horizonte, ele se prepara para partir com destino às áreas selecionadas como território de caça do lobisomem.

Antes de sair de casa, Alexandre liga o computador para conferir sua caixa postal eletrônica. O surgimento de uma mensagem específica faz seu coração começar a bater forte e descontrolado numa arritmia espantosa. Num passe de mágica, as preocupações com sua contraparte lupina se desvanecem. Ele pensava que nunca mais veria uma mensagem daquele remetente, uma vez que todos os seus e-mail's enviados — e não foram poucos — retornaram com o aviso de bloqueio pela titular da conta.

Depois de reler pela quinta vez o endereço eletrônico do remetente, Alexandre, com mãos ligeiramente trêmulas, conduz o mouse até que o cursor se mantenha sobre a mensagem e tenta abri-la com um clique. Somente na terceira tentativa ele obtém a firmeza necessária para a consecução da simples tarefa. Um sucinto bilhete com três linhas aparece na tela. Um pedido, um nome, um endereço.





a fera

o homem



a maldição

Encerrará

na loucura.

CAPÍTULO 13 – A MULHER

16/Out/2006 (segunda-feira)

Quarto minguante



SENTADO NO INTERIOR IMUNDO DA KOMBI, ALEXANDRE ruminava em silêncio enquanto o veículo seguia lentamente, sacolejando pela Avenida Senador Queirós, no centro de São Paulo.

— Terra chamando Alexandre. Terra chamando Alexandre. Alguém na escuta?

— Oi. Desculpa, xará. Eu estava distraído...

— Olha, meu irmão, eu só queria agradecer novamente. — Deive se virou para Alexandre, ignorando o semáforo que acabara de ficar vermelho. Ao ouvir a advertência de uma buzina, o gordo motorista apenas reduziu a marcha do veículo. As engrenagens rangeram ruidosamente até que o câmbio encontrou a posição certa. — Você não sabe como esse problema está me enchendo o saco. Sei que é um momento complicado pra você, com as coisas daquele teu chegado e o caramba...

— Não esquenta, não, Deive — contemporizou. — Essas merdas acontecem — disse ao olhar por sobre o ombro em direção ao cruzamento furado. Depois de um suspiro aliviado, retomou a conversa. — O que mais me incomoda é que se eu soubesse que o Zé ia morrer, teria adiado a última conversa que tivemos. Porra, cara, eu vou lá num belo dia e digo que vou precisar me afastar, que não poderei mais visitar ou manter contato com o único amigo que me acompanhou desde a infância... E o que acontece? O cara morre alguns dias depois... — Alexandre balançou a cabeça com desânimo. — Basicamente, a última coisa que eu disse para ele é que nossa amizade tinha chegado ao fim — concluiu, torcendo a boca numa careta.

— Foda, hein. Mas o que aconteceu? — Um estouro vindo do escapamento pontuou o final da frase.

Depois de se certificar que o veículo continuava seu curso sem perder nenhuma parte essencial de sua maquinaria, Alexandre explicou.

— Foi um incêndio. O Zé morava numa casa de madeira, coisa meio comum lá na periferia da Praia Grande. Não se sabe se o fogo começou na casa dele ou na de um vizinho, mas o incêndio se alastrou rápido. Muita casa apinhada, muita madeira para queimar... Morreu gente pra caramba, entre eles meu amigo, a esposa e o filhinho deles. — A voz, embargada pela emoção, foi diminuindo até que a última frase foi proferida num sussurro quase inaudível.

Pelo canto do olho, Deive percebeu que uma lágrima solitária teimava em não rolar do olho de Alexandre. Com a mão direita, ele largou o volante e apertou o ombro do companheiro. A Kombi quase subiu na calçada.

— Ei, sei que não deve ser fácil, mas pode contar comigo... e com todo o grupo. Não querendo parecer insensível, mas isso acabaria acontecendo de um jeito ou de outro. Os humanos morrem cedo. O Cézar pode pegar pesado às vezes, mas, no fundo, ele tem razão: a gente só pode ficar entre os iguais. No motoclub. Na alcateia.

— Eu sei — anuiu sem entusiasmo. — É que essas transformações não estavam nos meus planos. No final das contas, eu só queria que as coisas tivessem acontecido de um jeito diferente. Eu me cobro por não ter agido de outro modo. Não consigo deixar de me sentir culpado. Se tivesse adiado um pouco mais a conversa, o Zé não teria morrido sabendo que o amigo que ele pensava ter é um filho da puta egoísta.

— Não adianta esquentar a cabeça com isso, irmão. A vida, essa vadia, costuma aprontar dessas. — Deive deixou sua pérola de sabedoria pairar no ar por alguns segundos antes de reencetar o diálogo. — Olha, quando a gente acabar aqui, vou te levar para comer o melhor sanduba de São Paulo. Estamos perto do Mercado Municipal, e eles fazem um pusta sanduíche de mortadela! — convidou com um sorriso de orelha a orelha. Deive achava que uma gostosa refeição era a cura para todos os males.

— Eu já morei aqui, você esqueceu? — Alexandre inclinou a cabeça para o lado, arqueando de leve as sobrancelhas. — Esse lanche é bom, mas não é tudo isso. Muita mortadela, eu acho enjoativo. Vamos fazer o seguinte: quando terminarmos de ver esse seu probleminha fiscal, nós vamos a Achapa, a lanchonete com o melhor cheese-salada do Brasil. Por sua conta, é claro.

— Mermão, se eu tivesse que pagar um advogado para me acompanhar hoje, a conta da lanchonete seria o menor dos meus problemas. Ah, achei uma vaga! — entusiasmou-se com vivacidade.

— Você viu que de segunda a sexta-feira, neste horário, é proibido estacionar aqui, né? — ele alertou o motorista depois de desembarcar da Kombi.

— Não tem problema. Todo mundo para nessas vagas – Deive tergiversou despreocupadamente.

Claro, sem problema — Alexandre pensou ao seguir Deive pela via movimentada. *Estacionar na Prestes Maia no meio do dia? Por que não é uma*

surpresa que nós vamos resolver uma questão de imposto de renda desse cidadão-modelo?

Ao entrarem no velho prédio do Ministério da Fazenda, Alexandre seguiu diretamente ao balcão de informações.

— Bom dia — cumprimentou, usando do seu melhor sorriso. — Por gentileza, para resolver problemas referentes ao imposto de renda - pessoa física, com dívida ainda não ativa, qual setor devo procurar?

A atendente digitou algo em seu terminal e entregou-lhe uma senha.

— Segundo andar. Sala 204. Próximo!

— Simpática, hein? — Deive limitou-se a comentar baixinho.

Quando Alexandre esticou o braço para chamar o elevador, seu dedo não encontrou o botão do aparelho, mas pressionou um pequeno dedo indicador com a última falange parcialmente encurtada e adornada com uma pequena unha escarlate, uma cor muito chamativa e de tonalidade específica que ele classificava como vermelho-puta. Surpreso e atraído pela curiosidade, tomou da delicada mão feminina enquanto seus olhos se encontravam com o rosto angelical de uma jovem de pele clara, longos cabelos castanhos e olhos de cigana oblíqua e dissimulada.

Sendo uma pessoa em que faltava um filtro entre o cérebro e a língua, Alexandre passou dos pensamentos à ação num átimo.

— Se com minha mão indigna — passou a recitar em voz baixa —, violo este rico santuário, esta é a gentil multa que me disponho a pagar...

Enquanto levava a pequena mão aos lábios, a jovem puxou-a de volta, interrompendo o gesto abrupta e peremptoriamente.

— Ei, peregrino, já chega! Vamos ficar só no toque rude. Sem essa de beijo terno, entendeu?

Tão logo se encerrou a breve e enérgica censura, a porta do elevador se abriu e a mocinha disparou para dentro.

Ainda estampando no rosto uma expressão abobalhada, Alexandre tentou seguir o objeto de sua admiração, mas ela se colocou em seu caminho, impedindo seu ingresso no elevador.

— Acho melhor você pegar outro elevador — disse em tom pouco cordial.

— Mas... mas... — ele balbuciou aparvalhado.

— Esta não é a mulher que você procura... — a jovem retrucou enquanto gesticulava com a mão num grande arco à sua frente, uma versão feminina de Obi-Wan Kenobi.

Perplexo e fascinado, Alexandre estacou e assistiu às portas do elevador se fecharem à sua frente. *Shakespeare e Star Wars? Que combinação encantadora...*

Um forte tapa em suas costas o acordou para a realidade.

— HÁ! HÁ! HÁ! Esse é o Alexandre! Um puta fora e cê nem ficou vermelho! HÁ! HÁ! — Deive gargalhou com vontade. — Olha, mermão, cê ganhou o troféu “Tábua do Ano”! Que ideia foi essa de tentar agarrar a moça?

— Ah, xará, eu não AGARREI ninguém, apenas segui um impulso — justificou-se Alexandre, levantando as mãos com as palmas para frente e logo as deixando cair ao lado do corpo. — De qualquer forma, nessas horas é sempre melhor pedir perdão que permissão — disse com um dar de ombros.

— Eu até poderia concordar com você — Deive deu um leve sorriso com o canto de boca —, mas aí nós dois estaríamos errados. Vambora, galã de rodoviária, vamos pela escada rolante...

Já no segundo andar, Alexandre procurou um local para sentar em frente à placa luminosa que indicava a ordem de atendimento. Deive ocupou as duas poltronas ao

seu lado, resmungando algo sobre os tamanhos diminutos dos assentos.

Uma brisa inconveniente soprou os cabelos de Alexandre em seu rosto. Ele tirou do pescoço um cordão de couro que usava para carregar o controle remoto do alarme da moto, desatou o nó e guardou o aparelhinho no bolso. Com a tira de couro, Alexandre prendeu a rebelde juba cacheada num simples rabo de cavalo.

O letreiro digital continuou a orientar o fluxo das pessoas. Senha trinta e nove - mesa 05. Senha quarenta - mesa 01.

Alexandre baixou os olhos até o papel que segurava mecanicamente.

— Até que não tem muita gente aqui — Deive observou depois de uma rápida olhada em volta.

Senha quarenta e um – mesa 08.

— Não. Não tem muitos contribuintes para serem atendidos e tem muitos funcionários para fazer o atendimento — Alexandre anuiu com um menear de cabeça. — Sorte que não viemos na época de entrega da Declaração do Imposto de Renda. Aí você veria o que é fila e demora para atendimento.

— Qual é a nossa senha?

— A nossa é a próxima — Alexandre respondeu ao exhibir o pedaço de papel numerado em suas mãos. — E, para mim, basta resolver o seu problema com o Fisco. Eu dispenso a resposta para o sentido da vida, do universo e tudo mais.

Senha quarenta e dois – mesa 03.

— É a nossa deixa. Vamos lá? — Alexandre convidou ao se levantar.

— Va-mos — Deive assentiu bufando, fazendo força para levantar o corpanzil das poltronas.

Ao se posicionar em frente à mesa de número 03, os olhos de Alexandre se iluminaram. Não como gemas escarlates, mas se arregalando numa inequívoca expressão da mais pura alegria. O motivo para tal reação era a delgada e elegante servidora encarregada daquele atendimento.

A moça do elevador, que agora ostentava um crachá azul do órgão fazendário com o nome Valquíria Correia, revirou os olhos atrevidos em manifesto desagrado ao reconhecer o sujeito inconveniente que tentara abordá-la na chegada ao trabalho.

— Bom dia. Em que posso ajudá-los? — Valquíria enunciou com sua contrariedade vazando por cada sílaba. O tom frio das palavras poderia ter congelado o inferno, mas Alexandre não se deixou abater.

Mesmo que não tivesse sido oferecida a cadeira, ele se sentou em frente à mesa do atendimento. O sorriso em seu semblante teimava em gritar para o mundo a satisfação que sentia em seu íntimo.

— O meu amigo precisa regularizar uma pendência de imposto de renda. Eu gostaria de saber sobre a possibilidade de fazer o parcelamento da dívida.

— Qual o CPF? — a pergunta lacônica adotou a mesma inflexão monocórdia.

Alexandre virou-se em direção a Deive, mas, antes que pudesse formular a pergunta, sentiu o cheiro doce e suave do perfume de Valquíria. Aquele aroma tornou a nublar-lhe a percepção. Deixando a pergunta no ar, Alexandre limitou-se a inspirar profundamente, inebriado pelo odor da moça.

— É 045.555.555-11 — Deive adiantou-se a responder, cutucando de leve o ombro do amigo. Junto com suas palavras, o gordo motorista colocou sobre a mesa um amarrotado pedaço de papel plastificado.

Com a ponta dos dedos, Valquíria pegou o documento amarelado onde quase não se conseguia distinguir os caracteres datilografados impressos por uma extinta

peça de museu chamada de “máquina de escrever”. Após digitar alguns dados em seu terminal, Valquíria dirigiu-se diretamente ao interessado.

— O senhor é Deive Dal Seannia?

— SeaNNIa — esclareceu, destacando a sílaba tônica. — Com ênfase no “i”. Sou eu mesmo, mas você pode me chamar de Deive. — Ele sorriu, alisando a barba comprida.

— Certo, Sr. Dal SeaNNIa. Deive — Valquíria retificou ao dispensar o tratamento formal. — Deive, o sistema acusa um débito de R\$ 26.435,17, referente ao imposto de renda - pessoa física do exercício de 2002. Como o débito já foi parcelado anteriormente e houve a rescisão do acordo por falta de pagamento, o senhor precisa realizar a quitação prévia da primeira prestação correspondente a trinta por cento do valor total do crédito tributário para abrir novo parcelamento.

— Já houve parcelamento anterior? — questionou Alexandre.

— Acho que já. Rolo de contador, sabe? — defendeu-se Deive.

— Você tem esse dinheiro, xará? — indagou com incredulidade manifesta.

— Mermão, cê sabe que eu só tenho a Kombi lá fora – respondeu num queixume. — Com muita sorte, dá para vender aquela bagaça por milhão pro ferro-velho e olhe lá... Não chego nem perto de ter essa grana toda. Não dá para só ir pagando as parcelas do acordo anterior? Com juro, sei lá?

— *I'm sorry, Deive. I'm afraid i can't do that* — Valquíria, pela primeira vez, esboçou um pequeno sorriso. — Infelizmente, não há nada que eu possa fazer, Sr. Deive. — A voz de Valquíria desceu uma oitava e adquiriu uma cadência melíflua. — É uma vedação da lei. Sem o pagamento dos trinta por cento, eu não posso autorizar um novo parcelamento.

— Mas se eu não tenho mais nada, vocês vão receber o quê? Não é melhor dar logo esse parcelamento e eu pago essa joça? — Deive impacientou-se com a atendente e tomou-lhe o documento amarelado da mão. — O que vocês querem que eu faça, então? — pontuou a frase com uma pancada na mesa de atendimento.

— Eu preciso que o senhor se acalme ou vou chamar a segurança — Valquíria ameaçou.

— Mas eu preciso de uma solução, porra!

Valquíria já pegava o telefone para pedir por auxílio quando sentiu o toque delicado de Alexandre impedindo o uso do aparelho.

— Ei, não precisa disso — tranquilizou com um sorriso. — Espera só um minutinho e ele já se acalma, ok?

— Eu não preciso me acalmar! — Deive esbravejou.

Alexandre levantou-se e encarou o anão de cima.

— Olha aqui, xará, você pediu para eu vir e ajudar a resolver esse problema, não foi? Então, baixa a bola e fica pianinho que eu cuido disso, valeu? — As palavras saíram num jorro ininterrupto e imbuídas de plena autoridade. Deive bufou, mas aquietou-se com certa relutância. Valquíria teve a impressão de que um estranho brilho escarlate iluminou o olhar de Alexandre.

— Bom, agora que retornamos ao campo da civilidade, vamos examinar esse problema. Você realmente não tem como conseguir esse dinheiro? — Alexandre dirigiu a pergunta a Deive.

O anão mal humorado limitou-se a sacudir a cabeça calva.

— Então, podemos fazer o seguinte: todo mês eu entro no site da Receita e emito uma guia DARF no valor que você puder pagar, ok? — ele propôs, apaziguador.

— Certo, mas no que isso resolve minha situação? — Deive replicou com desprazo.

— Uma vez paga a guia, eu venho até a... — Alexandre hesitou, fingindo desconhecer o nome da moça. Diante do olhar inquisitivo do motoqueiro, Valquíria franziu o cenho e apontou para o crachá. — ... Valquíria, e, se o valor não for abatido do montante da dívida, ela pode fazer a apropriação desse montante pelo sistema. Assim, mesmo sem parcelamento, você paga sua dívida em parcelas. Você pode fazer isso, né? — indagou à moça, com olhos súplices.

A bela morena arqueou as sobrancelhas.

— Isso eu posso fazer — disse depois de pensar brevemente sobre o assunto.

— Beleza, então. Problema resolvido, graças a Deus — Deive sentenciou, dando por encerrada a questão.

— *So say we all* — Alexandre enunciou dramaticamente, estendendo sua mão numa despedida cordial para a servidora.

Ao sentir o toque quente e firme da mão de Alexandre, Valquíria experimentou uma estranha sensação de eletricidade e excitação. Sua aversão inicial rapidamente transformou-se em simpatia pelo jeito impetuoso do motoqueiro, temperado pela esperteza revelada ao engendrar o esquema proposto. Sem quebrar as regras, ele conseguiu contorná-las.

Com a questão resolvida, os rapazes se despediram e se dirigiram ao hall do elevador. Valquíria não deixou de deitar seu olhos com interesse sobre a silhueta do motoqueiro cabeludo, com o cerne de seu desejo feminino temporariamente atraído pelo leve gingado do seu andar.

Cérebro e um corpinho malhado... uma combinação incomum e atraente — pensou a moça enquanto mordida levemente o lábio inferior. Pena que tenha esse jeito de bad boy...

Inconscientemente, Valquíria brincava com a aliança dourada em sua mão direita. Ao perceber o gesto, ela enrugou a testa e procurou afastar a imagem de Alexandre de seus pensamentos.



Quando já se encontravam na rua, Deive tentou passar o braço por sobre os ombros do amigo, mas a falta de altura não lhe permitiu completar o gesto. Enlaçando Alexandre pela cintura, o anão estreitou-o num abraço fraterno.

— Cê conseguiu, hein? Muito esperto. Muito ligeiro. Parcelou a minha dívida e ainda vai voltar todo mês para xavecar o pitelzinho. Cê é sagaz, mermão! Muito sagaz! — Deive elogiou com admiração sincera.

— Que nada. — Ele tentou minimizar seus méritos. — Eu trabalho justamente com esse tipo de pepino. Normalmente, estou do outro lado da mesa, então não é difícil conhecer as brechas do sistema. Mas me deixe fazer uma perguntinha: como você conseguiu acumular uma dívida desse tamanho?

Deive fechou a cara antes de responder.

— Ah, foi na época do fechamento de uma empresa que eu montei com meu concunhado. Uma dessas firmas pontocom abertas na febre da novidade, antes de estourar a bolha da internet. Foi um fiasco! O negócio começou a ir mal das pernas e o puto me passou para trás. — O anão lançou uma forte cusparada na calçada e, por pouco, não acertou um transeunte inocente. — Quando não dava mais para continuar, fizemos uma divisão em que ele ficou com o registro do domínio virtual (que dava despesa) e eu acabei com o resto do estoque das mercadorias e as dívidas antigas. No fim, eu me fodi e soube que ele montou nova sociedade com um concorrente cearense, um tal de Jurandir. Geek com tapioca ou qualquer coisa assim.

— Você era casado?

— Falou bem, mermão, ERA. Nunca mais vi, nem soube nada da minha família antiga. Caí no mundo e parei no motoclube. Minha única família agora é a alcateia.
— Enquanto falava, Deive passava a mão sobre a imensa barba que lhe chegava à barriga.

— E...

— Olha, mermão, eu agradeço o que fez por mim agora há pouco, mas, se você não se importa, eu prefiro não falar desse tempo — atalhou. — O que passou, passou. É como eu digo, se a vida te dá as costas, passe a mão na bunda dela!

Apesar de tentar aparentar bom humor, Alexandre percebeu a dor e a mágoa mescladas nas palavras de Deive.

— E aquele cheese-salada, a oferta ainda está de pé? — sugeriu para tentar desanuviar o pesado clima que se instalara.

— Nada como falar em comida para melhorar o ânimo de um gordo, é isso? — Deive questionou com voz rouquenha.

— E funciona?

— Hehe, o pior é que funciona — disse, piscando com um olho. — Onde é que fica esse templo do hambúrguer?

— É na Aclimação. Pega o caminho para a Lins de Vasconcelos e eu te guio quando chegarmos mais perto.



Naquela noite, na sede do motoclube, rolou uma pequena reunião não familiar.

Diversas garotas encontradas em bares da zona norte e no entorno de duas faculdades próximas pegaram carona nas motocicletas e desembarcaram na modesta sede social do MC. Era fácil conseguir uma ou mais acompanhantes para as festas do motoclube^[12].

A fartura da cerveja gelada perdoava a falta de conforto das acomodações. Deive conseguiu trazer mais algumas poucas cadeiras de plástico e dois pequenos sofás recobertos por um tecido sujo e manchado. Pelo cheiro exalado, Alexandre suspeitava que os móveis haviam sido pegos em alguma esquina destinada como ponto de coleta de lixo.

Somente os membros de alta patente do MC e suas respectivas acompanhantes ocupavam os sofás. Uma honraria um tanto o quanto duvidosa...

— Ei, princesa, vamos dar uma voltinha? — Marcelo sussurrou melosamente para a graciosa loirinha ao seu lado.

— Não sei — ela negaceou num arrulhar melódico.

Mais algumas palavras foram proferidas apenas para os ouvidos da menina, acompanhadas de um lascivo gesto de mão ao longo de sua coluna. Quer fossem as palavras, quer fosse a carícia, a investida surtiu efeito. Marcelo se levantou de mãos dadas com a garota e puxou-a gentilmente em direção a uma parte mais afastada do burburinho.

Eric seguiu roteiro semelhante. Quando se levantou com a voluptuosa escolhida como alvo de seus afagos, ela perguntou: — Você tem camisinha, loirão?

— Não se preocupe, meu bem — Eric ronronou carinhosamente. — Todo mundo aqui é saudável como um touro, livre de doenças venéreas.

— Como um touro, não! Saudável como um lobo, isso sim — confidenciou Deive para Alexandre.

— E ainda por cima, somos todos vasectomizados — garantiu Eric.

— Talvez seja melhor dizer lobo-tomizados — segredou Deive, num bom humor incomum.

Diante do silêncio do companheiro, o anão cutucou Alexandre com o braço.

— Que é isso, mermão? A mulherada dando mó mole, e cê fica aí nesse marasmo? Prestenção, pega uma cervã e arrasta essa belezura pra um canto. Acorda pra vida, rapá!

Ele passeou seu olhar entre o amigo e a bonita ruiva sentada no braço do sofá ao seu lado. Não era preciso ser um especialista conhecedor de linguagem corporal para perceber o interesse manifesto da garota. Seus cabelos estavam sobre o ombro direito de Alexandre de tanto que ela se inclinava em sua direção. As sardas pintalgadas no colo do generoso decote quase eram esfregadas no rosto do pensativo motoqueiro.

Sem Coca-Cola e sem Valquíria... É, quem não tem cão, caça com gato... — sem proferir uma única palavra, Alexandre conduziu a dama para um canto escuro da chácara. No breu da noite, sua imaginação transformou sua acompanhante ruiva na bela morena de jeito faceiro e olhar provocante.



Quando

o coração

devorar

Uma Sombra



Então

Se busca a cura

CAPÍTULO 14 – A TOCA DO EXILADO

1º/Ago/2015 (sábado)
5º dia do ciclo da lua cheia



ALEXANDRE NÃO PERDE TEMPO PARA CAIR NA ESTRADA. Tão logo voltou para casa após o passeio noturno obrigatório de Solitário, colocou sobre a moto o alforje previamente preparado na tarde anterior e seguiu rumo ao norte para Alto Paraíso de Goiás. Ainda naquela tarde, ele também havia feito uma rápida pesquisa na internet e vira o melhor caminho para chegar àquela distante e pitoresca cidade encravada na região do Planalto Central, próximo à Chapada dos Veadeiros.

O fone esquerdo está em seu ouvido, sob o capacete. Ele seleciona a *playlist* “Blind Guardian” em seu celular, e, ao som inspirador e empolgante da canção *The Bard’s Song*, inicia sua jornada épica. Um Odisseu esperançoso velejando por entre os escolhos do destino.

Depois de sair do território paranaense (em que as estradas estão em piores condições de conservação), Alexandre acelera a motocicleta, mantendo sempre alto

o ponteiro que indica o número de rotações por minuto do potente motor de mil cilindradas. *Depois de tanto tempo, por que ela quer falar comigo?* — sempre que relembra o e-mail recebido, maior torção no punho direito acrescenta ainda mais velocidade ao bólido rubro.

Alexandre respeita a quase totalidade das leis de trânsito, mas, no que concerne ao limite de velocidade, sua única restrição é a própria segurança. Em sua visão particular, a legislação que obriga todos os veículos a respeitar idêntica velocidade é anacrônica e irresponsável. Para ele, a velha Kombi de Deive poder trafegar na mesma velocidade de sua moto é um despropósito e rematado absurdo! Sempre explica sua opinião da mesma forma: imagine que um veículo pesado, um ônibus ou um caminhão, e uma moto estão trafegando em igual velocidade, com o primeiro veículo seguindo o segundo de perto. Caso aconteça uma emergência que demande a parada total dos veículos, a motocicleta, com certeza, conseguiria parar rapidamente, não se podendo esperar tal capacidade do veículo pesado. Quanto maior a massa, maior a inércia e, nesse caso, a dificuldade de frenagem do veículo maior significaria o atropelamento da moto e seu condutor.

Toda vez que expõe este argumento, Alexandre sente um frio percorrer sua espinha ao se lembrar das fotos coloridas juntadas num processo de indenização que passou pelas suas mãos, ajuizado pela família de um motociclista colhido por um ônibus. Os depoimentos de diversas testemunhas deram conta de que dois amigos andavam com suas pequenas motos de 125 cilindradas por certa estrada quando foram atingidos na traseira por um ônibus de passageiros em alta velocidade. O amigo com sorte foi jogado para fora da via, sofrendo inúmeros traumas que demandaram mais de três meses de internação e diversas intervenções cirúrgicas. O azarado daquela dupla teve seu corpo passado pelo moedor de carne que eram as rodas do ônibus. O resultado fotografado pelo médico legista pouco lembrava um ser humano. Os ângulos impossíveis dos ossos, ainda reunidos numa peça única por força do tecido resistente da calça jeans e da jaqueta de couro, bem como o dilaceramento dos membros e da fisionomia do morto, pareciam retiradas

de parte da Guernica de Pablo Picasso. Para ele, naquele território sem lei que eram as estradas brasileiras, olvidar os limites de velocidade, por vezes, era uma questão de sobrevivência.

Assim, a velocidade de Cheetara, sua moto de estimação, variava conforme as condições efetivas da pista e não das placas de sinalização de trânsito. Nesta ordem de ideias, Alexandre poderia, numa ensolarada tarde de sol, trafegar tranquilamente a trezentos quilômetros por hora no retilíneo e duplicado tapete asfáltico da Rodovia Castelo Branco — não obstante a limitação de 120 Km/h da sinalização de trânsito. De igual modo, ele também veria o marcador de velocidade não ultrapassar o número trinta ao se deslocar de noite, sob forte chuva, pela sinuosa BR 376 na altura da perigosa Serra do Cadeado — ainda que as placas possibilitem alcançar até 60 Km/h.

Hoje, o dia está bonito e a estrada apresenta condições excelentes, então... — é a rápida avaliação mental que Alexandre faz, mas não tão rápida quanto Cheetara.

Logo após cruzar a ponte sobre a Represa da Promissão, na altura do Município de Borborema/SP, Alexandre vê uma blitz da Polícia Rodoviária Estadual instalada às margens da Rodovia SP 333.

— Ah, merda! — pragueja dentro do capacete. Sua velocidade é tanta que não conseguirá frear a moto antes de passar várias dezenas de metros do local onde estão os policiais. *Que se foda!* — pensa, contraindo os músculos do maxilar. Se for parado naquelas condições, certamente terá a carteira apreendida e será muita sorte se não acabar preso por direção perigosa. Assim, não vê outra saída que não acelerar um pouco mais.

Os policiais rodoviários, que se ocupam em verificar os documentos dos veículos parados anteriormente, sequer têm tempo hábil para sinalizar o pedido de parada da moto.

— Você conseguiu anotar a placa? — indaga um policial ao seguir com o olhar o afastamento da moto.

— Eu só ouvi o barulho, não consegui nem ver o que era aquilo! — O outro policial levanta o óculos de sol e pisca os olhos diversas vezes.

Sob o olhar atônito da dupla de farda, o pequeno borrão vermelho desaparece de vista.

Por quatro vezes, Alexandre é obrigado a interromper a viagem para abastecer a moto. Ele sequer se ocupa em descer do veículo. Quando seu estômago começa a doer de fome, pois já passa muito do meio-dia, Alexandre escolhe um pequeno restaurante à beira da estrada na cidade de Uberaba/MG. O simplório estabelecimento possui um limitado leque de opções: comercial ou prato feito. Sem querer se imiscuir nas diferenças sutis daquela culinária, ele pede um comercial, pois o nome lhe parece um pouco mais digno que prato feito. Num quadro negro pendurado numa parede, Alexandre toma ciência das “misturas” que acompanham os pratos. Segunda-feira: picadinho; terça-feira: bife à cubana; quarta-feira: feijoada; quinta-feira: bife à rolê; sexta-feira: bife à cavalo; sábado: bife à parmegiana; e domingo: bife acebolado. Ele estranha que o estabelecimento não siga o costume de servir a tradicional feijoada no sábado, mas, não sendo fã do feijão preto, opta por não questionar. A cavalo dado não se olham os dentes.

Quando o prato lhe é entregue, Alexandre se espanta com a quantidade de queijo que acompanha seu bife à parmegiana. Mesmo estando em Minas Gerais, terra famosa pelos seus queijos, ele não esperava uma oferta tão generosa do laticínio. No entanto, ao colocar o garfo na montanha de queijo, Alexandre estranha sua textura. Quando o alimento é levado à boca, a ilusão se desfaz: o suposto queijo não passa, na maior parte, de purê de batata.

— Quem serve um bife à parmegiana com purê de batata? — é a pergunta que ele se faz com a voz praticamente inaudível. — Talvez o mesmo tipo de gente que enche o cheese-salada com milho e ervilha ou põe catchup e maionese na pizza? —

ele se responde com um dar de ombros. Tais escolhas estavam além da sua capacidade de compreensão.

Alexandre termina de comer a carne, junto com algumas colheres do arroz com feijão, deixando quase intocado o mar de purê de batata e a murcha porção de alface fatiada no prato. *Ainda falta um bom trecho para chegar a Alto Paraíso* — ele pensa enquanto procura alongar os braços e as costas. *Pelo menos, o Solitário está quieto.*

Mais três paradas para abastecimento são necessárias antes que, no fim da tarde, Alexandre entre na área urbana do município com a bonita e enfeitada placa de recepção:



Quando o crepúsculo colorido de rosa e ouro velho é substituído por um manto roxo, Alexandre é vencido pelo cansaço. Ele guia a moto pela entrada da cidade até encontrar a primeira hospedaria, uma pequena e bonita pousada com um estranho nome de inclinação zen-holística. Feito o *check-in* e descarregada sua pouca bagagem no quarto, ele torna a sair com uma mochila contendo uma muda de roupa. Alexandre quer, desesperadamente, sair à procura do endereço fornecido por Valquíria, mas a inevitabilidade da transformação mais uma vez se coloca entre ele e a dona de seu coração. Resignado mas não satisfeito, ele pede algumas indicações ao recepcionista na pousada.

— A Chapada dos Veadeiros? — André Luiz coloca as mãos espalmadas sobre o balcão da recepção. Um sorriso bobo brinca em seu semblante de pura simpatia. — Sabe a rotatória na entrada da cidade? Lá você pode pegar a rodovia GO 239 até São Jorge e, de lá, é só seguir as placas. Dá quase uns quarenta quilômetros e mais da metade do caminho já tem asfalto. Mas o parque fechou às 18h00. Agora só reabre amanhã de manhã. Segunda-feira é o único dia em que o parque fica fechado, salvo se for feriado.

— Tudo bem, eu não vou entrar no parque. Só quero dar uma volta.

— Beleza, Creuza! Mas acho bom você levar um agasalho porque só essa jaqueta de couro não vai dar conta. De noite faz um frio danado por essas bandas. — O rapaz se inclina sobre o balcão para conseguir que suas palavras cheguem ao motoqueiro. Um chapéu Fedora, utilizado para disfarçar uma alopecia precoce, se desequilibra da cabeça de André e quase vai ao chão. O recepcionista abre, então, um sorriso amarelo, ou melhor, de vento amarelo.

Alexandre para na soleira da porta e se vira para o prestimoso rapaz.

— Obrigado pelo aviso, mas eu estou ok... afinal, daqui a pouco já estarei com meu casaco de pele — ele sussurra a última frase apenas para si próprio.



O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, antes chamado de Parque Nacional do Tocantins, foi criado em 1961 e, embora atualmente esteja reduzido a apenas um décimo de seu tamanho original, tem mais de seiscentos e cinquenta quilômetros quadrados. É um lugar de belezas naturais singulares, de mata preservada, rios, cachoeiras e cavernas exuberantes. Em resumo, um local perfeito para a transformação sob a lua cheia.

A região da Chapada dos Veadeiros é considerada um ponto de convergência de energia em razão dos cristais de quartzo que afloram do solo em grande quantidade. Tal fama gerou um extenso rol de lendas e crendices místicas, chegando a se considerar o local um aeroporto de discos voadores. Afinal, não poderia ser coincidência que o paralelo 14 passasse pela Chapada e também por Machu Picchu. Alexandre não entendia o raciocínio, pois aquela linha imaginária não cruzava somente aquelas duas localidades específicas, mas também todo o globo terrestre. Ele supunha que essa fama era o que atraía para a região um contingente considerável de toda sorte de malucos, ripongas e bichos-grilos em geral, muitas vezes mais interessados na utilização de fungos, ervas ou produtos químicos para “abrir a mente”, “alcançar um plano superior” ou qualquer outro conjunto vazio de palavras da nova era para justificar o consumo de drogas.

Assim, mesmo saindo da pousada num horário não propício ao ecoturismo, o comportamento de Alexandre não chama maior atenção. Ele apenas é rotulado como mais um viciado procurando um lugar tranquilo para se entorpecer.

O motoqueiro segue pela rodovia GO 239 até o fim do asfalto e encontra um local discreto entre as árvores para estacionar Cheetara, pendurando a mochila com as roupas sobressalentes num galho alto. Depois de urinar junto à raiz da árvore para marcar o ponto com o cheiro conhecido por Solitário, ele adentra a mata, passeando pela paisagem árida com tons alaranjados.

Depois de meia hora de caminhada, Alexandre despe suas roupas e as coloca dobradas, sem muito capricho, dentro de um saco plástico. O pacote é arrumado no centro de um grande espinheiro, também marcado com urina e pequenas gotículas de sangue extraídas a contragosto pelas pontas das diminutas hastes vegetais farpadas. A jaqueta é deixada de fora do embrulho, esticada por sobre o pacote, em razão dos reforços de fibra sintética não permitirem sua dobradura.

A noite está fresca e agradável e o vento seco do cerrado prenuncia uma noite sem chuvas. Muito antes de Alexandre encontrar as margens do Rio Preto, o lobisomem toma seu lugar.



Solitário se ergue da transformação mais rapidamente que o usual. Não que as dores provocadas pela relutância do humano sejam menores, mas ele sabe que se encontra próximo àquele que pode ajudá-lo a dar um fim em sua maldição.

O lobisomem castanho segue em passo acelerado em direção ao curso d'água mais próximo, o Rio Preto, um local onde a caça deve ser mais abundante e, portanto, com maior probabilidade de ser escolhido como território do licantropo ancião.

Mesmo impelido pelo objetivo de encontrar a fera exilada, Solitário não deixa de sentir uma fome profunda e aguda que lhe embaralha a mente bestial. Deste modo, enquanto segue para o curso d'água, diminuindo um pouco seu ritmo, ele aguça seus sentidos à procura de alimento. O odor mais pronunciado que lhe chega às narinas é das fezes do lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), um primo distante da família canídea. Diferente dos lobos, o lobo-guará não forma alcateias, mantendo comportamento isolado, e marca seu território de caça pelo cheiro das fezes.

— *Bicho nojento!* — resmunga Solitário.

Junto às fezes do lobo-guará também são encontradas sementes da lobeira (*Solanum lycocarpum*), uma planta cujos frutos são necessários para evitar que o animal tenha problemas renais. Caso soubesse desta particularidade, Solitário somaria seu desprezo ao asco. Um bicho com nome de lobo não poderia ser outra coisa que não exclusivamente carnívoro! Necessitar de vegetais em sua alimentação era uma fraqueza inescusável aos olhos do lobisomem.

Ao encontrar o leito do rio, baixo em decorrência da escassez das chuvas daquela época do ano, Solitário para e observa o caminho percorrido pela lua cheia em sua lenta passagem pelo céu noturno. Nenhuma pista do ancião! Sem ter visto nenhum rastro ou sentido qualquer cheiro que indicasse a presença do licantropo exilado, Solitário sente seu coração se encher de angústia. Enquanto a noite envelhece à sua volta, ele sente esvair a chance de encontrar o ancião e, com ele, a cura para sua maldição. Desesperado, Solitário ergue o focinho mirando o disco prateado e lança um longo uivo lastimoso conclamando o lobo exilado. Ele não sabe se aquela será sua única oportunidade de encontrar o outro lobisomem, pois não controla as ações de seu alter-ego humano.

Nenhum uivo lupino vem em resposta ao seu apelo. Com a raiva sobrepondo-se ao desalento, Solitário inicia uma desabalada corrida rumo à nascente do Rio Preto. Naquele trajeto, o lobisomem avista uma grande anta defecando na água. Este tipo de animal não é uma raridade no Planalto Central. Já com os olhos acesos no furor *berserker*, Solitário dispara mirando o animal escolhido para aplacar sua fome.

Ao notar o predador sobrenatural, a anta emite um guincho estridente e flutuante enquanto avança mais para dentro do rio, nadando sofregamente para escapar. Saltando da margem, Solitário ultrapassa as pedras escorregadias de limo e alcança a presa, caindo sobre ela e fincando as garras em seu costado. Dando vazão à sua ira, o lobisomem estraçalha o animal, deixando uma mancha escarlate descendo a corrente fluvial. Inebriado pelo gosto cúprico em sua boca, Solitário arrasta a carcaça já inerte para a margem. Com pressa, ele devora grandes nacos de carne enquanto, ao mesmo tempo, utiliza suas garras para fatiar a presa e, deste

modo, facilitar sua ingestão. A voracidade manifestada pelo licantropo é explicada mais pela urgência que pela fome característica de sua espécie. O receio de perder a oportunidade de encontrar o ancião acelera a ação de sua mandíbula.

Tão logo termina sua refeição, Solitário torna a correr na direção contrária ao fluxo da água fluvial. Quando alcança um prado cercado por diversas árvores com folhas secas, o lobisomem para e aspira profundamente. Os odores nauseabundos das fezes dos lobos-guará cessaram. A partir daquele ponto, os caçadores caninos não se aventuram. Isso pode indicar a presença de um predador que ocupa um nível superior na cadeia alimentar. Seguindo com seu nariz rente ao chão, Solitário continua a seguir o leito do Rio Preto, atento aos odores que podem denunciar a proximidade de outro lobisomem.

Quinze quilômetros após o desaparecimento do cheiro do lobo-guará, Solitário encontra o rastro inequívoco de outro licantropo. Orientado pelo cheiro acre característico, ele segue pela mata até uma pequena depressão no terreno, uma ravina estreita atravessada pelo tronco caído de uma grande árvore, ligeiramente apodrecido pela ação do tempo, do musgo e das colônias de variadas espécies de fungos com as mais diversas cores e tamanhos. O caule carcomido oculta, parcialmente, a entrada de uma pequena caverna. Finas teias de aranha, diáfanas e esvoaçantes, decoram o pórtico do refúgio. O interior da toca é atapetado de folhas secas e está inundado pelo odor marcante do exilado, mas o alvo de sua busca frenética encontra-se ausente.

Solitário decide marcar sua presença urinando por toda a área adjacente àquele esconderijo. Concluída a tarefa, ele se deita logo em frente à entrada do abrigo e, com o focinho acomodado entre as mãos, aguarda o aparecimento do ancião. O vento quente e seco do cerrado farfalha por entre a copa das árvores. Uma coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*) emite seu piado forte e estridente como um soturno aviso de mau agouro.

O primeiro brilho da alvorada surpreende o lobisomem ainda em infrutífera vigília.



CAPÍTULO 15 – O (RE)ENCONTRO

02/Ago/2015(domingo)
6º dia do ciclo da lua cheia



BOA PARTE DA MANHÃ É PERDIDA PARA QUE ALEXANDRE consiga voltar à pousada. Ele teve que caminhar pelado por boa parte da margem do Rio Preto enquanto servia de banquete para uma infinidade de mosquitos (não era tão divertida a inversão dos papéis na relação de caça/caçador), até encontrar uma placa sinalizando a entrada do Parque Nacional e, daí, contornar sua extensão até o local onde escondeu suas roupas.

Considerando que aquele era um local desconhecido de Solitário, Alexandre presumiu que a marcação de seu cheiro no exato local em que foram deixados seus pertences, traria o lobisomem de volta após o término da caçada noturna, como rotineiramente acontecia quando a transformação se dava em território novo para o licantropo. Aparentemente, aquela era uma cortesia com a qual ele não poderia contar de maneira segura. Mais uma das atitudes irrefletidas a ser debitada na conta de Solitário.

Ao chegar tardiamente à pousada, Alexandre é informado que o horário-limite em que é ainda servido o café da manhã já passara, mas pode solicitar que o almoço seja servido. A despeito da fome, ele decide não adiantar o horário da refeição e pega duas barras de cereais em sua mochila e, com uma satisfação exagerada, devora-as rapidamente. Alexandre sabe o quanto aquele tipo de alimento, ingerido naquela fase lunar, aborrece sua contraparte lupina. A desforra apenas torna o singelo lanche mais apetitoso. A troca de farpas entre o humano e o lobisomem era um caminho de mão dupla.

Com o estômago acalmado, Alexandre pega a moto e segue para a Rua São José do Operário. O endereço fornecido por Valquíria não contém o número da casa. Por se tratar de um município pequeno, ele imagina que bastará andar pela rua para encontrar a bela morena aguardando no portão da frente ou, ainda, debruçada sobre a janela. Porém, em que pese o inegável clima de cidade do interior, a tarefa não será tão simples. A Rua São José do Operário é um simples trecho de asfalto de aproximadamente seiscentos metros que começa na Avenida Ari Ribeiro Valadão Filho, passa por mercadinhos, farmácia, diversas residências modestas, pela rodoviária da cidade e termina numa pequena praça na Rua São Jorge. A maioria das edificações não possui sequer a indicação de seu número. Alexandre percorre a rua do início ao fim, por três vezes, antes de resolver parar e pedir informações.

Considerando suas poucas opções, Alexandre escolhe buscar auxílio na Rodoviária, a única construção da Praça Boa Vista. Nascido e criado na agitação da metrópole paulistana, ele se surpreende ao encontrar a rodoviária vazia. A única empresa de transporte de passageiros da localidade encontra-se com as portas fechadas. Em pleno domingo, apenas uma modesta — e não tão limpa — lanchonete funciona ali naquele horário.

Alexandre estaciona sua moto numa das vagas destinadas aos ônibus e se dirige ao balcão da lanchonete. Pela modorra da rodoviária, não havia possibilidade de as três vagas serem ocupadas simultaneamente em breve tempo. Correndo os olhos pelos artigos expostos, ele pede ao garçom um cheese-salada. Apesar de seu

sistema imunológico estar fortalecido pelo lobisomem, ele considera sensato não agredir seu aparelho digestivo com um dos salgados-granada em exposição por tempo ignorado. Alexandre acrescenta uma Coca-Cola ao pedido original e pede ao garçom/chapeiro para não incluir milho ou ervilha no sanduíche.

O refrigerante se revela essencial para auxiliar a fazer descer pelo esôfago o pesado e insípido cheese-salada. Terminando de comer, Alexandre entrega uma nota de cinquenta reais ao garçom/chapeiro/caixa, que a recebe com a mesma mão que, momentos antes, ocupava-se em preparar o lanche. Recebido o troco, Alexandre indaga ao garçom/chapeiro/caixa/dono do estabelecimento sobre a pessoa de Valquíria ou sobre o estabelecimento comercial H. M. Gumercindo Barbosa. Para ambas as perguntas, ele recebe apenas uma negativa manifestada com um simples dar de ombros e um som roufenho que poderia ter inúmeros significados, estando a frase “não conheço” entre as diversas possibilidades. O consumo na lanchonete não garante ao forasteiro o direito de iniciar um colóquio naquelas circunstâncias.

Voltando para o estacionamento, Alexandre surpreende uma criança que está admirando sua motocicleta.

— Essa moto é sua, moço? — indaga o garoto com sua voz suave, cuidando para pronunciar todas as letras das palavras.

— É, sim — Alexandre responde ao subir no assento da moto.

— Nossa! Ela é muito bonita — elogia com um sorriso incandescente.

— Obrigado — Alexandre agradece enquanto coloca o capacete. Ele coloca a chave na ignição e recolhe o pezinho. Quando se prepara para dar a partida no motor, uma nova pergunta interrompe a ação.

— Ela tem nome? — O garoto se aproxima do motoqueiro. Um ligeiro franzir de cenho acompanha o questionamento.

— Para falar a verdade, tem, sim. O nome dela é Cheetara — revela Alexandre, ligeiramente surpreso.

— Que nem os Thundercats?

Ao ouvir a indagação, Alexandre, pela primeira vez, olha com atenção para o pequeno: um bonito menino de gorduchas bochechas rosadas e longos cílios negros emoldurando grandes olhos castanhos.

— Exatamente como os Thundercats — aquiesce com delicadeza, olhando diretamente para o interrogador.

— Você deu o nome porque ela corre muito? — O menino não tem intenção de deixar a conversa se encerrar prematuramente antes que tenha a sua curiosidade saciada. Alexandre volta a descer o pezinho da moto e se vira para o garoto que agora exhibe os dentes num sorriso maroto que conquista o motoqueiro. Alexandre ri baixinho quando responde afirmativamente. Ele não tinha muito jeito com criança, mas aquele desinibido conversador parece não tomar conhecimento deste fato. Depois da mudez na lanchonete, era um alívio saber que poderia se comunicar com o que considerava a fauna local.

— Você veio ver os discos voadores? — É a nova questão do garoto.

— Não. Eu vim procurar uma amiga, mas não estou achando o endereço.

— Que endereço?

— H. M. Gumercindo Barbosa na Rua São José do Operário — Alexandre responde sem titubear, já tendo decorado todo o conteúdo da mensagem eletrônica.

Ao ouvir a resposta, o sorriso se apaga do rosto infantil e ele baixa os olhos para os próprios pés.

— Eu conheço esse lugar — diz à meia voz.

— Conhece? E onde fica? — Alexandre pergunta ansioso.

— É virando naquela rua ali em cima — responde o garoto, indicando para a esquerda e apontando a parte de cima da praça. — Na próxima quadra, no lado direito, vai ter um prédio compriiiiido com uma ambulância estacionada em frente. É o Hospital Municipal Gumercindo Barbosa.

Alexandre abandona o capacete sobre o guidão e corre na direção apontada.



Ao se dirigir ao balcão de atendimento, Alexandre procura controlar os passos para que sua afobação não atraia muito a atenção das pessoas aguardando atendimento médico.

A funcionária do hospital público municipal, encarregada da triagem inicial, encontra-se pendurada ao telefone, quase de costas para o balcão, claramente tratando de questões particulares mezinhas no seu horário de expediente. A mulher é uma figura triste e apagada, aparentando meia-idade e de olhar mortiço. Seus longos cabelos oleosos estão presos num coque precariamente equilibrado no cocuruto e sua pele opaca e amarelada exala um inconfundível fedor de nicotina, a mesma pestilência que também impregna suas vestes. Se o dicionário da vida fosse ilustrado, certamente a foto daquela mulher estaria ao lado do verbete “ponto culminante da decadência humana”.

Depois de aguardar em silêncio por dois minutos inteiros, Alexandre debruça-se sobre o balcão e toca suavemente no ombro da atendente, dirigindo-lhe a palavra.

— Queira me desculpar, mas eu preciso de uma informação — ele entoa com languidez.

O olhar enviesado que a mulher deita sobre o motoqueiro deixa claro seu desconhecimento da própria natureza essencial e inerente à sua condição de

servidora pública^[13].

— Oi, Alice, eu falo com você depois, tá? — ela encerra a conversa com rabugice, coloca o fone com displicência na base e vira-se visivelmente aborrecida para Alexandre. O fétido e amarrotado uniforme desbotado, composto de calça azul escura e camisa azul clara com o brasão do município, combina à perfeição com a vitalidade da funcionária. Um crachá de plástico exhibe o nome Isabela Cigno. — Pois não? — dispara com falsa cortesia.

— Oi. Boa tarde — Alexandre cumprimenta, modulando seu tom na tentativa de elevar o diálogo ao nível da polidez e lhanza. — Eu estou procurando por uma pessoa. O nome dela é Valquíria Correia.

— É paciente ou funcionária? — A pergunta arrastada desliza vagarosamente pelo ar, pingando grossas gotas de enfado em seu trajeto.

Alexandre fecha os olhos e respira profundamente procurando esconder a raiva que borbulha diante da forma desleixada com que é tratado. Ainda conseguindo manter o tom ameno, ele reenceta a conversa.

— Eu não sei. Ela só me deu esse endereço...

— Aguarde um minutinho que eu vou verificar — Isabela interrompe, mais bufando que articulando normalmente as palavras, enquanto se dirige à saleta contígua àquela recepção.

Num órgão tão pequeno, será que é possível não se conhecer o nome de todos os funcionários que trabalham aqui? — pensa Alexandre, não se arriscando a transmitir sua dúvida em voz alta para não aumentar ainda mais a má vontade da servidora. Isso, se tal fato fosse realmente possível. Distraído por sua raiva e ansiedade, ele não percebe a ausência da consciência lupina lutando para abrir as comportas de sua agressividade, manifestando uma apatia incomum para o lobisomem.

Depois de longos dez minutos de espera, Isabela se arrasta de volta ao seu posto e, sem sequer olhar nos olhos de Alexandre, informa mecanicamente: — Valquíria Correia, internação na enfermaria quatro. Horário de visitas das 09h00 às 11h00 e das 15h00 às 17h00.

— Internada? Por que a Val está internada? Ela... ela está bem? — questiona Alexandre, arregalando os olhos.

— O senhor é da família? — Isabela somente levanta os olhos ao perguntar.

— Não, sou um amigo dela.

— O senhor pode se informar durante a visita, das 15h00 às 17h00 — Isabela decreta, cruzando os braços. Sua expressão não muda durante toda a conversa. Uma máscara de desânimo mesclada com nojo parece ter sido permanentemente aparafusada no rosto daquela criatura.

Reconhecendo que não extrairia mais nenhuma informação relevante daquela fonte, Alexandre senta-se numa das cadeiras da movimentada sala de espera e aguarda o início do horário da visitação.



A Enfermaria nº 04 é uma sala retangular estreita com oito leitos hospitalares paralelos encostados à parede maior. Apenas seis leitos estão ocupados, pois problemas estruturais na aparelhagem de oxigenação impedem a utilização de duas vagas. Uma única cadeira de plástico ao lado da cama hospitalar é toda a acomodação para eventuais visitantes. Alguns pacientes recendem odores nauseabundos, decorrentes tanto da falta de uma higiene mais criteriosa quanto pelo mais diversificado rol de enfermidades, que se misturam ao cheiro enjoativo dos desinfetantes, criando um miasma denso particularmente repugnante.

Alexandre caminha com passos inseguros até o último leito da enfermaria. Suas pernas mal têm a firmeza necessária para evitar que ele desmorone. Aos poucos, sua visão capta a imagem de uma figura de cera que lembra vagamente a radiante mulher chamada Valquíria. Aquele corpo destituído dos comuns sinais de vitalidade encontra-se deitado com uma máscara de oxigênio presa ao rosto pálido e um fino tubo de plástico transparente ligando seu braço ao lento gotejar do soro pendurado num suporte.

Quando se encontra ao lado do leito, Alexandre se lembra de voltar a respirar, uma vez que, inconscientemente, prendera a respiração ao adentrar na enfermaria. Inspirando um longo hausto daquele ar carregado, ele toma a mão livre da figura que se mantém estática, levando-a aos lábios. Um soluço carregado de pesar escapa-lhe do peito ao relembrar que aquele gesto, um singelo beijo casto, está intimamente ligado ao momento em que eles se conheceram. Ainda segurando a mão inerte, Alexandre examina o pulso fino de Valquíria e nota a ausência de uma conhecida tira de couro atada ali. Uma sombra de decepção cruza seu semblante e ele se recrimina por não conseguir sufocar seu egoísmo.

— Val? Oi, Val. Sou eu, o Alexandre. Vim o mais rápido que pude quando recebi seu e-mail. Você está dormindo, Val? — Suas palavras são proferidas num fio de voz intermitente, resultado do medo que gela seu coração, mas não encontram eco na consciência apagada de Valquíria.

Os atendentes de enfermagem não se dobram à insistência de Alexandre e se recusam a prestar qualquer esclarecimento, afinal, ele não é o cônjuge da doente ou um seu familiar. Por mais de uma hora, Alexandre abandona-se na simples contemplação da mulher, mantendo seu posto ao lado do corpo imóvel. De quando em quando, sua mente prega-lhe uma peça cruel ao imaginar o despertar da mulher amada. Nesses instantes, por alguns segundos, Alexandre não consegue distinguir a fantasia da realidade, mas, com o afastar do véu onírico, ele se sente afundar mais e mais num poço sem fundo de pesar e arrependimento. Perdido no universo de seus

próprios pensamentos, ele não pressente a aproximação de uma figura que parece se materializar no outro lado do leito.

— Você deve ser o Alexandre, né? — arrisca uma voz desconhecida.

Alexandre ergue a cabeça e vê uma mulher magra, de pele clara, cabelos castanhos claros e frios olhos azuis, a personificação da madrasta má dos contos infantis. Surpreso pela aparição que o encara com olhar duro, ele não consegue ao menos balbuciar uma resposta, limitando-se a assentir com um quase imperceptível menear da cabeça.

Diante da confirmação, os lábios finos da mulher se retorcem num esgar de desagrado.

— Então ela conseguiu falar contigo, hein? Eu devia ter imaginado... A Val me pediu para usar o iPad e deve ter conseguido convencer alguma enfermeira para obter a senha do Wi-Fi. Se perguntasse minha opinião, eu diria que era contra, mas desde quando ela me ouve, né? — A mulher despeja a sequência de frases sem contexto, olhando diretamente para os olhos fechados de Valquíria, quase ignorando a presença de Alexandre.

— Me desculpe, mas acho que não fomos apresentados — Alexandre consegue articular depois do breve monólogo da aparição.

— Ah, cê é bem educadinho mesmo! Do jeitinho que ela falou... — Os olhos glaciais fazem uma avaliação criteriosa do motoqueiro, esquadrinhando seus traços como se daquela forma pudesse devassar seus pensamentos. — Meu nome é Valdirene. Eu sou irmã da Valquíria.

— Você pode me dizer o que aconteceu com ela? — Alexandre pergunta depois de engolir em seco.

Apesar da apresentação pouco amistosa, Valdirene não deixa de reparar no abatimento e na profunda desolação estampada no rosto de Alexandre. Talvez seu

aspecto derrotado tenha amenizado o mau humor da irmã de Valquíria. Com um suspiro combalido, ela o coloca a par dos acontecimentos que culminaram naquele estado de fragilidade.

— A Val foi fazer um exame de tomografia em Goiânia, coisa simples, de rotina, mas quando voltou estava com o braço inchado. — Valdirene alisa carinhosamente o braço da irmã. — Deu algum problema na hora de injetar o contraste de iodo. Parece que algum coágulo se formou no local da injeção e foi parar na veia do braço. Formou um trombo, trombose, ou sei lá o quê. Ela foi internada aqui para tomar heparina, um remédio para tentar dissolver o coágulo.

— E não deu resultado? — Alexandre suplica com receio da resposta.

— Bom, parece que uma vagabunda imbecil regulou errado o fluxo do soro que tinha a medicação anticoagulante e a Val acabou tomando um décimo do medicamento que tinha que tomar. — Valdirene retorce a boca ao fazer a grave acusação. — O hospital não admite, lógico, mas dava para ver ontem de tarde que quase nada do soro tinha sido aplicado. Eu chamei um médico, mas já era tarde. Eles acham que um pedaço do tal coágulo pode ter ido parar no cérebro... — As palavras ecoam na desolação da enfermaria. Valdirene cobre os olhos com mãos. Quando torna a falar, seu rosto ressumbra certo ar de derrota. — A enfermeira que cuidava da Val está de castigo na recepção, mas o estrago já foi feito. Ai, e eu ainda tenho que olhar para a cara daquela zinha todo dia...

— E não dá para operar ou coisa assim? — Alexandre coloca as condições de saúde e recuperação da amada em primeiro e único plano, em detrimento das questões, ora irrelevantes, de apuração de responsabilidade.

— Não. O estado dela é grave. Ela não pode ser removida e os médicos não têm como operar. — Valdirene levanta as mãos, traduzindo no gesto a vastidão completa de sua impotência. — Não sei se falta gente, equipamento ou competência. O fato é que ela já está recebendo todo o tratamento que esse lugar pode dispensar. Só podemos rezar para que ela se recupere.

Alexandre acaricia levemente a mão da mulher inconsciente com o polegar, atentando, pela primeira vez, na ausência de qualquer marca que indique o uso contínuo e prolongado de alianças em ambas as mãos.

— Ela disse para você por que queria me ver? — interpela Alexandre.

— Não... — Valdirene hesita antes de continuar a responder. — Eu nem sabia que ela tinha falado contigo. Olha, Alexandre, daqui a pouco termina o horário de visitas. Acho melhor você ir. Me deixa ficar um pouco com minha irmã, tá bem?

Alexandre concorda com a cabeça. Ao sair do hospital, ele lança um último olhar rancoroso para a atendente da recepção. — Isabela — ele sibila o nome como se tivesse lâminas escondidas sob a língua, mas seu abatimento consome até mesmo a vontade de agredir aquele desprezível desperdício de oxigênio.



De volta à praça onde está estacionada a moto, Alexandre se senta num dos bancos de concreto para remoer suas mágoas. Toda a esperança que nutrira em reatar o romance com a mulher amada se transforma em sufocante decepção. Um nó alojado em sua garganta impede-o de respirar livremente e libertar sua tristeza, rompendo a represa de lágrimas amargas acumuladas durante a vigília daquela tarde. Com os membros lassos, ele se abandona sentado, encarando o horizonte. Pela segunda vez em sua vida, Alexandre se sente perdido, sem a capacidade de tomar qualquer decisão.

Repentinamente, ele é arrancado da letargia pelo alarido de gritos e latidos. Alguns meninos, de cima de seu refúgio nos galhos de uma árvore, açulam dois cachorros vira-latas com estalos, pequenas bombinhas usadas em festas de São João. Pelo formato da cabeça e pelo porte físico dos animais, parecem mestiços da raça *pit bull* ou *bull terrier*. Embora não sejam necessariamente violentos, são espécimes perigosos de se provocar.

Vendo seus provocadores colocados a salvo e além de seu alcance, os cachorros disparam para o outro extremo da praça. Alexandre reconhece o esperto menino com quem conversara mais cedo como o novo alvo da dupla de raivosos vira-latas.

Sem parar para pensar, Alexandre se levanta e corre, colocando-se protetoramente à frente do menino. *Certo! Cheguei a tempo! E agora, herói? Vitória de Pirro?* — reflete, ainda ofegante. Nenhum plano havia sido previamente elaborado.

Enquanto os cães se aproximam, várias ideias cruzam velozmente seu pensamento, mas nenhuma solução satisfatória se apresenta. Pegar o menino nos braços e fugir? Seriam alcançados e atacados pelos animais. Tentar agarrar os bichos? Ainda que conseguisse tal proeza, dificilmente poderia manter cativo mais de um dos animais bravios. Partir para o ataque com chutes e socos? Teria sorte se tivesse sucesso em acertar, pelo menos, um golpe.

Atônito e acuado, ele observa a chegada dos cachorros, como num filme em câmera lenta. De súbito, um impulso inesperado toma conta de seu corpo e, sem ponderar sobre o que está fazendo, Alexandre se dobra para frente arreganhando os dentes. Ao tentar gritar uma ordem para afastar os animais, ele se ouve emitindo um profundo e feroz rosnado. Um breve lampejo rúbido passa por seus olhos.

Ao se deparar com o novo adversário, os cachorros interrompem a carreira e baixam a cabeça com um ganido lamentoso de submissão.

Com o alívio da suspensão do ataque, Alexandre percebe o ridículo da cena que protagoniza. Ligeiramente encabulado, ele se endireita e bate o pé, espantando os cães. Voltando-se para o menino às suas costas, o motoqueiro encontra o olhar assustado da criança.

— Tá tudo bem com você? — o salvador inesperado indaga, dividido entre a surpresa e o constrangimento.

— Nossa, moço! O que você fez? — O menino pisca seus grandes olhos castanhos, agora ainda maiores, arregalados pelo susto.

O incidente chama a atenção de várias pessoas e, nesse momento, elas começam a se aproximar do local. Não querendo dar explicações ou atrair demasiada atenção para si mesmo, Alexandre se volta para onde está estacionada a moto.

— Moço! Moço! Qual o seu nome? — O menino ainda consegue gritar por sobre a algaravia produzida pelos moradores que se avizinham.

— É Alexandre — ele responde sem parar de se afastar. — E o seu nome? — devolve a pergunta ao colocar o capacete.

— Eh, eh. Que engraçado! Eu sou o Dinho! — Um sorriso maroto brinca nos lábios do menino.

— O que é engraçado? — o motoqueiro ainda chega a questionar, mas não consegue uma resposta. Com a chegada dos habitantes locais, o menino ignora sua pergunta e começa a contar sua versão do salvamento.

Alexandre liga a moto e segue para a pousada.



Às dez horas da noite, Solitário acorda às margens do Rio Preto. Numa árvore próxima, ele sente o fedor conhecido do seu humano. Para reafirmar a superioridade que sente em relação ao bípede, o lobisomem marca o local com seu próprio cheiro, lançando um longo e ininterrupto jato de urina. Seu cheiro impregna o local e satura os arredores, sobrepondo-se ao do outro. Orgulhosa, a fera meneia a cabeça em aprovação e parte para a toca encontrada na véspera.

Nessa noite, a caça está mais farta. Solitário se alimenta de duas capivaras (*Hydrochoerus hydrochaeris*) e, já próximo da caverna, captura um veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*) e carrega-o preso em seus braços enquanto se aproxima da toca, mantendo o cuidado de manter-se a favor do vento. Vez ou outra, a presa tenta, debilmente e sem sucesso, livrar-se dos grilhões peludos, fazendo a fera comprimir ainda mais seu abraço. Ao se cercar da ravina, nuvens altas ocultam o brilho pálido e frio do luar, deixando todo o cenário numa penumbra sinistra.

— *Ancião?* — Solitário declara sua presença respeitosamente, mesmo sabendo que seu cheiro e sua influência telepática prenunciaram sua chegada.

— *Então é assim que me chamam agora? Foi por isso que trouxe essa carne? Acha que estou velho demais para caçar?* — Um rosnado gutural acompanha as palavras transmitidas.

Um lobisomem sai da caverna. Sua pelagem é esbranquiçada, como se todos os fios tivessem perdido a cor e o viço, com exceção da região do dorso, caracterizada por um manto de pelos eriçados e de tom levemente acinzentados, como uma capa colocada sobre os costados da fera. Seu andar claudicante revela certa fragilidade e rigidez das juntas. O relevo dos ossos protuberantes parece querer perfurar o couro do licantropo exilado e não corroboram o teor de sua bravata. Com certeza, o velho caçador não tem mais a mesma facilidade para abater uma presa como já tivera outrora.



— *Paz, ancião! Eu não quis desrespeitá-lo...* — começa Solitário, dispensando àquele lobisomem uma reverência que nunca mostrara ao seu alfa.

— *Bah! Isso não tem importância. Ancião... Velho... Relíquia de outro tempo... Eu estou, realmente, muito idoso. Acho que já tenho contadas as luas da minha longa existência... Ainda que não possa mais vê-las.* — Ao se aproximar de Solitário, a lua ressurgue e seu brilho ilumina o semblante do lobisomem exilado, revelando duas brancas gemas opacas no lugar dos olhos.

— *Seus olhos...* — murmura Solitário. — *Achei que fôssemos imunes às doenças.*

— *Hunf! Vê-se que você não sabe tudo, forasteiro. Nosso corpo cura quase tudo, mas não consegue remediar os efeitos da passagem do tempo. Talvez sua estranheza deva-se ao fato de não ter encontrado antes um lobisomem com uma existência tão longa quanto a minha. A maioria segue para a outra vida quando ainda ostenta a força da juventude, perecendo sem experimentar as mazelas da decrepitude. Quanto a mim... Agora, apenas meu olfato são meus olhos. E caçar não é mais tão fácil como antigamente.*

Solitário avança com cautela e baixa o cervo aos pés do outro lobisomem, que saliva ao sentir o cheiro da presa. Assim que alcança o solo, o amedrontado animal se debate, mas, com uma rápida mordida, o lobisomem exilado paralisa a vítima. Um filete de sangue brota da carcaça e uma nuvem de moscas começa a voejar quase instantaneamente. Solitário recua a uma distância respeitosa e mantém-se em silêncio enquanto aguarda o velho lobisomem terminar sua refeição.

— *Você sabe que exílio implica em não manter contato com nenhum outro lobisomem, não sabe? Você dever ter sido alertado, não?* — A advertência é feita ao som de ossos sendo triturados pela bocarra ancestral.

— *Sim, ancião.* — Solitário avança um passo e levanta as orelhas em expectativa. — *Mas eu precisava muito falar com você* – insiste numa súplica

comovida.

— *O que obviamente supera o problema de que EU é que serei morto por não respeitar as regras do exílio, não é?* — O cervo é consumido num instante e o exilado passa a lambar os beijos saturados do sangue fresco.

As orelhas do licantropo castanho caem abruptamente quando a fera sente o peso da vergonha cair sobre si como uma manta de ferro. Solitário percebe ter se comportado como uma criatura egoísta e voluntariosa, tal qual Alexandre, sua desprezível contraparte humana, e não como o lobisomem leal e altruísta que, por diversas vezes, já arriscara a própria pele para socorrer e proteger os irmãos de alcateia. Em sua ânsia para acabar com sua maldição, ele nunca havia parado para pensar no que aconteceria ao exilado por tornar a falar com outro lobisomem e, talvez, revelar segredos proibidos. O constrangimento lhe trava a fala, impedindo-o de responder prontamente à pergunta do ancião.

— *Vejo que essa preocupação nunca lhe passou pela cabeça, não é mesmo?* — O exilado bufa fortemente. — *Você ouviu boatos sobre o perigoso lobo exilado e quis ver essa atração de perto. Até comprou um ingresso na forma de um simples pedaço de carne* — ele escarnece.

— *N-Não, ancião* — Solitário nega em tom magoado.

— *Então, por que está aqui? Por que me trouxe esse animal?* — o lobisomem exilado, questiona sem preâmbulos.

Solitário engole em seco antes de responder.

— *Ontem eu acabei por rondar por boa parte de seu território e percebi que poucas presas foram abatidas recentemente na sua área de caça. Só pensei que pudesse ajudar de alguma forma. Assim como preciso de seu conhecimento para manter minha existência sob a luz do sol e por todos os dias, independente da lua cheia...*

Num gesto ríspido, o ancião interrompe as palavras de Solitário e aproxima-se dele, farejando-o num exame demorado.

— *Você é o alfa de sua alcateia?*

— *Não* — nega Solitário.

— *É uma pena. Sempre é bom ter um alfa que sabe pensar além do próprio focinho... Quanto a essa conversa de andar sob o sol, você quer, de verdade, acabar com seu humano?*

— *Sim, eu preciso disso, ancião.* — Os músculos da mandíbula permanecem retesados ao confirmar seu intento assassino.

O velho lobisomem fica estático enquanto sua mente sonda os pensamentos de Solitário. O lobo castanho sente os tentáculos da telepatia do exilado revirar os meandros de sua mente. Ao invés de tentar se fechar àquela intrusão, ele permite a devassa total de suas lembranças e seus pensamentos mais secretos.

— *Você não nasceu dentro de uma alcateia, não é, filhote?*

Solitário assente com um leve aceno de cabeça, mantendo os olhos voltados para baixo.

— *Eu passei muitos ciclos lunares sozinho... antes de encontrar minha alcateia.*

— As imagens das primeiras caçadas formam-se em seu relevo mental e são captadas pelo exilado.

— *Sim, sinto uma ligação muito intensa entre você e seu humano. Hum... isso é realmente muito curioso... A ausência de uma alcateia no começo da sua vida fez com que você formasse um profundo vínculo de dependência e cumplicidade recíproca com seu lado humano... Muitas memórias e sentimentos partilhados com sua outra parte. Talvez em demasia para um lobisomem tão jovem... Você sabe por que fui exilado, filhote?*

— *Disseram-me que você e outro lobisomem puseram em risco o segredo da nossa existência* — Solitário responde pausadamente, escolhendo com cuidado as palavras utilizadas, com medo de ofender o exilado.

O ancião deita os olhos embaçados sobre Solitário e, apesar do aspecto mortiço dos globos oculares, seu olhar traía uma inteligência afiada.

— *Então é assim que contam minha história hoje em dia? Ah, não é de se estranhar que você seja o primeiro a vir ao meu local de exílio.*

— *Quer dizer que você não tentou trair nosso segredo?*

— *TRAIÇÃO? Por Ishtar, EU fui traído e condenado a essa reles existência longe da minha terra!* — As palavras são atiradas com raiva, enquanto o ancião arreganha a bocarra com as presas à mostra.

Um tenso silêncio se segue até que o exilado se deita e torna a falar.

— *Sabe, filhote, houve um tempo em que não existia essa história de segredo. Na verdade, o acordo para manter nossa espécie apenas na mitologia dos humanos é relativamente recente.*

— *Então, não foi sempre assim, desde o surgimento do primeiro lobisomem?* — Solitário deita-se em frente ao exilado.

— *Ninguém sabe ao certo quando surgiu o primeiro lobisomem. Já ouvi de alguns a velha história de que nossa transformação seria uma maldição de Zeus, mas nossas lendas são anteriores ao nascimento do povo grego. Nosso advento parece ser tão antigo quanto o aparecimento do homem e ambas as origens se perdem nas brumas do tempo.*

— *E o que mudou para tornar o segredo tão importante?*

— *Foi algo que aconteceu antes da minha época. Quando o mundo dos homens entrou em declínio na chamada Idade das Trevas, a população foi drasticamente*

reduzida pela Peste Negra. Com a redução do número de presas disponíveis e com nossa imunidade para as enfermidades humanas, os lobisomens passaram a se destacar e ganhar notoriedade. Quando um único homem sobrevive à doença que ceifou todo seu vilarejo, ele passa a chamar atenção. E quando o sumiço de outros humanos segue o rastro desse indivíduo, bem, é inevitável o surgimento de histórias com sua consequente perseguição e morte. Nessa época, nossa espécie foi caçada em segredo por uma instituição que se fortalecia mais e mais a cada dia: a Igreja Católica.

Uma nuvem densa e escura volta a esconder a lua cheia, deixando a ravina onde estão reunidos os lobisomens na mais completa escuridão.

Simultaneamente às últimas palavras do ancião, uma imagem mental de um pequeno exército de cavaleiros armados com espadas e lanças de prata surge na mente de Solitário. Pequenas placas do metal argênteo protegem partes do corpo dos guerreiros humanos.

— *O que é isso? Que visões são essas?* — o lobisomem castanho pergunta espantado.

— *Humm... Você só conversa usando palavras? É uma forma muito limitada de comunicação. Com o passar dos anos, nossa habilidade telepática se aprimora e aprendemos a transmitir nossas memórias através de cheiros, sons e imagens.*

Fascinado, Solitário continua a absorver as palavras e as recordações do ancião.

— *Não se sabe por que os padres optaram por não divulgar abertamente nossa existência, mas com a perseguição acirrada e a dizimação dos lobisomens, as poucas alcateias sobreviventes decidiram embrenhar-se profundamente nas matas ermas e mais afastadas da população humana. Assim, as notícias de nossos ataques viraram história e as histórias tornaram-se lendas. O mundo sobrenatural foi relegado ao campo da fantasia e nós embarcamos na seara segura da ficção.*

Nossa existência, então, passou a ser considerada um segredo a ser protegido a todo o custo.

— E por que você foi exilado? Como colocou esse segredo em risco?

— Anos antes da queda dos reis da França, minha alcateia vivia nas cercanias de Barrême na região de Languedoc, também conhecida como Gália Narbonense. Nós tínhamos uma área de caça em Gévaudan, uma terra empobrecida pelas disputas religiosas. — Uma idílica paisagem campestre adornada por imensas florestas surge aos olhos de Solitário. — Sob o domínio protestante dos huguenotes, nós nos vimos livres do jugo e da perseguição católica. Tudo ia bem até que um infortúnio atingiu o beta da minha alcateia. Esse lobisomem, além de meu segundo em comando, era irmão de sangue do meu humano.

Durante a pausa na narrativa, Solitário procura imaginar os vínculos criados por aquela situação. Tanto na forma humana como na licantrópica, aqueles seres eram ligados pelos mais estreitos laços de família. Uma lealdade alimentada pelos laços de sangue, um amor fortalecido pelos liames atávicos da alcateia.

— Esse licanthropo — continua o ancião — ficou preso na sua forma animal. Acabou por se tornar um lobo todo dia, o tempo todo... — Uma pausa pontuada por um suspiro profundo e sentido. O ancião precisa reunir o resto de sua força de vontade para continuar sua história. — Uma fera cruel e de voracidade incontrolável. Suas matanças chamaram a atenção de muita gente, inclusive de outras alcateias. Ele ficou conhecido como a Besta de Gévaudan. Vários lobisomens vieram para caçá-lo. Eu tentei escondê-lo, mas sua fúria não conhecia limites e eu falhei miseravelmente nessa tarefa.

— O que aconteceu com esse beta? — Solitário estranha que nenhum vislumbre desse lobisomem é enviado pelo ancião, mas não se atreve a questioná-lo.

— *Ele foi morto por um grupo de alfas de várias alcateias. Foi preciso sete grandes lobisomens para abatê-lo. Para pacificar os ânimos dos homens, um grande lobo de pelagem avermelhada foi morto e entregue às autoridades humanas como o responsável pelas mortes. Eu, por tentar proteger Sköll, meu beta, meu irmão, fui exilado nesta terra.*

— *Ancião, como isso aconteceu? Como esse lobisomem conseguiu acabar com seu lado humano?*

— *Hati.*

— *Hati? O que é isso?*

— *Pare de me chamar de ancião. Meu nome é Hati. Hati... Há muito tempo não ouço ou pronuncio este nome. Por muitos anos tive receio de que o arrependimento visitasse aqueles que me condenaram e decidissem por converter minha pena de degredo em extermínio sumário. Mas isso já não importa mais, não é? — O lobisomem exilado vira a cabeça como se pudesse avaliar o estado do próprio corpo e balança a cabeça com vagarosa resignação. — Quanto a essa sua pergunta... A supressão do lado humano é a maldição do lobisomem. Você não sabe o que está me pedindo, filhote. Minha vida está chegando ao fim. Com sorte, verei apenas mais uma lua cheia e jurei a mim mesmo carregar esse segredo para o outro mundo. O segredo da profecia que desgraçou meu irmão...*

— *Que profecia é essa? Hati, eu imploro! Para mim, todo despertar é um pesadelo de dores! Meu humano não me aceita... Ele me rejeita e rouba várias horas, e até dias inteiros, da minha limitada existência. Eu me sinto acorrentado numa prisão imunda! Essa é a MINHA maldição!!*

— *Hunf! Na vida, existem destinos piores que a prisão, filhote. Alguns, piores até que a própria morte.*

Diante da resposta vaga e reticente, Solitário sente a bile subir pelo esôfago, amargando tanto a língua quanto o humor da criatura.

— *Eu parei de chamá-lo de ancião, então peço que pare de me chamar de filhote. Meu nome é Solitário. Esse é o nome que me foi dado, Hati. E parece que vem bem a calhar, pois me sinto absolutamente sozinho, abandonado pela minha contraparte humana e pelos membros da minha própria espécie...* — As palavras não traem qualquer traço de desrespeito ou sarcasmo, mas apenas uma resignação triste do condenado sem esperança.

Solitário se levanta e se aproxima do lobisomem exilado. Com a ponta de seu focinho, ele toca a lateral do velho lobo.

— *Obrigado mesmo assim. Sinto muito pelo seu beta e peço que me desculpe por incomodá-lo em seu isolamento* — Solitário diz enquanto se afasta com as orelhas abaixadas.

No limite do contato telepático, o lobisomem castanho ouve as palavras de Hati.

— *“Quando, da cria da lua azul, o coração a fera devorar, uma sombra perene o homem vai acompanhar. Então, a maldição da qual se busca a cura encerrará com o mais fraco enterrado na loucura.”* — O exilado baixa os olhos baços, duvidando do próprio discernimento. — *Somente isso posso fazer por você, Solitário. E adverti-lo uma vez mais: afaste-se dessa trilha! Essa não é uma profecia, é uma maldição e nada de bom irá advir da busca para desvendar seus segredos. Aproveite por ter se atrasado dessa vez e esqueça isso.*

— *Atrasado? Atrasado para quê?* — ele questiona, mas o lobisomem exilado já não está mais ao alcance da comunicação. Quando a lua torna a surgir por sobre a copa das árvores, ilumina apenas a entrada da gruta onde ecoa o som das palavras perdidas. — *Obrigado de novo, Hati.*



CAPÍTULO 16 – A DESPEDIDA

03/Ago/2015 (domingo)
7º dia do ciclo da lua cheia



ALEXANDRE ESTÁ SENTADO NO PEQUENO CÔMODO onde é servido o café da manhã na pousada. Mentalmente, ele agradece seu companheiro lupino por, dessa vez, não se distanciar do local da transformação, facilitando seu retorno à cidade. Das névoas das lembranças difusas do lobisomem, Alexandre se recorda da presença de outro licantropo e alguma coisa relacionada a uma lenda da lua azul. Pensa que, talvez, seu lobisomem esteja de bom humor por ter encontrado um novo amiguinho para brincar. Ele ri sozinho ao imaginar dois monstros lupinos cheirando o traseiro um do outro e se comportando como cachorrinhos.

Distraído com tais divagações, Alexandre cutuca a porção de ovos mexidos no prato. Poucas pessoas ainda se encontram na singela hospedaria e o refeitório está quase vazio. Um jovem casal, possivelmente em lua de mel, levanta-se da mesa em frente para atender ao chamado de um guia turístico. O recém-chegado cumprimenta a todos com um bom humor forçado e um tanto exagerado para aquela hora da manhã, mas o casal de hóspedes enamorados não parece notar.

Beijos roubados e pequenos gestos de carinho são partilhados pela dupla. Uma pontada de inveja aguilhoa o peito de Alexandre.

Se, antes, já parecia difícil conciliar um relacionamento com sua vida dupla e a necessidade de sigilo que ela acarretava, ver a condição periclitante de Valquíria tornava quase impossível a concretização desse sonho.

O celular vibra em seu bolso e emite o som estridente do *ringtone* personalizado: “♪ Eu confisco! Eu confisco! Esse é o meu trabalho, eu confisco!♪ Eu confisco! Eu confisco! Eu sou da lei, seu trouxa, eu confisco!”. Os gritos desafinados de Chorão e o riff dissonante da guitarra acabam por arrancar Alexandre de seus devaneios. Ele olha para a tela do celular e não reconhece o número mostrado, mas identifica rapidamente a origem do DDD 41. Ligação de Curitiba.

— Alô.

— Bom dia. Eu gostaria de falar com o Doutor Scavarelli — pede uma voz anasalada com o típico sotaque curitibano.

— É ele quem está falando — Alexandre anuncia com solenidade, empertigando-se na cadeira.

— Doutor Scavarelli, por favor, aguarde na linha que o Doutor Otávio Augusto vai falar.

Doutor Fulano, o Doutor Beltrano quer falar a respeito de Sua Excelência, o Doutor Siclano. Nhé-nhé-nhé, nhé-nhé-nhé, nhé-nhé-nhé, pensa com desdém. — Hunf! — ele bufa, cobrindo o fone do aparelho. Não importa quanto tempo passe, Alexandre não consegue se acostumar com os ridículos rapapés do mundo jurídico. Para ele, tudo não passava de uma afetação despicienda para compensar uma exiguidade fálica nunca admitida.

Enquanto não ouve a voz do importante interlocutor que o deixou aguardando na linha, Alexandre repassa na cabeça as possíveis razões que motivariam uma ligação do Procurador-Geral tão cedo numa manhã de segunda-feira, período em que muitos servidores públicos ainda não consideram encerrado o fim de semana. Seus processos já foram devolvidos ao fórum, ok. Todos os relatórios mensais exigidos já foram enviados, ok. A caixa virtual onde eram armazenados os seus processos eletrônicos não contava com nenhuma pendência até o final da tarde de quinta-feira. *Com todo meu serviço em dia, será que vão me encher o saco só por não aparecer na repartição na última sexta?*

— Alexandre! Bom dia! — A inflexão amigável do PG não parece antecipar uma bronca.

— Bom dia, Doutor Otávio. — Experiências anteriores já o haviam ensinado que ser chamado pelo primeiro nome não o autorizava a dispensar o tratamento honorífico ao se dirigir aos seus superiores hierárquicos. — Em que posso ser útil?

— Sabe o que é, Alexandre? Eu queria falar sobre um processo seu. Uma execução contra a Comissão Pastoral Agrária.

Alexandre se surpreende sinceramente com a menção àquele caso. Três semanas atrás, ele havia conseguido uma penhora *on-line* de quase um milhão de reais num processo de execução fiscal oriundo de uma desaprovação de contas do Tribunal de Contas do Estado. Obviamente, não havia sido encontrado nenhum dinheiro na penhora eletrônica em relação ao número da filial paranaense da executada no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica do Ministério da Fazenda – CNPJ/MF, mas ele obtivera sucesso ao pedir que a pesquisa também se realizasse em relação ao número da sede, afinal, matriz ou filiais, tratava-se de apenas uma única pessoa jurídica. Porém, mesmo com o resultado positivo da diligência, não esperava receber qualquer elogio meramente por cumprir com suas obrigações ordinárias.

— Alexandre, você está me ouvindo?

— Perfeitamente, Doutor Otávio. Pode falar — responde positivamente, mas sem muito interesse, tamborilando os dedos na bochecha.

— É que eu recebi a visita do advogado da Pastoral, junto com um bispo, solicitando a substituição da penhora eletrônica por bens imóveis... e eu gostaria que você os atendesse pessoalmente. — A entonação adquire um tom melífluo ao pronunciar a última frase.

— Doutor Otávio, eu já tive a oportunidade de ver uma petição exatamente com este teor no processo. Os bens imóveis oferecidos não têm avaliação e estão localizados fora do Paraná. Além disso, como o senhor bem sabe, a Lei de Execução Fiscal estabelece que o dinheiro tem preferência sobre bens imóveis. Na realidade, já protocolizei uma manifestação neste exato sentido, discordando da substituição. — Automaticamente, a situação é explicada em tom professoral, como se Alexandre estivesse se dirigindo a um inexperiente estagiário.

— DOUTOR Alexandre — uma ênfase duvidosa foi lançada na primeira palavra —, amanhã os representantes da CPA estarão em Londrina para conversar com o senhor. Eu gostaria que desse... uma atenção especial ao caso, afinal é com esse dinheiro que a Comissão Pastoral faz o pagamento dos salários de todos os funcionários.

— Pode deixar, Doutor Otávio. Estarei disponível para atendê-los logo pela manhã, mas já adianto que não vejo possibilidade LEGAL de abrir mão da garantia. — Uma modulação enfática idêntica é usada por Alexandre ao destacar o vocábulo. — Não só porque a preferência estabelecida em lei é bastante clara, mas porque, como o senhor sabe, toda empresa usa seus recursos financeiros para o pagamento de salários de empregados e quitação das diversas obrigações como impostos, fornecedores, empréstimos bancários. Não há motivo para tratamento diferenciado desta executada. Mas não se preocupe. Caso o senhor não concorde com minha opinião técnica, sempre poderá optar por avocar meu processo e

designar outro Procurador que atenda seus critérios de atuação. Ou o senhor mesmo pode assinar uma petição concordando com essa substituição...

Embora mantenha uma lhanza protocolar no tom de voz empregado, Alexandre sente o coração disparar. Sua frequência cardíaca poderia ser medida pela mera observação visual do ritmo pulsante de sua jugular. Ele nota que, em algum momento da sua explicação, a ligação foi interrompida. Ou a empresa telefônica teve problemas técnicos para manter a chamada ou o Procurador-Geral desligou o telefone na sua cara. Sopesando a probabilidade das opções, ele considera que, a partir daquele dia, poderia incluir mais uma figura na longa lista de desafetos que angariava desde o início da carreira no serviço público.

Aborrecido, Alexandre afasta o prato à sua frente. A desagradável conversa — com a não tão implícita tentativa de interferência em seu trabalho — tira-lhe todo o apetite. Ainda por cima, terá que voltar para Londrina o quanto antes. Embora anteveja que os argumentos dos prelados não possam demovê-lo de seu entendimento já formado, deverá cumprir com sua obrigação de atendê-los para ouvir a ladainha criada por advogados no intuito de distorcer o sentido da lei. E, se não gostassem do seu posicionamento, que fossem reclamar com o Papa.



Feito o *check-out* na pousada, Alexandre torna a amarrar o alforje com sua bagagem na moto e segue para o hospital municipal.

No último leito da enfermaria nº 04, a situação permanece inalterada. Valquíria segue inconsciente e sem qualquer sinal de melhora.

Alexandre deseja dizer que ela havia sido a melhor coisa que já acontecera em sua vida, a única mulher que ele poderia dizer já ter tocado verdadeiramente seu coração, mas as palavras morrem em sua garganta. Baixando seu rosto até seus lábios quase tocarem no rosto da amada, ele se despede e promete voltar assim que

for possível. Essas são as únicas palavras que seu pesar lhe permite pronunciar. Ao fim, Alexandre sela sua promessa com um beijo na face pálida e fria de Valquíria.

Na saída do hospital, ele vê uma figura conhecida entrar num pequeno Fiat Uno branco: Isabela, a atendente da triagem que também desempenhou o fatídico papel de perverso algoz. Sem um plano definido em mente, Alexandre segue o pequeno carro à distância, até que o veículo estaciona no meio-fio de uma rua de terra, na periferia da pequena cidade, em frente a uma pequena casa de alvenaria semi-acabada.

— Jacó, acabei de sair do meu plantão — ela grita para o interior da casa. — Vem logo, amor, que daqui a pouco tenho que ir pra casa. O Eduardo já anda desconfiado...

Isabela mantinha um caso extraconjugal com Jacó e aproveitava o encerramento de seus turnos de plantão para se encontrar com o amante. Eduardo fingia mansamente desconhecer as escapulidas da esposa infiel e, assim, o trio vivia num arremedo de felicidade amorosa.

As demais palavras trocadas pelo casal de amantes se perdem depois que a mulher bate a porta da frente. Alexandre então se esgueira até a parede lateral, abre o zíper de sua calça e lança um longo jato de urina em zigue-zague. Ele olha para os lados e, percebendo a ausência de testemunhas, caminha até o veículo e repete a operação junto à lataria parcialmente corroída pela ferrugem e às rodas amassadas pelo meio-fio durante manobras desastradas de estacionamento.

Por trabalhar diariamente com processos e assistir aos resultados minguaos e insatisfatórios da papelada oficial, Alexandre não tem confiança na Justiça distribuída pela mão dos homens. Certas disputas não podem ser realizadas satisfatoriamente nas frias páginas dos autos judiciais. Alguns prejuízos não podem ser compensados por dinheiro ou pela privação da liberdade do ofensor. Em certos casos, era olho por olho, dente por dente. Se Valquíria não se recuperasse dos

danos provocados pela negligente atendente de enfermagem, ele retornaria à cidade na fase lunar conveniente para apresentá-la a Solitário.



Ao parar para abastecer a moto na saída da cidade no Posto Vale da Lua, às margens da Rodovia GO 118, Alexandre sente o conhecido toque indicando outra presença licantrópica. Ele olha para os lados, buscando determinar qual das pessoas à sua volta é a origem da sensação. O forte latejar na nuca indica-lhe o outro lobisomem: um velho mendigo cegado pela catarata e sentado à sombra, com as costas apoiadas numa velha máquina de gelo.

Depois de enchido o tanque, Alexandre segue até o guichê de pagamento e entrega uma nota de cem reais. O caixa pega a cédula com desconfiança e passa um tempo colocando-a contra a luz. Embora um pouco relutante, o caixa coloca o dinheiro na gaveta e entrega o troco para o motoqueiro.

— Quem é esse senhor sentado aí fora? — Alexandre indaga reservadamente ao caixa.

— Quem? O velho Lugarru? É só um vagabundo bêbado que perambula pela cidade.

Ao iniciar o trajeto de volta à moto, Alexandre se ajoelha com vagar e coloca o dinheiro do troco no chapéu alojado entre as pernas do idoso dervixe. Não há troca de palavras. Ele não sabe o que motiva seu gesto, mas apenas lhe parece o certo a se fazer.

Mantendo o silêncio, Alexandre sobe na moto e, tão logo tem o asfalto da rodovia sob suas rodas, acelera forte pela estrada numa explosão de RPM's. Ele segue sozinho, pois os maiores pesares não demandam consolo e prescindem de testemunhas.

Não obstante os desafios profissionais e os perigos da viagem rodoviária, seu pensamento não consegue se desviar dos dias passados em companhia da doce Valquíria. Uma época de ilusão em que acreditava poder possuir o coração da amada e dar o seu próprio em contrapartida, como se o ciclo lunar pudesse gentilmente parar seu movimento em especial obséquio ao sentimento apaixonado.



Quando, da cria da lua azul, o coração a fera devorar,



Encerrará com o mais fraco enterrado na loucura.

CAPÍTULO 17 – O PRIMEIRO ENCONTRO

26/Mar/2007 (segunda-feira)
Quarto crescente



ELE FECHOU OS OLHOS E INSPIROU PROFUNDAMENTE. Mesmo separado por uma mesa, Alexandre podia sentir a suave fragrância exalada pela pele de Valquíria. Ao abrir os olhos, deparou-se com o semblante interrogativo da sua acompanhante.

— Posso saber no que você está pensando? — Uma leve franzida no cenho acompanhou o questionamento.

— Nada, na verdade. Eu estava apenas apreciando seu perfume.

— Jura? — ela perguntou entre a incredulidade e a ironia. — E ele tem cheiro de quê?

Após inspirar profundamente mais uma vez, Alexandre se aventurou a responder.

— Parece-me uma mistura de flores com um toque levemente amadeirado. —
Nova inspiração. *Borrifada sobre uma encantadora pele acetinada*, completou apenas em pensamento.

— Você tem um bom nariz, hein?

— O seu também não é de se jogar fora... é um lindo nariz, embora, de fato, não posso restringir tal elogio apenas a ele.

Valquíria pareceu não perceber o elogio. Apesar dos esforços envidados por Alexandre, uma carapaça de distanciamento e frieza tornava-a imune às suas investidas.

Por diversas vezes naqueles meses, Alexandre voltou até o local de trabalho da fugidia morena. Nessas oportunidades, ele aproveitava o pretexto de verificar a situação dos pagamentos realizados por Deive para travar conversa com a moça. Inicialmente, eram quase monólogos em que Alexandre falava a respeito de si mesmo, seus interesses e seus objetivos. E, principalmente, ele pôde abrir seu coração a respeito da tristeza provocada pela falta do amigo de infância, morto tragicamente num incêndio. Falou até sobre o remorso que lhe causava a decisão de pôr um fim abrupto àquela camaradagem. Para ele, de caráter reservado e até mesmo arredio, tornava-se notável como era tão fácil e natural falar com Valquíria.

Alexandre sentia-se como se estivesse tagarelando a esmo com um velho amigo da vida toda. Diante de tanta espontaneidade, e da insistente assiduidade daquelas visitas, Valquíria, aos poucos, assentiu em participar daqueles colóquios, discorrendo sobre alguns tópicos de interesse comum na seara do cinema e, principalmente, da literatura, mas mantendo com demasiado cuidado uma reserva sobre sua vida pessoal.

Apenas um assunto era diligentemente afastado do rol dessas conversas: os passeios noturnos sob o clarão da lua cheia.

A cada visita, Alexandre sentia-se enredar mais e mais nos encantos não intencionais de Valquíria. A beleza física era acentuada pela delicadeza natural de seus gestos e sua personalidade forte funcionava como um poderoso magneto atraindo o motoqueiro. A atração, todavia, parecia ser uma via de mão única.

Depois de inúmeras recusas, ela aquiesceu com um restrito e singelo jantar. Não se tratava de um encontro, pois Alexandre não teve ao menos a oportunidade de buscar a moça em casa. O convite foi aceito, mas com a condição de que eles se encontrariam direto no restaurante apenas para jogar conversa fora. Valquíria não seguiria pelas ruas da cidade abraçada às costas do motoqueiro — por mais que ele ansiasse por aquela oportunidade.

Com a chegada do garçom, Alexandre sugeriu uma garrafa de vinho branco frisante, água mineral sem gás e uma porção de bruschettas como entrada. Ele procurava guardar cada migalha de informação solta nas conversas já travadas para adivinhar os gostos e predileções de Valquíria. Pelo discreto esboçar de um sorriso, apenas uma leve e quase imperceptível elevação do canto de um lado dos lábios, ele, aparentemente, acertou na sugestão e o pedido foi confirmado.

— Você já percebeu que eu estou noiva, não? — Valquíria indagou, após tomar o primeiro gole de vinho, olhando diretamente nos olhos de Alexandre.

— Já, mesmo que você não tenha falado diretamente sobre o fato antes. — Na realidade, a omissão de Valquíria servira como combustível para as esperanças do motoqueiro. Ele considerava que, se a moça não estivesse minimamente interessada, aquele fato teria sido o primeiro escudo levantado nas investidas iniciais. — Mas também percebi que, recentemente, você tirou uma foto de um cara de cima da sua mesa. Era seu noivo?

Sujeitinho observador, pensou Valquíria. — Sim, era meu noivo. Quer dizer, é, ainda é meu noivo.

Alexandre não pôde deixar de notar o lapso, bem como a falta de entusiasmo com que a confirmação do noivado fora dita. Diante da brecha naquela muralha, ele insistiu no assunto.

— Olha, me desculpe, mas não pude evitar de ouvir alguns pedaços de conversas ríspidas entre vocês quando estava aguardando para falar contigo. Não parecia um diálogo muito amistoso... Vocês já marcaram a data do casamento?

— Eu não sei no que isso pode ser da sua conta! — ela ralhou com voz rascante.

— Ei, calminha, aí. — Alexandre levantou as mãos, desarmado. — Eu só perguntei porque eu quero saber se esse noivado é pra valer. Eu não tenho a intenção de te infernizar a vida. Se eu realmente não tiver nenhuma chance contigo, eu tiro meu time de campo na boa, ok?

Valquíria baixou os olhos e, depois de alguns segundos, tornou a beber de sua taça.

— Eu estou com problemas no meu relacionamento — confessou menos aguerrida —, mas não quero complicar as coisas ainda mais acrescentando outra pessoa na equação.

— Tudo bem, tudo bem. — Alexandre balançou a cabeça em assentimento. — Não vou forçar a barra, nem nada. Tem algum problema você sair para jantar com um amigo? Não? — Ele notou um lampejo de alívio no olhar da moça. — Então, ficamos assim. Eu sou apenas um amigo que está lhe oferecendo uma oportunidade para desabafar e dividir os seus problemas.

— Só um amigo? — Valquíria indagou com brandura.

— Olha, um amigo com declaradas segundas intenções, mas que vai ficar na dele, ok. Sem passar o farol vermelho. — Alexandre mostrou os dedos cruzados.

Um abanar de cabeça e um sorriso. Um sorriso de verdade. A alteração significativa dos músculos faciais que representava uma inequívoca e indisfarçável sensação de felicidade e regozijo. O primeiro sorriso desarmado concedido como um prêmio por uma nova rachadura no muro que a isolava de Alexandre. Entusiasmado com a pequena conquista, ele ergueu a sua taça para um brinde. Valquíria tentou repetir o gesto, mas sua mão esbarrou no copo de água, derrubando-o da mesa. Num gesto rápido com a mão esquerda, Alexandre conseguiu se esticar e pegar o copo em queda. Ainda que não tivesse conseguido deixar de derramar seu conteúdo, evitou o estilhaçar do cristal.

— Ai, perdão! Eu sou muito desastrada — a moça se desculpou, encabulada. Ela afastou o cabelo do rosto e Alexandre pôde ver o rubor começando a lhe colorir as faces.

— Ei, não tem problema. Foi só um pouco d'água. — Ele registrou mais uma nota mental: evitar restaurantes com mesas iluminadas à luz de velas.

— Isso vive acontecendo comigo... — arrulhou, fazendo um muxoxo e mordendo a parte interna da bochecha.

— Esse pode ser um problema. — Diante do olhar interrogativo de Valquíria, Alexandre completou. — Não seria bom para sua moral ser conhecida por Valquíria Viracopos. Pode ser que a alcunha seja interpretada da forma errada...

Uma risada leve descontraiu o semblante de Valquíria. A manifestação foi rapidamente sufocada, mas, quando ambos se encararam por sobre a mesa, houve uma explosão de hilaridade. Debalde, eles tentavam sufocar as gargalhadas mal disfarçadas que começavam a chamar a atenção dos demais clientes do restaurante. Por mais de cinco minutos, um simples cruzar de olhares provocava um novo ataque de risos.

— Ai, que vergonha! Para! Para de rir! — Valquíria usava o guardanapo para se abanar, evitando olhar para seu interlocutor.

— Dizem que o riso é a música da alma. A gente só providenciou uma pequena sinfonia — Alexandre explicou, tentando abafar o riso.

— Chega, por favor! — A súplica se fez acompanhar de uma pressão da palma da mão de Valquíria sobre o dorso da mão de Alexandre. O toque frio daquela mão sobre a pele quente do motoqueiro transmitiu um choque que percorreu todo seu corpo. Ele virou a mão para cima, retribuindo gentilmente o gesto afetuosos. Pelo pensamento de ambos vicejou a frase “e o beijo do romeiro dá-se palma com palma”, transportando-os de volta ao primeiro momento em que haviam deitado os olhos um no outro.

O garçom chegou com a entrada, interrompendo o clima, e colocou a bandeja no centro da mesa. Discretamente, Valquíria recolheu sua mão e pegou uma bruschetta. Coube a Alexandre retomar a conversa.

— Você trabalha na Receita há muito tempo?

— Uns seis anos. Entrei lá logo depois de começar a faculdade. Precisava de um emprego para bancar as despesas de morar sozinha — comentou com docilidade, mas desviando os grandes olhos castanhos para um ponto além de Alexandre, como se tivesse medo de encará-lo.

— Você fez faculdade particular? — ele indagou sem pausa, para evitar que o diálogo se encerrasse e a moça pudesse reerguer a barreira que os separava.

— Não. Cursei a faculdade de direito do Largo São Francisco. E você? — Sua mirada passou rapidamente por Alexandre, mas tornou a se afastar.

— Eu sou filho da PUC — respondeu com evidente orgulho.

— Mauricinho... — Valquíria acusou com um brilho de malícia nos olhos baixos.

Alexandre não pareceu se importar com a provocação.

— Seus pais são de outra cidade? — ele desviou o assunto da tradicional rivalidade entre as faculdades.

— De outro estado. Meus pais e meus cinco irmãos. Na verdade, só meus irmãos. Meus pais já faleceram — a moça acrescentou, assumindo uma expressão séria.

— Eu sinto muito — desculpou-se Alexandre, retesando os músculos ao longo do maxilar. Mais que uma mera frase de polida cortesia, suas palavras revelavam verdadeira compaixão.

— Tudo bem. — Ela deu de ombros e virou o rosto. — Acho que já superei o luto. Já faz um tempo que eles morreram.

— E seus irmãos continuam por lá? — Alexandre questionou depois de uma pequena pausa.

— Só minha irmã mais velha, a Valdirene. Os outros foram cada um para um lado.

— Valdirene?

— É. Valdirene, Valseílson, Valdisnei, Valcineide e Valdicléia. Meus pais tinham muita imaginação, mas pouco requinte. E uma fixação pelo prefixo Val — a moça declamou o rol de nomes pitorescos e empinou o queixo, procurando no rosto de Alexandre por algum sinal de chacota. Relaxou ao perceber que ele não debocharia do prenome dos irmãos.

— Apesar da semelhança, seu nome parece destoar dos outros — ponderou sem ironia.

— Devo isso à minha irmã mais velha. Como fui a caçula, ela já tinha uma noção de bom gosto e pediu para ajudar a escolher meu nome.

— Ela fez um bom trabalho — Alexandre confirmou, deixando a voz sumir gradualmente e sendo recompensado com um sorriso cândido.

Ao terminarem as bruschettas, pediram um prato de espaguete à bolonhesa e uma lasanha tradicional.

— Não sei se você tem idade para isso, mas se lembra da propaganda em que o velhinho dizia “Bonita camisa, Fernandinho!”?

— Não é delicado ficar investigando a idade de uma mulher, Senhor Alexandre — admoestou de brincadeira. — Mas eu me lembro, sim.

— Aquele ator é o dono desse restaurante — segredou baixinho. — Não olhe agora, mas ele está de pé, três mesas atrás de você.

— Onde? — ela olhou por sobre o ombro direito.

— Às oito horas — orientou num fio de voz.

— Como assim “oito horas”? — questionou Valquíria, franzindo a testa.

— Olhe para trás pela sua esquerda, em diagonal, como na posição do número oito num relógio.

— Ah... É ele mesmo — confirmou ao avistar o ator. — Nossa, essa propaganda é muito velha! Tão anos 80... Como você conhecia esse lugar? Fez aulas de teatro ou coisa assim?

— Não, mas cheguei a dar algumas aulas de dança de salão nessa região — disse com modéstia.

— Dar AULAS de dança? Que tipo de dança? — A dúvida se destacou manifesta na pergunta.

— Samba, bolero, essas coisas. — Alexandre abraçou uma parceira invisível e remexeu o corpo discretamente. — Mas, no tango, eu estou bem enferrujado.

— Dançarino de tango? Agora você já está sendo muito metido! Eu tento convencer meu noivo a me levar para dançar, mas, além de desanimado, parece que ele tem dois pés esquerdos.

À menção do noivo, um silêncio constrangedor caiu à mesa. Os pratos chegaram e foram colocados à frente do casal, ou melhor, dos amigos. Eles ainda não se consideravam um casal.

— Sabe — Alexandre arriscou entre as garfadas —, ainda não é muito tarde. Se você quiser, podemos ir para um lugar não muito longe para dançar.



Cada qual seguiu em seu próprio veículo. Valquíria de carro e Alexandre de moto (ninguém foi de camelo). Depois de estacioná-los numa travessa da Avenida Domingos de Morais, eles seguiram lado a lado para o Zais, uma tradicional casa noturna de São Paulo. Durante a breve caminhada, ele iniciou algumas tentativas de segurar a mão da moça, mas desistiu no último momento, recriminando-se por não conseguir deixar de se comportar como um colegial inseguro e apaixonado.

Tão logo foram conduzidos a uma mesa à beira da pista, a banda reiniciou seu repertório após uma breve pausa de descanso.

Valquíria pendurou sua bolsa numa cadeira e Alexandre largou o capacete e a jaqueta numa outra. Tomando coragem, ela a puxou gentilmente pelo braço em direção à pista de dança.

— Ainda não tem ninguém dançando. Nós vamos chamar muita atenção — disse ela, com a boca quase colada ao ouvido de Alexandre, fazendo-se ouvir a despeito do volume do som ambiente.

— Se você está dançando e não chama atenção, está fazendo alguma coisa errada — retrucou sem largar a moça.

Sob o som do bolero “Aquellos Ojos Verdes”, Alexandre colocou a mão na cintura da parceira, mantendo uma distância mínima entre seus corpos e conduziu-a suavemente ao redor da pista. Antes de completar a primeira volta, mais três casais já dividiam o espaço. Em pouco tempo, a pista estava cheia, obrigando a aproximação dos pares.

Quando a banda passou a executar alguns forró pé de serra, não havia mais separação entre os torsos de Alexandre e Valquíria. Os versos insinuantes da música “Colo de Menina” e a multidão reunida no diminuto espaço daquele soalho de madeira embalavam o casal no sensual roçar de corpos do ritmo nordestino.

Alexandre se utilizou de todos os truques adquiridos em anos de prática no salão. Aproveitava um rodopio mais rápido para estreitar o busto de Valquíria mais junto ao seu. Emendava um giro da moça com uma queda teatral, mantendo seu rosto colado ao dela e sustentando-a nos braços num amplexo que visava a uni-los completamente.

Em vista da destreza do parceiro, Valquíria abandonou-se ao comando firme de Alexandre e ao gozo daquele momento. Sem que ela mesma tomasse plena consciência do fato, a magia daqueles instantes havia afastado o peso dos problemas cotidianos. Seu sorriso deixou de se revelar uma miragem passageira e fugidia para adquirir a permanência do mármore cinzelado. Nenhum dos dois queria que aquela noite tivesse fim.

Nova pausa foi anunciada pela banda e vários casais retornaram para suas respectivas mesas. Ainda no meio do salão, Valquíria olhou para o relógio.

— Acho que já está tarde — anunciou sem ânimo. — Amanhã tenho que acordar cedo para trabalhar.

A magia estava acabando. Cinderella queria fugir do baile e não haveria um sapatinho de cristal para reatá-los.

— Uma última dança — pediu Alexandre. — Por favor — suplicou com palavras, com gestos e com o olhar.

Valquíria aquiesceu e levou a mão esquerda ao ombro do parceiro. O movimento não se limitou a um toque mecânico destituído de significado. Vagarosamente, ela deslizou a mão a partir da nuca, acompanhando a linha do músculo trapézio e parando com uma leve pressão no ombro, numa manifestação incontestável de carinho. A primeira daquela noite.

— O que é isso? — ela perguntou, alisando a tira de couro atada ao pescoço de Alexandre.

— É um cordão para o alarme da moto. Eu o tenho comigo há alguns anos... — ele começou a explicar, mas interrompeu as palavras. Arriscando um palpite, Alexandre desatou a tira e guardou o controle do alarme no bolso. Gentilmente, ele enrolou o cordão no pulso direito de Valquíria e o prendeu com um nó. Toda a ação foi acompanhada pelo olhar embevecido da morena.

Quando o playback iniciou a reprodução da música “Outra Vez”, com o arranjo clássico na voz de Roberto Carlos, Valquíria baixou a cabeça, encostando-a no peito de Alexandre.

Você foi ♪ o maior dos meus casos

De todos os abraços ♯ o que eu nunca esqueci.

Alexandre aspirou profundamente o perfume do cabelo de Valquíria, apertando-a mais fortemente junto ao corpo. Ele já não podia diferenciar o ribombar dentro da sua caixa torácica das batidas do coração da mulher em seus braços.

Você foi ♪ dos amores que eu tive

O mais complicado ♪ e o mais simples pra mim.

Acedendo a um impulso, Alexandre entrelaçou seus dedos na mão direita de Valquíria e aconchegou-a junto ao peito.

Você foi o melhor dos meus erros ♪

A mais estranha história que alguém já escreveu.

Quando a moça levantou os olhos, ele levou a mão aos lábios. Valquíria sofreu uma pequena vertigem ao sentir o calor emanado pelo corpo e pelos sentimentos de Alexandre.

E é por essas e outras #

Que a minha saudade faz lembrar ♪

♪ de tudo outra vez.

Ele virou a cabeça inclinando-se levemente na direção da boca de Valquíria. Um beijo suave foi deixado nos lábios entreabertos ao mesmo tempo em que a moça recuava.

— Acho melhor irmos embora — ela interrompeu, afastando-se de Alexandre e soltando as mãos. — Antes que eu faça uma bobagem... — completou, sem ter certeza de ter sido ouvida ou de que suas palavras se perderam na acústica do salão.

Depois do clima interrompido na pista de dança, Alexandre não se aventurou a mais nenhuma investida romântica. Ligeiramente cabisbaixo, acompanhou Valquíria até onde estava estacionado o carro da moça.

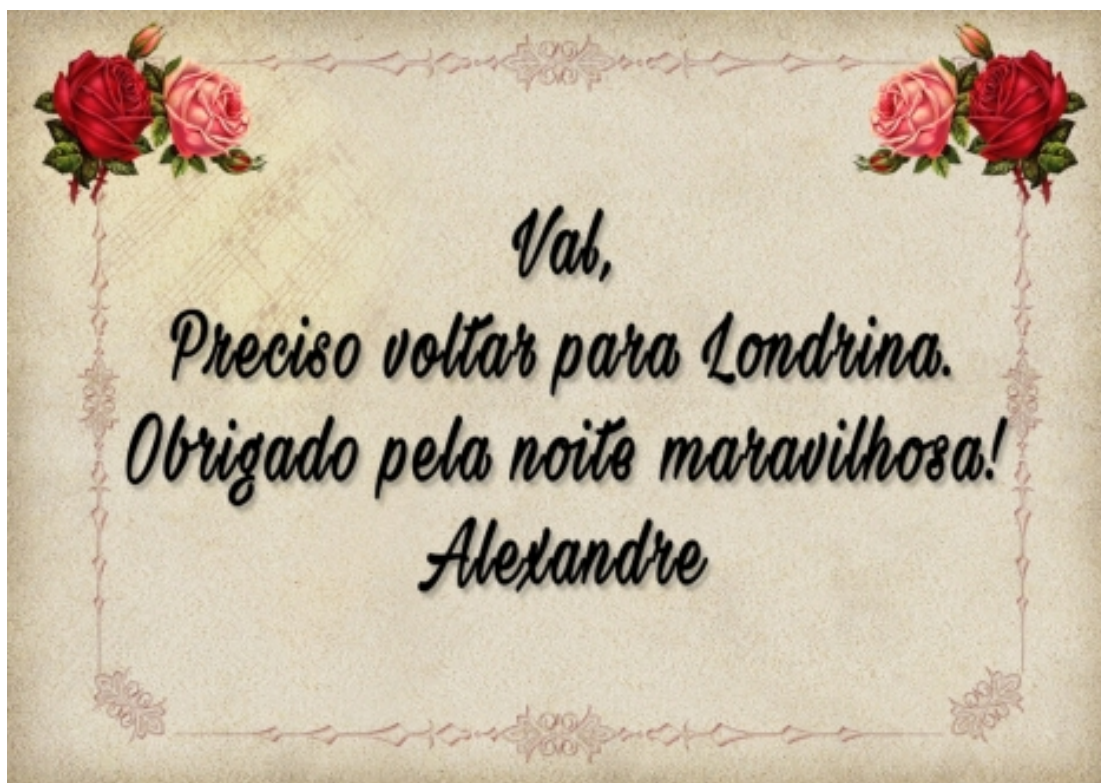
Após apertar o botão para destrancar o veículo, ela entreabriu a porta do motorista, ficando com as costas voltadas para Alexandre, e estacou nessa posição.

Ele sentiu uma mão invisível apertar seu estômago. Seus pensamentos seguiam num frenesi caótico: Ela iria brigar com ele? Pediria para que ele não fosse vê-la mais? Ele deveria pedir desculpas pelo beijo roubado? Seria melhor não falar nada, ignorando seu atrevimento?

Enquanto Alexandre ainda estava perdido nessas divagações, Valquíria se virou abruptamente e o abraçou. Seus lábios procuraram a boca do aturdido motoqueiro. Os beijos tímidos do início foram escalando sua intensidade até que ela se abandonou àquelas carícias com ardor e sofreguidão. Eles se encostaram no carro, com o corpo de Alexandre pressionando o de Valquíria. Ela cruzou sua perna esquerda para puxá-lo para ainda mais perto, enquanto respiravam o mesmo ar, enquanto fundiam-se num beijo apaixonado.



Na manhã seguinte, um bonito ramalhete de rosas colombianas foi entregue nas dependências da Receita Federal em São Paulo, com um pequeno bilhete anexo:



Um brilho malicioso perpassou o olhar de Valquíria ao lembrar aquele beijo. Como lhe dizia um velho amigo, ela nunca estaria satisfeita num relacionamento morno com uma pessoa morna. A impetuosidade de seu espírito exigia que o parceiro fosse alguém dotado de força e vitalidade e há muito tempo ela já chegara à conclusão de que o noivo era um mosca-morta. Por outro lado, a conversa com Alexandre se revelara agradável e estimulante, e deixar-se conduzir na pista de dança fora assaz empolgante. Ademais, bastara um beijo do motoqueiro para que ela sentisse ferver seu radiador. A disputa pelo seu coração já tinha um vencedor. *Victori spolia sunt*. Ou, como diria Quincas Borba, ao vencedor, as batatas...

Com um suspiro aliviado, Valquíria acariciou a pulseira improvisada, feita de uma única tira de couro, e retirou a aliança da mão direita, jogando-a displicentemente dentro da gaveta sobre o porta-retrato do ex-noivo. Só faltava ele ser informado da nova situação.



CAPÍTULO 18 – O ATROPELAMENTO

31/Mai/2007 (quinta-feira)
3º dia do ciclo da lua cheia



DEPOIS DO PRIMEIRO BEIJO, ALEXANDRE ESCREVEU dezenas de cartas e bilhetes apaixonados e passou quase todos os finais de semana com Valquíria, com exceção dos dias de abril e maio que tiveram as noites iluminadas pelo halo do plenilúnio. Ele não se sentiu seguro o suficiente para estar na companhia da moça durante as visitas de Solitário. Naquelas ocasiões, mesmo sob a luz do sol, a índole errática e iracunda do licantropo atrapalhava o bom senso do motoqueiro.

Além da correspondência assídua, as ligações telefônicas eram o outro recurso para diminuir a saudade que sentia. Eles se falavam a todo tempo para comentar os assuntos mais corriqueiros. Qualquer acontecimento era uma desculpa perfeita para simplesmente ouvir a voz da pessoa amada.

Naquele último dia do mês de maio, Alexandre esticou sua jornada de trabalho, encerrando o expediente com seus afazeres profissionais já adiantados, pois fizera

planos de viajar para São Paulo logo depois do almoço do dia seguinte. Mesmo sob o domínio da lua cheia, ele não mais resistia à necessidade inadiável da presença e das carícias da faceira morena.

Quando voltou para casa, o satélite prateado já havia iniciado o seu passeio pelo manto da noite. Após um breve descanso e uma rápida chuveirada, Alexandre seguiu para o Shopping Center localizado perto da saída da cidade. Saiu de casa a pé, já trajado com a vestimenta apropriada para uma das suas corridas noturnas.

Tendo devorado uma porção de picanha na praça de alimentação, Alexandre deixou o Shopping pegando uma saída próxima à Rodovia Mabio Gonçalves Palhano, a PR 538, em direção ao Patrimônio Espírito Santo, uma das áreas pouco habitadas daquela região metropolitana e conhecido território de caça de Solitário.

Enquanto atravessava a PR 538, em frente ao Condomínio Santana Residence, Alexandre foi atropelado por uma Hilux que subia a Rua Rubens Carlos de Jesus, uma via transversal, e ingressou de inopino na rodovia. A motorista ocupava-se unicamente com o dedilhar nas teclas de um telefone celular, enquanto esterçava o volante para fazer a curva, e não viu o pedestre à sua frente. Alexandre ainda teve tempo de perceber a manobra repentina e tentou escapar, mas mesmo sua velocidade e seu reflexo não foram suficientes para fugir à pesada caminhonete. Suas pernas foram atingidas pelo para-choque do veículo, arremessando-o de volta ao canteiro central.

Um atropelamento normalmente acarreta três fases de impacto. A primeira atinge os membros inferiores e a pelve contra o para-choque do veículo. Em seguida, a vítima atinge o capô e o para-brisa do carro, ferindo tronco e cabeça na segunda fase do impacto. Por fim, na terceira fase, o impacto de ser arremessado contra o solo provoca danos na cabeça, membros superiores, coluna vertebral e órgãos internos.

Graças às capacidades físicas aprimoradas por sua contraparte lupina, Alexandre experienciou somente a primeira fase da tríade do atropelamento,

escapando da colisão com a parte superior do veículo e aterrissando sobre o gramado. O saldo relevante do acidente resumia-se a fraturas em ambas as pernas na altura do fêmur.

Sentindo o impacto do corpo contra o veículo, a motorista parou no meio-fio e desceu do utilitário, encaminhando-se para perto da vítima atropelada.

Contorcendo-se de dor, Alexandre não percebeu a aproximação da motorista. Uma voz esganiçada e de cadência arrastada chamou sua atenção.

— Você está bem? — A pergunta soou tão cretina aos ouvidos de Alexandre que ele sequer dignou-se a responder. Era óbvio que não estava bem. Diante do atropelamento, a questão oscilava entre a idiotice e a hipocrisia. — Oh! Doutor Scavarelli?

Ao ouvir seu sobrenome precedido do supérfluo título honorífico, Alexandre conseguiu ignorar momentaneamente a dor para deitar seus olhos sobre a figura ao seu lado. O reconhecimento foi imediato.

Melissa Theobroma, a negligente motorista, era, para a vítima do atropelamento, uma mulher com idade indeterminada, pois lhe parecia uma senhora de 40 anos, com aparência de 60 e vestindo roupas de 20. Seu cabelo vermelho, colorido artificialmente, tinha a tonalidade da tradicional cera Parquetina, o que contrastava de maneira não sutil com a pele manchada e flácida. A maquiagem carregada, que se assemelhava a uma demão de tinta sobre fina camada de massa corrida, procurava disfarçar, sem nenhum êxito, os estragos provocados pela inclemente passagem de meio século de existência.

Por trabalhar como advogada num grande escritório de Londrina, Melissa teve diversas oportunidades de travar longas discussões com Alexandre. Ela também vinha se preparando para diversos concursos públicos havia mais de 10 anos e sempre solicitava dicas e orientações a diversos servidores públicos com que se

relacionava no desempenho de suas atividades profissionais. Infortunadamente, o atropelado era um deles.

Depois de examinar suas próprias pernas, Alexandre percebeu a ausência de protuberâncias ósseas rasgando o tecido epitelial. Sem hemorragias derivadas de fraturas expostas, sua vida não corria perigo imediato.

— E-E-Eu vou chamar uma ambulância — avisou a motorista, com uma inflexão curiosa, traindo mais uma dúvida que uma afirmação.

Alexandre hesitou antes de falar. Ser encaminhado para um hospital lotado tão próximo do momento da transformação era a última coisa que estava em seus planos.

— Olha, acho melhor não ligar para ninguém, não — ele falou calmamente, ignorando as pontadas aflitivas nos locais das fraturas. — Junto com a ambulância podem vir viaturas da polícia. Creio que um processo criminal possa atrapalhar seus planos de concursos...

— Ah, não. Ah, não — lamentou-se Melissa. — Ai, Doutor Scavarelli, eu pago todas as despesas que o senhor tiver, mas vamos deixar a polícia fora disso.

— Ok. Sem problema. — Alexandre crispou as mãos para suportar a dor. — Eu vou ficar bem, mas eu preciso ir até a casa de um amigo ainda hoje. Você poderia me levar lá?

— O senhor não acha mesmo que é melhor ir para um hospital? — devolveu a pergunta com uma expressão curiosa.

— Não, esse meu amigo tem conhecimento médico e pode cuidar de tudo. Além do mais, como iria explicar os ferimentos de um atropelamento num hospital sem chamar a atenção da polícia?

Sob a ameaça dos problemas advindos do acidente, Melissa concordou em ajudar Alexandre a chegar à casa do tal amigo. Uma vez instalado no espaçoso banco traseiro da caminhonete, Alexandre apontou o caminho seguindo pela PR 538. Poucos quilômetros antes do Parque Estadual Mata dos Godoy, ele indicou uma via à direita da rodovia.

Logo que iniciou o leve chacoalhar do veículo passando pelas pedras e buracos da estradinha de terra, Alexandre encolheu-se em posição fetal, emitindo um baixo e constante gemido, e desmaiando em seguida.

Apavorada pela possibilidade de um traumatismo craniano tardiamente manifestado acabar por deixá-la com um cadáver dentro da Hilux novinha, Melissa decidiu arriscar a sorte abandonando o moribundo nas margens da estrada. Afinal, omissão de socorro era um crime menor comparado ao homicídio, fosse ele meramente culposos (como ela gostaria de acreditar) ou fosse qualificado como de dolo eventual (em razão das condições objetivas da negligência evidenciarem total descaso pela vida das outras pessoas).

Melissa estacionou a caminhonete sob a sombra das altas árvores que margeavam a estrada e desceu para abrir a porta traseira com o intuito de despejar a carga humana indesejada. Ela olhava para os lados da estrada, com receio de ser vista junto ao corpo em desova. O medo e a pressa de concluir sua tarefa sórdida distraiu-a da sinistra modificação corporal em curso naquele momento.



Solitário despertou quando seu corpo atingiu o chão poeirento. Ele sentiu o atrito de pequenas pedras riscando suas costas ao ser arrastado enquanto se ocupava em subjugar a conhecida onda inicial de agonia e vertigem pós-transformação. Uma forte dor nas pernas impediu-o de firmar-se em pé.

Sentindo o cheiro de uma presa providencialmente colocada ao seu alcance, o lobisomem iniciou o ataque. Com uma rápida movimentação do tronco, ele trouxe a poderosa mandíbula para perto da mulher, mas não logrou mais que morder a parte frontal do seu joelho direito. Os dentes do lobisomem não conseguiram arrancar nenhum pedaço satisfatório de carne, mas tão somente romperam o tendão patelar e deslocaram a rótula de sua posição normal.

Tão logo percebeu a primeira investida do licantropo, Melissa largou sua carga e tentou se afastar da vítima do atropelamento. A luz da lua cheia não iluminava aquele trecho da estrada, mas ela pressentiu o perigo sem a necessidade de visualizar a criatura sobrenatural. Antes que seu cérebro registrasse a dor da lesão provocada pela mordida, a advogada tentou alcançar o interior da caminhonete, mas caiu ao chão quando tentou se apoiar na já inutilizada perna direita. Com grande esforço, conseguiu içar-se para dentro do veículo, mas, ao tentar fechar a porta, encontrou como obstáculo a cabeça do lobisomem.

Solitário tinha se arrastado ao redor do carro para perto da presa e apoiava-se sobre os braços com o escopo de elevar a cabeça o suficiente para uma nova mordida.

Depois de duas tentativas frustradas, as mãos trêmulas da mulher conseguiram dar a partida no veículo e engatar a primeira marcha, mas sua perna recusava-se a obedecer a ordem de pisar no acelerador. Sem parar para pensar, Melissa retirou o pé esquerdo da embreagem para alcançar o outro pedal. A caminhonete movimentou-se bruscamente com alguns trancos, afastando-se do lobisomem, porém, o volante esterçou para a direita, atolando o veículo de lado numa vala.

Aturdida com a manobra desastrosa, Melissa abandonou a caminhonete, mancando lentamente enquanto tentava, com as mãos, segurar o joelho numa posição que lhe permitisse escapar da perseguição da criatura.

Nesse meio tempo, o fator de cura acelerado de Solitário consolidou precariamente as fraturas das pernas. Conquanto não lhe permitisse correr ou

realizar grandes saltos, a calcificação perfunctória lhe possibilitava aproximar-se da vítima claudicante de maneira eficaz.

O lobisomem seguiu sobre os quatro membros para dividir seu peso e não sobrecarregar os ossos não completamente consolidados. Quando Melissa encontrou-se ao alcance da bocarra lupina, os dentes afiados arrancaram uma generosa porção do glúteo máximo da nádega esquerda.

Em decorrência do segundo ataque, Melissa não mais conseguiu colocar-se de pé, restando caída em decúbito ventral. Ela emitiu agudos gritos de agonia ao girar o pescoço e perceber que estava sob o escrutínio atento de dois grandes olhos acesos em vermelho. Numa última tentativa de colocar-se a salvo do monstro, ela usou as mãos para arrastar o corpo para frente. As unhas fincadas no solo para ancorar as mãos não suportaram o esforço e foram arrancadas dos dedos, deixando um rastro de finas listras de sangue, mas seu corpo avançou apenas poucos centímetros.

Com as garras dianteiras, o lobisomem abriu grandes talhos nas costas, expondo a ossatura das costelas e da coluna vertebral. Uma mordida brutal com força de mais de uma tonelada arrancou as vértebras torácicas e a parte posterior de várias costelas, expondo os pulmões rígidos e escurecidos por anos de tabagismo. Um gosto de fel espalhou-se na boca de Solitário quando os órgãos respiratórios foram mastigados. Ao arrancar o pequeno músculo cardíaco com os dentes, a carne dura e fibrosa liberou um amargor ainda pior que atacou o paladar da fera. O lobisomem colocou a língua para fora e lambeu a própria pelagem para afastar o sabor acre daquele coração atrofiado pelo desuso. Em seguida sacudiu a cabeça e afundou seu focinho nas vísceras do aparelho digestivo da presa para encontrar um pedaço de carne com sabor mais apetecível.



CAPÍTULO 19 – O ENCOSTO

1º/Jun/2007 (sexta-feira)
4º dia do ciclo da lua cheia



AQUELA VIAGEM PARA SÃO PAULO TRANSCORREU DE forma bastante conturbada. Mesmo sob o barulho do motor de alta rotação, Alexandre continuava a ouvir as reclamações do fantasma da advogada abatida na noite anterior. Como o espectro não possuía cordas vocais para vibrar, o som de sua voz era projetado diretamente na mente do motoqueiro, razão pela qual, não importava a altura do ruído exterior, ele não conseguia deixar de ouvir suas lamúrias.

Para tornar pior uma situação já mui desconfortável, o espírito podia se revelar bem definido, com a opacidade de um ser corpóreo, e inconvenientemente próximo de Alexandre, dado o prévio relacionamento anterior que manteve com seu algoz. Irritante na vida como na morte, o fantasma chegou ao disparate de passar um bom tempo colado às costas do motoqueiro na garupa da moto.

— *Você tem noção do que fez? Você arruinou minha vida!* — A voz espectral mantinha o mesmo timbre de taquara rachada. Nem mesmo o jeito queixoso de esticar as sílabas foi alterado pelo abandono do corpo físico.

— Senhora Theobroma... — iniciou, com tom apaziguador.

— *É Senhorita Theobroma!* — atalhou a alma penada, vociferando de modo estridente.

Mas é claro... — pensou Alexandre apenas para si. *Uma pessoa tão agradável não estava casada. Por que não estou surpreso?* — Senhorita Theobroma, me desculpe! — falou alto, fazendo com que sua voz sobrepujasse a algaravia do vento e do motor. A comunicação com a assombração podia se dar apenas telepaticamente, mas havia certa satisfação em dizer certas palavras em alto e bom som numa discussão. — Não sei como pude interromper uma existência tão feliz e produtiva... — pontuou com o sarcasmo estampado em cada sílaba. — Uma mulher tão bonita, inteligente, alegre, realizada profissionalmente e com um coração tão puro... Só que não.

— *A vida era minha e eu podia vivê-la da forma como bem me aprouvesse! Você não tinha o direito de tirá-la de mim* — disparou com arrogância.

Alexandre endureceu o olhar, fazendo com que pequenas rugas marcassem o canto dos olhos. Sua paciência chegara ao fim.

— Escuta aqui, ô rascunho do mapa do inferno, a culpa dessa merda toda é somente sua. — Sem perceber, ele virou a manopla do acelerador, aumentando a velocidade da moto. — Eu estava atravessando a rua na porra da faixa de pedestres para achar um local seguro para soltar meu lobo quando uma filha da puta negligente quase me matou atropelado. O que podia ser tão importante naquela merda de celular para você invadir uma rodovia daquele jeito?

— *Eu estava resolvendo uma importante questão profissional, não podia perder tempo.* — A soberba, pelo que se podia notar, não era uma característica ligada à forma física da pessoa.

— CLAAARO! E essa “importante questão profissional” — Alexandre tentou imitar o jeito pernóstico da aparição — justificava que você colocasse em risco a vida das outras pessoas, né? Custava parar um minuto, porra? Você ficou encarando a tela do celular e nem se deu ao trabalho de dar uma olhadinha de relance para os dois lados da rodovia!

— *Foi só um minutinho.*

— *Ah, tá. Só um minutinho... Um minutinho que quase custou minha vida* — exasperado, Alexandre retorquiu sem pronunciar verbalmente as palavras. — *Você realmente não consegue perceber a imbecilidade do que está falando? Não tem essa de um minutinho. Se um vagabundo chegasse e enfiasse a mão na sua bunda cheia de celulite, só por um minutinho, não teria problema? E, de mais a mais, se a questão do tempo for tão importante, acho que cabe observar que o lobisomem não deve ter demorado mais que um minutinho para acabar com sua raça, né?*

— *São coisas diferentes! Você não consegue mesmo perceber?*

— Pois é, coisa diferente de cu é rola — contrapôs, bufando.

— *Nossa, você é um monstro grosseiro e desagradável! Ai, que azar... Além de perder a vida, acabei presa ao seu lado... Não podia ter escolhido comer uma vaca?*

— Eu acho que foi exatamente isso que meu lobisomem acabou fazendo, mas pelo pouco que me lembro da caçada de ontem, o Solitário podia ter escolhido uma vaca com um gosto um pouquinho melhor...

— *Maldita hora em que te coloquei no carro! Podia ter seguido meu caminho, mas, não, parei para acudir um necessitado. É isso que a gente ganha por tentar ajudar os outros. Quando menos se espera, você leva uma facada nas costas...*

Por mais de uma hora, o fantasma emendou uma reclamação à outra, lamentando sua sorte, maldizendo o motoqueiro e lhe desejando todo tipo de

infortúnios no futuro. Alexandre pensou na extensão de seu relacionamento com a falecida Melissa. Eles não chegavam a ser amigos — isso não era segredo para ninguém — mas a relação profissional os aproximara o suficiente para que aquele espírito conseguisse continuar a incomodá-lo por, pelo menos, duas semanas.

— Vai se foder, cachorra desgraçada! — ele esbravejou para o encosto, exasperado e impaciente.

Com o xingamento, Alexandre conseguiu um intervalo de silêncio precioso. Por quase dez minutos inteiros.



Quando Valquíria abriu a porta do apartamento, Alexandre enlaçou sua cintura, estreitando-a num forte e caloroso abraço.

— Nossa! Como você está linda! — elogiou com brilho nos olhos.

— *Eu acho que é areia demais pro seu caminhãozinho...* — boquejou o fantasma, em sua interminável diatribe venenosa.

— *Ninguém perguntou sua opinião!* — ele retorquiu em pensamento para Melissa.

— Você está com uma cara estranha, Alê. O que foi? Que bicho te mordeu? — Valquíria indagou enquanto, num gesto delicado, deslizou a mão sobre a linha do queixo de Alexandre.

— *Ih, minha filha, você não sabe que o bicho é esse traste mesmo? Melhor tomar cuidado...*

— É só uma enxaqueca. — Ele procurou sorrir, mas a expressão zombeteira do fantasma atrapalhava seu intento. — Já vai passar. — Alexandre abanou a mão

com descaso e deu de ombros. — Às vezes a gente fica com dor de cabeça de tanto ouvir o zumbido do vento dentro do capacete.

— Se você tivesse um carro, isso não seria problema — ela observou sugestivamente.

— Verdade, mas aí eu seria uma pessoa tão diferente que talvez você nem me reconhecesse — ele beijou a boca de Valquíria, mordiscando levemente seu lábio inferior, o que provocou um suave tremor de excitação na moça. — A moto não é apenas uma opção de transporte, é um modo de vida. Eu sou motoqueiro, porra! — anunciou com entusiasmo.

— Motoqueiro, tá bom. E por que não motociclista? — inquiriu exibindo um sorriso sardônico e um ligeiro arquear das sobrancelhas.

— Bom, não existe uma classificação oficial, nem nada. Deixe-me pensar como explicar... Você sabe andar de moto?

— Não, né! — ela mostrou a língua e torceu as feições numa careta bastante cômica. — E você sabe disso, Sr. Engraçadinho!

Alexandre fez força para não cair na gargalhada e retomou sua explanação.

— Pois então, se você tivesse acabado de aprender e comprasse uma moto hoje, ia pilotar na rua do mesmo jeito que você guia o carro, seguindo na sua faixa, tudo certinho. Você seria uma motociclista — esticou os braços para frente, como se estivesse segurando o guidão da moto. — Quando os carros comesçassem a caçá-la no trânsito, quase sempre batendo na sua moto, você ia acabar usando o corredor e fazendo manobras mais ousadas. A partir desse momento, eu te chamaria de motoqueira — mantendo a posição dos braços, Alexandre gingou o corpo de um lado para o outro, como o pêndulo de um relógio antigo.

— É só essa a diferença? — questionou, levando a mão ao queixo.

— Não, Val — Alexandre assumiu uma expressão séria e compenetrada com o cenho franzido. — Falando muito sério, na verdade, tem um último estágio: quando você perde a noção das coisas e, muitas vezes sem perceber, também o amor pela vida. Daí, começa a andar costurando no trânsito e fazendo todo tipo de maluquice. Quando chega a esse grau de insanidade, você passa à categoria de cachorro-louco.

— Mas você é só motoqueiro, né? — perguntou com preocupação.

— Sim. Já tive minha fase de andar feito cachorro-louco, mas tomei juízo e hoje sou só um comedido motoqueiro. Infelizmente, nem todo mundo tem essa sorte e acaba virando estatística — ele empinou o nariz e inspirou profundamente. — Hum... que cheiro delicioso é esse? — indagou para mudar de assunto, percebendo a preocupação estampada no rosto de Valquíria.

— É uma surpresinha que eu preparei para você. Estou fazendo um jantar especial: um risoto de frango defumado, tomate seco e rúcula. Bom, não é um risoto de verdade, mas é bem gostoso — ela explicou com uma voz melíflua. — Você não pode ficar só essa noite? — enfatizou a interpelação fazendo beicinho.

— Eu tenho uma reunião no motoclube às seis horas. Não posso faltar. — Alexandre virou o rosto para não ver a decepção tomando a expressão da moça. Sentiu uma pontada dolorosa na boca do estômago, mas não era fome nem tampouco uma manifestação de desagrado de Solitário.

— Ai, Alê. Eu tive tanto trabalho... Demorei tanto tempo para fazer tudo. Você não pode, pelo menos, ficar até um pouquinho mais tarde e se atrasar só uma horinha para sua reunião? — Enquanto falava, Valquíria dava pequenos beijos no pescoço de Alexandre. Pelo visto, aqueles olhos castanhos não estavam acostumados a ter negado seus pedidos.

— Eu realmente não posso, Val. — Ele forçou a boca a articular as palavras que não queria pronunciar.

— *É, ele precisa sair para mijar num poste, coçar as pulgas e perseguir uns gatos.* — Melissa conseguia ser tão irritante como espírito quanto fora em vida.

— Poxa, Alê! — Num átimo, o desapontamento deu lugar à exasperação. — Você vai sair super cedo hoje e amanhã, em pleno sábado, vai voltar de novo para esse motoclube. Parece que você gosta mais de ficar com esse pessoal do que comigo! — Valquíria franzia o nariz para demonstrar sua contrariedade. — E ainda por cima, quando está lá, nem sequer atende o celular com a desculpa de que não tem sinal naquela área. Mas não custa pegar um telefone, mesmo um orelhão, e ligar só para falar um pouquinho comigo ou dizer que está vivo, né? — ela cruzou os braços em frente ao corpo.

— *Xeque-mate!* — o espectro de Melissa declarou com superioridade.

Alexandre tomou fôlego antes de falar. Ele não queria que sua irritação com o fantasma tísasse o carinho incutido nas palavras dirigidas à Valquíria.

— Olha, Val, é difícil de explicar. Minha vida anda meio complicada. Não posso dispor do meu tempo com a liberdade que desejo.

Ela guardou silêncio por uns instantes.

— Você tem outra namorada, é isso? — indagou, com voz trêmula.

Nesse momento, Alexandre juntou as mãos de Valquíria junto ao peito, seus olhos já marejados de lágrimas.

— De jeito nenhum, Val. Você é a única mulher do mundo para mim! É a que há de vir, a anunciada da minha poesia e a desejada da minha alma. Uma alma triste e condenada que não a merece, mas que, por amor e egoísmo, não consegue abrir mão da sua companhia. *E que não poderá dormir comigo todas as luas, não importa o quanto eu deseje* — completou a última parte em pensamento.

Desde o primeiro encontro com a alcateia, Alexandre sabia que um relacionamento sério e duradouro não era uma opção para aqueles que viviam sob o jugo da ditadura da deusa Selene, mas ele não previra se apaixonar tão completa e perdidamente pela bela morena de olhar sedutor.

Para piorar a situação, ele precisava esconder seu relacionamento com Valquíria dos demais membros do motoclube. Alexandre vivia com uma afiada espada de Dâmocles suspensa sobre o pescoço por um mero fio do rabo do lobisomem. Pela primeira vez, uma ideia perigosa cruzou seu pensamento: seria possível se livrar do licantropo e voltar a desfrutar de uma vida normal?

A felonia de tal reflexão, cogitada próxima ao plenilúnio, não passou despercebida de Solitário. Ao imaginar a remota possibilidade de eliminar o lupino, Alexandre acendeu o estopim da imensa fogueira de rancor e ressentimento do lobisomem. Aproveitando a proximidade do momento da transformação, o licantropo forçou sua personalidade contra as frágeis barreiras mentais do humano. A fúria incontrolável da fera procurava extravasar para os atos de Alexandre.

— É que... Eu preciso... Não posso... — Todas as palavras que poderiam justificar sua atitude queriam sair ao mesmo tempo, mas se atropelavam mutuamente e não conseguiam ultrapassar a barreira dos lábios. Depois de longos segundos de frustração, Alexandre conseguiu apenas balbuciar a única justificativa que conseguiu elaborar. — Eu te amo mais do que consigo exprimir em palavras — disse apressadamente, crispando as mãos e com medo de perder o controle dos próprios atos. — Você precisa confiar em mim, Val! Mas é melhor eu ir embora.

Apesar da doçura das palavras, Valquíria não deixou de notar que o tom de voz e a postura de Alexandre traíam raiva profunda, mas ignorava que tal sentimento tinha como destinatária outra pessoa, ou melhor, outra criatura.

Sentindo que poderia perder a batalha contra os instintos agressivos de Solitário, Alexandre retirou-se às pressas, dando um esbarrão que quase derrubou a moça e seguiu para a sede do MC Lobos do Asfalto.

Na soleira da porta, Valquíria soluçava baixinho enquanto tentava inutilmente conter as lágrimas.



Alexandre ingressou no estacionamento do motoclube e pisou com força no pedal direito, travando a roda traseira da moto e espalhando uma pequena onda de poeira e cascalho.

Marcelo encontrava-se abaixado ao lado de sua CG customizada, ocupado com a lubrificação da corrente. Ao receber parte dos pedriscos lançados com a entrada abrupta de Alexandre, ele se ergueu com os braços levantados e ralhou com o amigo.

— Caraio, mano! Tá certo que cê tá atrasado, mas não precisa exagerar! O Cézar já tava achando que você não chegava hoje.

— *Aff, ele estava muuuito ocupado estragando a vida de outra garota* — ironizou o encosto de Alexandre. — *E, pela foto que estava guardada na gaveta, eu acho que ela estava melhor com o namorado anterior* — o fantasma continuou a destilar seu veneno.

Alexandre olhou de soslaio na direção da perniciosa aparição.

Diante do mutismo prolongado do recém-chegado, Marcelo abriu seu sorriso de dentes amarelos e provocou.

— Ô, sabia que todo viado é surdo?

— Hoje não, Marcelo. Hoje não! — Alexandre advertiu, rilhando os dentes e tomando a direção da sede do motoclube.

Quando olhou por cima do ombro, ele viu o companheiro magricela cabisbaixo como um cão sem dono. Alexandre já notara que Marcelo se retirava para cuidar de detalhes de manutenção da própria moto sempre que era escorraçado pelo mau humor do presidente do MC.

— Desculpa, xará. Hoje não estou num bom dia — desculpou-se.

— Pô, véi, eu só levo patada de tudo quanto é lado...

— Anime-se, meu amigo. — Alexandre colocou as mãos nos ombros de Marcelo. — Você é um lobisomem. Um membro dessa alcateia.

— É, o último na hierarquia — Marcelo arengou desconsolado, chutando o chão.

— Não pense dessa forma. É melhor ser o último dentre os primeiros, que ser o primeiro dos últimos.

— *Nossa! Filosofia de botequim* — debochou o fantasma.

Conquanto fossem singelas, as palavras de Alexandre calaram fundo na alma do companheiro e, juntos, eles caminharam para o barracão onde o resto do grupo já estava reunido.

— *Ah, então este é seu bando de assassinos?* — perguntou Melissa.

— *Assassinos? Você não lia jornais quando estava viva, não? Se toda alcateia caçasse livremente a humanidade, dia a dia, e não só nas noites de lua cheia, ainda assim não chegaríamos perto do número de óbitos decorrentes de acidentes de trânsito. Isso sem falar na criminalidade, nas guerras, atentados terroristas e outras barbaridades da sua espécie. Homo homini lupus, ou seja, o homem é o lobo do homem.*

— Bom te ver, companheiro! — A saudação de Eric ficou sem resposta. O loiro arqueou as sobrancelhas numa pergunta muda.

— Hehe, deixa quieto, alemão — alertou Marcelo. — Parece que alguém levantou do lado errado da cama hoje.

— Eu lhe avisei muitas vezes para não me chamar de alemão ou vai acabar perdendo os dentes, magrelo! — Aquela brincadeira era a única coisa capaz de eliminar o bom humor de Eric.

— Já não era sem tempo, hein — Cézar interrompeu a discussão com sua voz estentórea. — Que bicho te mordeu, compadre? — A pergunta foi dirigida a Alexandre, o membro mais carrancudo daquela reunião.

— Nada, não — desconversou Alexandre, respirando asperamente. — Só estou com a bosta de um fantasma me aporrinhando a ideia. Ontem o Solitário fez o favor de pegar uma bruxa velha que eu meio que conhecia. — Com a recriminação, Solitário agitou-se em sua prisão sem grades.

— Quem nunca, né? — solidarizou-se Deive.

O gigante juntou as pontas dos dedos, encarando Alexandre. *Mas fantasma não deixa um perfume tão marcante por tanto tempo. Até parece que acabou de se encostar nesse cheiro...* Intrigado, Cézar guardou o pensamento apenas para si mesmo e continuou a conduzir a reunião. — Hoje nós vamos resolver um probleminha que surgiu há coisa de umas duas semanas. Dois grupos de traficantes estão disputando o território de venda de drogas na região de Mairiporã e Caieiras e vêm se mocoçar bem no meio da nossa área de caça. Tudo que a gente não precisa é de uma guerra de gangues chamando atenção indesejada pro nosso quintal. O Deive deu uma sondada e localizou os esconderijos.

— Prestenção! — Deive ajeitou a camisa sobre a barriga, mas não conseguiu cobri-la por completo. — Um dos grupos tem quase uma dúzia de policiais sujos metidos no meio, então acho melhor nós darmos conta da outra turma.

— Concordo — assentiu Cézar. — Assim, damos menos na vista. Quanto tempo leva daqui até esse ninho de rato?

— Uma hora, mais ou menos. D   para ir de carro, sossegado. Acho que, praqueles lados, minha Kombi vai chamar menos at  n  o que as motos de vocês.

— Hoje não tem lanchinho, galera — o presidente do MC anunciou em tom ríspido e autoritário. — Quero os lobos famintos e com sangue nos olhos. Simbora!

— Va-mos! — Deive caminhou para a Kombi, sendo seguido pelos demais membros do motoclub  .

Cézar postou-se ao lado do caminho de cimento que levava ao estacionamento e dispensou pequenas palavras e gestos de incentivo a cada membro daquela irmandade. Ele sabia que a caçada daquela noite seria mais perigosa que o usual e seu papel como líder demandava o encorajamento do bando. Quando Maurício, o último a sair do barracão, passou ao seu lado, Cézar pousou a mão em seu ombro.

— Amanhã, eu quero que você veja aonde nosso amigo Alexandre vai depois de sair do MC — segredou.

Um simples aceno de cabeça traduziu as palavras não ditas: missão dada    missão cumprida.



O refúgio dos marginais localizava-se no final de uma pequena rua de terra acessada a partir da Estrada Santa Inês, numa área isolada encravada no meio da mata cerrada da Serra da Cantareira.

Uma casa térrea de alvenaria, sem acabamento externo, ficava no meio de uma clareira aberta entre as grandes árvores que a circundavam. No início daquela tarde, uma fogueira fora acesa em frente à porta principal.

A Kombi foi deixada dois quilômetros antes do esconderijo, no meio de um matagal contíguo àquela precária via de acesso. Despido de suas roupas, o grupo de motoqueiros aproximou-se sorrateiramente do local, iluminados por esparsos raios de sol alaranjados do entardecer que conseguiam passar pela barreira das árvores.

— Você tem noção de quantas pessoas estão ali? — Cézar virou-se para Deive, tentando manter baixa a voz.

— O bando tem mais de vinte neguinho, mas todos os cabeças ficam reunidos aqui com alguns cascas-grossas para fazer a segurança. Não dá para saber exatamente quantos são, mas dificilmente vai ter mais de doze ou treze.

— Ok. Cortando o cérebro, o bando dispersa. E acho que a alcateia dá conta do recado. — O conhecido sorriso cruel brincou nos lábios de Cézar.

Beleza! — pensou Alexandre, sentindo a beligerância de Solitário. *Quem sabe uma carnificina aquiete um pouco esse bicho.*

— *Mais mortes? Por que não? Pelo pouco que pude ver, acho que essa é a única coisa que você espalha pelo mundo.*

O início da transformação fez com que o fantasma de Melissa desaparecesse. Somente Alexandre tinha o duvidoso privilégio de ser atormentado constantemente pelos resmungos da morta.



Simultaneamente com o pôr do sol, surgiu a lua cheia plena do quarto dia do ciclo. O dia foi substituído pela noite, com a súbita e veloz cobertura do manto de escuridão. Como de costume, a mudança da alcateia foi rápida e silenciosa. Cézar tombou seu corpo para frente e esticou os braços para apagar a queda, mas foram os membros fortes e peludos do Maioral que tocaram o solo. Bigby, o colossal

lobisomem negro, manteve-se ereto no exato local onde Maurício iniciou sua metamorfose. Deive e Eric abaixaram-se para assumir a postura alerta dos licantropos e, breves espasmos depois, Warg e Fenrir sacudiam o corpo fazendo oscilar a cerrada camada de pelos. Marcelo desequilibrou-se ao iniciar sua transformação e caiu de costas, fazendo com que Hardy surgisse com a barriga exposta, atarantado como um cachorro que caiu do caminhão de mudança. Depois de assumir uma postura menos aviltante, o lobisomem laranja coçou a orelha com a pata traseira.

Alexandre foi a exceção àquela plácida transfiguração. A vertigem forçou-o a deitar-se e a agonia da troca de papéis entre homem e lobisomem comprimiu seu corpo em posição fetal. Alguns momentos se passaram sob o olhar atento da alcateia antes que Solitário conseguisse se colocar em guarda.

Maioral correu os olhos pelo grupo e repuxou os lábios expondo os dentes brancos. Os pelos do cachão se arrepiaram e um rosnado furente antecipava a caçada sangrenta prestes a se iniciar.

— *Vamos todos contornando aquela fogueira* — comandou o Maioral.

— *Espere* — pediu Solitário. — *Posso sentir o cheiro de óleo e pólvora. Eles estão fortemente armados. Não é melhor pensarmos numa abordagem menos arriscada?*

Maioral não estava acostumado a ser questionado. Ele comandava, era obedecido cegamente e tinha direito ao primeiro sangue. Essas eram suas prerrogativas como alfa.

— *Você tem ideia melhor? Ótimo! Mas liderar uma alcateia não é tarefa fácil. Ou sem consequências... Então, dê suas ordens, filhote, mas você vai na frente...* — declarou em tom de ameaça.

Em alguns aspectos, a interação singular entre Alexandre e Solitário apresentava algumas vantagens. O lobisomem mantinha o pensamento estratégico de sua contraparte humana, cultivado por anos de jogos de FPS^[14], e arquitetou uma forma mais segura de executar aquela invasão.

— *Warg, você e o Hardy contornam a clareira e se aproximam por trás da casa. Quando começar a festa, entrem por alguma porta ou janela.* — Solitário não se intimidou com a responsabilidade que lhe foi delegada.

— *E se não tiver nenhum acesso?* — indagou o lobo de cara deformada.

— *Eu tenho confiança que você pode contornar esse probleminha!* — Solitário tocou o focinho no flanco de Warg. — *Maioral, você pega o Bigby e cobre o outro lado da fogueira. Eu e o Fenrir avançamos primeiro e vamos cercá-los por esse lado.*

— *Se der alguma merda nesse teu esquema, filhote, arranco teu couro* — rosnou o alfa, não acostumado a receber ordens.

Ao final das instruções e da ameaça, cada dupla de licantropos tomou o rumo de sua respectiva posição.



— *Hoje você está mais agitado que de costume* — indagou o lobisomem branco, enquanto seguiam pela linha das árvores. — *O que aconteceu, companheiro?*

— *Eu captei um lampejo preocupante, Fenrir* — desabafou Solitário. — *Aquele traste bípede estava tramando para se livrar de mim. Permanentemente!*

— *Um pensamento bastante ruim, mas não se aborreça com isso, Solitário* — Fenrir meneou a cabeça de um lado para o outro. — *Uma vez recebida, a dádiva*

da lua é irreversível. Só a morte pode acabar conosco. Não há nada que seu humano possa fazer quanto a isso.

Solitário já conhecia as histórias sobre a impossibilidade de supressão permanente das transformações, mas a aleivosia daquela ideia que começou a permear a consciência de Alexandre era algo intolerável.

— *Sei disso, irmão. Ele não pode se livrar de mim, mas a recíproca não é verdadeira, não é? Não me esqueço das suas palavras. O tal ancião poderia me ajudar...* — Os olhos de Solitário vagaram a esmo até conseguir localizar o companheiro que já se mesclara às sombras.

— *Você sabe o que o Maioral pensa sobre esse assunto, companheiro. Não vamos atrair a ira do alfa sobre nós. É melhor mantermos o foco na caçada, ok?*

— *Ok, sem problema. Pelo jeito, terei que aprender a conviver com isso...*

Qual o limite entre a resignação e o abandono? Fenrir não conseguiu fazer essa distinção diante das palavras do companheiro de alcateia. Sem encontrar nada mais a dizer, o lobisomem branco preferiu seguir em silêncio.

Quando todos os predadores estavam prontos, Solitário se aproximou da casa pela lateral até encostar-se à parede. Fenrir seguiu-o, protegendo sua retaguarda. Os demais aguardavam a ordem de ataque.

As chamas avermelhadas da fogueira bruxuleavam projetando uma sombra oblíqua à parede frontal da casa. Aproveitando a escuridão, Solitário avançou sua cabeça e avistou três homens de atalaia com as mãos esticadas em direção ao fogo para afastar o frio. Suas escopetas calibre 12 descansavam penduradas pelas bandoleiras. Eram os novatos daquele bando de criminosos, estagiários na carreira da delinquência, encarregados do serviço mais penoso e enfadonho de vigilância.

Um par de olhos brilhou rubro na escuridão da noite. — *Dracarys!* — foi o comando telepático gritado em pleno início do frenesi da batalha.

Após dar a ordem de ataque, Solitário correu de encontro ao vigia postado no meio, esbarrando numa das sentinelas que foi derrubada sobre as labaredas. Quando o poderoso torno formado pela mandíbula e pelo maxilar se fechou sobre o antebraço esquerdo do seu alvo, o lobisomem castanho sacudiu a cabeça fragmentando, a um só tempo, o rádio e a ulna e dilacerando os músculos flexores e extensores dos dedos. As garras do licantropo gadanhavam às cegas abrindo longos talhos de onde brotavam filetes encarnados de odor ferroso.

A sentinela derrubada rolou sobre o próprio corpo para apagar as chamas atadas às suas roupas. Quando conseguiu erguer a mirada para identificar a fonte da investida, sua visão foi preenchida pela descomunal cabeça de pelagem negra de Bigby. Os dentes da fera penetraram no crânio da presa, afundando os ossos parietais e temporais. Mantendo o tronco do humano imobilizado com o peso do próprio corpo, o imenso lobisomem negro aumentou a pressão na mandíbula até seccionar completamente a parte superior da cabeça, fazendo com que parte da massa encefálica se esparramasse pelo chão de terra.

O terceiro marginal de guarda recuou amedrontado para longe da pira, mantendo os olhos arregalados sobre as criaturas. Quando finalmente esboçou uma reação, mirando sua escopeta na direção do lobisomem negro, ele gritou ao sentir uma dor como ferro em brasa penetrando-lhe o ombro direito. Maioral abocanhrou com ferocidade boa porção do músculo deltoide da derradeira sentinela. Apesar da dor, o homem conseguiu fazer um disparo, mas as pequenas esferas de chumbo tamanho SG se dispersaram num ângulo alto, muito afastado do local onde ocorria o ataque dos licantropos.

Sem abrandar a mordida, Maioral segurou os braços do atirador pelos cotovelos, abrindo-os até que a presa afrouxasse as mãos e a arma de fogo tornasse a ficar pendurada apenas pela tira de couro da bandoleira. Com a força prodigiosa aplicada pelo lobisomem cinzento, a cabeça do úmero direito deslocou-se da cavidade glenoide com um estalo pastoso. Ao ser largada, a presa caiu sem vida aos pés do alfa, como uma marionete que tivesse as cordas cortadas.

Sem que os demais membros da alcateia notassem, Fenrir postou-se de pé ao lado da porta da frente. Era impressionante o modo como o lobisomem albino se esgueirava entre os pontos cegos dos diversos contedores, escapando até de um simples vislumbre da visão periférica.

Quando a porta se abriu, Ivo Kleber, o primeiro da hierarquia daquela pequena e rudimentar organização criminoso, saiu descalço e trajando apenas uma calça de moletom. O chefe da quadrilha segurava uma garrafa de cerveja na mão direita e uma pistola .357 Magnum na esquerda. Ao cruzar a soleira, quatro navalhas de queratina desceram em diagonal sobre seu peito desnudo. Uma grande mancha de sangue vermelho escuro surgiu dos cortes iniciados logo abaixo do pescoço, indicando o rompimento da ligação entre as veias jugular e subclávia. A garrafa de cerveja rolou vagarosamente por poucos centímetros em direção à fogueira. A arma ainda pendia frouxa na mão de Ivo quando ele, com a cabeça pendendo para frente, desabou sobre os joelhos e recebeu uma vigorosa mordida que dilacerou sua nuca. Uma ampla mancha carmim recobriu o peito de Fenrir, contrastando a cor viva com a pelagem alva do lobisomem.



Warg e Hardy aguardavam do outro lado da casa. Warg sentou-se pacientemente junto à porta trancada da cozinha. Seu corpanzil provocou um ligeiro tremor e um baque surdo quando tocou o solo. Enquanto isso, o lobisomem laranja rondava inquieto em pequenos círculos, como se quisesse perseguir a própria cauda.

No momento em que a ordem de ataque foi ouvida — *Dracarys!* —, Warg lançou seu volumoso corpo contra a porta. Um barulho ensurdecido estrondeou para dentro da casa quando a barreira de madeira foi arrancada de suas dobradiças e lançada sobre uma pia entulhada de louça suja.

Felipe, o franzino capanga encarregado dos serviços domésticos, ainda estava ocupado na cozinha com a preparação do jantar. Com o arrombamento da porta, ele se refugiou num pequeno cômodo adjacente empunhando a única arma que encontrou à sua disposição, uma faca de trincar carne com uma lâmina de quase trinta centímetros. A aparência letal do punhal improvisado era prejudicada pela tibieza com que era brandida por Felipe.

— *Hardy, você cuida desse traste. Eu vou ver o resto da casa* — ordenou Warg, olhando com desprezo para a mirrada figura encurralada na área de serviço.

— *Mas ele está armado!* — resmungou o pequeno lobisomem laranja, tentando, sem sucesso, se aproximar o suficiente para atacar a presa.

Depois de algumas investidas inúteis, Hardy aproveitou um deslize de Felipe. O bandido errou uma estocada direcionada ao lobisomem e acertou a máquina de lavar roupa, deixando cair a faca e ficando vulnerável ao ataque da criatura metamórfica. No momento em que seus dentes se fecharam sobre o pescoço da vítima, Hardy não pôde deixar de lastimar a pouca quantidade de carne que aquele humano poderia proporcionar.

O corpulento licantropo marrom, ignorando os lamentos de Hardy, aproximou-se do corredor.

— Fudeu!! Fudeu, porra! A casa caiu!

Warg ouviu os gritos de alerta, acompanhados do estrépito de passos pesados. Ao alcançar a estreita passagem que dava acesso ao resto da casa, ele se deparou com dois homens que se aproximavam rapidamente. Cisan corria bem próximo do seu chefe direto, o ranzinza João Paulo, segundo homem no comando e o facínora mais temido do bando, famoso por ser o responsável por ordenar e testemunhar, com seus olhos estrábicos, a morte de mais de quinze pessoas.

João Paulo estacou repentinamente ao avistar Warg com seu olho esquerdo. Cisan, que seguia praticamente colado ao chefe, não teve tempo de interromper a marcha e chocou-se com as costas de João Paulo, pondo-o ao alcance das garras do lobisomem.

Warg agarrou o criminoso vesgo num forte abraço de urso e cravou os dentes profundamente em seu pescoço. Estarrecido com a violência da investida, Cisan esvaziou o carregador de vinte balas de sua pistola calibre .380. Contudo, apesar da proximidade com o alvo, a tremedeira de suas mãos não lhe permitiu obter outro resultado que não fosse alvejar o próprio comparsa.

Mesmo protegido pelo escudo humano, Warg escancarou a bocarra ameaçadora e urrou de dor enquanto balançava vigorosamente a cabeça deformada. Pequenos círculos negros se espalharam por sua língua e pelos lábios soltando minúsculos filetes de fumaça branca enquanto pequenas argolas argêntas se desprendiam com a força do chacoalhão.

— *EU! ODEIO! PRATA!* — Ao mesmo tempo em que lançou seu berro telepático, Warg agarrou o corpo inerte de João Paulo pelos calcanhares e o utilizou para atacar o atarantado Cisan, que forcejava para encaixar um novo pente de balas na pistola. A força com que o boneco de pano zambaio era utilizado para marretar Cisan, terminou por romper os elos do resto das correntes de prata que adornavam o peito de João Paulo, no melhor estilo bling bling.

Após quinze segundos de fúria bestial, Warg reduziu os criminosos a uma massa sangrenta de carne e ossos muito mais disforme que seu focinho. Com cuidado para não pisar nos adereços prateados espalhados como minas terrestres, o lobisomem marrom avançou pelo corredor de portas fechadas em direção ao barulho de tiros que vinha da parte da frente da casa.



Quando viram o líder do bando ser enviado ao inferno pelo lobisomem albino, Rafael, Thales, Bernardo, Lucas e Fábio improvisaram uma pequena barricada em frente à porta utilizando os sofás onde estavam assistindo à TV. Mesmo sem conseguir identificar com clareza o atacante, eles efetuaram diversos disparos pela abertura da porta.

— Caraio, véi! Cês viram o tamanho do... BICHO que pegou o chefe? — Rafael questionou com voz anasalada. Ele teve dúvida daquilo que foi visto pelos seus olhos, pois já criara mais de vinte raças diferentes de cachorros (além de inúmeros gatos, pássaros e um casal de jabutis) e se orgulhava de ser um verdadeiro amante da vida animal, mas mesmo seu conhecimento era insuficiente para identificar com certeza a espécie da criatura avistada de relance.

— Vocês não acham que a gente devia ir lá fora verificar que porra foi aquilo? — perguntou Lucas com certa relutância.

— Claro, negão! — ironizou Bernardo com voz pastosa. — Vai na frente, estou atrás de você.

— Não é o melhor momento para achaque, malandro — replicou Lucas, tornando a encarar o retângulo vazio da soleira da porta.

— Galera, o Ivo já era! Quem se importa com o que está acontecendo lá fora? Desde que não venha aqui pra dentro...

— Como que já era, Thales? A gente tem que dar cobertura pro Ivo. Ele ainda pode tá vivo... E se tu não levantar essa bunda gorda agora, te encho de pipoco aqui mesmo — ralhou Rafael, mantendo a porta sob o fogo cerrado da AK-47, o único fuzil de assalto em poder da quadrilha.

— É! Vamo lá, porra! Vamo lá! — Fábio gritava, sacudindo uma submetralhadora Uzi com a euforia exagerada propiciada por uma pedra de crack

que acabara de ser fumada. Pelo porte de seu armamento, ficava claro que Fábio não estava ali para caçar.

— *Warg! Preciso de uma distração aqui na frente para entrarmos na casa!* — comandou Solitário.

Com a atenção mantida na porta, os criminosos não perceberam a aproximação sorrateira da criatura vinda pelo corredor. Warg mordeu a perna de Rafael e arrastou-o depressa de volta para a cozinha. Os gritos do humano capturado ecoaram nas paredes da casa e atraíram os disparos do grupo de atiradores.

Warg conseguiu, ileso, sair do corredor e arrastar sua presa para fora da linha de tiro.

— *Eu não acredito que algo tão grande pode se mover tão rápido* — espantou-se Hardy.

— *Foi o que ela disse* — retrucou Warg.

Naquele momento de distração, os lobisomens descuidaram de Rafael que ainda carregava seu fuzil e que não perderia a oportunidade de utilizá-lo na tentativa de salvar-se.

Porém, a movimentação atabalhoada do humano capturado chamou a atenção de Warg e, no momento em que efetuou o tiro, Rafael teve seu braço atingido pela pata da fera. A bala disparada a esmo, todavia, não se perdeu e acabou por atravessar a perna do lobo laranja.

— *Oh, vida!* — Hardy desabou choramingando.

Antes que Rafael tivesse a oportunidade de um segundo disparo, a bocarra de Warg dilacerou suas entranhas.

Aproveitando a brecha criada, Solitário invadiu a sala pulando sobre Thales, o atirador posicionado mais à direita, enquanto uma ordem telepática era

prontamente obedecida: — *Bigby, pegue o cara da esquerda.*

Bernardo foi apanhado pelas garras do lobo negro e pressionado contra a parede. A força do impacto sacudiu as paredes e uma pequena nuvem de pó se desprende do teto. Bernardo, desacordado, pendia frouxo nas mãos de Bigby.

Dando cobertura aos companheiros, Fenrir atravessou a porta e atacou Fábio. Naquele pequeno espaço bem iluminado as habilidades furtivas do lobisomem branco eram inúteis.

Fábio e Thales, ainda conscientes a despeito do assédio dos lobisomens, conseguiram realizar alguns disparos com seu armamento, mas, sem condições de mira, os projéteis passaram longe dos alvos.

Ainda livre de qualquer ataque direto dos licantropos, Lucas levantou o cano de sua escopeta calibre 12 e atirou visando o lobisomem branco. O bojudo balote de chumbo da munição *knock down* utilizada naquela arma transpassou a lateral do abdômen de Fenrir e também atingiu Fábio. O humano não resistiu ao disparo e o licantropo albino caiu sobre um dos joelhos. Pela gravidade e extensão do dano provocado, um tiro na cabeça seria o suficiente para acabar até mesmo com as criaturas metamórficas.

E era justamente na cabeça de Fenrir que a escopeta de Lucas passou a mirar quando Maioral assomou à soleira da porta. Tanto o alfa como o beta da alcateia hesitaram em socorrer o lobisomem branco, pois cada qual queria evitar o risco de reivindicar para si o destino extintivo aparentemente reservado a Fenrir.



Tal ameaça, contudo, não pareceu preocupar Solitário, o líder *ad hoc* daquela invasão, que se lançou prontamente sobre o atirador. Suas garras letais conseguiram rasgar parte do pescoço e do rosto de Lucas, liberando esguichos escarlates brilhantes da artéria carótida, mas não antes que seu ombro recebesse o impacto do segundo disparo da arma mortífera. Solitário girou sobre o próprio eixo com a força do projétil e caiu com um baque surdo.

Quando o humano não podia mais empunhar sua escopeta, Maioral se aproximou do corpo prestes a entrar em choque hipovolêmico, e terminou o abate, fazendo seu punho penetrar na cavidade torácica da vítima. Um grunhido sufocado foi a última coisa a escapar dos lábios de Lucas.

De um dos quartos, ouviu-se o barulho de móveis sendo arrastados.

— *Alguém já checkou os quartos?* — com Solitário derrubado, o alfa retomou o comando.

— *Não, Maioral* — respondeu Warg, vindo da cozinha. — *Ainda não.*



Dentro da única suíte da casa, Rodneia andava de um lado para o outro enquanto Jorge Matheus arrastava os poucos móveis para junto da porta.

— Ai, meu Deus! O que será que tá acontecendo? Nosso bebê tá no outro quarto, Zorze! — Rodneia indagou com aflição em sua voz afetada. Não era sempre que ela reservava uma noite para ficar ao lado do namorado e começava a se arrepender da visita daquele dia.

— Fica quieta, porra! — cuspiu Jorge, sussurrando as palavras com o tom de voz mais baixo que conseguiu. — Seja o que for que tá acontecendo, já deve ter ido todo mundo pro saco. Vamos torcer para já considerarem feito o serviço e irem embora.

Uma forte pancada fez estremecer a barreira improvisada. Um segundo golpe mais forte arrebentou a madeira da parte superior da porta. Um par de peludas garras afiadas terminou por eliminar o obstáculo, permitindo que um gigantesco lobisomem negro adentrasse o quarto.

Jorge foi empurrado contra a parede e caiu desacordado. Bigby usou a força do tornio formado pelo maxilar e pela mandíbula para estraçalhar o moribundo a seus pés, arrancando os membros um a um. Despedaçado o corpo, o lobisomem abriu, com mordidas ensandecidas, a barriga da presa.

Estupidificada pela cena, Rodneia pegou uma cadeira, a única coisa que poderia ser usada como arma ainda ao alcance de suas mãos, e, com ela, atacou as costas do lobisomem. Sem retirar o focinho das entranhas de Jorge, Bigby girou suas garras num arco e, com o golpe certo, estripou a mulher.

Enquanto Bigby encarregava-se de eliminar os amantes, Warg, o outro lobisomem não incapacitado pelos tiros, vasculhou o restante dos quartos. Quando parecia que toda a vida humana havia sido eliminada, um agudo pranto de bebê foi ouvido vindo do último cômodo ainda não investigado.

— *Fiquem à vontade. Tem carne para todos* — disse o alfa enquanto se dirigia para a fonte do choro. — *Mas esse bônus é meu!*

Enquanto todos os lobisomens escolhiam a carcaça por onde começar seu festim profano, Fenrir aproximou-se de Solitário.

— *Obrigado* — agradeceu o lobisomem níveo, olhando para o rombo onde deveria estar o ombro de Solitário. — *Se não fosse por você...*

— *Não precisa agradecer, irmão. Mais uma ou duas horas e eu estou novo em folha. Sei que você faria o mesmo por mim* — declarou com sinceridade.

Fenrir permaneceu em silêncio, avaliando os acontecimentos daquela noite. Ele aproximou sua cabeça do lobisomem castanho e, somente para ele, transmitiu sua

mensagem.

— *Sobre aquilo que você indagou antes?* — A pergunta atraiu a atenção completa de Solitário, que encarou, com grande expectativa, o companheiro de alcateia. — *Num lugar, chamado de Chapada dos Veadeiros, você pode encontrar a resposta que procura.*



Uma Sombra perene o homem vai acompanhar.



Então, a maldição da qual se busca a cura

CAPÍTULO 20 – O RETORNO AO PARAÍSO

26/Ago/2015 (quarta-feira)
1º dia do ciclo da lua cheia



ALEXANDRE CORRE DESCALÇO POR UMA TRILHA estreita e irregular, sentindo a ardência provocada pelos pequenos cortes na sola dos pés. De quando em quando, tropeça numa raiz saliente e colide no tronco áspero de uma árvore de aparência ancestral, acrescentando novas dores ao corpo alquebrado. Ele mal consegue divisar, através do negrume da noite, o caminho a seguir. Pequenos fachos de luminescência azulada cortam o perfil de uma floresta sempiterna de galhos retorcidos. No alto, ventos de borrasca agitam a copa farfalhante das árvores, mas deixam intocado o miasma pegajoso que paira, rente ao solo, sobre todo o terreno ao seu redor.

Sua respiração em arquejos curtos lança pequenos jatos de vapor que se perdem na escuridão que o cerca. Um esporádico crocitar odiento é o único som produzido pela fauna local e não encobre por completo o barulho, ainda distante, das folhas secas esmagadas por seus passos pressurosos. Alexandre receia perder um tempo precioso ao olhar o trajeto já percorrido, então avança para frente, sem hesitar,

abrindo caminho por entre cipós e trepadeiras, num furor descontrolado alimentado por um medo ancestral e inevitável.

Apesar da temperatura glacial da noite, a generosa camada de suor sobre sua pele gruda o tecido de suas vestes, dificultando seus movimentos e retardando sua fuga.

Um prado iluminado pelo luar cerúleo se estende além da linha da floresta. Alexandre dispara naquela direção, empregando todas as suas forças na movimentação dos membros inferiores, mas não consegue notar significativa diferença na diminuição da distância a percorrer. Ele olha para o céu noturno e uma imensa lua cheia matizada de azul parece escarnecer de seus baldados esforços.

Esgotado, Alexandre cai prostrado, ralando os joelhos e as palmas das mãos. O ruído familiar de um rosnado gutural o compele a desviar os olhos para trás. O pânico corta-lhe o comando sobre o próprio corpo e ele assiste, imóvel, à aproximação da besta infrene.

Quando os olhos flamejantes do lobisomem se aproximam, Alexandre sente o desespero preencher todos os recônditos de sua alma.

Inerte e inerme, ele sente as garras da criatura dilacerarem seu externo, expondo um coração negro pulsando num ritmo frenético. Neste momento, seus olhos se fixam no astro que testemunha seu extermínio: uma linda e brilhante lua azul.



Alexandre acorda sobressaltado, enrolado em seus lençóis. Toda noite, ele tem revivido o mesmo pesadelo: sua morte pelas garras do lobisomem sob a luz de uma enorme lua azul.

Procurando uma razão para o tormento onírico, ele, primeiramente, cogita a possibilidade de estar começando a se penalizar por albergar, em seu próprio corpo,

o verdugo de inúmeras vítimas. Rapidamente, Alexandre afasta a conjectura, pois, em seu espírito, ainda não há qualquer sinal de empatia para com o gado, seja ele bovino ou humano.

Sob outro enfoque, analisa o possível significado por trás da estranha cor anil do astro lunar. Ele já pôde contemplar diversas tonalidades tingindo o satélite de vermelho, laranja e amarelo, além da cor prateada, a mais comum, mas nunca, em toda sua vida, recorda-se de presenciar o aparecimento de uma lua azul.

Para o motoqueiro, o que mais lhe perturbava de toda aquela estranha situação era o exato momento em que passou a não ter mais passagem segura ao ingressar no reino de Morpheus: desde a visita ao leito hospitalar em que repousa Valquíria.

A mera lembrança da amada jazendo em estado vegetativo traz um gosto de bile à sua boca. A ausência de notícias sobre seu estado aflige o espírito de Alexandre. Depois de diversas ligações telefônicas, ele desistiu de tentar obter quaisquer informações relevantes sobre o estado de saúde de Valquíria. Embora o atendimento recebido pessoalmente não tivesse sido primoroso, nada poderia prepará-lo para o descaso absoluto dispensado pelos funcionários ao telefone.

Alexandre tampouco teve sucesso em contatar Valdirene. O número do celular de Valquíria estava desativado e o nome da irmã não constava nas listas telefônicas disponibilizadas na internet.

Sua única certeza era que Valquíria ainda se encontrava sob os cuidados médicos daquele nosocômio, uma vez que, ao pedir para falar com a doente, os funcionários consultavam os registros de internação e tentavam transferir a ligação para um dos ramais da enfermaria nº 04.

A falta de informação o angustiava, mas mesmo abrindo mão do descanso dos finais de semana e cumprindo uma jornada de trabalho similar à dos operários ingleses na época da Revolução Industrial, Alexandre não conseguiu o tempo necessário para retornar a Alto Paraíso.

Ainda que considerasse o caráter sazonal de seus afazeres, uma enxurrada incomum de processos, físicos e virtuais, veio a desaguar em seu gabinete, fruto provável dos procedimentos de correição agendados para as varas judiciais junto às quais ele atua. Com a proximidade da fiscalização da Corregedoria, os servidores realizavam um mutirão para dar o devido andamento aos muitos e muitos autos acumulando poeira nos escaninhos do Poder Judiciário. Um fluxo incomum e encorpado que superava com folga sua máxima capacidade de trabalho.

Destarte, não lhe restou alternativa que não fosse cumprir com as obrigações a que estava acorrentado, postergando, a contragosto, o retorno desejado.

Depois de eras intermináveis de trabalho intenso e contínuo (ou, pelo menos, assim lhe parecia), ao fim daquele dia extenuante Alexandre finalmente consegue se ver livre das montanhas de bits e papéis que representam seu ônus profissional, abrindo a possibilidade de se ausentar de Londrina no próximo final de semana.

Ansioso por finalmente rever Valquíria, Alexandre se antecipa preenchendo o alforje com diversas mudas de roupa para a viagem, quando seu telefone toca.

— Fala, mano! Cê tá sumido! — A voz esganiçada do magricela o cumprimenta do outro lado da linha.

— Oi, Marcelo — Alexandre efusivamente devolve a saudação. — Eu... tive que resolver uns probleminhas no mês passado e não deu para me juntar ao grupo — justifica, contando uma meia verdade.

— Ah, pra mim tá beleza, cê sabe, né? É que o Cézar me mandou ligar para perguntar se você vai dar o ar da graça nessa lua cheia. O bicho parece que tá com os cornos virados — acrescenta a última informação com voz praticamente inaudível.

— Sábado à noite ou, no mais tardar, no domingo, eu dou as caras no motoclub — responde ao consultar o calendário. Alexandre não quer perder, com

os Lobos do Asfalto, o pouco tempo que dispõe para ficar ao lado de Valquíria, mas tampouco pode se dar ao luxo de levantar as suspeitas do presidente do MC. Ele se lembra das muitas e muitas vezes que o gigante exaltou as virtudes da vida segregada dos que receberam a dádiva da lua, bem como das ameaças propositadamente não veladas para quem forjasse laços de amizade fora dos estritos limites da alcateia.

— He! He! Beleza, então, mano. A gente se vê — Marcelo se despede e desliga o telefone.

— Droga! — Alexandre pragueja com azedume. A intimação para bater o ponto junto à alcateia naquele final de semana exige uma mudança de planos. Ele precisa antecipar a viagem. Na verdade, não pode perder um minuto sequer. É imprescindível que ele saia imediatamente!

Alexandre termina de preparar a bagagem com afobação. Concluída a tarefa, vai até a parte mais fresca da varanda do apartamento e se agacha junto ao vaso onde planta o *Aconitum napellus*. Ele já havia semeado a espécie *Aconitum lycoctonum*, a famigerada planta conhecida como *wolfsbane* ou erva matalobos, mas o exigente e delicado vegetal de flores violetas não vingara sob seus cuidados. Na falta da saliva de Cérbero para utilizar como fertilizante (à bába do mitológico cão de três cabeças era atribuída a qualidade de fazer nascer e florescer o acônito), restou-lhe a opção de cultivar a variedade mais popular do gênero *Aconitum*.

Ele recolhe bonitas pétalas azuis em formato de elmo e uma porção generosa da raiz e, com elas, prepara quase um litro de chá. A quantidade da bebida, com aquela alta concentração do alcaloide aconitina, é capaz de eliminar os habitantes de uma pequena vila, mas tem um efeito diferente em lobisomens. Alexandre ingere metade da infusão em goles sucessivos e acondiciona o restante do chá numa garrafa térmica, para ser paulatinamente consumido ao longo da noite com o escopo de impedir o surgimento de Solitário. O sabor apimentado do líquido

adormece sua língua. No fundo da mente, ele sente a raiva borbulhante do lobisomem. *Sinto muito, pulguento, mas não tenho escolha!*

Alexandre se dirige com passos decididos para o local onde está estacionada a moto. O capacete na mão esquerda e o alforje sobre o ombro direito. Há uma longa distância a ser percorrida naquela noite. Ele precisa saber como está Valquíria e deseja ardentemente tornar a sentir o calor de seu abraço e o gosto do seu beijo. Mais nenhum atraso será tolerado, mesmo que custe a Solitário uma noite da sua existência.

— Passou da hora de voltar a Alto Paraíso — Alexandre decreta de maneira resoluta.



CAPÍTULO 21 – A DESCOBERTA

27/Ago/2015 (quinta-feira)
2º dia do ciclo da lua cheia



TUDO NA VIDA PODE SER ENCARADO POR DOIS ângulos, quais sejam, o viés otimista e a perspectiva pessimista. Nessa linha de raciocínio, a viagem noturna pode ser avaliada pelos seus benefícios ou pelos seus prejuízos. Pelo lado positivo, Alexandre passou a noite em claro deixando de ser atormentado pelo lúgubre pesadelo da lua azul. Destacando-se na contabilidade do saldo negativo, está o profundo mal-estar provocado pela privação do sono e pelo consumo exagerado do chá amargo e picante, agravado pelos picos de insatisfação projetados por Solitário.

Mesmo atacado pela forte dor abdominal, Alexandre consegue voar pelas estradas e chegar a Alto Paraíso, terra dos discos voadores, antes do despontar dos primeiros raios de sol. Sem ter tido tempo de fazer uma reserva, ele tenta a sorte na pousada já conhecida e, felizmente, consegue um quarto.

Ciente do inflexível horário de visitas do hospital, Alexandre se atira à cama sem despir a desconfortável roupa de pilotagem usada na jornada e adormece imediatamente. Poucas horas depois, ele desperta de um sono sem sonhos, agradecendo silenciosamente pela ausência do pesadelo.

Um banho quente e a troca das vestes salpicadas pela poeira da estrada, fazem Alexandre se sentir como um novo homem. Ao estacionar próximo ao hospital, ele ouve uma voz infantil chamando seu nome.

— Alexandre! Alexandre! — Dinho, o pequeno e esperto menino de longas pestanas negras que lhe servira de guia local, vem correndo pela rua em sua direção.

O motoqueiro estica a mão para cumprimentar a criança, mas seu toque provoca uma liberação abrupta de carga eletrostática como nunca antes havia experimentado. Pelo olhar assustado dos grandes olhos infantis, ele não é o único a experimentar a grande intensidade daquela descarga elétrica. Para desanuviar o semblante preocupado do menino, Alexandre diz em tom de brincadeira: — Eu sou um Pikachu, mas não conta para ninguém. É segredo.

Ao ouvir a menção ao Pokémon predileto de quase toda criança, Dinho esboça um sorriso, incerto sobre a segurança de tornar a se aproximar do motoqueiro.

Percebendo o receio pueril, Alexandre se acocora até que seus olhos fiquem à altura do olhar da criança e orienta o pequeno Dinho a, junto com ele, colocar a mão no chão. Se alguma carga ainda tivesse sobrado do choque inicial, ela poderia ser descarregada pelo aterramento. Contrariando suas expectativas, o novo contato das mãos ainda provoca um leve formigamento que parece se concentrar em seu couro cabeludo. Após alguns segundos, o latejar é substituído por uma agradável sensação que se insinua em sua mente.

— Oi. Você está perdido por aqui? — Alexandre pergunta, dando uma piscada com um olho.

— Eu tô esperando a Tia Di — responde a criança.

— Você acha que ela se importaria se você fosse tomar um sorvete comigo?

Dinho desvia seus grandes olhos castanhos para cima e à esquerda enquanto avalia a possível reação da tia. Ele havia sido ensinado a não aceitar presentes de estranhos, mas como já conhecia o nome do homem à sua frente, a mesma pessoa que o livrara do ataque dos cachorros bravos na praça, a proibição parecia não se aplicar naquele caso. Um sorriso ilumina o rosto de Dinho quando ele acede ao convite.



Quando Alexandre finalmente cruza as portas do hospital, reconhece a expressão mortíça da insossa Isabela Cigno, parada em seu posto de sentinela no balcão de triagem do hospital. O pequeno bálsamo de contentamento, propiciado pelos momentos anteriores em companhia do menino de humor contagiante, dissolve-se num átimo.

— Pois não? — indaga a atendente com a má vontade que lhe era peculiar.

Alexandre olha em volta antes de tornar a encarar a mulher. Ela, sem dúvida, estava falando com ele mesmo, como se nunca o tivesse visto antes, embora nem um mês tenha se passado de sua última visita àquele nosocômio. Ademais, o motoqueiro tinha plena consciência de que sua aparência, um tanto o quanto extravagante, destacava-o mesmo no meio de uma multidão de pessoas. Obviamente, Isabela sabia quem ele era e o que queria saber, mas não faria qualquer esforço para ajudá-lo e tampouco deixaria passar a oportunidade de exercer sua minúscula parcela de poder ao obrigá-lo a pedir por informações, um cacoete mesquinho que afeta de maneira mais intensa os ocupantes da base da pirâmide hierárquica de qualquer estrutura de comando.

— Bom dia — Alexandre cumprimenta, forçando-se a simular simpatia. — Eu gostaria de visitar a Valquíria Correia na enfermaria quatro.

— Aguarde um minutinho que eu vou verificar.

Quando Isabela sai para a saleta ao lado, Alexandre sacode brevemente a cabeça. A exata repetição das palavras e do comportamento da atendente parecem um *déjà vu* infernal, levando-o a questionar se houve uma falha na Matrix.

— Não é possível a liberação da visita, senhor — informa Isabela ao retornar.

— Como não é possível? — ele questiona com a impaciência transparecendo na voz. — Ainda são dez horas, estou dentro do horário de visita! Aconteceu alguma coisa? O estado da Valquíria piorou?

— O senhor é da família? — Isabela devolve a pergunta com inflexão monocórdia.

— Não, é claro que eu não sou da família — responde exasperado, batendo a mão fechada sobre o balcão. — Eu não posso ter me tornado da família desde a última vez que eu estive aqui! — Alexandre não consegue mais manter a cadência pacífica da própria voz. Suas mãos se apertam fortemente até que todos os nós dos dedos fiquem protuberantes e destacados.

— Sinto muito, senhor, mas não posso fornecer outra informação — a atendente anuncia sem emoção, não se dignando sequer a olhar nos olhos do motoqueiro irritado.

O descaso indisfarçável daquele abjeto exemplar de ser humano provoca a debacle do frágil edifício de serenidade que Alexandre lutava para manter em pé. Cansado daquela porfia, ele se debruça sobre o balcão e agarra a camisa do uniforme de Isabela pelo colarinho, puxando-a até que seus rostos fiquem praticamente colados. As pessoas no saguão de espera se agitam diante da hostilidade do motoqueiro.

— Eu quero saber onde está a Valquíria! — O modo como as palavras são sibiladas entre os dentes da mandíbula travada têm a inequívoca entonação de ameaça.

Amedrontada pela súbita explosão de violência, Isabela abandona a indiferença e, ignorando os protocolos de sigilo e confidencialidade, joga-lhe ao rosto a notícia devastadora.

— Ela morreu! Não está mais aqui. É isso que você tanto quer saber? Ela morreu, está bem?



Alexandre ignora como saiu do hospital. Ele não tem a menor recordação dos acontecimentos que intermedeiam o recebimento da triste notícia do falecimento da amada e seu atual estado de catatonia junto à moto. Também não sabe precisar o tempo em que se abandonou prostrado naquela posição.

— Eu soube o que aconteceu lá no hospital — diz uma voz conhecida. — A Val bem falou que, apesar de muito educadinho, você tinha o pavio curto...

Alexandre desperta momentaneamente do entorpecimento de seus sentidos e vira o rosto em direção à dona daquela voz.

Valdirene encontra-se de pé ao lado do motoqueiro. Um simples vestido negro contrasta com a pele clara e os olhos azuis. Ao notar o luto da mulher, rompe-se a barragem que suportava o choro represado em seu peito. Ele abraça os próprios joelhos enquanto seu corpo se sacode com a força dos soluços que pontuam seu pranto.

A irmã de Valquíria permanece ao lado do motoqueiro com a mão levemente pousada sobre sua cabeça. Suas lágrimas correm em silêncio enquanto espera que Alexandre pare de chorar. Depois de alguns minutos, ela desabafa.

— A Val vai fazer muita falta. Tão jovem e morta por causa de uma imbecil... Ai, e ainda tenho que aguentar aquela cara de peixe morto todo dia...

— Mas... agora... você não precisa mais... voltar ao hospital — ele consegue dizer por entre as lágrimas.

Antes que Valdirene torne a falar, um tropel de passos interrompe o diálogo. O pequeno Dinho para esbaforido em frente a Alexandre e, vendo o motoqueiro esmorecido, avança um passo e o envolve num abraço inocente.

— Não chora, não — a criança pede num acalanto singelo.

Alexandre procura afastar as lágrimas para agradecer o gesto, mas, para sua surpresa, Dinho se vira para a mulher ao seu lado.

— Tia Di, esse é o Alexandre. Ele me comprou um sorvete.

— Tia Di? Você é a tia dele?

— Sim. Meus sobrinhos me chamam assim, Tia Di de Val-DI-rene. Esse é o filho da Valquíria.

O espanto e a incredulidade não cabem, ao mesmo tempo, no rosto de Alexandre, mas ele ainda consegue balbuciar seu questionamento.

— A Val teve filhos?

— Filhos, não. Só um. Ela voltou para cá pouco antes de descobrir que estava grávida. O nome desse sapeca é Alexandre, mas a gente chama ele de Alexandrinho, Xandinho ou só de Dinho, mesmo. — O olhar de Valdirene perscruta o rosto aturdido do motoqueiro. — A Valquíria quis que ele tivesse o mesmo nome do pai — completa com pesar.



CAPÍTULO 22 – O RECONHECIMENTO

28/Ago/2015 (sexta-feira)
3º dia do ciclo da lua cheia



DESTRUÍDO. ESSA É A MELHOR PALAVRA QUE descreve a sensação de ruína física que Alexandre experimenta naquela manhã. Por experiências anteriores, ele já sabia que não poderia esperar de Solitário uma noite tranquila. Impedir a metamorfose na primeira noite do ciclo teve um preço alto cobrado pelo caráter temperamental do lobisomem. A espetacular capacidade de cura licantrópica não impediu que o desgaste quase debilitante dos músculos e alguns ferimentos remanescentes ultrapassassem os limites da alvorada.

Alexandre acorda no meio da Chapada dos Veadeiros, longe do local onde está estacionada a moto. Seu corpo, escoriado e dolorido, parece ter sido pego no fogo cruzado da violência enlouquecida resultante do confronto dos rivais de duas torcidas organizadas de futebol. Ele se recompõe da melhor forma que consegue e retorna à cidade para colocar em prática o nobre propósito de incluir seu nome na filiação constante no registro de nascimento de Dinho.

Utilizando da prerrogativa outorgada pelo Provimento nº 16/2012 do Conselho Nacional de Justiça – CNJ, Alexandre se dirige para o Ofício de Registro Civil, Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e de Pessoas Jurídicas da comarca, localizado na Praça do Centro Administrativo de Alto Paraíso de Goiás, para preencher e assinar o termo de reconhecimento espontâneo de filho.

Alexandre aguarda sentado no banco do cartório, enquanto sua mente se distrai do padecimento físico, girando num turbilhão de sentimentos e emoções que ele próprio sequer consegue compreender. De um lado, um pesar profundo arrasta-o num pântano de dor e saudade. Por outro lado, uma alegria infinita busca elevá-lo acima das preocupações mundanas. Seu espírito parece correr o risco de se dividir em dois. Ao mesmo tempo em que perde a mulher da sua vida, ganha um filho cuja existência ignorava absolutamente.

E tal paternidade revela-se nada menos que extraordinária. Embora já tenha ouvido falar vezes sem conta da esterilidade dos agraciados com a dádiva da lua, Alexandre não pode negar a estranha sensação que o atingiu quando tocou a mão do garoto, sedimentando instantaneamente um vínculo afetivo de que ele mesmo não se julgava capaz de sustentar. “Um pai conhece o coração do filho, como só o filho conhece o do pai. Um estranho não entenderia” — ele se recorda de ter ouvido a frase, mas não consegue se lembrar de onde. Contra todas as probabilidades, Alexandre sabe que Dinho é realmente seu filho. Seu coração não alimenta qualquer dúvida a esse respeito.

Depois da revelação a respeito da paternidade, Valdirene convidou Alexandre para conversar em sua casa. Diante de um bule de café e um prato de bolo de milho, ela lhe contou que, assim que ficou internada sob risco de morrer, Valquíria quis ligar para Alexandre a fim de lhe contar sobre o menino.

Valdirene foi contra tal ideia e pensou ter convencido a irmã caçula. Ela não sabia que a doente tinha conseguido contatá-lo até que o viu ao lado do seu leito na enfermaria quatro.

A irmã mais velha acolheu Valquíria após o rompimento amoroso do casal e ficou sabendo das razões que motivaram a volta para a terra natal e o abandono de Alexandre, da cidade grande, do emprego e da carreira almejada. Por isso, Valdirene fazia péssimo juízo dos predicados morais do motoqueiro e acreditava que ele não seria boa influência para o pequeno Dinho.

Foi somente depois de o sobrinho lhe contar a respeito do estranho forasteiro cabeludo que o livrara do ataque dos cachorros que ela se decidira por atender à última vontade da falecida. Ela imaginou que quem se arriscava tanto por uma criança que lhe era completamente estranha, não podia ser de todo mau.

Alexandre é arrancado de seus devaneios pelo chamamento de seu nome. Ele geme baixinho ao se colocar de pé e, ligeiramente trôpego, senta-se em frente à mesa do escriturário.

Realizados os trâmites burocráticos cartoriais, o pedido de retificação do assento será encaminhado para o juiz da comarca, uma vez que Dinho é menor de idade e sua mãe morrera dias atrás. Alexandre guarda uma cópia protocolizada do requerimento no bolso traseiro da calça e se dirige para casa de Valdirene.

Ao chegar, é saudado com um abraço caloroso de Dinho. Pontadas de dor percorrem o local comprimido, mas Alexandre consegue reprimir o queixume.

— Você agora é meu papai? De verdade? — o menino o interpela com um riso cristalino.

No dia anterior, Alexandre concordara que Valdirene preparasse o terreno para não confundir a cabeça da criança. Pelo visto, Valdirene fizera um excelente trabalho.

Sim. Só não sabia disso. Sempre fui seu pai. Sempre serei — é a resposta que ele guarda para si mesmo. Para a criança, ele diz — Sou. Sou seu pai de verdade. O que você acha?

— Acho legal! Beeem legal! — Dinho exclama, virando a cabeça de lado e olhando de soslaio para o pai há pouco descoberto. — Eu posso andar na Cheetara com você? — sonda o terreno, pestanejando os grandes cílios negros.

— Só uma voltinha, se a sua tia não for ficar brava. Depois, quando acharmos um capacete que lhe sirva, você pode andar comigo.

— Oba! — Dinho comemora, socando o ar. — Então, vamos? — questiona com ansiedade incontida.

— Calma. Deixe-me falar com sua tia antes. Depois nós damos um passeio. — Alexandre percebe que Dinho faz cara de desconfiado e frisa a seriedade de seu compromisso. — Prometo. Mesmo. Confie em mim.

Alexandre deixa o menino namorando a moto e entra na casa com seu passo cauteloso. Ele encontra Valdirene na cozinha, ocupada em lavar a louça da manhã.

— O que te aconteceu? — ela pergunta sem preâmbulo ao notar a lentidão e a economia de movimentos do motoqueiro.

— Nada não, só um tombinho besta na moto. — Valdirene torce o nariz. Como a falecida irmã, ela também tem medo do veículo e não deixa de manifestar sua desaprovação. — Nada mais grave que algumas raladas — ele fala em tom ameno para tranquilizá-la, minimizando a gravidade dos estragos herdados de Solitário. — Já fiz o pedido de reconhecimento de paternidade — Alexandre reenceta o diálogo, com o intuito de se desviar do assunto de duas rodas. — Disseram-me no cartório que a tramitação pode levar alguns dias, mas, fora essa demora, acho que não haverá outros percalços. É só um pouco de burocracia — comenta com um dar de ombros.

Valdirene vira-se de frente para o motoqueiro e faz uma avaliação com seus olhos frios enquanto enxuga a mão no avental.

— E você tem certeza sobre levar o menino? É muita responsabilidade e muita dor de cabeça para se assumir de repente, de uma hora para outra. Eu posso muito bem criá-lo aqui. Meu marido e eu já cuidamos de duas meninas e não seria trabalho nenhum tomar conta de mais um.

Alexandre sorri e quando torna a falar parece que exala confiança e ternura por todos os poros.

— Eu agradeço muito. Nem tenho palavras para traduzir minha gratidão, mas eu tenho certeza, sim. Quero o Dinho comigo — confessa com um suspiro profundo. — Ainda não sei como farei para arrumar tudo. Eu preciso de um tempo para fazer os ajustes necessários, mas o que mais quero é tê-lo vivendo junto a mim. Só peço que você continue com ele até que eu possa vir buscá-lo definitivamente.

— Desde que você me traga o traquinas de vez em quando, não tem problema — ela aquiesce, levando a mão ao queixo.

— Pode deixar. Promessa é dívida! E por falar em promessa, eu me comprometi com o Dinho em dar um passeio na moto.

— E você consegue levá-lo nesse estado? — Valdirene indaga, arqueando as sobrancelhas.

— É só uma voltinha, vamos andar dois, três quarteirões, no máximo.

— Cuidado, hein — adverte a zelosa tia.

— Fique tranquila, cuidarei dele como se fosse meu filho — ele ri ao sair pela porta.



Solitário acorda e aguarda a passagem do período inicial de agonia que acompanha seu despertar. Ele reconhece os cheiros a seu redor. Ainda se encontra na região do exilado. Na noite anterior, o lobisomem castanho rondou ininterruptamente por toda a área, mas não encontrou nem sinal de Hati. Hoje, ele fará uma nova tentativa de localizar o ancião indo até sua toca, pois necessita de esclarecimentos do velho licantropo. Sua mente não encontrara nenhum sentido nas palavras da profecia. O que era a lua azul? Qual seria sua cria? E quem seria o mais fraco? Humano ou lobisomem?

Embora Solitário se considerasse superior a Alexandre, o lobisomem não podia ignorar que, apesar da sua força e resistência, ficava à mercê do alvedrio humano. O roubo da primeira noite desse ciclo era a prova cabal da fragilidade de sua condição, quer ele a admitisse ou não.

A lembrança da noite perdida reavivou a brasa de cólera sempre presente no coração da criatura. O castigo físico que conseguiu engendrar com a automutilação no momento em que era tocado pelos róseos dedos da aurora, parecia-lhe, agora, punição insuficiente. Todavia, não lhe sendo possível atingir imediatamente seu alter-ego bípede, Solitário procuraria outro ser humano como alvo. A solidariedade do aborrecimento humano também tinha sua versão licantrópica.

Assim, antes de sair à procura de Hati, Solitário localizaria o gado humano para saciar seu apetite sinistro, aproveitando o ensejo para descarregar suas frustrações.



Àquela hora da noite, as piscinas térmicas do Morro Vermelho já se encontram fechadas, mas o jovem casal aproveita a precária iluminação e a ausência de testemunhas para namorar livremente.

A poucas centenas de metros dali, uma silenciosa sombra segue o rastro mais evidente da presença humana na natureza: uma quantidade crescente de latas e

garrafas vazias, pequenos sacos plásticos e toda sorte de lixo produzido pelo contingente de pessoas que contratam o pacote ironicamente chamado de ecoturismo.

O casal, já sem roupas, está abraçado dentro do pequeno reservatório de águas termais, tão ocupado em dar e receber carícias íntimas, que não percebe a aproximação da fera sobrenatural. Solitário chega até a beirada da piscina e bufa sobre as cabeças da dupla.

Carla grita assustada e se afasta para o meio do tanque. Antônio tem a parte da frente da cabeça arrancada ao olhar para cima. Seu cadáver afunda parcialmente, provocando a dispersão de uma mancha vermelha que tinge lentamente a água. Assistindo ao fim abrupto do amante, a moça avança pelo interior da piscina, espadanando a água num alvoroço descontrolado. Ao alcançar a borda do lado oposto ao do ataque, ela iça o corpo nu, mas um pulo certo do lobisomem a coloca de novo ao alcance das garras e presas da criatura.

Carla vira-se para fugir, mas a mandíbula de dentes afiados arranca a carne suculenta de seu quadril. A metade superior de seu corpo cai de volta ao tanque e ela se engasga ao engolir involuntariamente o líquido carmim do interior do reservatório. Mãos de força prodigiosa agarram suas pernas e ela é erguida de ponta-cabeça até seus olhos ficarem à altura de encarar o par de gemas brilhantes incrustados na face lupina.

Quando é estripada pelas presas da fera, Carla libera sua aflição e seu terror ancestral na forma de um grito agudo que alimenta a sede de vingança do lobisomem, da mesma forma que sua carne sacia a fome da criatura.

Depois de se refestelar nos restos das cascas alquebradas dos amantes interrompidos, o lobisomem castanho toma o rumo do já conhecido refúgio do ancião.

Lá chegando, Solitário se deita no fundo da caverna onde o cheiro da presença de Hati já começa a se desvanecer. Já é quase de manhã e nenhum sinal do exilado.

Enquanto espera pela chegada do sol nascente, Solitário ruma as palavras da profecia. Um trecho em especial se destaca e sobre ele o lobisomem detém particular atenção. “Da cria da lua azul”. “Da cria da lua azul”. “Da cria da lua azul”.



CAPÍTULO 23 – O SAMARITANO

29/Ago/2015 (sábado)
4º dia do ciclo da lua cheia



UM FRIO CORTANTE RECOBRE TODO SEU CORPO. Alexandre sente como se todos os dias frios vividos até aquele momento tivessem se reunido para congelar seu esqueleto. Uma claridade baça pode ser vislumbrada num pequeno círculo acima de sua posição. *É, o inverno está chegando, com certeza* — foi o pensamento que lhe passou sorrateiramente. Um odor sufocante que lembra a cachorro molhado dificulta sua respiração. Ao tentar se levantar, bate a cabeça no teto da pequena caverna. Mantendo-se abaixado, ele rasteja pelo túnel em direção à luz, piscando várias vezes até se acostumar com a claridade da manhã.

Ao olhar em volta, Alexandre reconhece o local. É a mesma ravina onde acordou no dia anterior. Novamente, o motoqueiro desperta a vários quilômetros de seu meio de transporte. — *Você realmente não está me dando um refresco, hein, companheiro?* — A pergunta feita a Solitário fica sem resposta. Alexandre se estica para alongar os músculos e nota, com satisfação, a ausência de dores. — Bom, pelo menos hoje posso me mover sem ficar gemendo. E acho que consigo até

encarar bem a viagem para São Paulo — comenta em voz alta para as árvores ao seu redor.

Alexandre refaz o caminho já conhecido, andando com cuidado ao pisar no chão irregular da floresta até alcançar uma precária trilha aberta no matagal. O piso relativamente livre de obstáculos pontiagudos lhe permite fazer o restante do trajeto correndo em velocidade moderada. Enquanto sua mente relaxa sob o efeito dos movimentos repetitivos do exercício, um estranho conjunto de palavras se repete como ideia fixa pendurada no trapézio do seu cérebro: cria da lua azul, cria da lua azul.



Recolhidos os seus pertences e encerrada a conta na pousada, Alexandre passa na casa de Valdirene para se despedir antes de seguir viagem. Dinho ainda está dormindo, então ele apenas beija levemente a testa da criança.

— Você vai embora, papai? — a criança pergunta, ainda sonolenta, com a voz meio aguda falhando pelo desuso prolongado.

“Papai”. O pequeno o chama pelo nome mais verdadeiro a que um homem pode aspirar. Especialmente um homem que já havia abdicado de seu direito à progênie.

— Vou, filho — “filho”, a doce palavra brinca em sua boca —, mas eu volto logo e, aí, levo você para morar comigo.

— Eu queria... que a mamãe... fosse com a gente... — Tão logo as palavras são ditas, o menino volta a adormecer.

— Eu também, filhote. Eu também. — Alexandre afaga suavemente os cabelos da criança antes de se afastar.

Ao sair do quarto, o motoqueiro encontra Valdirene parada no corredor.

— Você já está indo? — ela pergunta baixinho.

— Sim. Não tenho muita escolha, eu preciso ir hoje. Tenho um compromisso inadiável em São Paulo antes de voltar para Londrina — explica, limpando o suor que começa a porejar na testa.

— Olha, isso aqui era da Val, e eu acho que ela gostaria que ficasse contigo. — Valdirene estende um pequeno embrulho para Alexandre.

Ele pega o pacote e reconhece no conjunto de papéis algumas cartas e bilhetes que escreveu para Valquíria, além de algumas impressões de mensagens eletrônicas também a ela endereçadas. O pequeno maço de correspondências está amarrado com a tira de couro que, por muitos anos, ele usou no pescoço e, num dia distante, atou ao pulso de Valquíria, sem saber que o gesto acabaria também por unir seus destinos.

Um nó em sua garganta o impede de expressar verbalmente seu agradecimento. Alexandre abraça Valdirene e sai em silêncio, com uma nova torrente de lágrimas lhe banhando a face.

As cartas são cuidadosamente guardadas no alforje.



Mesmo em agosto, o vento vindo do cerrado sob o sol do meio-dia é quente e seco. Alexandre para, a fim de abastecer a moto, e aproveita para jogar uma garrafa d'água gelada por baixo da jaqueta reforçada e do colete do MC. Ele sabe que, assim que voltar para a estrada, a roupa tornará a secar mais rapidamente do que se estivesse numa secadora industrial, mas o alívio momentâneo propiciado pelo contato do líquido frio com a pele é imenso.

O toque refrescante da água, no entanto, não possui o condão de aliviar o padecimento que oprime seu coração. A mão esquerda toca no alforje. Enquanto

sente os quilômetros de asfalto passar sob suas rodas, ele tenta se convencer de que sua vida ainda poderá seguir no mesmo curso, pois já vivia por anos e anos afastado de Valquíria, sem nenhum contato ou, ao menos, uma simples troca de palavras.

No entanto, agora há um vazio cavado pela perda definitiva que a mente racional não é capaz de abarcar em sua completude. Por mais improvável e louca que fosse sua esperança, Alexandre sempre nutriu o anseio de poder reatar os laços de afeição rompidos sob o tacho da lua cheia. Seu amor é tão imenso que, se pudesse verter sua alma em sílabas, a força daquele sentimento reverberaria, sem esmorecer, pelos séculos vindouros. Os sete mais sete anos de trabalho de Jacó lhe parecem mero afazer corriqueiro que ele executaria sem descansar. Porém, sem sua Raquel, Alexandre faz coro com o poeta caolho e pergunta: como pode, para um tão longo amor, ser tão curta a vida?

Como ele pode continuar vivendo sem ter a quem destinar tal sentimento? Seja pela resiliência característica do espírito humano, seja pela simples necessidade de preservar sua sanidade, a resposta vem na forma de um sorriso infantil. Valquíria lhe confiara a responsabilidade por aquele que deveria ser o centro de seu mundo. E agora passara a ser o ponto convergente das preocupações e atenções do motoqueiro.

Alexandre solta novamente a manopla esquerda do guidão, mas dessa vez a mão é colocada sobre o bolso traseiro da sua calça. Ele sente a leve resistência do precioso pedaço de papel dobrado contendo o requerimento para reconhecimento de sua condição de pai. Passa, então, a traçar os detalhes da nova vida que planeja: encontrar uma escola, arrumar um novo quarto com móveis infantis, comprar um carro para transportar seu rebento e todas as dezenas de pequenas coisas imprescindíveis ao dia a dia de quem tem criança em casa.

Alguns detalhes, todavia, são evitados intencionalmente: como compatibilizar aquele ser em crescimento com a sombra licantrópica que ganhava vida nas noites

de lua cheia? Mais importante ainda: como criar seu filho sem o conhecimento da alcateia e, especialmente, longe do alcance do alfa.

Uma fila de veículos, com as luzes de emergência acesas e parados no meio da rodovia, arranca Alexandre dos seus devaneios. Ele estaciona a motocicleta no acostamento e liga o pisca-alerta.

Um grave acidente automobilístico envolvendo um caminhão e um ônibus de turismo acabara de ocorrer. O veículo transportando passageiros foi jogado para fora da estrada e capotou até parar no fundo de um barranco. Várias pessoas foram arremessadas do interior do ônibus e estavam espalhadas pela ribanceira.

Alexandre tem o impulso inicial de subir na moto, passar pelo meio dos veículos e continuar sua viagem, mas alguma coisa parecia ter se alterado em seu âmago. Os gritos de socorro que chegavam aos seus ouvidos tocavam um incipiente sentimento de empatia que parecia ter surgido com a paternidade recentemente descoberta. O mero pensamento de que seu filho um dia poderia estar numa situação semelhante, precisando desesperadamente da ajuda de estranhos, tornou-o mais sensível ao sofrimento alheio.

Assim, imbuído daquele novo e quase desconhecido sentimento de solidariedade, Alexandre pendura o capacete na moto e desce pela encosta da ravina até uma das vítimas, um jovem rapaz jogado sobre arbustos de galhos finos e espinhosos. Num rápido exame visual, o motoqueiro não encontra nenhum sangramento abundante que precise ser estancado e comunica o fato ao rapaz, na tentativa de tranquilizá-lo.

A inclinação acentuada do terreno e o peso do jovem acidentado, que continua agitado e emitindo gritos de dor, não possibilitam que Alexandre, sozinho, leve-o de volta à estrada. Depois de alguns instantes, outro samaritano carregando uma maca surge ao seu lado. Juntos, os dois conseguem colocar o rapaz sobre a padiola, porém a dupla não reúne forças suficientes para vencer o aclive com a carga adicional da vítima.

Realizadas algumas tentativas que restaram infrutíferas, Alexandre olha para cima e vê diversas pessoas paradas junto à beira do talude como um bando de urubus.

— Vocês vão ficar parados assistindo, porra? — Alexandre grita para os espectadores. — Desce alguém aqui para ajudar, caralho!

Admoestação feita, alguns rapazes passam a auxiliar no resgate às vítimas. Com mais três pares de mãos, o ferido é içado e colocado sobre a carroceria aberta de uma caminhonete. Alexandre está em cima do veículo ajudando a acomodar a maca e sua carga quando a caminhonete começa a se mover.

— Fica tranquilo, daqui a pouco a gente está no hospital que é logo ali. — Alexandre ouve a voz do motorista por cima dos murmúrios do jovem socorrido.

O motoqueiro pensava em descer da caçamba do veículo, mas mudou de ideia ao ouvir o aviso do motorista. Nascido e criado na capital paulista, Alexandre desconhece os parâmetros de medição das pessoas que vivem no interior, longe dos grandes centros urbanos. O “daqui a pouco” dura quase vinte minutos e o “logo ali” está a vários quilômetros do local do acidente.

Quando a vítima aos seus cuidados é finalmente recebida no pronto-socorro (longe, muito longe do local do acidente), Alexandre busca com os olhos a localização do motorista que os transportara até ali, mas não encontra nem sinal dele ou da caminhonete. Pelos corredores do hospital, ele encontra um policial rodoviário que também prestou socorro às vítimas ejetadas do ônibus. Ao ouvir, com um amálgama de incredulidade e divertimento, sobre a embrulhada em que o motoqueiro está metido, o prestativo policial se compromete a auxiliá-lo a retornar para o local do acidente, onde, com um pouco de sorte, encontrará a moto estacionada.

Alexandre é levado até o trevo que corta a rodovia onde ocorreu o sinistro. Lá, o policial consegue parar um caminhão que aceita dar uma carona ao motoqueiro.

É com alívio indisfarçável que ele indica ao caminhoneiro o local onde deseja desembarcar, praticamente em frente à motocicleta estacionada. Como prêmio pela boa ação praticada, as pessoas que passaram por aquele local não levaram seu capacete ou seu alforje.

De volta à estrada, Alexandre calcula a distância que falta para alcançar as cercanias do motoclube e observa a posição do Sol, parcialmente encoberto por nuvens e perigosamente próximo das montanhas desenhadas no horizonte. A carruagem de Heliús já findava seu trajeto diário e não lhe restava muito mais que uma hora até o poente e a inevitável transformação.

Alexandre avança em alta velocidade pela rodovia até cruzar a divisa entre os Estados de Minas Gerais e São Paulo. Na altura do Km 444 da Rodovia Anhanguera (SP 330) ele toma uma via marginal que dá acesso à parte de baixo de um viaduto.

Na lateral da rotatória que acessa o elevado, há uma estrada secundária não asfaltada que parece levar de nada a lugar nenhum, circundando as grandes propriedades rurais contíguas à rodovia. Nessa via de terra, uma grande árvore encontra-se ao lado de uma precária porteira onde uma placa enferrujada indica a proibição de estacionar.

Alexandre estaciona Cheetara atrás da árvore para que fique parcialmente oculta por quem transitar pelo viaduto ou seu acesso. Ele toma o cuidado de calçar o cavalete lateral com uma pedra. Fora do asfalto, a terra fofa normalmente cede ao peso da moto, derrubando-a. Adotada a cautela, Alexandre pendura o capacete, a jaqueta e o alforje num galho alto.

Depois de marcar o local com a própria urina, o motoqueiro salta por sobre a porteira e segue por uma das trilhas. Dentre aquelas grandes áreas cultivadas, certamente encontrará uma pastagem tranquila onde animais poderão saciar o apetite do companheiro lupino cuja presença já começa a se anunciar.

A chegada a São Paulo, inicialmente prevista para o final daquela tarde, foi bastante atrasada em razão dos momentos perdidos no socorro ao rapaz a quem nem mesmo perguntou o nome ou disse o seu. Um gesto anônimo, insensato e algo desnecessário de compaixão para com outro ser humano. Ele até podia imaginar as exatas palavras que Cézar usaria como reprimenda pelas suas ações: “Tu ficou de miolo mole, amizade? Agora vai fazer o quê? Vestir roupa colante, pôr a cueca para fora da calça e sair pela noite salvando humanos e vaquinhas? Ou você só se importa com um tipo de hambúrguer?”

Pensando melhor, Alexandre conclui que não somente aquele episódio, mas toda a viagem e as informações a ela concernentes deveriam ficar a salvo do conhecimento dos membros do motoclube, mormente do alfa e do beta da alcateia.

Por diversas vezes, ele teve a impressão de que os olhos duros e frios da dupla eram capazes de enxergar bem mais do que se poderia supor, devassando segredos que se buscava sepultar e intenções que se acreditavam ocultas.



Quando, da cria da lua azul, o coração a fera devorar,
Uma Sombra perene o homem vai acompanhar.



CAPÍTULO 24 – O ARDIL

05/Jun/2007 (terça-feira)

Quarto minguante



O GIGANTE FECHOU A MÃO TÃO FORTEMENTE QUE AS unhas se enterraram em sua palma. Sentado nos fundos de um boteco de péssima reputação e condições sanitárias ainda piores, Cézar deu uma forte marretada com sua mão no tampo de madeira à sua frente após ouvir o relatório de investigação de seu segundo em comando. As garrafas de cerveja precariamente equilibradas sobre a mesa tilintaram, desestabilizando-se com a violência da pancada. O charuto, colocado na beirada do móvel, rolou para o chão.

— Como assim “uma namorada”? — esbravejou o presidente do Lobos do Asfalto, trincando o maxilar. — Esse putardo tá de sacanagem com a minha cara? Que parte da regra de “sem vínculos com o gado humano” ficou difícil de entender?

Maurício limitou-se a dar de ombros. O encontro foi marcado pelo gigante, fora das dependências do motoclub, para manter, apenas entre os dois, o assunto da espionagem sobre as escapadas de Alexandre.

— Tu tem noção de há quanto tempo isso tá rolando? — indagou Cézar, com os olhos injetados de sangue.

— Pelo jeito, coisa pouca. Uns dois meses... — Mau olhava fixamente para o chefe, pronto para se afastar e escapar de um safanão gratuito e inesperado. Com o temperamento explosivo e inconstante do gigante, todo o cuidado era pouco.

— Conseguiu ver o endereço da vadia? — perguntou com os lábios crispados.

Maurício colocou um pequeno pedaço de papel debaixo de uma das garrafas.

Cézar apanhou o documento e correu os olhos rapidamente por seu conteúdo. O característico lampejo de maldade brilhou em seu olhar.

— Ora, ora, macacos me mordam se tu não é o filho da mãe mais meticoloso e eficiente que eu conheço!

— Quer que eu cuide disso... do mesmo jeito que resolvi a questão daquele amigo dele, o caiçara? — Mau questionou sem emoção.

— Não, não — negou, balançando a cabeça lentamente, de um lado para o outro. — Duas mortes ligadas ao cara em tão pouco tempo? E ainda por cima de pessoas muito próximas? Não, isso vai acabar levantando suspeitas e agora eu faço questão de ter esse filhote no bando. Alguém com conhecimento jurídico pode ser um recurso valioso e quebrar um galho com a lei no futuro, como ele já fez com o Deive... — Cézar acendeu outro charuto e tirou profundas baforadas antes de tornar a falar. — Pode deixar essa questão na minha mão. Tô bolando um jeito de resolver isso, de uma vez por todas. E, de quebra, ainda corto as asinhas desse malandro.

Maurício acenou com a cabeça e se retirou rápida e silenciosamente, como uma lufada de vento.

— Ô, amizade! — Cézar gritou para o dono do bar. — Vou precisar de papel e caneta.



Cézar ergueu uma folha preenchida com sua letra irregular, olhando-a com satisfação. Ele sacudiu as cinzas do charuto que se acumularam sobre a carta durante a produção do texto. Aquele ordinário pedaço de celulose, que escapou do mesmo destino das diversas bolas de papel amassado que cercavam a mesa do gigante, iria interferir seriamente na vida de Alexandre.

Antes de dobrar a folha, Cézar revisou, pela última vez, seu conteúdo.

Dona Valquíria,

Me desculpa por não te falar pessoalmente ou ter coragem de assinar esta carta, mas a vergonha que sinto me impede de fazer isso.

Sou casado há dez anos e tenho dois filhos pequenos e recentemente descobri que minha mulher está me botando chifres.

Meu trabalho como vendedor me afasta de casa mais do que eu gostaria. Um vizinho até que tentou me abrir os olhos, mas, de início, não dei crédito nas fofocas.

Recentemente descobri que minha mulher está fazendo planos de me abandonar e levar meus filhos junto.

Sabendo disso, voltei um dia mais cedo da minha última viagem e tinha uma moto estranha estacionada na minha

garagem. Vi, com meus próprios olhos, minha mulher se agarrando com outro homem.

Quando ele saiu, segui o cretino até o endereço em que deixo esta carta.

Descobri com o porteiro que aí é a casa da senhora, e não do motoqueiro, e que ele é teu namorado. Não gosto de ser portador de más notícias, mas acho que a senhora tá sendo tão enganada quanto eu.

Sei que não tenho o direito de te pedir nada, pois a gente nem se conhece, mas, como pai desesperado, tomo a liberdade de humildemente te rogar pela integridade da minha família.

Sou capaz de perdoar minha mulher pelo amor que tenho às minhas crianças, mas de nada adianta meu perdão se ela fugir de casa.

Faço tal pedido à senhora, pois o restinho de orgulho que resta, me impede de fazer isso para o homem que está dormindo com minha mulher.

Viajo de novo no final do mês e só volto no dia 10 de agosto. Tenho medo de retornar para uma casa vazia.

Por favor, convença seu namorado a não destruir o lar dos meus filhos.

Obrigado e que Deus te abençoe.

Porra, eu sou foda! — Cézar pensou, aprovando o resultado final de seu trabalho garatujado.

Ele colocou a carta dobrada no bolso do colete do MC junto com o papel entregue por Maurício. Agora, ele decidiria o momento certo para entregar a missiva no endereço da namoradinha de Alexandre.



CAPÍTULO 25 – O ROMPIMENTO

30/Jun/2007 (sábado)
4º dia do ciclo da lua cheia



O DIA ESTAVA PERFEITO! NÃO HAVIA SEQUER lembrança da primeira rusga do casal, ocorrida no último plenilúnio. A questão foi resolvida rapidamente: no feriado prolongado do final de semana seguinte ao desentendimento, Alexandre chegou na manhã de quinta-feira (dia do *Corpus Christi*) e foi embora quase na hora do almoço da segunda-feira. Durante todo o tempo que passou na companhia de Valquíria, fez questão de se desdobrar em cuidados e atenções. Explicou a necessidade de se ausentar ocasionalmente para junto dos companheiros do motoclub como um imperativo masculino de preservação do tempo individual. Com exceção de tais noitadas no MC, ela teria todo o restante dos dias e das horas disponíveis para usufruí-lo junto ao motoqueiro, a seu critério e sob suas condições. A justificativa foi aceita, embora não de bom grado.

Para alívio de Alexandre, o pernicioso fantasma de Melissa, a quem ele apelidara “carinhosamente” de cachorra desgracenta, já se encontrava afastado o

suficiente para ficar de fora do apartamento enquanto dava suas explicações.

Assim, naquele bonito dia de inverno, Alexandre levou Valquíria para uma pequena excursão turística. Apesar de morar há apenas alguns anos em São Paulo, Valquíria levava uma vida típica de paulistana. Suas opções de entretenimento a levavam a decidir qual dentre os inúmeros Shopping Centers da cidade iria visitar. Não tendo vindo fazer turismo na capital, ela desconhecia a imensa gama de programas de lazer disponíveis.

O casal foi ao Zoo Safári (que Alexandre insistia em chamar de Simba Safári, antigo nome do parque ao tempo em que ainda morava em São Paulo). A despeito do frio, os bichos foram bastante receptivos. Valquíria se assustou quando o atrevido avestruz (*Struthio Camelus*) — que mais lembrava um dinossauro do que uma ave — colocou sua feia cabeça dentro do carro e bicou a caixinha de ração adquirida para alimentar os animais. Ela riu quando um bando de macacos-prego (*Cebus sp*) deixou marcas de barro na forma de minúsculas pegadas ao subir no capô de seu Astra branco para disputar um lugar privilegiado sobre o espelho retrovisor na tentativa de capturar, pelo pequeno vão aberto das janelas do veículo, as flores rosadas que a moça passava por tal abertura. Tais flores foram colhidas numa alameda bem próxima ao portão que separava o setor dos extrovertidos primatas e seu doce néctar os atraía com um magnetismo infalível. Valquíria fingiu ficar aborrecida quando um endiabrado macaco-prego, o bicho mais bonito do terreiro, encontrou diversão ao bater o limpador de para-brisa contra o vidro.

No decorrer do passeio, todos os bichos que se aproximaram do carro o fizeram pelo lado da bela motorista, evitando cuidadosamente o homem sentado no banco do passageiro, mesmo quando apenas Alexandre segurava a caixa de ração, o que se tornou motivo de piada para Valquíria. Ela disse que eles reconheciam seu bom coração e seu amor incondicional pelos animais. Alexandre, por seu turno, debitava todo o receio dos bichos ao medo atávico de reconhecer um predador colocado acima na cadeia alimentar.

A proximidade da quarta noite daquela fase lunar, a lua cheia plena, mantinha Solitário inquieto e muito próximo da superfície do plano mental humano.

Ademais, mesmo que Alexandre desconhecesse o fato, a coincidência do perigeu^[15] com o plenilúnio preparavam, para aquela noite, o surgimento de um astro branco de maior diâmetro angular e brilho muito mais intenso. Tal conjunção astronômica a que damos o nome de superlua, além de inspirar belas estrofes aos poetas apaixonados, alargava a capacidade de influência do lobisomem sobre o comportamento humano durante o dia e aumentava a sede de sangue da raça licantrópica durante a noite.

Saindo do Zoo Safári, o casal tomou o rumo da bonita e bem cuidada lanchonete no bairro da Aclimação sugerida por Alexandre.

— Agora que nós estamos juntos — Valquíria perguntou com sua voz doce —, você vai deixar de ser o Solitário?

— O quê? — Alexandre engasgou ante a pergunta. — Como assim?

— É isso que está bordado no seu colete, não é? É seu nome de guerra ou coisa assim?

— É. É uma coisa assim. *Agora que tenho você acho que preferia não ser mais Solitário.* — Ele não conseguiu evitar o pensamento e teve dificuldade para conter a ira lupina que ameaçava derrubar as barreiras mentais de sua psique.

Ao chegarem a Achapa, o motoqueiro acrescentou uma porção de batatas fritas e um pote de maionese ao pedido dos lanches e das bebidas.

— Você não acha muita coisa? — questionou Valquíria.

— Vale a pena. Acredite em mim. Vale a pena.

Logo que começou seu almoço, Valquíria se recostou na cadeira.

— Nossa, isso é uma delícia! — suspirou, semicerrando os olhos sonhadores que hipnotizavam o rapaz.

Alexandre debruçou-se sobre a mesa até ficar com o rosto bem próximo da parceira. Com vagar, ele percorreu com a língua um canto da boca e selou o toque com um beijo, terminando-o com um leve morder no lábio inferior.

— Tem razão, é mesmo uma delícia! — assentiu maliciosamente.

— Eu estava falando da maionese... — ela explicou, recuperando o fôlego.

— Eu também.

— Palhaço! — Um míssil na forma de um palito de batata frita cruzou o ar, atingindo seu alvo. — Falando sério, agora. — Valquíria levantou-se da cadeira e ocupou um lugar no banco estofado ao lado de Alexandre. — Eu estou muito feliz.

— Você me faz feliz, Val.

— Alê — foi a vez da moça colar seu rosto ao de Alexandre. Com os lábios tocando ligeiramente a boca do motoqueiro, ela sussurrou a clássica (mas nunca desgastada ou supérflua) frase dos enamorados. — Eu te amo.

— Eu sei — disse ele. Para Valquíria, a declaração carregava maior significado de reciprocidade que o esperado “eu também te amo”. Um beijo apaixonado do cafajeste na princesa interrompeu momentaneamente o almoço.



Enquanto voltavam para o apartamento de Valquíria, os namorados guardavam silêncio, cada qual perdido em seus próprios pensamentos, travando uma diferente e particular batalha psíquica.

Ela afastava a possibilidade de serem verídicas as acusações lançadas na carta apócrifa. Valquíria não podia acreditar que o homem a seu lado fosse capaz do comportamento pérfido descrito na missiva. De mais a mais, a moça não engolira as explicações canhestras sobre a necessidade do anonimato do acusador. Por outro lado, um pequeno verme metafórico de insegurança insistia em rastejar em seu relevo mental: por que ele insistia, categórica e veementemente, em se afastar dela algumas noites?

Alexandre, por sua vez, lutava para manter sob controle os ímpetos violentos de Solitário. Cada vez que alguém cortava a frente do carro, ele sentia vontade de pisar no acelerador e atingir o veículo do motorista imprudente.

Valquíria percebeu que seu companheiro apertava fortemente o assento a cada barbeiragem que se desenrolava à sua frente. Para amenizar o clima de tensão, ela teceu um comentário inocente.

— Sabe, meu ex-noivo não se incomodava tanto com o trânsito. Parecia até que ele tinha sangue de barata. Uma vez, um cara estacionou de frente numa vaga em que ele já estava manobrando para entrar de ré. Sabe o que ele fez?

— Não. Qual foi a atitude do cramunhão? — ele perguntou, de maus bofes.

— Quem?

— O cramunhão. Você só chama a criatura pelo título. É sempre ex-noivo, ex-noivo... Se ele é o inominado, o sem-nome, escolhi chamar de cramunhão, mas ainda tem outros apelidos: o diacho, o coisa-ruim, o sete-pele, o mochila-de-criança, pode escolher... — escarneceu, virando a face para o lado oposto ao da moça.

— Ah, que bonitinho! Não fica com ciúmes, não — ela brincou, ignorando o acesso de mau humor com um simples tapinha na perna de Alexandre. — Como eu estava dizendo, sabe o que o mosca-morta fez? Desceu do carro e seguiu o cara por

uns trinta metros choramingando “por favor, a vaga era minha”. Ai! Fiquei com tanta raiva! Eu mesma quase desci do carro e sentei a mão na cara daquele folgado.

Alexandre não conseguiu deixar de rir. A estrutura delgada de Valquíria, aliada à sua baixa estatura feminina, não teria o condão de intimidar um homem adulto. Mas ele também sabia que o tamanho, por si só, podia enganar: era nos menores frascos que se encontravam os melhores perfumes... e os piores venenos.

Nesse momento, Valquíria parou o Astra em respeito ao sinal vermelho do semáforo. O veículo que vinha atrás, um Celta preto rebaixado, não freou a tempo de evitar uma leve colisão traseira. Além do barulho do abalroamento, as janelas do carro vibraram com as pancadas de ondas sonoras de intensidade avassaladora que escapavam dos potentes alto-falantes do Celta. Luciano, o motorista do carro de trás, parecia querer compartilhar com a população do bairro seu duvidoso gosto musical, mesmo ao preço da deterioração do sentido de audição.

Valquíria puxou o freio de mão e o casal desceu do carro para avaliar o estrago, mas nenhum dano aparente pôde ser notado no para-choque do Astra. Ela postou-se ao lado da janela do incauto motorista e começou a reclamar de sua falta de atenção. Aborrecido com o gestual da reprimenda (uma vez que lhe seria impossível ouvir a voz da mulher por sobre as ensurdecedoras batidas sincopadas que procuravam emular um ritmo musical), Luciano tentou escapar do local e, para tanto, forçou sua passagem empurrando o Astra parado com a parte dianteira do Celta.

Ao notar a movimentação do veículo tunado (designação que ele atribuía a qualquer automóvel personalizado com acessórios despiciendos e de alto custo), Alexandre utilizou parcimoniosamente a selvageria latente de Solitário e desferiu uma forte pezada na lateral esquerda do Celta, amassando a lataria e estilhaçando o farol com o salto de sua bota.

Ignorando o perigo representado pela índole irascível do agressor, insuflada pelas variações lunares, Luciano abriu a porta do Celta e empurrou Valquíria ao

desembarcar do carro. Com a violência do repêlo, ela caiu no asfalto.

Ao ver a mulher caída, Luciano se movimentou para armar um covarde chute em vingança aos danos provocados em seu carro. Nessa hora, Alexandre perdeu o controle de seu próprio corpo para a fera. Seus olhos brilharam num discreto tom vermelho quando ele se lançou deslizando por sobre o capô do Celta. Sua velocidade espantosa foi interrompida quando o flanco direito de Luciano serviu de obstáculo à trajetória do pé do motoqueiro. O golpe acertou a região abdominal superior, atingindo o fígado. Uma dor incapacitante interrompeu o movimento da perna que ensaiava um pontapé em Valquíria. A força do ataque também repercutiu no nervo frênico, interrompendo a respiração e fazendo com que o motorista do carro preto desabasse sobre o joelho.

Surpreso com a súbita explosão de hostilidade, Luciano virou a cabeça para cima para tentar pedir calma ao agressor. Antes que qualquer palavra pudesse ser proferida, o punho fechado de Alexandre atingiu o nariz do homem ajoelhado, fraturando ossos e cartilagens. Luciano levou as mãos à região marcada pela óbvia deformidade provocada pelo afundamento do septo, uma inútil e vã tentativa de conter o volumoso derramamento do espesso líquido vermelho oriundo da grave hemorragia nasal.

— NÃO OUSE TOCAR NELA! — Alexandre vociferou, desatinado.

Embora espantada com a erupção de fúria e a bestialidade do ataque, Valquíria não perdeu tempo em conduzir seu defensor de volta ao Astra e continuar o caminho para casa.

Quando conseguiu chegar à garagem do seu apartamento, as mãos de Valquíria já haviam parado de tremer. Ela olhou de soslaio para o banco do passageiro. Alexandre mantivera-se calado e de olhos fechados durante todo o percurso. Ele tentou começar um pedido de desculpas, mas Valquíria se atirou calorosamente em seus braços. Nunca antes fora defendida com tanto vigor e o fato de que o acesso

de brutalidade surgira como salvaguarda de sua integridade, tendo como único escopo a sua proteção, não lhe escapou como mero detalhe.

De alguma forma, o botão do elevador foi pressionado. De alguma forma, uma chave foi encontrada na bolsa e girada na fechadura da porta. De alguma forma, um iPhone passou a reproduzir uma *playlist* de músicas românticas. De alguma forma, as roupas que eles usavam foram retiradas e forraram o caminho que levava da porta do apartamento até o quarto.

Não pergunte ao casal como tais eventos se deram, pois eles estavam concentrados em respirar nos pequenos intervalos de um beijo infundo. Tais coisas simplesmente aconteceram. De alguma forma.



A tarde ia avançada quando Alexandre saiu da cama. Valquíria passou a mão pelo espaço antes ocupado pelo namorado, ainda sentindo o calor abrasador e marcante de seu corpo. Ele se apressava para escapar para o motoclube e não correr o menor risco de libertar sua contraparte na presença da amada.

Enquanto Alexandre vestia as roupas com sofreguidão, uma bonita canção na língua espanhola tocava no aparelho da sala. A melancolia da cumbia *Aunque No Sea Conmigo* combinava com o momento da despedida dos amantes.

A placer, #

♪ *Puedes tomarte el tiempo necesario*

que por mi parte yo estar esperando

el día en que te decidas a volver

y ser feliz como antes fuimos. ♪

Ao ver Alexandre se preparando para sair, Valquíria abraçou suas costas.

— Não vai, não — pediu-lhe baixinho. — Fica hoje comigo.

— Você sabe que hoje eu não posso...

— Então fica só mais um pouquinho.

Em silêncio, Alexandre continuou a vestir suas roupas. Seus atos trouxeram à lembrança de Valquíria as severas acusações lidas na carta: “**minha mulher está me botando chifres (...) se agarrando com outro homem (...) ele é teu namorado**”.

Sé muy bien, ♪

que como yo estarás sufriendo a diário

la soledad de dos amantes que al dejarse

están luchando cada quien ♪

por no encontrarse...

— Posso ir com você ao motoclube? — suplicou com voz sumida.

— Ô, Val. Desculpa, mas a reunião hoje é só para os membros da diretoria do MC. Além disso, você não ia gostar do pessoal. São todos uns grosseirões.

— Eu posso te esperar no estacionamento ou ali por perto – ela implorou, desesperada para afastar a suspeita que começava a se formar. *Não pode ser verdade! Ele não pode estar indo se encontrar com outra mulher! Principalmente*

não hoje, não depois de tudo que passamos juntos! “**Não gosto de ser portador de más notícias, mas acho que a senhora tá sendo tão enganada quanto eu.**”

*Y no es por eso, #
que halla dejado de quererte un solo día
♪ estoy contigo aunque estés lejos de mi vida
por tu felicidad ♪ a costa de la mía.*

Com uma mão, Alexandre colocou as palmas de Valquíria sobre seu peito. Com a outra, ele levantou o queixo da moça para que ela pudesse olhar diretamente em seus olhos.

— Eu preciso ir sozinho, Val — decretou peremptório.

— Por quê? — ela choramingou em tom magoadado. — Só explica pra mim! Mas me fala a verdade, não essa bobagem de reunião no motoclube. — Os olhos marejaram de lágrimas. — Por que você tem que sair agora? Por quê? *Porque você tem outra? Porque você não me ama de verdade e só está me enganando?* “**Por favor, convença teu namorado a não destruir o lar dos meus filhos**”. *Não, deve ter uma explicação. Por favor, me fala!* — As dúvidas tinham criado raízes definitivas e logo se transformariam em verdades incontestáveis. As palavras insidiosas da missiva anônima finalmente tinham conseguido seu intento.

— Olha, Val, eu tenho que... É que eu preciso... — ele ensaiou uma resposta, mas contar o real motivo da sua fuga naquele momento não era uma opção. Ele desistiu de explicar o inexplicável e soltou as mãos da moça, dando um longo

suspiro resignado. — Você vai ter de confiar em mim, ok? — Alexandre beijou a testa de Valquíria e saiu sem esperar por uma resposta.

Pero si ahora tienes,

tan solo la mitad ♪ del gran amor que aun te tengo

puedes jurar que al que te quiere lo bendigo #

quiero que seas feliz...

♪ aunque no sea conmigo...

Na soleira da porta, Valquíria ergueu a mão direita para secar as lágrimas que corriam pelos olhos vermelhos e já inchados. Notou a tira de couro que se molhou com o pranto que escorria pelo pulso fino e desatou o nó que simbolicamente a ligava a Alexandre.



Quando, da cria da lua azul, o coração a fera devorar,
Uma Sombra perene o homem vai acompanhar.



Então, a maldição da qual se busca a cura
Encerrará com o mais fraco enterrado na loucura.

CAPÍTULO 26 – A REVELAÇÃO

30/Ago/2015 (domingo)
5º dia do ciclo da lua cheia



AS MOTOS ESTÃO PARADAS NUM DOS LADOS DO grande estacionamento com chão de cascalho. Na outra ponta, encontra-se a velha Kombi recoberta pela sujeira acumulada ao longo dos anos (Alexandre não se recorda de, nem uma única vez, ter visto Deive lavar o veículo), não sendo um exagero qualificá-la como um chiqueiro, pois, possivelmente, haverá um ou dois porcos vivos guardados em seu interior. Uma fumaça branca escapa da chaminé do galpão, indicando que a churrasqueira do motoclube já se encontra acesa.

O cenário não poderia ser mais familiar. Tudo se encontra da mesma forma, mas Alexandre se sente estranhamente deslocado. Aquele seu pequeno pedaço do mundo não se alterou em nada, mas ele próprio está irremediavelmente mudado. Desde o último encontro com seus irmãos de alcateia, Alexandre teve o coração dilacerado ao reencontrar e tornar a perder a única mulher de sua vida. Desde a última caçada com sua família lupina, ele descobriu um pequeno milagre na forma de uma continuação de sua linhagem, sem qualquer conexão à dádiva da lua.

Desde a última vez que pisou no motoclube, descobriu na paternidade um amor e uma responsabilidade que o reconectou à humanidade que julgava já ter abandonado.

— Porra, há quanto tempo não te vejo, mano! Já estava até com saudade! — Marcelo, como sempre, intercepta Alexandre no meio do caminho cimentado que leva ao galpão aberto e o acompanha com a mão deitada em seu ombro.

— Não deu para vir antes. Tive que resolver alguns probleminhas. — A voz de Alexandre vacila, apesar do seu esforço em aparentar calma e tranquilidade.

— Você sabe que pode contar com a gente se precisar, não sabe, companheiro? — Eric abre os braços e envolve o recém-chegado num forte abraço, tentando extrair todo o ar de seus pulmões sem quebrar nenhuma costela. Por pouco, a resistência ordinária de um par de ossos não compromete o objetivo do viking moderno.

— Hunf! Sei, meu amigo. Sei, sim — Alexandre confirma entre arquejos. — Fala, Mau. — O cumprimento é retribuído com um leve aceno de cabeça. Maurício continua a tragar seu cigarro num canto da construção. — Foram só questões profissionais — Alexandre completa —, nada muito importante, mas não deu para me afastar de Londrina.

— Mas era importante o suficiente para tu ficar várias noites de lua cheia longe do grupo. — Cézar está de pé, em frente à churrasqueira, manuseando os espetos de carne. Ele sequer se digna a olhar na direção de Alexandre enquanto lhe dirige as palavras de reprovação.

— Apesar de tudo, eu ainda preciso manter meu emprego, xará. Nem o MC, nem o Solitário garantem meu ganha-pão.

— A alcateia garante mais que um salário, putardo! Ela garante teu couro... — Os olhos de Cézar pousam em Alexandre e não se desviam ao acender o charuto.

— Ei, agora eu estou aqui, não estou? — Alexandre sustenta o olhar do gigante.
— E cadê o Deive?

— É, cadê o gordinho? Gordinho? Uh, uh! Cadê o gordinho?

— Nossa, essa tua imitação de Bicudo nunca perde a graça, ô, filet de borboleta! — Deive chega ao galpão e pespega um ardido pescotapa em Marcelo.
— Firmeza, mermão? — Deive puxa Alexandre num abraço caloroso, retribuído com tapinhas nas costas do rotundo amigo.

César puxa um dos espetos e, com a carne ainda pingando sangue, descarrega-o numa bandeja colocada sobre a mesa de plástico no centro do recinto.

— Buenas, chega de papo e vamos comer.

O presidente do motoclub observa, desgostoso, quando Alexandre se adianta aos demais para pegar o primeiro pedaço de carne.

Depois que cinco quilos de carne desaparecem após uma breve pausa sobre as brasas da churrasqueira, a conversa retoma.

— Ah, como dizia um grande filósofo, saco vazio não para em pé... e cheio também não. — Deive alisa a volumosa circunferência abdominal ao declarar sua pérola de sabedoria.

— Que filósofo é esse, companheiro? — Eric indaga, curioso.

— O Garfield. Ele também tem preciosas lições quando o assunto é lasanha ou segunda-feira.

— Hihhi. E depois falam que as minhas piadas são ruins. Foi uma pena você perder a caçada de ontem — Marcelo fala, virando para Alexandre. — Véio, os lobos estavam muuuito loucos, foi um banho de sangue! Atacaram um touro bravo que só a porra e mais de dez neguinho dando bobeira pela madrugada foram pro saco. Também pudera, né? Noite de lua azul...

Ao ouvir a menção da figura que povoa seus pesadelos, Alexandre se empertiga na cadeira.

— Que lua azul? — indaga com um tom de preocupação que não passa despercebido ao presidente do MC.

Deive, sentado ao lado de Marcelo, tenta lhe acertar um tapa no cocuruto, mas erra o alvo, atrapalhado pela pouca mobilidade permitida pelo corpanzil avantajado e pelo curto alcance de seus membros.

— Mermão, tu é babaca, cara! Dava para encher o Maracanã com a quantidade de asneira que sai da tua boca! Que mané “lua azul”, Marcelo! A lua azul foi no mês passado, ontem foi noite de superlua.

— Verdade — concorda Eric. — A Terra e a Lua estão bem próximas e, no apogeu da fase, a lua cheia aparece maior e mais brilhante. — O viking ilustra a imagem abrindo as mãos e os braços num grande círculo.

— Teu lobisomem não notou isso ontem? — Cézar questiona, olhando de esguelha para Alexandre.

— Acho que sim... não sei. Minhas memórias compartilhadas com o Solitário andam bastante confusas...

— Mas não esquentar, não, companheiro — tranquiliza Eric, coçando a barba ruiva por sobre a cicatriz. — As órbitas ainda vão demorar um pouco para se afastar. Nos próximos dois ciclos você ainda pode curtir um noitada de superlua com a galera.

— Ah, beleza! Vou fazer de tudo para não perder essa. Mas esse lance de lua azul... O que é isso, Marcelo? — Alexandre insiste na pergunta.

— Melhor não perguntar essas coisas pro magricela, mermão. — Deive faz um muxoxo de desdém. — Ele ainda nem consegue diferenciar a mão direita da

esquerda.

— Ô, eu tenho problema de lateralidade — defende-se Marcelo.

— Tu tem é o miolo mole, cumpadi — Cézar sentencia enfaticamente, estalando a língua em desaprovação. — Só sabe qual é a mão direita porque é ela que tu usa para se masturbar.

— Ei, uma vez, eu ouvi que a gente precisa, antes de tudo, amar a si próprio. Hehe, então, de vez em quando, eu faço amor com a pessoa que mais amo — chasqueia, dando seu sorriso enviesado.

Todo o lixo ao alcance da mão é utilizado como munição pelo grupo e Marcelo tenta se proteger dos petardos arremessados sobre ele ao som das vaias: nojento, onanista, punheteiro, mão peluda!

— E quanto à lua azul? — Alexandre torna a indagar, tentando disfarçar seu interesse, mas sua voz treme ligeiramente, revelando algo mais intenso que a simples curiosidade.

Por que esse interesse na lua azul, putardo? — reflete a mente inquieta do pantagruélico presidente do MC. — Isso não tem importância, amizade — Cézar desconversa, bufando com aspereza. — É a superlua que dá o barato nos lobisomens.

— A lua azul é somente a segunda lua cheia do mês — explica Eric, solícito com o companheiro. — É um evento banal, como qualquer outro plenilúnio.

O bate-papo continua animado, mas Alexandre fica alheio aos temas da conversa. Depois de alguns minutos em silêncio, ele se levanta.

— Galera, eu me lembrei de uma coisinha que eu preciso fazer, mas logo estou de volta.

— Hehe! Essa coisinha é loira, ruiva ou morena? — Marcelo modula o tom da voz de maneira diferente a cada cor de cabelo.

— Deixa de ser besta, Marcelo. Hoje, ninguém aqui tem cabeça pra isso! Quem vai se preocupar com mulher em noite de lua cheia? — Deive pondera, com incredulidade.

Quem, não é mesmo? — Cézar reflete, encarando desconfiado a partida de Alexandre. Ele chama a atenção de Maurício e, com um simples desviar de olhos que dispensa o uso de palavras, dá a ordem clara e direta ao seu segundo em comando: *Siga-o!*



De longe, Maurício observa Alexandre se sentando em frente à tela de um computador numa *lan house* localizada no segundo subsolo do Shopping Eldorado. Depois que Alexandre for embora, ele fará uma busca no histórico do navegador para relatar ao gigante o objeto da extensa pesquisa na internet realizada pelo motoqueiro vigiado.

Pulando de um site para outro, Alexandre reúne as diversas partes da informação que buscava.

O período sinódico^[16] da Lua, também conhecido como lunação, tem 29,53 dias. Considerando que a duração dos meses, com exceção do encurtado mês de fevereiro, varia entre trinta e trinta e um dias, algumas raras vezes ocorrem dois plenilúnios dentro de um mesmo mês. A segunda lua cheia plena é a lua azul.

Abrindo um calendário lunar do ano de 2007, Alexandre identifica os dois ciclos de lua cheia passados em companhia de Valquíria. No primeiro plenilúnio, em 1º de junho, ele teve sua primeira discussão a respeito das ausências a que era compelido por força da dádiva da lua. No dia 30 daquele mesmo mês ocorreu a lua

azul. O mesmo dia em que a moça o abandonou depois de tê-lo amado por toda uma tarde. O único dia em que Dinho podia ter sido concebido.

Pedaços esparsos de diálogos antigos cruzam seu pensamento em velocidade vertiginosa.

— *Depois da dádiva da lua, essa não é mais uma opção. Tu não pode mais ter filhos.*

— *Quando for lua cheia, tu não vai pensar em mulher.*

— *E ainda por cima, somos todos vasectomizados (...)*
Talvez seja melhor dizer lobo-tomizados.

— *Quem vai se preocupar com mulher em noite de lua cheia?*

— É isso! — Alexandre se levanta exultante. *Nós não somos estéreis, somos apenas mais difíceis de procriar... Nas noites de lua cheia, damos vazão ao instinto assassino dos lobisomens em detrimento de nosso apetite sexual, mas é justamente numa dessas noites que nosso corpo readquire a capacidade de procriar. Na segunda lua cheia do mês, na lua azul, reconquistamos a possibilidade de gerar um filho. Esse é o significado da ideia fixa que vem me atormentando. Eu tenho uma cria da lua azul!*



Alexandre retorna ao motoclube perigosamente próximo das 20h00. Ele corre pelo caminho de cimento que leva ao galpão onde está reunida a elite dos Lobos do Asfalto. Com a mente ocupada com a recente descoberta, ele não percebe a ausência do discreto Maurício.

Os membros do MC já estão sem roupas ao redor de um gordo porco amarrado pelo pescoço. Alexandre retira suas roupas com pressa e, atabalhoadamente, empilha-as numa das cadeiras de plástico. Tão logo se livra das vestes, segue em direção ao círculo formado pelos companheiros, sem perceber que um pequeno papel dobrado caiu de seu bolso.

As convulsões o acometem no meio do caminho e Alexandre cai prostrado, vítima das dores da transformação. Sua consciência se esvai antes que ele tenha tempo de registrar o momento em que o presidente do motoclub se abaixa, recolhe o documento caído e o guarda no bolso do colete pendurado na cadeira. Um colete adornado com a alcunha de “Maioral”.



Solitário se aproxima do alfa que está ocupado em estraçalhar o ventre da carcaça do porco abatido. Obedecendo à rigorosa hierarquia da alcateia, o lobisomem castanho procura seu local de direito no círculo formado pelos outros licantropos para aguardar sua vez de se alimentar.

Ao chegar próximo ao vão entre o imenso lobo negro e Warg, Solitário vê o Maioral levantar seu focinho e rosnar em sua direção com os pelos da cernelha arrepiados.

Não tendo intenção de ultrapassar aquele espaço destinado ao alfa, Solitário ignora a necessidade da postura submissa e mantém a cabeça empinada e a cauda levantada. Mas o lobisomem castanho não sabe que Maioral está apenas procurando um motivo, qualquer que seja esse motivo, para puxar uma briga. Quando o alfa dá um passo à frente, encurtando a distância entre eles, Solitário desloca as orelhas rente à cabeça e recua as gengivas revelando as presas, criando um impasse que coloca em jogo a autoridade do alfa. É a desculpa que Maioral precisava.

Bigby se põe sobre as patas traseiras e se vira na direção de Solitário. Seus olhos iluminam-se como brasas. Os demais lobisomens recuam.

— *Afastese!* — O comando telepático é direcionado ao beta. — *Já passou da hora de ensinar um pouco de respeito a esse filhote arrogante. Você acha que pode aparecer somente quando for conveniente?* — A pergunta é feita enquanto o lobo cinzento circula cautelosamente Solitário.

— *Eu não tenho culpa se o humano...* — o lobisomem castanho começa a se justificar.

— *Não há essa separação* — ruga o alfa, com ferocidade. — *Eu estou farto de ouvir suas constantes reclamações sobre seu humano. Mas essa sua postura é parte do problema! Se você não aceita sua contraparte, ele também não vai acolhê-lo.*

— *Eu não quero aceitá-lo. Ele é fraco e tenta me dominar. Se pudesse, livrava-me dele. Não aceito ser uma mera marionete dançando ao talante de um titereiro indiferente. Não quero mais cordas em mim!* — Solitário rosna sua insatisfação, dirigida tanto ao alfa, com suas regras e proibições, quanto a Alexandre, com seus truques e traições.

— *Chega! Nós somos lobisomens. Essa dualidade é a nossa natureza, ponto final! Você precisa aceitar isso, de uma vez por todas. Seu... sonho de libertação coloca todos nós em risco. Pare com essa loucura!!*

O alfa aguarda que o subordinado manifeste qualquer sinal de acatar aquela ordem peremptória, mas Solitário não recua ou se submete.

Os oponentes, então, colocam-se de pé e as garras cruzam o espaço em velocidade espantosa, gadanhando no vazio. O ar da noite zune enquanto as negras lâminas de queratina executam sua sinfonia sinistra. Um poderoso soco acaba acertando a lateral da cabeça de Solitário, mas ele não oferece resistência ao golpe

e gira sobre o próprio eixo. Em seguida, o lobisomem castanho lança sua mandíbula para frente e abocanha o flanco direito do alfa.

Ignorando a dor, Maioral agarra o cachaço de Solitário com os dentes, fazendo-o afrouxar a pressão da mordedura. Com esta vantagem, o alfa força o oponente para baixo até que consegue cravar as garras afiadas no ventre exposto do inimigo.

Percebendo a vulnerabilidade de sua situação, Solitário cessa a resistência e, sem muita convicção, oferece o pescoço em rendição. Se não pode se livrar de Alexandre, a morte não é uma alternativa tão ruim.

Mas o restante da alcateia não parece compartilhar a opinião de Solitário. O novato angariou o respeito e a lealdade dos irmãos. Com o final da disputa, todos os lobisomens se aproximam prontos para interceder em favor do licantropo derrotado.

O alfa encara os olhos de Bigby e percebe não encontrar o costumeiro apoio incondicional no beta. Com receio de perder ainda mais sua ascendência sobre aquela alcateia, Maioral permite que Solitário se erga e dê uma curta lambida em seu focinho, em sinal de submissão à sua autoridade.

— *Terminem de comer! Saímos para caçar em cinco minutos!* — ordena o alfa enquanto se afasta, tentando não mancar ao sentir a ardência na laceração profunda provocada pelas presas do lobisomem castanho.

Bigby passa ao lado de Solitário e meneia levemente a cabeça.

— *Foi uma boa luta, filhote, mas não se pode vencer todas* — o imenso lobisomem negro diz à título de consolação, pouco antes de afundar o focinho nas vísceras do porco.



CAPÍTULO 27 – A AUTORIA DA CARTA

31/Ago/2015 (segunda-feira)
6º dia do ciclo da lua cheia



DEPOIS DE RETORNAR AO MOTOCLUBE APÓS O passeio noturno, Alexandre se despede dos companheiros e segue para seu quarto de hotel. Lá chegando, ele toma um banho quente e demorado e retira do alforje algumas peças de roupa limpa: uma camiseta, um par de meias e uma cueca. O maço de cartas ali guardado é puxado junto com a camiseta e cai sobre a cama.

Alexandre ainda está decidindo se já está pronto para examinar seu conteúdo quando sente o estômago roncar. Ele agradece a oportunidade para adiar a decisão e desce para tomar o desjejum no restaurante do hotel.

O retorno ao quarto só se dá depois de quase três horas, e somente após o funcionário do hotel educadamente convidar o motoqueiro a se retirar do recinto, já fechado há mais de trinta minutos após o encerramento do horário do café da manhã.

Em vez de recolher o resto de seus pertences, Alexandre pega o celular e digita o número do telefone da chefia imediata do órgão público onde, àquela hora, deveria estar cumprindo seu expediente. Depois de avisar que não poderá estar presente no trabalho, ele senta na cama e coloca o maço de cartas no colo.

Alexandre sente a textura do papel com a ponta dos dedos. Vagarosamente, ele desfaz o nó da tira e a leva perto do nariz. O perfume floral de Valquíria ainda impregna o filete de couro. Com cuidado, coloca-o em cima do criado-mudo ao lado da cama.

Como se estivesse executando um ritual, ele relê cada uma das palavras extraídas da sua própria pena e enviadas nas cartas, nas mensagens e nos bilhetes destinados à Valquíria. Ela guardara toda a correspondência na exata ordem cronológica de seu recebimento.

Já no primeiro bilhete (enviado com o ramalhete de rosas), sua visão fica embaçada pelas lágrimas. Com a leitura daquela comunicação unilateral, voltam-lhe à memória todos os momentos daquele breve, rico e intenso relacionamento. Nunca antes amara daquela forma. Nem depois, tampouco.

A cada folha vencida e carinhosamente pousada sobre o criado-mudo, minutos de um soluçar sentido pontuam o intervalo daquela tarefa autoimposta, tão doce no ato de lembrar quanto dolorosa no sentir o vazio da ausência.

Na metade do maço, Alexandre já consegue intuir que, pela quantidade de cartas restantes e pelo decorrer do tempo registrado no cabeçalho de cada uma delas, nenhuma das inúmeras mensagens encaminhadas eletronicamente após o rompimento encontra-se naquele acervo. *Será que ela chegou, ao menos, a ler meus e-mails antes de apagá-los?* — ele se pergunta no momento em que um nó se forma em sua garganta.

Alexandre se força a retomar a leitura epistolar até restar apenas uma única folha no local antes ocupado pela pilha de papéis que agora descansa sobre o

móvel ao lado da cama.

Ao tomar nas mãos a derradeira carta, ele encara, entre perplexo e assustado, a série de linhas irregulares preenchidas numa grafia desleixada que lhe é absolutamente desconhecida.

Por diversas vezes no meio da leitura, Alexandre retorna ao início da carta anônima, pois seu cérebro se recusa a acreditar nas imposturas que lhe são atribuídas. Ele não precisa questionar sobre a autoria daquela carta apócrifa. Ao examinar com mais atenção uma leve mancha de queimadura sobre o papel, um odor penetrante e aromático enche-lhe as narinas. O cheiro adocicado do charuto do presidente dos Lobos do Asfalto.



A grande Harley Davidson preta não se encontra no estacionamento do motoclub. Essa é primeira coisa notada por Alexandre ao retornar ao MC.

Marcelo está dando polimento ao tanque de sua CG, como se o brilho da cera pudesse transformar sua pequena moto num veículo maior e mais vistoso.

— Você viu o Cézar, Marcelo? — Alexandre não consegue esconder a raiva contida na pergunta.

— Ele saiu já faz um tempo. Logo depois de conversar com o Mau — Marcelo responde, desconfiado.

— Será que ele demora? — Além da raiva, seu tom de voz deixa transparecer, outrossim, inequívoca impaciência.

— O Cézar disse que ia cair na estrada e que talvez amanhã já teja de volta. Enquanto isso, o Mau vai guiar os bicho essa noite...

— Eu não me lembro do Cézar passar a liderança do grupo antes...

— É, é estranho mesmo. — Marcelo coça a cabeça, fazendo uma nuvem de caspa cair sobre os ombros. — O cara dá o maior valor para a posição de alfa.

— E esse puto disse para onde ia? — Alexandre deixa que sua fúria vaze por entre cada palavra.

— Bom, dizer ele não disse... Isso ficou só entre ele e o Mau — Marcelo responde, inseguro.

— Mas VOCÊ sabe para onde ele foi? — diz, enfatizando o pronome pessoal, ao mesmo tempo em que aponta o dedo no peito do amigo magricela.

— Ih, véi, eu acabei ouvindo sem querer, mas não posso falar nada, não — ele balbucia, sacudindo a cabeça de um lado para o outro. O medo das represálias do gigante e o profundo respeito e admiração pelo companheiro à sua frente travam uma ferrenha batalha em sua mente simplória.

— Marcelo, você sabe que pode confiar em mim, né? Eu já pisei na bola contigo, xará? — Alexandre pergunta, colocando suas mãos sobre os ombros do amigo franzino.

Marcelo hesita por alguns segundos, tempo suficiente para sopesar a importância dos fatos que lhe chegam à memória: a amizade e o altruísmo de Alexandre e seu lobisomem *versus* o egoísmo e a deslealdade do alfa para com a alcateia. Na rápida avaliação, a balança acaba pendendo para o lado certo.

— P-parece que ele ia resolver uma questão vital pro bando, algo sobre um risco ao nosso segredo, sei lá. — Marcelo olha por sobre os ombros e reclina a cabeça em direção a Alexandre, quase encostando sua boca no ouvido do amigo. — Ele mencionou um luau do paraíso ou alguma coisa parecida — acrescenta baixinho, mal articulando as palavras.

Instintivamente, Alexandre leva a mão ao bolso traseiro da calça e percebe a ausência do requerimento de paternidade.

— Puta que o pariu! — Alexandre exclama, virando as costas ao companheiro sem maiores explicações, e saca o celular. Por diversas vezes, digita o telefone de Valdirene, mas não consegue completar a chamada, nem mesmo para deixar um recado de voz. Ele reprime a vontade de jogar o aparelho na parede e, sem perder mais tempo, sobe na moto e dispara pela precária estrada de terra.

O brilho alaranjado do céu a oeste indica que as horas da noite, disponíveis antes da transformação, não serão suficientes para superar a distância até Alto Paraíso. De qualquer forma, Alexandre acelera ao máximo para reduzir a vantagem da partida antecipada de César. Cada minuto conta, pois, com a vida de seu filho em risco, ele não tem tempo a perder.



CAPÍTULO 28 – O DESTINO

1º/Set/2015 (terça-feira)
7º dia do ciclo da lua cheia



UM FRIO FILETE DE ÁGUA CAI SOBRE A CABEÇA DE Alexandre, que acorda ao lado de uma casa de pau a pique e telhado de palha no sopé de um morro. Pelado e coberto de barro, ele levanta e percebe, para seu desespero, que não tem a menor pista da direção a seguir para encontrar sua moto.

Os fantasmas da pequena família, que sucumbiram ao tenebroso desejo carnívoro de Solitário, estão longe demais para oferecer qualquer orientação, ainda que os espectros se dispusessem a auxiliar o próprio carrasco, uma hipótese bastante improvável.

Alexandre entra no casebre e se apropria das roupas rotas e simples do roceiro. A calça jeans permanece sem abotoar ou fechar o zíper, pois o tamanho do antigo proprietário é muito menor que o atual manequim. Pela mesma razão, uma camiseta estampada com propaganda política da década anterior fica curta e demasiadamente agarrada ao corpo. O calcanhar do motoqueiro permanece em contato com o chão de terra, pois seus pés ultrapassam os limites da sola de

borracha da sandália. O único par de sapatos, possivelmente usado apenas aos domingos, sequer conseguiu entrar em seu pé.

A chuva forte, que começou a cair durante a noite, amenizou até se apresentar na forma da gelada garoa fina que umedece suas roupas. Todo aquele aguaceiro transformou a picada, que levava àquela tapera, numa pista escorregadia de lama.

Alexandre cai diversas vezes enquanto avança correndo pela precária trilha. As dores das escoriações provocadas nas quedas sucessivas se misturam ao suplício dos pés lanhados nas pedras ocultas sob as poças d'água no caminho. Seus atos e seu aspecto denunciam um homem à beira de perder a sanidade. E as aparências não estão longe da realidade.

Quando finalmente alcança uma estradinha de leito trafegável, ele reconhece a paisagem vista na noite anterior. *Minha moto não pode estar muito longe!*

O chuvisco cessa por completo e as nuvens cinzentas descortinam os raios solares que agora atingem perpendicularmente a paisagem rupestre. O brilho do sol se reflete na superfície metálica de cor vermelha de uma silhueta tombada dentro da vala ao lado da pista.

Ao tentar aproveitar até o último minuto para reduzir a distância que o separava do filho, Alexandre parara a moto de maneira precária na via de terra (sem calçar devidamente o cavalete) e mal tivera tempo de colocar suas roupas no alforje antes da metamorfose. O embornal permaneceu preso sobre a moto e, como resultado, metade de seus pertences estava mergulhada na água lamacenta da vala. Naquele jogo infernal de cara ou coroa, seu telefone perdeu a aposta. O frenético apertar dos botões do celular é inútil. O aparelho permanece desligado, pois não foi projetado para suportar o teste da imersão. *Ainda posso tentar um telefone público* — é a esperança a que ele se apegava.

Alexandre tenta se recordar do precioso número de telefone armazenado no aparelho, mas, embora tenha vivido antes dos benefícios da comodidade eletrônica,

sua memória está desacostumada da função de agenda. Frustrado, ele pragueja e joga o celular contra o solo. A tela de vidro racha com o choque e o aparelho se afasta quicando até cair numa poça de lama.

Alguns ferimentos já começaram o processo de cicatrização com o sangue coagulado grudado nas roupas furtadas. As feridas se reabrem quando ele tira a indumentária enlameada. Por sorte, suas roupas de viagem estão na metade seca do alforje.

As botas são a última peça, mas Alexandre geme ao colocá-las, mesmo que o sangue que agora encharca a meia facilite o deslizamento do pé para dentro do calçado. Sem procrastinar um segundo, ele levanta a moto e encaixa o capacete de fibra de carbono com o caro (e antes confortável) revestimento interior completamente ensopado e com um leve odor de podridão.

Ao tentar girar a chave que permaneceu na ignição, o mecanismo parece travado e Alexandre percebe que ele já está na posição “on”, vale dizer, com o sistema elétrico da motocicleta ligado. O motoqueiro aperta o botão de partida, mas, para seu desalento, o motor de arranque apenas geme. O farol da moto, deixado aceso durante a noite, não manteve o suficiente de carga elétrica para dar a partida.

Extenuado e ferido, mas não derrotado, Alexandre empurra seu veículo buscando forças nas últimas reservas. Ele só precisa encontrar um lugar para dar uma pequena carga na bateria da moto...



Quando finalmente consegue alcançar as cercanias de Alto Paraíso, Alexandre ouve o ribombar do trovão prenunciando o desastre. Uma sensação de urgência o impele na direção da pequena cidade encravada no cerrado, famosa por servir de local de pouso e decolagem de discos voadores. O farol de Cheetara clareia apenas

uma pequena faixa da estrada à sua frente. O resto da paisagem é iluminado pelo brilho da lua cheia que se encontra alta no céu noturno.

Uma placa na beira da estrada, indicando o telefone e os serviços prestados no Posto Vale da Lua, passa quase como um borrão pelo seu campo de visão.

Agora não falta muito — Alexandre busca se tranquilizar, mas as palavras não encontram eco em seu espírito. Não obstante a péssima qualidade do asfalto, coberto por remendos irregulares e ocultando gigantescas crateras, ele acelera um pouco mais.

Com o pensamento centrado na segurança de Dinho, Alexandre não percebe, até ser tarde demais, a conhecida sensação disparada pela proximidade de outro lobisomem.

Numa via de terra paralela à rodovia, está estacionada a grande Harley Davidson de César. Uma corda amarrada no fino tronco retorcido de uma árvore de pequeno porte cruza o leito trafegável e se enrola nos galhos tortuosos de outra planta firmemente enraizada.

Ao avistar a aproximação do companheiro de MC, César puxa a ponta da meada até a corda ficar retesada à altura de pouco mais de um metro em relação ao chão da rodovia e prende-a com um nó: um obstáculo mortífero para o corpo desprotegido de um motoqueiro.

Alexandre chega a ver a corda, mas está rápido demais para parar. Ele só consegue abaixar-se na moto, grudando seu corpo tão fortemente ao tanque do veículo que faz com que o feixe entrelaçado de nylon passe por cima de suas costas, sem separá-lo de sua máquina. A obstrução armada consegue, entretanto, desequilibrar o veículo de duas rodas para desviá-lo em direção ao mato que cresce na lateral da estrada.

Alexandre se solta da motocicleta quando seu corpo atinge o chão. Sem a proteção fornecida pelo seu equipamento de pilotagem, ele não sobreviveria à queda, não obstante o amortecimento propiciado pelo matagal onde vai parar. Ele demora, mas, enfim, ergue-se cambaleante enquanto Cézar se aproxima enrolando a corda no antebraço.

— Ora, ora, ora — debocha o gigante. — Quando liguei pro MC e o Mau me disse que tu não tinha dado as caras de noite, não precisei de um gênio estatístico para adivinhar qual seria teu paradeiro. Mas tu demorou uma vida, compadre. Já estava pensando que não viria mais.

— Eu... tive uns... probleminhas... com a moto... — Alexandre informa pausadamente entre um gemido e outro, enquanto retira o capacete.

— Problema bem podia ser teu segundo nome, amizade. O que te deu na cabeça para adotar um moleque dessas bandas? — Cézar abana a cópia do pedido de reconhecimento de paternidade.

— Não é adoção. É um reconhecimento de paternidade. O menino é meu filho com a Valquíria — declara, com orgulho na voz.

— Filho? Que loucura é essa? — Cézar questiona, arregalando os olhos num espanto genuíno. — E quem é essa tal de Valquíria? — ele finge surpresa ao elaborar a última pergunta.

— Não se faça de idiota, xará! — Alexandre passa a mão pelos lábios para limpar o sangue que escorre da boca. — Não imagino como você ficou sabendo da Valquíria, mas vi a carta “anônima” que mandou para ela.

— Carta? Carta? Ah, aquela carta? — Um sorriso debochado se insinua nos cantos dos lábios do gigante. — Foi um bom trabalho, não achou? Tua namoradinha caiu direitinho... — Cézar pisca com um olho. — Eu já te falei mil vezes, putardo, não se criam laços fora da alcateia! E essa história de filho é uma

puta asneira. Tu deve tá de miolo mole depois de bater a cabeça nesse tombo. Nós não podemos ter filhos. Já esqueceu?

— Não, Cézar. Você está enganado. O menino é meu filho!

— De que merda tu tá falando?

— Você diz que nossa espécie é estéril! Que, com a dádiva da lua, perdemos a capacidade de procriar. Mas é possível engravidar uma mulher no dia da lua azul. Ter a cria da lua azul...

— Cria de lua azul? De onde tu tirou essa ideia? É loucura! — Cézar franze o cenho, rejeitando, com veemência, aquela possibilidade.

— Não, não é loucura. É uma coisa que ficou martelando na minha cabeça depois que o Solitário encontrou um outro lobisomem dessa área.

— Outro lobisomem dessa área?!? Ah, só pode ser sacanagem com a minha fuça! Tu ainda fez a desgraça de falar com o exilado? — A pergunta é gritada em altos brados.

— Não sei, talvez. Não me lembro bem, mas acho que era um lobo bem velho e ele pode ter mencionado algo sobre a cria da lua azul. Olha, isso não é relevante. O que importa é que eu consultei o calendário. O menino é meu filho e foi concebido no dia da lua azul.

Cézar corta a ponta de um charuto e o acende. Sua extremidade avermelhada brilha em contraste com a suavidade do luar.

— Se o pirralho é mesmo teu filho, me diz uma coisa, compadre: se tiver que escolher entre ele e a alcateia, qual é tua escolha? Quem tu vai abandonar, hein?

Alexandre sabe a resposta. *Um mundo sem meu filho é um mundo sem significado para mim* — pensa em silêncio. No entanto, ele hesita em traduzir seu

sentimento em palavras na presença do gigante. Mas seu mutismo é tão eloquente quanto seu pensamento.

— Deve ser por isso que a natureza tornou quase impossível para nossa espécie procriar dessa maneira — Cézar fala, meneando a cabeça em negativa. — O que tu vai fazer quando teu filho começar a envelhecer? Vai consultar a mim antes de compartilhar a dádiva da lua? E se eu te autorizar a transformá-lo num lobisomem, tu vai permitir que ele seja submetido ao teste de sobrevivência para se provar digno?

Alexandre cerra os punhos e encara o gigante com olhos ferozes. Novamente sua resposta advém do silêncio.

— Não, é claro que não permitiria. Porque tu se acha grande coisa, bom demais para seguir as regras que o resto de nós obedece. — O gigante estala os lábios e retoma seu discurso. — Mas, se cada lobisomem começar a procriar e transformar seus filhos sem critério, vamos nos tornar fracos, vulneráveis! Pior, seremos expostos e caçados novamente! Seremos extintos... — Cézar puxa uma pistola da cintura e aponta para Alexandre. — Sabe, amizade, eu vim para cá só para dar cabo desse moleque adotado. Depois da nossa conversa, só por segurança, eu poderia acabar, de uma vez por todas, com a dor de cabeça que é ter esse exilado vadiando por aí, mas parece que o lance de verdade é contigo. Tu é que atrai todo tipo de problema! Acho melhor, então, cortar o mal pela raiz... Lembra o que te falei a respeito de bala de prata no coração?

Três disparos lançam uma sequência de reluzentes projéteis argentinos que atingem o peito de Alexandre. Seu corpo cai para trás e afunda no meio do mato alto.

— No final das contas, tu recebeu a dádiva da lua por um acaso. Acho que já era hora de consertar esse erro do destino — Cézar conclui com azedume na voz, sobe em sua moto e pilota em direção à cidade. *Agora não falta muito para a meia-noite*, pensa o gigante.



Alexandre encara o manto negro da noite salpicado de estrelas. A lua, com a circunferência reduzida da última noite daquele ciclo, já está bem alta no céu.

Dizem que um homem prevenido vale por dois. Alexandre certamente vale por, pelo menos, três. Sua precaução de sempre viajar trajando o equipamento completo de pilotagem (botas, calça, jaqueta, luvas e capacete), salva sua vida pela segunda vez naquela mesma noite.

Os projéteis de prata são mais leves que as tradicionais balas de chumbo, o que permite que os reforços de kevlar da jaqueta consigam amortecer grande parte do impacto dos disparos. Conquanto não impeçam que os projéteis perfurem o corpo de Alexandre, evitam que os pequenos bólidos de prata atinjam seu coração.

A reação orgânica das paredes daqueles buracos aos fragmentos de prata ali depositados dificulta sobremaneira a cicatrização, permitindo que diversos canais hemorrágicos drenem lentamente o sangue bombeado pelo coração acelerado. Com a perda sanguínea progressiva, a pressão arterial despenca e Alexandre perde a consciência antes da metamorfose.



Por mais de uma hora, Solitário passa por sucessivos ciclos de vigília e inconsciência. Quando desperto, a dor de queimadura em seu peito se sobressai em relação ao suplício ordinário da sua transmutação.

Aos poucos e com muito sacrifício, o lobisomem castanho se livra das roupas do humano, mas a persistência da sensação de ferro em brasa ainda o aflige. Seu corpo sobrenatural não consegue expelir o metal venenoso.

Com uma das garras distendida, Solitário perscruta o interior do próprio peito e consegue extrair as balas, juntamente com uma parte não desprezível da própria anatomia. Três pequenos punhados da própria carne parecem um preço pequeno a se pagar para se ver livre do contato cáustico e debilitante dos projéteis argênteos.

Duas certezas se instalam na mente do lobisomem: uma, de que ele precisa se alimentar antes da alvorada, pois o humano não sobreviverá ao resultado das escavações realizadas para a necessária tarefa de extração da prata. A outra, é que suas condições debilitadas não lhe permitirão rastrear, perseguir e abater presas saudáveis e despertas.

O vento seco traz ao seu olfato o cheiro familiar da urina que marca seu território de caça. O odor distante vem da cidade cuja silhueta é destacada pela iluminação artificial.

Outro cheiro também é trazido pela brisa e reconhecido pelo lobisomem. O cheiro do alfa da alcateia. Fraco e exaurido, Solitário sabe que deve evitar o confronto com Maioral, então se arrasta vagarosamente pela estrada, tomando o cuidado de manter-se contra o vento para não trair sua posição. Dessa forma, o lobisomem ferido contorna a região onde deve estar seu líder e penetra na cidade adormecida em direção ao alvo visado.

Um pequeno Uno branco está estacionado numa tranquila rua de casas geminadas. O cheiro marcante da urina está impregnado nas rodas do lado direito do veículo.

Solitário se esgueira num arrastar trôpego até conseguir se encostar à porta da casa. Com a leve pressão do corpo animalesco, as dobradiças cedem sem resistência ou barulho. A fechadura não era trancada nem mesmo à noite, conforme o temerário costume ainda persistente nas pequenas localidades do interior.

Guiado pelo olfato, a criatura penetra no lar silencioso e invade o quarto onde um casal dorme profundamente. Um golpe certo nos pescoços expostos permite

ao lobisomem iniciar sua refeição macabra sem qualquer resistência das presas.

Em virtude da gravidade dos ferimentos e do envenenamento causado pela prata, as carcaças dos únicos habitantes daquela residência não oferecem a quantidade suficiente de carne e ossos para restabelecer plenamente o corpo licantrópico.

Solitário repete a operação de invasão e extermínio na casa ao lado. Quando a contagem de presas abatidas alcança o total de quatro adultos e uma criança, o apetite bestial fica saciado e o corpo do lobisomem se cura completamente das lesões sofridas, bem a tempo de contemplar o clarear distante da alvorada, sem o risco de deixar perecer sua frágil contraparte humana.



CAPÍTULO 29 – A LOUCURA

02/Set/2015 (quarta-feira)

Quarto minguante



ALEXANDRE ACORDA NUM SOBRESSALTO, INALANDO um longo hausto do ar frio da manhã. Uma inundação de recordações lhe assaltam ao menor sinal da consciência desperta e arrancam-no subitamente de sob o domínio do lobisomem. Ele leva as mãos ao peito alvejado na noite anterior. *Bala de prata! César!* — recorda-se com pavor. A imagem do gigante sacudindo o pedido de reconhecimento de paternidade e dizendo “*Eu vim para cá só para dar cabo desse moleque adotado*”, é seguida pela memória do colete do Maioral se distanciando sobre a agourenta motocicleta negra rumo à cidade.

— Meu filho! — Alexandre grita, pondo-se de pé num salto.

O levantamento abrupto provoca uma leve vertigem e, desequilibrado, Alexandre se apoia no veículo onde antes adormecia encostado. Ele reconhece a sucata tomada de ferrugem e com mossas desfigurando a circunferência das rodas.

Alexandre olha a vizinhança e percebe que o carro de Isabela encontra-se estacionado na casa ao lado de onde mora Valdirene. Ele se lembra do rancor e

desprezo que a irmã de Valquíria dera às palavras “*e ainda tenho que aguentar aquela cara de peixe morto todo dia*” — aquela era a explicação que nunca foi dada. Na pequena cidade onde quase todos se conheciam, Valdirene tivera o infortúnio de ser vizinha da apática e inconsequente Isabela.

Um terror gelado aperta fortemente as entranhas de Alexandre. Cézar não fora a única ameaça a rondar seu filho nas últimas horas.

Muito além das distorções da tessitura do espaço-tempo da teoria de Einstein, as pessoas que vivenciaram a iminência de uma catástrofe, ou os suplícios da tortura, podem testemunhar a veracidade da assertiva quanto à relatividade do tempo. Um século de cinco segundos se passa até que Alexandre ouve, às suas costas, um chamado clamando por “papai”, modulado pela voz infantil com o tom e o cadenciado único que ele reconheceria em qualquer lugar e a qualquer tempo. Ele se vira e olha para baixo para encarar a face espantada do filho, com os grandes cílios negros bem abertos revelando o par de curiosos olhos castanhos.

O alívio liquefaz suas pernas e Alexandre cai sobre os joelhos nus. Tudo que almeja naquele momento é tranquilizar o pequeno, mas as palavras se atropelam em sua boca, sem que nenhuma delas consiga ser efetivamente articulada: não há mais nada a temer; seu pai está aqui; não deixarei nada de ruim acontecer; protegê-lo-ei contra todos os males do mundo.

Alexandre estica os braços e deixa o corpo pender para frente para acolher a criança em seus braços, mas seus membros passam pela figura etérea com a imagem do pequeno Dinho.

— *Papai? Por quê, papai?* — repete de modo suplicante o fantasma com o semblante nublado de tristeza.

Desespero e revolta são diáfanos contornos de reles eufemismos, inadequados para descrever o redemoinho de sentimentos que atingem a mente de Alexandre com força descomunal. Pela sua proximidade com a vítima de Solitário, a pequena

figura incorpórea seria uma sombra eterna que o acompanharia para lembrá-lo da participação involuntária na tragédia que macularia sua alma de forma indelével.

Alexandre se sente enredar por uma pletora de vigorosos filamentos preenchidos com ventosas de dentes córneos que começa a estrangular seu espírito e drenar sua sanidade. A partir de hoje e para sempre, aquela presença espectral serviria de combustível para alimentar a fornalha imorredoura de sua dor.

Incapaz de suportar tal tormento, Alexandre sente sua mente alucinada se fragmentar enquanto é vagorosamente tragada pela Caríbdis colossal do remorso em direção ao profundo poço abastecido pelas águas do esquecimento do Rio Lete.

E, enquanto se permite submergir no vazio, desistindo de uma existência que já não lhe interessa mais, Alexandre cede o controle do próprio corpo ao lobsomem.



César retorna ao local da emboscada armada na noite anterior. Antes de cuidar da questão da criança e do exilado — o gigante ignorava que as Moiras já haviam antecipado a solução dos seus problemas —, ele precisa se livrar do corpo de Alexandre e do seu veículo acidentado. Uma tarefa que deve ser relativamente simples, bastando arrastá-los mais um pouco para dentro do cerrado e enterrá-los numa cova rasa.

Porém, logo ao chegar, o gigante se espanta por encontrar tão somente a moto vermelha. No lugar em que deveria estar o cadáver, veem-se apenas o capacete e os retalhos do que outrora tinha sido a roupa do motoqueiro.

César ajoelha-se junto aos trapos e examina as perfurações deixadas no couro e no tecido reforçado do kevlar.

— Mas que filho da puta de sete vidas! — exclama o gigante, jogando a jaqueta de Alexandre no meio do mato.

Um rosnado selvagem chama sua atenção e Cézar se vira para a fonte da ameaça. Seus olhos registram a imagem, mas seu cérebro tem dificuldade em aceitar a realidade: um grande lobisomem castanho com o dorso negro avança lentamente em sua direção, ainda que iluminado pelo sol da manhã.

Os lábios retraídos da criatura expõem as fileiras de presas afiadas. Uma saliva densa e esbranquiçada escorre pela frente da bocarra aberta.

— Calma, amizade, calma. Isso tudo foi um grande mal-entendido — enquanto fala, Cézar recua para tentar evitar a aproximação do licantropo extemporâneo.

Os dentes da fera se fecham produzindo um estalo seco. Ela continua seu avanço reduzindo paulatinamente o espaço entre os caninos protuberantes e a carne da sua presa.

Adivinhando a inutilidade de uma tentativa de fuga, o gigante leva a mão    costas para alcançar a pistola com balas de prata em sua cintura.

Os olhos de Solitário se acendem em brasa e ele arremessa seu corpo num salto, abocanhando o braço de Cézar, na altura do cotovelo, com ferocidade bestial. Quando o cheiro penetrante do sangue enche suas narinas, o lobisomem se esforça por arrancar os últimos resquícios da vida que aquele pedaço traiçoeiro de carne nunca fez por merecer. *Yippee-ki-yay, motherfucker!*





EPÍLOGO

Num futuro indeterminado

EXISTE UMA LENDA NA COMUNIDADE LICANTRÓPICA A respeito de um lobisomem cuja existência amaldiçoada não o submete mais aos caprichos da bela e pálida Selene (lua cheia), nem tampouco de Ártemis (quarto crescente), a virgem caçadora, de Hécate (quarto minguante e lua nova), a sombria senhora dos caminhos, e nem mesmo do poderoso e fulgurante Helius (sol).

Sua contraparte humana foi enterrada para sempre em virtude de uma perda inconcebível e, embora tal desgraça tenha recaído sobre o homem, os frios tentáculos da angústia, do desespero e da melancolia também tingiram de negro o coração da fera.

Este lobisomem, segundo tal mito, vive recluso num exílio autoimposto nas florestas do Planalto Central Brasileiro e nenhum alfa é capaz de subjugá-lo.

Entre os humanos da cidade de Alto Paraíso de Goiás correm contos fantásticos sobre um grande lobo devorador de homens. Ele é castanho, com o dorso negro, forte, rápido, capaz de correr sobre as patas traseiras e de brilhantes olhos vermelhos.

Mas quem dá crédito às histórias de pessoas que acreditam em discos voadores?



Post scriptum: Se você gostou desse mundo em que lobisomens vivem entre nós e quer conhecer outras histórias, não deixe de ler outros livros da série Crônicas da Lua Cheia. Na obra A Ascensão do Alfa, você irá descobrir como o Maioral se tornou esse alfa casca-grossa que nós amamos odiar. Espero, em breve, publicar o terceiro volume com uma história passada em meio à Segunda Guerra Mundial.

LINHA CRONOLÓGICA

PASSADO

- 1º/Mai/2004 (sábado) – 1º dia do ciclo da lua cheia – casamento de José – Cap. 03;
- 02/Mai/2004 (domingo) – 2º dia do ciclo da lua cheia – Alexandre é mordido (concepção) – Cap. 03;
- 31/Mai/2004 (segunda-feira) – 1º dia do ciclo da lua cheia – Primeira transformação (nascimento) – Cap. 04;
- 10/Mar/2006 (sexta-feira) – quarto crescente – convite para o motoclub – Cap. 06;
- 11/Mar/2006 (*sábado*) – 1º dia do ciclo da lua cheia – Alexandre conhece os Lobos do Asfalto e Solitário é testado para o ingresso na alcateia – Cap. 07/08;
- 12/Mar/2006 (domingo) – 2º dia do ciclo da lua cheia – primeira caçada com a alcateia – Cap. 09;
- 07/Set/2006 (quinta-feira) – 4º dia do ciclo da lua cheia – viagem para Paraty/RJ – Cap. 11;
- 16/Out/2006 (segunda-feira) – quarto minguante – Alexandre conhece Valquíria – Cap. 13;
- 26/Mar/2007 (segunda-feira) – quarto crescente – primeiro encontro de Alexandre e Valquíria – Cap. 17;
- 31/Mai/2007 (quinta-feira) – 3º dia do ciclo da lua cheia – Alexandre é atropelado – Cap. 18;

- 1º/Jun/2007 (sexta-feira) – 4º dia do ciclo da lua cheia – Alexandre briga com Valquíria – Cap. 19;
- 05/Jun/2007 (terça-feira) – quarto minguante – Cézar escreve carta para Valquíria – Cap. 24;
- 30/Jun/2007 (sábado) – 4º dia do ciclo da lua cheia – rompimento do namoro – LUA AZUL – Cap. 25;

DIAS ATUAIS

- 28/Jul/2015 (terça-feira) – 1º dia do ciclo da lua cheia – despertar de Solitário – Cap. 01/02;
- 29/Jul/2015 (quarta-feira) – 2º dia do ciclo da lua cheia – Solitário decide livrar-se de Alexandre – Cap. 05;
- 30/Jul/2015 (quinta-feira) – 3º dia do ciclo da lua cheia – audiência do Chucky – Cap. 10;
- 31/Jul/2015 (sexta-feira) – 4º dia do ciclo da lua cheia – Alexandre recebe o e-mail de Valquíria – LUA AZUL – Cap. 12;
- 1º/Ago/2015 (sábado) – 5º dia do ciclo da lua cheia – viagem para Alto Paraíso – Cap. 14;
- 02/Ago/2015 (domingo) – 6º dia do ciclo da lua cheia – reencontro com Valquíria/Encontro com o ancião – Cap. 15;
- 03/Ago/2015 (segunda-feira) – 7º dia do ciclo da lua cheia – despedida de Valquíria/Volta para Londrina – Cap. 16;
- 26/Ago/2015 (quarta-feira) – 1º dia do ciclo da lua cheia – retorno para Alto Paraíso – Cap. 20;

- 27/Ago/2015 (quinta-feira) – 2º dia do ciclo da lua cheia – Alexandre descobre ter um filho – Cap. 21;
- 28/Ago/2015 (sexta-feira) – 3º dia do ciclo da lua cheia – Alexandre preenche os papéis para reconhecer o filho – Cap. 22;
- 29/Ago/2015 (sábado) – 4º dia do ciclo da lua cheia – viagem para São Paulo atrasada pela prestação de socorro – SUPERLUA – Cap. 23;
- 30/Ago/2015 (domingo) – 5º dia do ciclo da lua cheia – Alexandre descobre os segredos da lua azul – Cap. 26;
- 31/Ago/2015 (segunda-feira) – 6º dia do ciclo da lua cheia – Cézar parte para Alto Paraíso e Alexandre descobre a carta anônima – Cap. 27;
- 1º/Set/2015 (terça-feira) – 7º dia do ciclo da lua cheia –
_____ – Cap. 28;
- 02/Set/2015 (quarta-feira) – quarto minguante –
_____ – Cap. 29. [\[17\]](#)

CICLO DA LUA CHEIA

1º dia – transformação às 24h00

2º dia – transformação às 22h00

3º dia – transformação às 20h00

4º dia – transformação ao poente

5º dia – transformação às 20h00

6º dia – transformação às 22h00

7º dia – transformação às 24h00

AGRADECIMENTOS

ANTES DE MAIS NADA, GOSTARIA DE AGRADECER À Valéria, minha esposa, pelo incentivo e pela paciência de ler e reler as diversas versões desta história.

Agradeço, também, a meu outro incentivador e colaborador de todas as horas, meu filho Alexandre.

Tenho amigos queridos que se dispõem a servir como leitores beta, assumindo o risco de spoilers e me auxiliando a encontrar saídas e sanar equívocos. Muito obrigado, Guilherme, Ana Paula, Brena e Wesley! A história ainda padece de defeitos oriundos da minha limitação como escritor, mas, com certeza, foi aprimorada pelas observações, dicas e dúvidas destes amigos inestimáveis.

Quero, ainda, registrar minha gratidão ao talento do Beбето Daroz. Sua pena sinistra gerou a capa e as ilustrações deste livro.

A diagramação primorosa da edição física é obra da Jéssica Lang. Obrigado, minha vampira!

Gostaria, também, de registrar um agradecimento especial a essa legião fiel de leitores que aceitaram o convite para se juntar à alcateia. São nomes demais para que possa indicá-los individualmente, mas cada um deles tem um espaço reservado em meu coração. A publicação desta segunda edição é resultado direto da empolgação dessa galera.

Aproveito o ensejo para agradecer ao amigo Paulo Vinícius, meu querido PV, não apenas por ter aceito o convite de última hora para escrever o prefácio deste

livro, mas também por se dedicar à formação de novos leitores e à divulgação da literatura fantástica no Blog Ficções Humanas. Obrigado por tudo!

Também não posso deixar de expressar minha gratidão a todas as pessoas lindas da podosfera nacional, minha fonte inesgotável de entretenimento e inspiração. Se você ainda não conhece a mídia podcast, comece a acompanhar os episódios dos programas Nerdcast, Mundo Freak Confidencial, Magickando, Papo Lendário, Matando Robôs Gigantes, Os 12 Trabalhos do Escritor, Perdidos na Estante, Covil de Livros, Mamilos, Curta Ficção, Fronteiras da Ciência, Projeto Humanos, Gente Que Escreve, Ponto G e Rei Grifo. A lista é imensa e não para de aumentar... Além destes, que são os meus prediletos, há um acervo gigantesco de programas gratuitos para serem desbravados. Não deixe de conferir!

E, a você, que se deu ao trabalho de chegar ao final deste livro, meu sincero agradecimento.

SOBRE O AUTOR



Desenho de @garcia_janio (Instagram)

Clecius Alexandre Duran nasceu em 23 de maio de 1972 na cidade de São Paulo/SP e atualmente reside em Londrina/PR. Formado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP no ano de 1994 e com especialização em Direito Tributário pelo Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas Sócio Econômicos – INBRAPE. Atua como Procurador do Estado do Paraná desde o ano de 2000 e, no período de 2001 a 2009, ministrou aulas junto à Universidade Norte do Paraná – Unopar e à Escola da Magistratura do Paraná – EMAP. Ávido consumidor de livros, cinema, quadrinhos, videogames e podcasts, afastou-se da seara jurídica para aventurar-se na criação de um universo em que lobisomens e outros seres sobrenaturais vivem à margem e à espreita da humanidade.

E-mail do autor: cleciusduran@hotmail.com



<https://www.instagram.com/cleciusduran/>

OUTRAS OBRAS

O lobisomem poderia ser mais que um mito? Esta é a questão que a série *Crônicas da Lua Cheia* tenta responder.

Transformações nas noites de lua cheia, severa alergia à prata, suscetibilidade aos efeitos do acônito e visão dos espíritos das vítimas sacrificadas à sanha licantrópica são alguns dos elementos presentes na série, além da óbvia fome insaciável dos lobisomens. Diversos aspectos da mitologia dos licantropos são trabalhados nos livros para criar um universo coeso em que o desenrolar de cada história segue ao lado de tais regras estabelecidas.

Crônicas da Lua Cheia é uma série de antologia, razão pela qual os volumes não são numerados. Cada livro conta uma história independente, com início, meio e fim. Dentro desse mundo fantástico povoado de lobisomens e outras criaturas místicas, você poderá notar a presença de certos personagens em mais de uma obra, mas a narrativa foi criada com a intenção de permitir a leitura independente (e em qualquer ordem) de cada volume.

Você gostou deste livro e quer imergir completamente nesse universo fantástico iluminado sob o halo prateado da lua cheia, em que feras bestiais e outros seres sobrenaturais caminham entre nós? Bem, faça-o por sua conta e risco e não deixe de conferir as obras indicadas a seguir.

Ah, e se quiser contribuir para aumentar a visibilidade do livro, faça uma avaliação na Amazon ou na rede social Skoob (www.skoob.com.br). Sua opinião é muito importante!

Crônicas da Lua Cheia – A Ascensão do Alfa



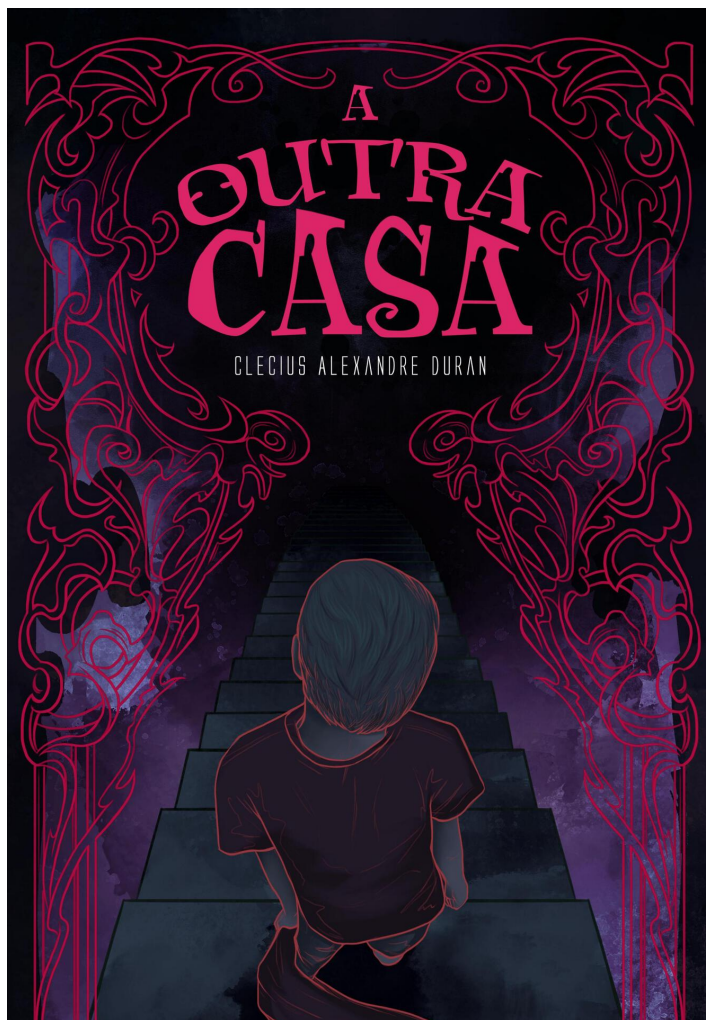
“Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Década de 1830. Depois de escapar de um ataque de lobisomens, Sétimo é resgatado por um membro renegado de uma antiga ordem religiosa cuja missão é o extermínio da ameaça licantrópica.

Perseguido pela alcateia, o jovem sobrevivente passa a viver em degredo voluntário para não colocar a amada na mira das criaturas bestiais. Sétimo se inicia nos segredos da ordem para arquitetar seu plano de vingança, enquanto que, no seio da alcateia, desenrola-se um perigoso jogo de poder.

A vendeta do aprendiz de caçador e a disputa pela posição de alfa dar-se-ão em meio aos confrontos da Revolução Farroupilha.”

Este livro está disponível em versão digital ([e-book](#)) e física, com capa comum ([brochura](#)) e [capa dura](#), na Amazon ([Compre aqui](#)) e no site

A Outra Casa



A Outra Casa é o mais novo romance do autor. Baseado num pesadelo recorrente de sua infância, o livro conta a história de um menino que passa a enfrentar odiosos assédios na calada da noite. Será que algo sobrenatural ronda sua casa ou é a maneira que a mente da criança encontra para justificar mais um caso de violência doméstica? E qual desses casos seria o pior?

Só o que sabemos é que existe um mal inenarrável à solta no mundo... E ele pode viver sob o nosso teto!

A obra está disponível exclusivamente na versão digital ([e-book](#)) e pode ser adquirida na Amazon ([Compre aqui](#)).



CRÔNICAS
DA LUA CHEIA
e outras histórias

O Brinquedo



Além das obras com a temática licantrópica, o autor possui outros livros que abordam variados seres sobrenaturais que procuram instilar o medo no coração dos leitores.

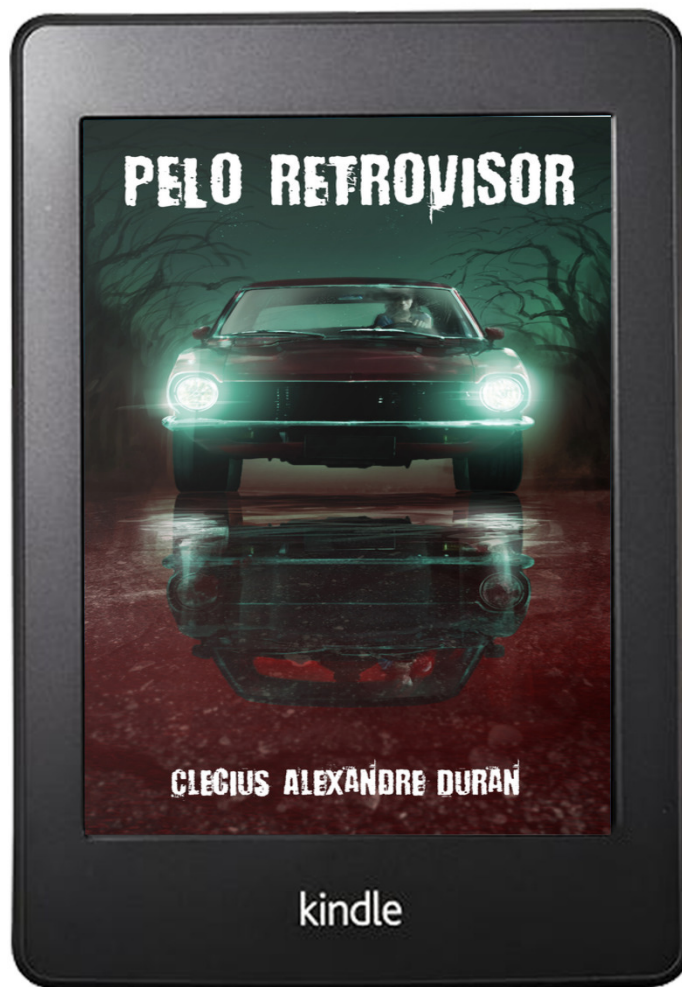
“Conto de terror narrado em primeira pessoa. Embarque nas memórias da infância do protagonista e descubra o mistério por trás de uma estranha caixa de brinquedo.”

A obra está disponível exclusivamente na versão digital ([e-book](#)), e pode ser adquirida na Amazon ([Compre aqui](#)). Confira também o audiobook disponível gratuitamente no site www.cronicasdaluacheia.com.br.



**CRÔNICAS
DA LUA CHEIA**
e outras histórias

Pelo Retrovisor



"Marina recebeu uma ligação de sua mãe, pedindo que ela levasse o antigo carro de seu pai para um ferro-velho em outra cidade. A viagem vai trazer à tona amargas memórias que deveriam permanecer esquecidas. Esta obra descreve cenas fortes e sua leitura não é recomendada para pessoas sensíveis ou que possuam gatilhos emocionais em relação ao assunto violência infantil."

A obra está disponível exclusivamente na versão digital ([e-book](#)) e pode ser adquirida na Amazon ([Compre aqui](#)).



CRÔNICAS
DA LUA CHEIA
e outras histórias

Quando a Lenda Ganha Vida



No final do ano de 2018, recebi o honroso convite do amigo e escritor Wesnem Tellurian para contribuir com um conto para a Antologia “Quando a Lenda Ganha Vida”, da Editora Sinna.

“O folclore é parte integrante da história e da cultura de um povo. Os mitos, lendas e costumes da Europa se espalharam por todo o mundo e hoje fazem parte do nosso imaginário coletivo. Chegou então o momento de darmos ao Folclore Brasileiro o mesmo tratamento.

Muito do que conhecemos sobre o nosso folclore é aquilo que aprendemos nas escolas. Mas se soubéssemos a verdade dessas histórias antigamente, criança alguma dormiria à noite e muitas delas poderiam ter sua infância destruída... Nem tudo é terror, nem tudo é fantasia. Aliás, você pode nunca ter visto, mas isto não significa que não seja real.

Com toda essa riqueza que temos, a antologia Quando a Lenda Ganha Vida reúne quinze autores nacionais que voltaram seus olhos para a tradição e a cultura do nosso povo.”

A obra está disponível em versão digital (e-book) e física na Amazon ([Compre aqui](#)), e no site <https://www.editorasinna.com.br/quando-a-lenda-ganha-vida-pre-venda>



CRÔNICAS DA LUA CHEIA

[1] Nota do Autor. O *Global Positioning System* (Sistema de Posicionamento Global) já havia sido inventado, mas sua aplicação comercial ainda demoraria alguns anos.

[2] Nota do Autor. Ironicamente, foi a região abecedária que produziu um líder político que tinha orgulho de ser iletrado, capaz de contar nos dedos ao menos dez, ou melhor, nove motivos para ter optado por não receber educação formal, mesmo quando a vida política deu-lhe o tempo, o dinheiro e as oportunidades para fazê-lo.

[3] Nota do Autor. Dessa vez, a expressão é usada em sua literalidade, conquanto, em seu sentido figurado, igualmente designe com precisão o dia a dia dos que se dedicam ao crime como meio de vida.

[4] Nota do Autor. Com alguns documentos pessoais e pouco mais de quatrocentos reais, é possível abrir seu próprio negócio de pregação ao melhor estilo “a Briba diz, Moxé, Moxé, Erés codó”. Em que pese seja instalado em local onde vivem pessoas de baixa renda, o investimento inicial, geralmente, tem seu retorno garantido em menos de três meses!

[5] Nota do Autor. Tal classificação é aplicável a toda a gama de programas governamentais de cunho populista que não visam a fornecer ao beneficiado um caminho para sair da pobreza, mas a eternizá-lo nessa triste

condição. Infelizmente, o rótulo cabe à perfeição nos projetos dos partidos brasileiros de todo o espectro político.

[6] Nota do Autor. Diferente do cenário idealizado pelo cinema norte-americano, as audiências, no Brasil, são meras formalidades prosaicas e carentes do drama e do glamour dos embates mediados pela batida seca do martelo pedindo “ordem”.

[7] Nota do Autor: muitos estrangeiros têm dificuldade de entender o conceito dessa instituição nacional, o feriado prolongado, pois ignoram que o caráter indolente do brasileiro não admite como normal e aceitável um dia útil de trabalho numa segunda ou sexta-feira quando um feriado cai numa terça ou quinta. Nas terras tupiniquins, não fazer a junção dessa folga com o final de semana, exigindo o comparecimento ao trabalho naquele dia isolado, seria uma exigência despropositada.

[8] Nota do Autor: anteriormente conhecida como Rodovia dos Trabalhadores, nome alterado em 1994 em homenagem ao piloto de Fórmula 1.

[9] Nota do Autor: diferentes dos carros, que se desviam com o esterçar do volante, as motos precisam de mais que o mero girar do guidão. Se você vira o guidão de uma moto em alta velocidade para a direita, ela irá para a esquerda, e vice-versa. Para realizar uma curva em alta velocidade, o piloto deve manter o guidão reto e deitar a moto na direção do centro do círculo, deixando a curvatura dos pneus ditar o ângulo a ser seguido. Quando a velocidade é muito alta, tal balanço deve ser acompanhado do deslocamento do corpo do piloto, uma manobra chamada de pêndulo.

[10] Nota do Autor: poucos servidores do aparato estatal se dedicam ao desempenho de suas atividades fora do horário regular quando não são remunerados com o pagamento de horas extraordinárias. Apesar da aparente injustiça, o não pagamento de horas extras é uma boa política de estado quando não há efetiva fiscalização da produtividade dos servidores públicos. Nos órgãos em que ocorre tal pagamento, não é raro encontrar pessoas realizando no período complementar os trabalhos intencionalmente protelados na jornada regular.

[11] Nota do Autor: no momento em que este capítulo recebe sua versão final, acaba de ser lançado no Brasil o oitavo volume da série, “O Trono Vazio”. Acrescento, a título de curiosidade, que na preparação desta segunda edição, a contagem já está em dez volumes.

[12] Nota do Autor: quem nunca foi proprietário de uma vistosa máquina de duas rodas pode estranhar a facilidade com que espécimes do gênero feminino, dos 14 aos 82 anos, aceitam a, impensadamente, subir na garupa de uma moto em direção a um destino ignorado. Infelizmente, o assassino serial apelidado de “Maníaco do Parque” conhecia bem essa vantagem.

[13] Nota do Autor: Servir à sociedade civil, cumprindo sua função com eficiência, é o papel do servidor público, mas, infelizmente, tal espécie de ignorância não é uma raridade, mas a regra dentro do imenso repositório de funcionários empregados pelo Estado brasileiro.

[14] Nota do Autor. FPS, *first-person shooter* ou tiro em primeira pessoa é o gênero de jogos eletrônicos em que o jogador combate com armas a partir do ponto de vista do próprio protagonista.

[15] Nota do Autor. Perigeu é o ponto mais próximo da órbita lunar, quando é menor a distância entre a Terra e a Lua.

[16] Nota do Autor. Período sinódico é o tempo em que um astro leva para reaparecer no mesmo local em sucessivas conjunções com o Sol.

^[17] Nota do Autor. A descrição dos eventos dos dois últimos capítulos foi deliberadamente omitida para evitar que o leitor desatento consulte o índice cronológico e receba um *spoiller* indesejado.